

ENAP

Coletânea

Enap (PT-BR)

Volume 1

Audrey Tang
Bruno Maçães
Carlota Perez

Dan Ariely
Deirdre McCloskey
Glen Weyl

Jared Diamond
Jimmy Wales
Paula Berman

Steven Pinker
Tim O'Reilly
Vitalik Buterin
Yuval Noah Harari



Ficha catalográfica elaborada pela equipe da Biblioteca Graciliano Ramos da Enap

C694 Coletânea Enap / Escola Nacional de Administração Pública. -- Brasília:
Enap, 2022.
314 p. : il.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-65-87791-04-3

1. Primeiro Setor. 2. Administração Pública. 3. Inovação. 4. Escola de
Governo. I Título.

CDD 352.367

Bibliotecária: Tatiane de Oliveira Dias – CRB1/2230

Enap, 2022

Este trabalho está sob a Licença *Creative Commons* – Atribuição: Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Internacional.

As informações e opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade do(s) autor(es), não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista da Escola Nacional de Administração Pública (Enap). É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.



A Escola Nacional de Administração Pública - Enap tem como propósito a produção de conteúdo capaz de transformar as pessoas e, assim, inovar o setor público e melhorar a oferta de serviços aos cidadãos.

Nos últimos anos, a Enap se posicionou como um hub para as ideias que estão mudando os governos em todo o mundo. A dinâmica da inovação nunca foi tão importante para o futuro do setor público.

As dinâmicas da inovação se reúnem neste conjunto de conteúdos e eventos ocorridos na Enap entre 2019 e 2022, que contaram com a participação de especialistas internacionais. Os temas das palestras e conferências partem de uma análise de seu potencial de transformação, bem como de sua relevância atual. Os temas vão desde a inovação humana até a economia em transformação, passando por questões como racionalidade, sustentabilidade e desenvolvimento.

Cada peça fornece informações valiosas sobre as complexas questões sociais e econômicas que o mundo enfrenta hoje e enfrentará amanhã.

O objetivo desta coleção é fornecer um ponto de partida para qualquer pessoa interessada em aprender mais sobre uma ampla gama de perspectivas sobre algumas das questões mais urgentes do nosso tempo e fornecer uma base para uma exploração posterior.

Os artigos, entrevistas e palestras apresentados nesta coleção oferecem um retrato do tipo de conteúdo que a Enap oferece em sua missão de ser o espaço onde o setor público se transforma.

Reunir este conhecimento em uma coletânea e oferecê-lo em diferentes idiomas foi um projeto vislumbrado desde 2020. O lançamento na Semana de Inovação 2022 é um marco significativo, que apenas foi possível devido à dedicação e coordenação da nossa equipe. Esperamos que você ache essas peças tão instigantes e iluminadoras quanto nós.


DIOGO G. R. COSTA
Presidente

Escola Nacional de Administração Pública - Enap

Governo e IA

Yuval Harari

P. 10

**Reviravolta:
momentos
cruciais de nações
em crise**

Jared Diamond

P. 37

**Plataformas
Colaborativas
Para Provocar
Mudanças**

Jimmy Wales

P. 66

**Transformar o
presente para
um amanhã justo,
descentralizado e
cooperativo**

Glen Weyl

P. 98

**Racionalidade:
como inspirar a
reflexão
ponderada?**

Steven Pinker

P. 130

**Como a inovação
humana funciona**

Deirdre McCloskey

P. 164

**Economia em
transformação:
sustentabilidade,
desenvolvimento e
tecnologias**

Carlota Perez

P. 174

**Como construir
sistemas
dinâmicos e
usar mais dados
digitais**

Tim O'Reilly

P. 185

Futuros radicais:
dados e coalizões
de dados
Audrey Tang
P. 218

**Economia em
transformação:**
sustentabilidade,
desenvolvimento e
tecnologias
Paula Berman
P. 232

**Da covid à
emergência
climática:**
nosso contexto de
crises e incertezas
Bruno Mações
P. 245

**Bate papo com
Dan Ariely**
Dan Ariely
P. 270

**Liberdade para
transformar
financiamento
de bens públicos**
Vitalik Buterin
P. 292

Conheça Nossos Palestrantes:



Yuval Noah Harari

O Prof. Yuval Harari é um historiador, filósofo e autor best seller de Sapiens: Uma Breve História da Humanidade. Seus livros venderam mais de 40 milhões de cópias em 65 idiomas, e ele é considerado um dos mais influentes intelectuais públicos do mundo hoje. Nascido em Israel, Harari recebeu seu título de PhD pela Universidade de Oxford, em 2002, e atualmente é professor do Departamento de História da Universidade Hebraica de Jerusalém. Em 2019, após o sucesso internacional de seus livros, Harari fundou a Sapienship com seu marido e agente, Itzik Yahav.



Jared Diamond

Professor de Geografia na Universidade da Califórnia, Los Angeles, Jared Diamond iniciou sua carreira científica em Fisiologia e expandiu para Biologia Evolutiva e Biogeografia. Foi convidado para a Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos, para a Academia de Artes e Ciências dos Estados Unidos e para a American Philosophical Society (Sociedade Filosófica Americana). Entre seus vários prêmios, estão a Medalha Nacional de Ciências, o Prêmio Tyler de Conquista Ambiental, o Prêmio Internacional Cosmos, uma bolsa da Fundação MacArthur e o Prêmio Lewis Thomas, apresentado pela Universidade Rockefeller. Ele publicou mais de seiscentos artigos e seu livro, “Armas, germes e aço”, recebeu o Prêmio Pulitzer.



Jimmy Wales

Membro do conselho fundador da Wikipédia e da WT.Social, Jimmy Wales nasceu em Huntsville (EUA). Com o objetivo de facilitar o acesso ao conhecimento, Jimmy trabalha com seus usuários para compartilhar o conhecimento humano. Além de ser um futurista e um líder em tecnologia, Wales é um dos nomes mais proeminentes na história da internet. Ele também figura em listas importantes, como as “100 Pessoas Mais Influentes”, da revista Times e entre os líderes do Fórum Econômico Mundial.



Glen Weyl

Eric Glen Weyl nasceu em São Francisco (Califórnia, EUA). É o fundador da Fundação RadicalXChange. Formado na Universidade de Princeton, Glen é Doutor em Economia. Passou três anos na Harvard Society of Fellows (Massachusetts, EUA) como Junior Fellow. É especialista em economia política e tecnologias sociais da Diretoria de Tecnologia da Microsoft. Seu trabalho é orientado para imaginar, construir e comunicar o futuro plural, para que as tecnologias sociais sejam mais fiéis às nossas vidas e às diversidades. O principal objetivo de seu trabalho é desenvolver soluções possíveis para as mudanças profundas, utilizando tecnologias sociais e mecanismos de mercado, visando criar sociedades mais ricas e igualitárias.



Steven Pinker

Nascido em Montreal (Canadá), o psicólogo e linguista Steven Arthur Pinker é professor da Universidade de Harvard (Massachusetts, EUA), onde concluiu seu Doutorado em Psicologia Experimental. Suas pesquisas se concentram em torno de linguagem, cognição, relações sociais, racionalidade e natureza humana. Um dos principais cientistas cognitivos do mundo, foi, até 2003, diretor do Centro de Neurociência Cognitiva do Massachusetts Institute of Technology (MIT) durante 21 anos. Ele é um autor “best-seller” e seu mais recente livro se chama: “Rationality: What It Is, Why It Seems Scarce, Why It Matters”.



Deirdre McCloskey

Deirdre N. McCloskey é professora de Economia, História, Língua Inglesa e Comunicação pela Universidade de Illinois (UIC) em Chicago, EUA. Deirdre também leciona Filosofia e Clássicos na UIC. Durante cinco anos, trabalhou na Universidade Erasmus de Roterdão como professora de Economia, Filosofia, História, Inglês, Artes e Cultura.



Carlota Perez

Nascida na Venezuela, Carlota Perez é pesquisadora, professora, consultora internacional e especialista no impacto socioeconômico das grandes mudanças tecnológicas e as condições de crescimento, desenvolvimento e competitividade. Perez é autora do livro “Revoluções Tecnológicas e Capital Financeiro” e Professora honorária da University College of London e da University of Sussex. Ela também é Professora Adjunta da TalTech, Estônia e Academic in Residence, Anthemis, Reino Unido.



Tim O'Reilly

Nascido na Irlanda, Tim O'Reilly é o fundador, CEO e Chairman da O'Reilly Media. A plataforma online de aprendizagem e conhecimento sob demanda da empresa no oreilly.com é usada por milhares de empresas e milhões de indivíduos em todo o mundo. O'Reilly tem um histórico de convocação de conversas que remodelam a indústria da informática. Se você já ouviu os termos “Software Open Source”, “Web 2.0”, “The Maker Movement”, “Governo como Plataforma” ou “The WTF Economy”, saiba que ele ajudou a elaborar cada uma dessas grandes ideias. Tim também é sócio na O'Reilly AlphaTech Ventures (OATV), empresa de investimento em empreendimentos em estágio inicial, e nos conselhos da Code for America, PeerJ, Civis Analytics e PopVox. Ele é autor de vários livros técnicos publicados pela O'Reilly Media, o mais recente sendo o “WTF? What’s the Future and Why It’s Up to Us (Harper Business, 2017)”.



Audrey Tang

Nascida em Taiwan, Audrey Tang é programadora de software livre e Ministra Digital de Taiwan. Ficou conhecida por revitalizar as linguagens de computador Perl e Haskell, bem como construir o sistema de planilhas online EtherCalc em colaboração com Dan Bricklin. No setor público, serviu no Comitê de Dados Abertos do Conselho Nacional de Desenvolvimento de Taiwan e no comitê de currículo K-12, e liderou o primeiro projeto de e-Rulemaking do país. No setor privado, trabalhou como consultora de Apple em linguística computacional, com a Oxford University Press em lexicografia de multidões e com a Socialtext em design de interação social. No setor social, contribuiu ativamente para o gov0 (“gov zero”), uma comunidade vibrante focada na criação de ferramentas para a sociedade civil, com o apelo “fork the Government”.



Paula Berman

É pesquisadora de identidade digital, praticante de tecnologia cívica, e COO da RadicalxChange, uma fundação comprometida com o avanço da pluralidade, igualdade, comunidade e descentralização por meio da atualização da democracia e dos mercados



Bruno Mações

Bruno Mações licenciou-se em Direito na Universidade de Lisboa (Portugal). É Doutor em Ciência Política pela Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Foi Secretário de Estado dos Assuntos Europeus de Portugal até 2015. E, hoje em dia, é consultor sênior da Flint Global e pesquisador do Wilfried Martens Center for European Studies.



Dan Ariely

É professor de Economia Comportamental na Duke University, com passagens pela Fuqua School of Business, pelo Centro de Neurociência Cognitiva e pelo Departamento de Economia. Ele também é professor visitante no Media Lab do MIT e fundador do Center for Advanced Hindsight.



Vitalik Buterin

Vitalik Buterin nasceu na Rússia. Mais tarde, ele emigrou para o Canadá com seus pais, onde começou a estudar mais a fundo assuntos como Matemática, Programação e Economia. Em 2012, ele ganhou uma medalha de bronze nas Olimpíadas Internacionais de Informática. Em 2013, ele escreveu um artigo técnico (White Paper), propondo a Ethereum, uma plataforma de software baseada em blockchain, que pode ser usada para enviar e receber valores globalmente, com sua própria criptomoeda, Ether, sem a interferência de terceiros. A plataforma pode ser usada também para outras transações, graças à sua descentralização e o uso de “contratos inteligentes”.

Expediente

Escola Nacional de Administração Pública - Enap

Presidente

Diogo G. R. Costa

Diretora Executiva

Rebeca Loureiro de Brito

Diretora de Altos Estudos

Diana Magalhaes de Souza Coutinho

Diretor de Educação Executiva

Rodrigo Torres de Araujo Lima

Diretor de Desenvolvimento Profissional

Paulo Marques

Diretora de Inovação

Bruna Santos

Diretora de Gestão Interna

Alana Regina Biagi Silva Lisboa

Curadoria e Revisão

Le-Lyne Paes Leme

Caroline Leão Cordeiro de Farias da Silva

Projeto Gráfico

Gustavo Bonifácio

Yasmin Carvalho

Vinícius Milhomem

Diagramação

Gustavo Bonifácio

Jamil Ghani

Yasmin Carvalho

Vinícius Milhomem

The logo for ENAP (Escola Nacional de Administração Pública) is displayed in a stylized, bold, sans-serif font. The letters are black and set against a light blue background.

Governo e IA



Yuval Harari

Apresentada em 07 de novembro de 2019,
na 5ª Semana de Inovação: "Governo para pessoas".



Moderador:

Diogo G. R. Costa

Resumo da palestra: O professor Yuval Harari, em sua palestra "Governo e IA", fala sobre como os governos ao redor do mundo devem se preocupar com as novas tecnologias, de modo a não apenas regulamentá-las, mas também para proteger seus cidadãos dos possíveis problemas que possam surgir por meio delas, como, por exemplo, o monitoramento e perda de privacidade.

Palavras-chave: IA; governo; algoritmo; dados.



YUVAL HARARI: Vocês estão me ouvindo agora? A tecnologia às vezes funciona. É um grande prazer estar aqui hoje com vocês e gostaria de aproveitar esta oportunidade para falar sobre o que o governo pode fazer a respeito da revolução da IA. A revolução da inteligência artificial mudará, nas próximas décadas, a economia humana, mudará o sistema político, provavelmente mudará até mesmo nossos próprios corpos e mentes e há muita responsabilidade dos governos para fazer algo a respeito dos perigos inerentes a este desenvolvimento.

Há três coisas particularmente importantes que os governos devem fazer. Os governos devem proteger os cidadãos contra os choques econômicos da Revolução da IA. Os governos devem proteger os cidadãos dos perigos políticos inerentes à Revolução da IA e os governos também devem construir uma cooperação global para ajudar a proteger a humanidade como um todo, em todo o mundo, das ameaças existenciais que a Revolução da IA representa para nossa espécie, para o Homo Sapiens.

Portanto, vamos começar com a primeira tarefa governamental, que é proteger os cidadãos contra os choques econômicos. Ninguém sabe realmente como seria a economia e o mercado de trabalho em 2050. Exceto que eles serão completamente diferentes de hoje. A IA e a robótica provavelmente mudarão quase todas as profissões. Muitos, se não a maioria dos empregos que as pessoas ocupam hoje, desaparecerão ou mudarão fundamentalmente até 2050. Naturalmente, à medida que os empregos antigos desaparecem, é provável que novos empregos venham a surgir. Mas, não sabemos se surgirão novos empregos suficientes e o grande problema realmente será a reciclagem das pessoas para preencher os novos empregos. Suponha que você seja um motorista de caminhão com 40 anos de idade e perde seu emprego para um veículo autônomo. Há um novo emprego na criação de código de computador, ou talvez no ensino de ioga.

Mas como um caminhoneiro de 40 anos de idade se reinventa como professor de ioga ou como engenheiro de software? E mesmo que você consiga se reciclar para preencher o novo emprego, esta não será uma solução a longo prazo porque a revolução da automação não será um único evento divisor de águas, no qual o mercado de trabalho se estabelecerá em algum novo equilíbrio. Ao invés, será uma cascata de rompimentos cada vez maiores. Não é que teremos a grande Revolução da AI até 2025 e então teremos alguns anos difíceis para que todos se ajustem e então tudo acabe.

Não, nós não estamos nem perto do potencial total da IA. É apenas o começo. Portanto, teremos uma grande revolução de automação até 2025. Mas, depois, uma ainda maior até 2035 e uma ainda maior até 2045. Todos os empregos desaparecerão. Novos empregos surgirão, mas os novos empregos também mudarão e desaparecerão constantemente. Assim, as pessoas terão que se reciclar e reinventar, não apenas uma vez, mas uma e outra vez durante toda a vida.

Os governos provavelmente terão que intervir e ajudar as pessoas a administrar os difíceis períodos de transição. Tanto fornecendo generosos benefícios de desemprego, quanto ajudando a pagar por toda a reciclagem ou educação de adultos.

Só para pensar, no século XX, os governos construíram sistemas maciços de educação para os jovens. No século XXI, eles terão que construir sistemas maciços de educação para adultos. E mesmo isso pode não ser suficiente porque o maior de todos os problemas provavelmente será psicológico. Mesmo que você tenha o apoio financeiro, necessário para se reinventar aos 40 anos, não está claro se você terá resiliência mental. As mudanças são sempre estressantes. Reinventar-se aos 40 anos e novamente aos 50 anos e novamente aos 60 anos pode ser demais para muitas pessoas, muito estressante. Portanto, embora esteja muito claro que muitos novos empregos aparecerão até 2050, não obstante, podemos ver a criação de uma nova classe, uma nova classe enorme, a classe inútil.

Pessoas que são inúteis, não do ponto de vista dos amigos e da família, ninguém nunca é inútil do ponto de vista dos entes queridos, mas sim, pessoas que são inúteis do ponto de vista do sistema econômico e político.

No passado, as pessoas tinham que lutar constantemente contra a exploração. A grande luta no século XXI pode ser contra a irrelevância. Ao enfrentar esta crise, o lema do governo deveria ser “não proteja os empregos, proteja o povo”. Ajude-os a se reeducarem e se reinventarem e encontrem novos empregos.

Se os governos falharem nessa missão, o resultado não será apenas a concentração da riqueza em pouquíssimas mãos, mas também concentração do poder nas mãos de uma elite minúscula. Se você pensar, por exemplo, no mercado de transporte: hoje, milhões de taxistas e motoristas de ônibus e caminhoneiros possuem uma pequena parte, cada um deles, da riqueza e do poder do mercado de transporte.

Eles ganham a vida com isso e também podem sindicalizar-se e entrar em greve para fazer avançar seus interesses. Agora, avance 20 ou 30 anos e poderemos ver uma situação em que toda essa riqueza e todo esse poder serão propriedade de alguns bilionários que possuem as corporações e que possuem os algoritmos que conduzem todos os veículos. Não apenas a riqueza! Pense na Uber sem ter que pagar nada a nenhum motorista, porque todos os carros são autônomos. Mas pense também no bilionário que é dono da empresa, que os trabalhadores não podem entrar em greve e paralisar o mercado de transporte porque os algoritmos nunca fazem greve. Mas os bilionários, se acontecer algo que eles não gostem, podem apertar um botão e fechar imediatamente todo o mercado de transporte. O resultado pode ser as sociedades mais desiguais que já existiram.

A Revolução da IA pode criar uma desigualdade sem precedentes não apenas entre classes, mas também entre países diferentes. Já estamos no meio de uma corrida armamentista com os EUA e a China na liderança e a maioria dos países muito para trás. Se não tivermos cuidado, veremos uma repetição do que aconteceu no século XIX com a revolução industrial. No século XIX, alguns países, como Grã-Bretanha, França e Japão, industrializaram primeiro e depois conseguiram conquistar, dominar e explorar o resto do mundo.

O mesmo pode acontecer novamente no século XXI com a IA. Os países que não agem agora, podem perder o controle de seu futuro. Em 1840, a Grã-Bretanha estava construindo ferrovias e navios a vapor. Muitos outros países disseram “não nos importamos com os navios a vapor ou as ferrovias, temos problemas muito mais urgentes para lidar”. 30 anos mais tarde, esses países eram colônias britânicas. Hoje em dia, todos os países, mesmo os mais pobres, deveriam se importar profundamente com a competição pela IA, porque ela provavelmente moldará seu próprio futuro econômico e político.

É muito provável que a Revolução da IA crie uma imensa riqueza em centros de alta tecnologia, como nos Estados Unidos e na China, enquanto os piores efeitos serão sentidos nos países em desenvolvimento. No século XX, os países em desenvolvimento normalmente poderiam fazer progresso econômico vendendo a mão-de-obra barata de seus trabalhadores não qualificados. Mas se a automação reduzir a demanda de mão-de-obra não qualificada, e se os países em desenvolvimento não tiverem os recursos para requalificar a força de trabalho, o que farão no século XXI? Haverá mais empregos para engenheiros de software na Califórnia ou Xangai, mas menos empregos para trabalhadores têxteis e motoristas de caminhão em Honduras ou em Bangladesh. Sempre que as pessoas perguntarem qual será o impacto da IA na economia ou no mercado de trabalho, é preciso lembrar que haverá um impacto muito diferente nos diferentes países. Não vai ser o mesmo em todo o mundo.

O resultado final pode ser que a maioria dos países será colonizada pelos líderes da Revolução da IA. Assim como a industrialização levou ao imperialismo, também a automação pode levar a um novo tipo de imperialismo ou colonialismo. No século XIX, a revolução industrial em países como a Grã-Bretanha foi alimentada pela exploração das matérias-primas de muitos outros países ao redor do mundo, como o Brasil. Isto poderia acontecer novamente com os dados.

Os dados são agora a matéria-prima da Revolução da IA e os dados vitais que estão alimentando o desenvolvimento nos Estados Unidos, na China e em outras potências líderes da IA, estão vindo de todas as partes do mundo. Mas o poder e a riqueza resultantes geralmente não são distribuídos de volta. Os governos, nesses países, precisam agir agora, antes que seja tarde demais. O segundo papel importante do governo é proteger os cidadãos contra os perigos políticos da Revolução da IA.

A ameaça política pode ser resumida por uma única equação, que pode muito bem ser a equação definidora do século XXI: $B \times C \times D = CHH$. O que significa: o conhecimento biológico multiplicado pelo poder de computação multiplicado pelos dados equivale à capacidade de hackear humanos. A fusão da Infotech e da biotecnologia significa uma forma de tecnologia, como sensores biométricos. Significa que, muito em breve, pelo menos alguns governos e corporações saberão biologia satisfatoriamente, e que teremos poder de computação e dados suficientes para hackear sistematicamente milhões de pessoas. O que significa hackear seres humanos? Significa criar algoritmos que nos entendam melhor do que nós mesmos. Estes algoritmos poderão, então, prever e manipular nossos sentimentos e decisões, e poderão, finalmente, tomar decisões por nós ou nos substituir. Para fazer tudo isso, os algoritmos não precisarão nos conhecer perfeitamente. Isso é impossível.

É impossível conhecer qualquer coisa, muito menos um humano, perfeitamente. Mas os algoritmos não precisarão ser perfeitos. Eles só precisarão nos conhecer melhor do que nós mesmos, o que não é impossível porque a maioria das pessoas não se conhece muito bem. Frequentemente as pessoas não sabem as coisas mais importantes sobre si mesmas. Sei isto por minha própria experiência pessoal. Foi somente quando eu tinha 21 anos que finalmente percebi que eu era gay, depois de viver em negação por um bom tempo. Continuo pensando na época em que eu tinha 15 ou 16 anos e me perguntava como pude ter perdido isso, deveria ter sido tão óbvio.

Não sei como, mas o fato é que perdi, talvez por ter crescido em uma sociedade muito homofóbica. Mas isso dificilmente é algo incomum. Muitos homens gays passaram toda sua adolescência sem saber algo muito importante sobre si mesmos. Agora imagine a situação: em poucos anos, quando um algoritmo puder dizer a qualquer adolescente exatamente onde ele ou ela está no espectro heterossexual-gay, apenas coletando e analisando dados. Uma maneira de fazer isso pode ser rastrear os movimentos dos olhos.

O computador poderia rastrear meus movimentos oculares e analisar o que meus olhos fazem quando eu vejo um cara sexy e uma garota sexy andando em trajes de banho na praia. Onde exatamente meus olhos se concentram e onde eles permanecem? Enquanto eu ando pela praia, na rua ou enquanto navego na web ou vejo televisão, os algoritmos poderiam discretamente e continuamente me monitorar e me analisar e me hackear a serviço do governo ou de alguma corporação. Talvez eu ainda não saiba que sou gay, mas a Coca-Cola já sabe disso. Ela sabe disso antes de mim. Portanto, da próxima vez que a Coca-Cola me mostrar o anúncio de uma nova bebida, ela escolherá me mostrar a versão com o cara sem camisa e não a versão com a garota de biquíni. E no dia seguinte, quando vou à loja, escolho comprar Coca-Cola ao invés de Pepsi e nem sei o porquê. Mas a Coca-Cola saberá e esta informação valerá bilhões. Esta informação poderia, naturalmente, ter consequências muito mais graves.

No Irã, por exemplo, existe uma pena de morte para a homossexualidade. O que significaria para um homossexual no Irã ser detectado e invadido por um algoritmo do governo? Todo mundo tem segredos. Claro, nem todos são gays, mas todos têm segredos. Muitos segredos que valem a pena saber. Para proteger as pessoas contra esses perigos, os governos deveriam, antes de tudo, restringir seus próprios poderes.

No século XXI, todos os governos da Terra enfrentarão a tentação de construir estes sistemas de vigilância total para monitorar seus próprios cidadãos. Mesmo que não tenham se desenvolvido muito, sempre poderão comprá-lo da China ou dos Estados Unidos ou de algum outro país desenvolvido.

Os governos devem resistir a esta tentação. Caso contrário, o resultado será a criação dos piores regimes totalitários que já existiram. Regimes muito piores do que os da Alemanha nazista, da URSS. Claro que isso não é suficiente. Para que os governos restrinjam seu próprio uso de tal tecnologia, também é importante que o governo proteja seus cidadãos de governos estrangeiros e de corporações estrangeiras, que podem usar esta tecnologia para hackear seus próprios cidadãos.

Mesmo que o governo do Brasil não crie um regime de vigilância total para monitorar seus cidadãos, os cidadãos brasileiros ainda podem ser vítimas da vigilância dos governos chinês, americano ou russo, ou de grandes corporações poderosas como a Amazon, Baidu, Facebook ou Alibaba. Tente imaginar de novo, avance 20 ou 30 anos. Tente apenas imaginar a política brasileira em 2050, quando alguém em Pequim ou em São Francisco tiver todos os registros pessoais e médicos de cada político, jornalista, juiz, militar, pessoas que têm agora 15 ou 16 anos e vivem online e constantemente monitoradas. Em 30 anos eles serão candidatos em uma eleição, ou serão candidatos à Suprema Corte, e alguém terá todo o seu registro sexual de quando tinha 20 anos. A reputação de quase nenhuma pessoa pode sobreviver a isto, portanto, sua sorte, seu futuro, está nas mãos destes sistemas externos. Se o país ainda é independente sob tal cenário ou se se tornou uma colônia de dados, é uma questão difícil.

Caso tenha dados suficientes, é possível controlar um país sem a necessidade de enviar exércitos e soldados do exterior. Para evitar isso, os governos precisam regular a propriedade dos dados. A quem pertencem meus dados pessoais? A quem pertencem os meus dados médicos? Primeiro, precisamos perceber que os dados são agora o bem mais importante do mundo. Nos tempos antigos, a terra era o bem mais importante. A política era a luta para controlar a terra. Se grande parte da terra estava concentrada nas mãos de um único indivíduo, como um poderoso imperador ou de uma pequena aristocracia, então havia uma ditadura. Nos últimos 200 anos, máquinas e fábricas substituíram a terra como o bem mais importante.

A política tornou-se a luta para controlar as máquinas, e se muitas das máquinas eram propriedade do governo ou de algumas corporações ou de uma pequena elite, isso era a ditadura moderna. Agora, os dados estão substituindo tanto a terra quanto as máquinas como o ativo mais importante do mundo, e a política está cada vez mais voltada para o controle do fluxo de dados no mundo. Se muitos dados são controlados pelo governo ou por algumas poucas corporações, então veremos o surgimento de um novo tipo de ditadura: a ditadura digital.

O problema é que não temos de fato um modelo de trabalho para regular a propriedade dos dados. Temos milhares de anos de experiência regulando a propriedade da terra. Temos alguns séculos de experiência na regulamentação da propriedade de máquinas e fábricas e na prevenção do excesso de concentração, mas quase não temos experiência na regulamentação da propriedade de dados. Isso é um desafio muito grande para engenheiros, advogados e filósofos e, acima de tudo, para os governos, porque é sua função regular a propriedade dos dados. Não é algo que possamos contar com as corporações para fazerem por nós. Afinal, estas corporações não representam verdadeiramente ninguém, nós não votamos nelas. Os países que ficam para trás na corrida armamentista da IA obviamente possuem um grande incentivo para regular a propriedade dos dados e o poder da IA. Para fazê-lo de forma eficaz, muitos países terão que cooperar.

Por si só, o Brasil provavelmente não será capaz de resistir aos EUA, China, Google e Baidu. Mas se o Brasil unir forças com outros países, como a Argentina, África do Sul, Índia e União Europeia, então tal bloco terá muito mais chances de regular a propriedade dos dados, como desenvolvimento da tecnologia de vigilância da IA em todo o mundo. Isso me leva à terceira importante missão dos governos diante da Revolução da IA. Os governos devem criar uma cooperação global eficaz, porque somente a cooperação global pode lidar com as ameaças existentes que a IA representa para a humanidade. Como mencionei, precisamos de um acordo global sobre vigilância e a propriedade dos dados.

Da mesma forma, precisamos de uma rede de segurança global para proteger todos os seres humanos contra os choques econômicos que a IA provavelmente desencadeará. A automação criará imensa riqueza em alguns países enquanto arruinará outros. A menos que encontremos soluções em nível global para os transtornos causados pela IA, países inteiros poderão entrar em colapso e o caos, a violência e as ondas de imigração resultantes irão desestabilizar o planeta todo. Os países mais pobres não serão capazes de lidar com isso sozinhos.

A cooperação global também é necessária para impedir o desenvolvimento de novas armas perigosas, como sistemas autônomos de armas. Nenhuma nação pode fazê-lo sozinha, porque nenhuma nação controla todos os cientistas e engenheiros do mundo. Se você pensar na atual corrida armamentista para desenvolver sistemas autônomos de armas e robôs assassinos (talvez a tecnologia mais perigosa atualmente desenvolvida pela indústria de armas) quase todos os países dirão que esta é uma tecnologia muito perigosa. Robôs: nós não queremos desenvolvê-los. Nós somos os mocinhos. Mas não podemos confiar que nossos rivais não os façam, então devemos fazê-los primeiro. Temos que fazê-los antes deles. Se permitirmos que tal corrida armamentista se desenvolva, não importa quem ganha, o perdedor será a humanidade. A única coisa que pode impedir uma corrida armamentista tão perigosa é não construir muros entre países, o que está atualmente na moda.

Mas, sim, construir confiança entre os países, e isso não é impossível. Se hoje, por exemplo, os alemães procuram os franceses e lhes dizem “confiem em nós, não estamos construindo robôs assassinos em algum laboratório secreto sob os Alpes”, é muito provável que os franceses confiem nos alemães, apesar da terrível história entre estes dois países. Precisamos construir essa confiança globalmente. Precisamos chegar a um ponto em que a China e os EUA possam confiar um no outro, como a Alemanha e a França. Estamos correndo na direção oposta no momento, mas isso não é impossível.

A tecnologia representa uma ameaça, um desafio, não apenas para a economia global e para a paz global, mas também para o próprio significado da humanidade e para as regras mais básicas da vida. Durante 4 bilhões de anos, nada de fundamental mudou nas regras básicas do jogo da vida. Durante 4 bilhões de anos, fosse você uma ameba ou um dinossauro, um tomate ou um Homo sapiens, você esteve sujeito às regras da bioquímica orgânica porque foi feito de compostos orgânicos e evoluiu de acordo com as regras da seleção natural. Estes eram os dois sistemas de regras a que todo organismo estava sujeito: a bioquímica orgânica e a seleção natural.

Mas no século XXI, a seleção natural provavelmente será substituída por um design inteligente. Nosso design inteligente será a nova força motriz da evolução. Ao mesmo tempo, a vida também poderá sair do limitado reino orgânico para a imensidão do reino inorgânico. Poderemos começar a projetar e fabricar as primeiras formas de vida inorgânicas. Após 4 bilhões de anos de vida orgânica moldada por seleção natural, estamos prestes a entrar na era da vida inorgânica moldada por design inteligente. No processo, nossa própria espécie, o Homo sapiens, provavelmente desaparecerá. Em aproximadamente 200 anos, é muito provável que o planeta Terra seja dominado por entidades que são muito mais diferentes de nós do que nós somos diferentes dos chimpanzés. Não é que vamos nos destruir, vamos nos mudar drasticamente. Hoje ainda compartilhamos aspectos com os chimpanzés: a maioria de nossas estruturas corporais, nossas capacidades físicas e nossas faculdades mentais.

Mas dentro de 200 anos, a combinação de IA e bioengenharia poderá transformar completamente nossos corpos, nossos cérebros e nossas mentes. A própria consciência pode estar desconectada das estruturas orgânicas. Ou, alternativamente, podemos testemunhar a dissociação da consciência da inteligência. A inteligência é a capacidade de resolver problemas. Consciência é a capacidade de sentir coisas, como dor, prazer, amor e ódio, em humanos e em todos os outros animais. Elas andam juntas mas, em 200 anos, a Terra pode ser dominada por entidades superinteligentes que são completamente não conscientes.

Como devemos lidar com estes desenvolvimentos que causam a perda da consciência? Podemos cometer erros em uma escala cósmica, e se cometermos tais erros, ninguém intervirá para nos salvar. Em particular, os governos, corporações e exércitos provavelmente usarão as novas tecnologias para melhorar as habilidades humanas de que precisam, como inteligência e disciplina. Ao mesmo tempo, negligenciarão outras habilidades humanas como a compaixão, a sensibilidade artística e a espiritualidade.

O resultado, portanto, pode ser a criação de super-humanos muito inteligentes e muito disciplinados que carecem de compaixão, sensibilidade artística e profundidade espiritual. Poderíamos perder uma grande parte de nosso potencial humano sem sequer perceber que o tínhamos. Em vez de atualizar os seres humanos, a tecnologia nos rebaixará. Para tomar decisões sábias, precisamos pensar em termos globais sobre os interesses de toda a espécie humana e, na verdade, de todo o ecossistema, em vez de nos concentrarmos nos interesses imediatos de uma determinada corporação ou de uma determinada nação. O nacionalismo não precisa provar ser uma barreira impossível para tal pensamento global ou para tal cooperação global. Sei que alguns políticos, como o Presidente dos EUA, argumentam que existe uma contradição inerente entre nacionalismo e globalismo, e que devemos escolher o nacionalismo e rejeitar o globalismo, mas isto é um erro crasso.

Não há contradição entre o nacionalismo e o globalismo. Porque o nacionalismo não é odiar os estrangeiros. O nacionalismo é amar seus compatriotas. No século XXI, a única maneira de salvaguardar a prosperidade e a segurança de seus compatriotas é cooperando com os estrangeiros. Não importa qual era a situação antes. No século XXI, os bons nacionalistas também deveriam ser globalistas. O globalismo não significa abandonar todas as lealdades e tradições nacionais. Não significa abrir a fronteira para a imigração ilimitada. O globalismo significa coisas muito mais modestas e razoáveis. Antes de mais nada, significa um compromisso com algumas regras globais.

Regras que não negam a singularidade de cada nação, mas regulam as relações entre as nações. Um bom modelo de como fazer isso poderia ser a Copa do Mundo de futebol. A Copa do Mundo é uma competição entre nações e pessoas que muitas vezes demonstram feroz lealdade à sua equipe nacional. Mas, ao mesmo tempo, a Copa do Mundo é também uma incrível demonstração de harmonia global. O Brasil não pode jogar futebol contra a França, a menos que brasileiros e franceses concordem primeiro com as mesmas regras para o jogo. Isso é globalismo em ação. Se você gosta da Copa do Mundo, você já é um globalista.

O segundo princípio do globalismo é que, às vezes, é necessário preferir os interesses globais aos interesses nacionais. Nem sempre, só às vezes. Por exemplo, novamente, na Copa do Mundo, todas as seleções nacionais concordam em não usar drogas proibidas para melhorar o desempenho de seus jogadores. Mesmo que você possa ganhar a Copa drogando seus jogadores de futebol, não deve fazê-lo, porque se o fizer, todos copiarão seu exemplo e muito em breve a Copa do Mundo será uma competição entre bioquímicos, enquanto o esporte estará arruinado. Portanto, como no futebol, também na economia precisamos equilibrar os interesses nacionais e globais. Mesmo em um mundo globalizado, a grande maioria dos impostos que você paga ainda será destinada a proporcionar saúde, educação e segurança às pessoas em seu país.

Algumas vezes, as nações concordarão em desacelerar seu desenvolvimento econômico e tecnológico a fim de evitar mudanças climáticas catastróficas e impedir a disseminação de tecnologias perigosas. Para concluir, então, a revolução da IA apresenta aos governos desafios sem precedentes. Mas quero enfatizar que os vários cenários assustadores que mencionei não são profecias. Eles são apenas possibilidades. Se você tem medo de alguns desses cenários, ainda pode fazer algo a respeito. Porque uma das coisas mais importantes a lembrar sobre a tecnologia é que a tecnologia nunca é determinista. Podemos sempre usar as mesmas tecnologias para criar tipos muito diferentes de sociedades.

Por exemplo, no século XX, as pessoas usavam as mesmas tecnologias de trens, rádio e eletricidade, para construir diferentes tipos de sociedades: ditaduras comunistas, regimes fascistas, democracias liberais... todas elas foram construídas com a mesma tecnologia. Pode-se de fato ver as diferenças a partir do espaço exterior. Essa é uma imagem tirada de um satélite no espaço exterior da Ásia Oriental à noite. Veja aqui, a Coreia do Sul é um mar de luz. Veja, a China é outro mar de luz e, no meio, a mancha escura não é o oceano: é a Coreia do Norte.



Você pode ver literalmente a diferença entre a Coreia do Sul e a Coreia do Norte muito facilmente do espaço sideral. A diferença não é tecnológica. Não é que a Coreia do Sul saiba sobre eletricidade e os norte-coreanos não tenham essa tecnologia. Ambos têm acesso exatamente à mesma tecnologia, mas escolheram fazer com ela coisas muito diferentes. Será a mesma coisa com as novas tecnologias do século XXI. As revoluções gêmeas da biotecnologia e da tecnologia da informação certamente transformarão o mundo, mas elas não têm um único resultado determinístico. Podemos usar essas tecnologias para criar tanto o céu, quanto o inferno. Como utilizá-las sabiamente é talvez a questão mais importante que enfrentamos hoje. Espero muito que vocês, em suas carreiras futuras e em sua vida futura, nos ajudem a tomar decisões boas e sábias. Obrigado.



DIOGO: Obrigado, professor. Agora vamos escolher algumas perguntas dentre as que vocês mandaram para o Yuval. Professor, muito obrigado por sua apresentação. Acho muito provocativo, especialmente pelo fato de falar com um grupo de funcionários públicos que estão de fato trabalhando no governo e têm que estar conscientes, como cidadãos e como funcionários públicos, das consequências da tecnologia sobre o governo. Mas dado isso, vou lhe fazer esta pergunta. O governo deve inovar menos? Estamos na Semana da Inovação no serviço público e muito do que temos discutido nos últimos dias é exatamente como introduzir novas tecnologias no governo. Mas será isso uma ameaça para a sociedade?



YUVAL HARARI: Não, quero dizer, é preciso adaptar-se às condições mutáveis do mercado privado da sociedade. É muito perigoso se o governo não inovar e ficar para trás, porque ele tem um papel muito crucial para regular todas essas novas tecnologias e, para isso, precisa entendê-las. É claro que também devemos esperar que as corporações e os engenheiros que estão desenvolvendo as novas tecnologias sejam responsáveis na forma como o fazem.

Mas, em última análise, a verdadeira responsabilidade é do governo porque ele tem o poder de fazê-lo e tem o compromisso com os cidadãos. Não votamos nos engenheiros. Não votamos nos empresários ou nos bilionários que eram donos de suas corporações. Votamos no governo na esperança de que ele proteja os interesses dos cidadãos neste mundo em rápida mudança.



DIOGO: Eu acho que há uma questão sobre que tipo de histórias devemos contar a nós mesmos e alguém está perguntando se a história do pessimismo - e eu acho que você não se considera um pessimista - também pode trazer más consequências para a sociedade, para a forma como nos vemos, e se devemos ter uma história de aspiração ao otimismo de alguma forma.



YUVAL HARARI: Acho que devemos ser realistas acima de tudo. Quero dizer, pessimistas, sim... se você simplesmente vai e espalha profecias do Apocalipse e diz que não há nada que possamos fazer, então isso causa desespero... Quando eu dou tais palestras, em diferentes lugares, eu me concentro nos cenários negativos, em grande parte porque há uma divisão do trabalho na Academia, em bolsas de estudo: você sabe que existem todos os engenheiros, as pessoas do departamento de informática, e os empreendedores que estão desenvolvendo estas tecnologias. Portanto, naturalmente, eles se concentram em todos os resultados positivos, potenciais, e todas as promessas. Se você precisar aumentar o investimento para sua startup, você não irá contar aos investidores todas as coisas terríveis que podem acontecer a partir de sua invenção. Como eles se concentram principalmente no cenário positivo, torna-se o trabalho de historiadores, filósofos e críticos sociais advertir as pessoas sobre os cenários perigosos, mas não em uma espécie de profecia apocalíptica de que estamos todos perdidos... Não há nada a fazer a não ser alarmar as possibilidades perigosas, na esperança de que tomemos medidas para evitá-las.

Eu me concentrei muito, por exemplo, no uso da IA para criar regimes de vigilância. Mas a IA pode ser usada de diferentes maneiras. A mesma tecnologia pode ser usada por governos ditatoriais e grandes corporações para monitorar os cidadãos e os clientes, mas pode-se desenvolver uma tecnologia que funciona de outra forma, que monitora as corporações e o governo a serviço dos cidadãos. A IA pode funcionar das duas maneiras. Por exemplo, se você pensar em um problema como a corrupção no governo. Digamos que os políticos nomeiam seus parentes e primos para todos os cargos. Para um cidadão particular, monitorar isso é muito difícil, mesmo que eu tenha acesso legal às informações, não tenho tempo e capacidade de revisar todos os nomes e ver quem é parente de quem e assim por diante. Mas se você construir o sistema de IA correto... tecnicamente, é extremamente fácil construir um sistema de IA que simplesmente monitore quem é nomeado no serviço público. E o governo deve ser de conhecimento aberto ao público. Também é bastante fácil saber quem é parente de quem, de que maneira, e como cidadão, você pode simplesmente ir ao computador, digitar o nome de um político ou ministro ou o que quer que seja, e imediatamente ver todos os parentes que ele ou ela nomeou e comparar diferentes políticos, por exemplo. A IA também pode fazer isso. Na maioria dos regimes ditatoriais, você nunca encontrará tal ferramenta. Mas depende de como se decide que tipo de tecnologia desenvolver e como utilizá-la.



DIOGO: Você acha que, no sentido contraditório, uma grande empresa de tecnologia deveria ser favorecida em relação às pequenas empresas iniciantes, uma vez que, as grandes empresas geralmente são mais fáceis de regular e controlar, são mais responsivas ao controle social e ao controle governamental? O Facebook é mais fácil de gerenciar do que 4Chan ou 8Chan e eles normalmente também são menos inovadores. O Facebook e a Google têm inovado ao comprar startups menores. Você acha que deveria haver uma barreira de entrada mais alta para startups e que o governo deveria ter políticas que favoreçam aquelas empresas maiores e bem gerenciáveis?



YUVAL HARARI: É claro que também há enormes perigos para as grandes corporações, tanto pelo lobby, como ir minando o governo, ou mesmo assumindo o governo. Também a enorme concentração de dados no poder de um só lugar é extremamente perigosa. Não creio que haja uma vantagem inerente ou que o governo prefira os leviatãs da tecnologia em detrimento das pequenas empresas novas. A chave não é realmente o tamanho, mas as políticas. Mais uma vez, aqui o problema é que o governo, penso eu, nunca encontrou este problema em tal extensão. A tecnologia muda tão rapidamente... Quando o governo entende a nova tecnologia e as implicações, pensa em regulamentação e depois tem que aprovar legislação.

Quando todo este processo estiver concluído, a tecnologia já terá mudado umas três ou quatro vezes. As regulamentações podem não ser mais relevantes. Por exemplo, um perigo que estamos enfrentando em todos os países, não apenas nos países ditatoriais, mas também nos países democráticos livres, é que mais e mais decisões sobre nossas vidas serão, e já são, tomadas por algoritmos. Eu não sei como é no Brasil, mas em muitos países, você solicita um empréstimo ao banco e sua solicitação não é processada por um banqueiro humano, é processada por um algoritmo. O algoritmo decide se o banco concede ou não um empréstimo. Digamos que o algoritmo diga: “Não, não conceda um empréstimo a esta pessoa.”. Você vai ao banco e pergunta: “Por que não? O que há de errado comigo?” e o banco diz: “Não sabemos, o algoritmo disse não e nós confiamos em nosso algoritmo”. Isto é extremamente perigoso porque significa que as pessoas estão perdendo o controle sobre suas vidas. Poderia haver muitos preconceitos escritos no algoritmo. Já temos algoritmos racistas, às vezes de forma não intencional. Um exemplo famoso foi o de um algoritmo para um carro autônomo, desenvolvido recentemente no Vale do Silício, que reconhecia mais facilmente os pedestres brancos do que os negros. Por quê? Porque os dados com os quais ele treinou dirigir vieram de Mountain View e de todos esses lugares em Silicon, onde há muito poucos pedestres negros. Eventualmente, isso significa que é 10% pior no reconhecimento de pedestres negros, o que poderia no futuro levar a uma maior fatalidade, mais acidentes. Não é sequer intencional. Mas, como sabemos se o algoritmo é tendencioso, digamos, racialmente? A UE acaba de aprovar um regulamento ou legislação que diz que os cidadãos têm direito a explicações. Se seu destino, como, por exemplo, em um empréstimo bancário, a decisão foi tomada por um algoritmo, você tem o direito de obter uma explicação do banco.

O banco não pode simplesmente dizer: “Ah, o algoritmo disse não”. Mas aqui está o problema com o desenvolvimento da tecnologia: soa bem no papel. Mas o banco pode, então, apenas dizer: “OK, podemos lhe dar a explicação. Aqui estão 1.000.000 páginas, um print de todos os dados que o algoritmo coletou sobre você e, com base nisso, encontrou padrões. E comparando-o a um milhão de outras pessoas, chegou à conclusão de que você não é digno de crédito”. O problema é que os algoritmos apenas tomam decisões de uma maneira muito diferente dos humanos. Um banqueiro humano, quando toma uma decisão, geralmente leva em conta apenas quatro ou cinco características salientes. Podem ser características relevantes, como seu histórico de crédito passado; pode ser uma característica tendenciosa, como sua raça ou gênero. Mas os humanos não podem levar em conta centenas de fatores. A grande vantagem da IA é que ela é capaz de tomar uma decisão baseada em centenas de fatores diferentes. Apenas dando às pessoas o direito a uma explicação, se você não entender como a tecnologia funciona, esta legislação é realmente irrelevante.



DIOGO: O que você acha da proposta do Facebook de ter um conselho de supervisão, uma espécie de Supremo Tribunal sobre as decisões do CEO? Você acha que estes tipos de mecanismos de governança poderiam ser uma boa solução ou, pelo menos, uma solução melhor do que outras?



YUVAL HARARI: É um passo na direção certa, especialmente por causa do ritmo acelerado do desenvolvimento tecnológico. Será muito difícil para os governos, pelo menos nos países democráticos, regular efetivamente este tipo de desenvolvimento tecnológico sem alguma cooperação das corporações, dos engenheiros. Porque simplesmente eles não estão na vanguarda da pesquisa, e às vezes lhes falta o conhecimento científico e técnico necessário. Eu acho que seria bom... Eu não acho que o Facebook seja o inimigo e nós só precisemos combatê-lo, mas em última instância, a responsabilidade é do governo e não do Facebook.



DIOGO: Alguém está perguntando também qual é o equilíbrio certo entre o poder corporativo e o poder governamental em um sistema global.



YUVAL HARARI: Eu confiaria mais nos governos do que nas corporações. Porque as corporações, mais uma vez, não representam ninguém. Ninguém votou nelas. Sua lealdade em grande parte é, em última análise, aos seus lucros e ao seu modelo de negócios. Às vezes eles têm um bom CEO, mas não se pode confiar nisso. Acho que não devemos excluir as corporações do diálogo ou combatê-las. Mas a responsabilidade final pela regulamentação destes desenvolvimentos perigosos é dos governos.



DIOGO: Sei que você não se considera, novamente, um pessimista tecnológico, mas há outros escritores que alertam sobre os perigos da tecnologia. Não do progresso tecnológico e da velocidade, mas da desaceleração tecnológica, como Robert Gordon, Tyler Cowen e outros, que acham que estamos realmente estagnando em termos energéticos. A energia se torna mais cara. A energia nuclear, que era uma promessa, na verdade passou a ser desaprovada. E quando você olha para o transporte, no qual você está realmente se movendo mais lentamente do que costumávamos nos anos 70, por causa do tráfego, e também a tecnologia, não avançou tanto assim. O Concorde foi abandonado em 2003. Você vê que há, pelo menos na sociedade, uma desaceleração tecnológica em certas áreas que também pode ser motivo de preocupação.



YUVAL HARARI: Em certas áreas, sim, mas é assim que se desenvolve a história da tecnologia. Se tem um avanço em uma determinada área e muitos progressos, e eventualmente desacelera, e então há um avanço em outra área. Portanto, sim, no transporte em termos de voos entre países, não avançamos muito nas últimas décadas. Mas então, em vez de vir aqui de avião, talvez em 20 anos eu possa estar aqui apenas como um holograma, como um avatar, e economizar todo o custo do transporte, a poluição, e assim por diante. O pensamento de que o progresso deveria ser linear - inventamos um avião e agora ele deveria ser cada vez mais rápido - normalmente não funciona assim. Às vezes o novo desenvolvimento vem de um ângulo completamente diferente, o que torna toda esta linha de desenvolvimento obsoleta.



DIOGO: Somos uma Escola do Governo e ensinamos aos funcionários públicos. O que você diria que nossa escola deveria ensinar ao próximo grupo de funcionários públicos para prepará-los para o futuro?



YUVAL HARARI: Muitas coisas. Talvez a coisa mais importante a perceber é que ninguém sabe como será o mundo daqui a 20 ou 30 anos. Ninguém sabe como será o mercado de trabalho, como será a economia, como será o sistema político. O velho modelo de educação... Estamos dando aos estudantes certas habilidades que eles usarão ao longo de suas vidas, ao longo de suas carreiras. Isto está se tornando cada vez mais obsoleto, porque você não sabe realmente quais habilidades os funcionários públicos, ou qualquer pessoa, precisarão em 2040 ou 2050. A única coisa que eles precisarão, com certeza, é a capacidade de se reciclarem, reinventarem-se e se adaptarem a situações e problemas completamente desconhecidos. Eu diria que a ênfase deve ser dada nisso, na suposição de que, se você ensina um curso sobre qualquer coisa e ensina certos exemplos e habilidades, pode ser que em 2050 isso possa ser completamente irrelevante. O que você realmente precisa é da capacidade de aprender coisas novas e lidar com situações desconhecidas. Assim como no final do ano: um bom exame ou um bom teste não estará ok durante todo o ano em que você aprender a habilidade em particular: “Agora resolva esta equação ou me diga estes fatos que você aprendeu o ano inteiro”. Ao contrário, o melhor teste é: “Aqui está uma situação totalmente nova, sobre a qual não dissemos nada durante o ano inteiro. Como você se comporta, aprendendo sobre ela e resolvendo-a?”. Portanto, o que você realmente adquire durante o ano é a habilidade de como abordar um novo problema, e não importa no teste se você resolve o problema ou não. A questão-chave é: qual é a sua abordagem? Como você aborda uma situação nova e desconhecida?



DIOGO: Muito bom. Você acha que existem indicadores que deveríamos analisar quando estamos modulando nosso otimismo e pessimismo? Se houvesse um índice de distopia, que tipos de números deveriam ser incluídos para que possamos estar cientes dos perigos que o futuro nos coloca?



YUVAL HARARI: Como acho que a chave para resolver a maioria de nossos maiores problemas é a cooperação global, então um indicador de pessimismo ou otimismo seria qual é o nível de confiança e cooperação no mundo. Se houver confiança e cooperação suficientes, acho que a humanidade pode resolver quase todos os problemas, pode lidar com quase todas as ameaças que enfrenta. Mas se o nível de cooperação e confiança cair abaixo de um nível crítico, então este é um cenário distópico. Basta pensar na crise financeira de 2008. Não vamos falar de um cenário de inteligência artificial futurista. Digamos que algo semelhante à crise financeira de 2008 atinge o mundo amanhã de manhã. O mundo está completamente despreparado para isso, ao contrário do que aconteceu em 2008. Em 2008, quando a crise chegou, as maiores economias do mundo puderam cooperar entre si para evitar o pior resultado porque confiaram o suficiente uns nos outros. Apesar das tensões e da competição, houve confiança suficiente. Agora não existe tal confiança. Ninguém, penso eu, acompanharia os Estados Unidos nisso hoje, em 2019. Basicamente, nos últimos três anos, os Estados Unidos, que foi durante décadas, pelo menos afirmou ser, o líder do mundo ou o líder do mundo livre, basicamente veio e disse: “Estamos nos demitindo, obrigado. Não queremos mais este trabalho. De agora em diante, nos preocupamos apenas com uma coisa: nós mesmos”. Ninguém gostaria de seguir um líder cujo lema é “Sou eu primeiro”. E esta é a situação em que nos encontramos agora.

Não há nenhum líder alternativo no momento. Acho que a coisa boa é que o mundo deveria aprender a cooperar sem a liderança americana, mas isso também não está acontecendo. Minha maior esperança é que o mundo aprenda a cooperar melhor sem depender dos Estados Unidos. Não importa qual será o resultado das eleições de 2020. O mundo simplesmente não pode estar numa situação em que todos esperam a cada quatro anos para ver quem os americanos elegem desta vez. Precisamos de um sistema muito mais robusto de confiança e cooperação global, que não dependa de um único país. No momento, estamos correndo na direção oposta. Há uma desconfiança cada vez maior. Isto é motivo de pessimismo, mas espero que possamos reverter esta tendência.



DIOGO: O nível de confiança no governo no Brasil tem sido muito baixo nos últimos anos - no Congresso tem sido baixo, no poder executivo tem sido baixo - e agora há esforços para recuperar a confiança que é fundamental para a cooperação. O que o senhor sugere que o governo faça para restaurar a confiança da sociedade?



YUVAL HARARI: Não sou especialista em política ou sociedade brasileira, portanto não posso realmente dar nenhuma sugestão. Em geral, acho que a vemos como uma crise em todo o mundo. Penso que, de certa forma, é também uma crise de unidade nacional, que vemos em todo o mundo. Fala-se muito do tipo de ressurgimento do nacionalismo, mas na verdade, o que vemos em todo o mundo é um enfraquecimento do nacionalismo. Como disse em minha palestra, o nacionalismo real não se trata de odiar os estrangeiros, trata-se de amar seus compatriotas. Não há falta de ódio contra os estrangeiros no mundo. Mas há uma crescente falta de amor para com seus compatriotas. Muitos dos líderes que se retratam como nacionalistas são, neste sentido, na verdade, anti-nacionalistas. Eles minam ativamente e deliberadamente a unidade nacional em muitos países com políticas divisórias e retórica inflamada. Eu penso, por exemplo, nos Estados Unidos. Nos Estados Unidos hoje, os americanos temem e odeiam os outros americanos muito mais do que temem e odeiam os russos ou os chineses. A comunidade nacional americana está se desintegrando e isto está no centro da crise do governo e da democracia em todo o mundo. Isto é algo que deveria ser relativamente fácil de resolver. Depende da liderança. A liderança estabelecerá o objetivo de não dividir, não dividir e governar, dividir ainda mais a sociedade e inflamar o ódio e o medo entre os cidadãos, a fim de reforçar o poder da liderança, mas sim uma liderança que estabeleça a si mesma o objetivo de tentar superar estas divisões. Eu realmente enfatizo que o bom nacionalismo é amar seus compatriotas.



DIOGO: Muito obrigado, Yuval, nosso tempo chegou ao fim. Muito obrigado.



da Enap

...os fala... e liderança feminina?
Encontro com a autora
e reabertura da nossa biblioteca

com
Gale Scapin, especialista em
Liderança Feminina, CEO e
fundadora da W.C. Partners
e da associação educacional
Open Learning Network



Da 28 de abril, às 18h
Inscriva-se! Vagas limitadas

TEMPO DE CRIAR

Tempo e

Inscrições

Até dia 29/04

Apenas 10 vagas

ENAP

Qualidade

Transparência

Assessoria

Consultoria

Formação

Recursos

Suporte

Tecnologia

Trabalho

Unidade

Valor

Vigilância

Visão

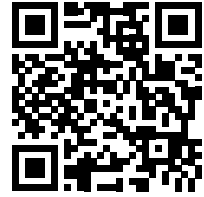
Vitalidade

Viver

Voz

Vozes

Reviravolta: momentos cruciais de nações em crise



Jared Diamond

Apresentada em 19 de novembro de 2020, na 6ª Semana de inovação: (Re)imaginar e construir futuros.



Moderador da palestra:
Diogo G. R. Costa

Resumo da palestra: Nesta palestra, Jared Diamond coloca que a COVID pode nos dar a possibilidade de aprendermos a cooperar uns com os outros, com vistas a superar tanto a crise que a pandemia traz consigo, como as já existentes crises globais, a saber: esgotamento dos recursos naturais, desigualdade social e mudança climática. O professor apresenta exemplos de como, em outros momentos históricos, a humanidade conseguiu se unir para solucionar algum problema, e que ele é um otimista cauteloso de que conseguiremos nos unir novamente.

Palavras-chave: COVID; crises globais; desigualdade social; mudança climática.



DIOGO: Bem-vindo, professor Jared Diamond. Jared Diamond é um autor best-seller de vários livros. Seu “Guns, Germs and Steel”, de 1997, é um dos livros de não ficção mais influentes do nosso tempo. O livro ganhou o Prêmio Pulitzer. Ele influenciou os pesquisadores, jornalistas, presidentes e primeiros-ministros. Seu último livro, “Upheaval, how Nations Cope with Crisis and Change”, tem uma visão semelhante e abrangente da história. Embora tenha sido publicado em 2019, parece um livro escrito para nossos tempos de pandemia. Jared estudou Fisiologia em Harvard e Cambridge e se tornou um dos maiores especialistas em vesícula biliar. Ele também é Antropólogo, Ornitólogo, Sociólogo, Biólogo Evolucionista e Historiador Ambiental, com conhecimento prático de Genética, de Arqueologia e Epidemiologia de doenças humanas, além de professor de Geografia na UCLA.

Em tempos de crise, o trabalho de Jared nos dá esperança. Ao contrário do que muitos pensam, suas obras nunca são deterministas sobre o futuro. Ao contrário, fornece-nos explicações... explicações do que aconteceu no passado, explicações que nos dão poder para mudar nosso futuro, para fazer coisas diferentes no futuro, para criar futuros possíveis.

É por isso que o Sr. Diamond não se descreve como um pessimista, mas sim, como um otimismo cauteloso. O mundo para Jared não é desesperador, embora nossa felicidade futura não esteja garantida. Teremos que trabalhar nisso, mas podemos trabalhar nisso. Jared Diamond ensina que podemos alcançar um futuro melhor, um futuro que podemos imaginar, um futuro que podemos construir, um futuro que é possível. Senhoras e senhores, Sr. Jared Diamond.



JARED: Boa tarde, boa noite. É um prazer estar aqui com vocês. Eu sou Jared Diamond. Sou estadunidense. Sou da Califórnia. Da cidade de Los Angeles. Estou sentado aqui no escritório da minha esposa em West Los Angeles, perto da minha universidade, a Universidade da Califórnia, que está fechada como a maioria das universidades americanas. No momento, o céu sobre minha casa está limpo, mas até recentemente estava cinza por causa dos incêndios florestais que assolam toda a Califórnia. Em resumo, este é o momento da revolução.

É um prazer estar aqui com vocês. Gostaria de não estar no Brasil. Tive uma visita maravilhosa ao Brasil, mas agora, por razões que vocês podem entender por causa da COVID, estou falando com vocês indiretamente a partir do escritório de minha esposa. Países, como o Brasil e os Estados Unidos e o mundo inteiro, estão agora em estado de perturbação por causa da COVID. Que futuro nos espera? Tudo isso, em meio a toda essa agitação por esperança, não há dúvida de que a COVID é uma tragédia.

Ela nos coloca em perigo iminente. Como a COVID poderia fazer com que nosso mundo mudasse para melhor? Sua primeira reação pode ser uma ideia obscena para sugerir que a COVID pode mudar o mundo para melhor quando mata pessoas. Pessoalmente, entendo isso, porque minha esposa e eu perdemos cinco dos nossos amigos mais próximos, amigos de 50 e 60 anos, nos últimos meses. Portanto, entendo a tragédia da COVID. Mas, no entanto, isso pode fazer com que nosso mundo mude para melhor. Que inovações poderíamos adotar que poderiam nos dar um mundo melhor e não um mundo pior?

Não há dúvida de que a COVID é um novo tipo de crise. É uma epidemia. Você pode dizer: “Mas já houve epidemias anteriores!” Vamos comparar a COVID com as grandes epidemias anteriores do passado. Quando você pensa em epidemia, talvez a sua primeira associação para grandes epidemias que mataram muitas pessoas é a Peste Negra da Europa na Idade Média. A Peste Negra ou peste bubônica que se espalhou da Ásia Central para a Europa, matando cerca de 1/3 da população da Europa. Mas paradoxalmente, um século depois, a Peste Negra havia trazido benefícios para a Europa ao mudar a economia do continente.

Há uma terrível epidemia antes da COVID. Uma epidemia ainda maior antes da COVID foi a que os europeus trouxeram ao Novo Mundo. Quando os europeus cruzaram o Atlântico, Cristóvão Colombo em 1492, e começaram a se espalhar pelo novo mundo, eles trouxeram consigo doenças europeias como varíola, sarampo e tuberculose. Doenças às quais os europeus tinham tido longa exposição e às quais os europeus tinham desenvolvido alguma resistência genética e alguma resistência imunológica adquirida.

Mas os nativos americanos não tinham experiência com varíola, sarampo ou tuberculose e, assim, os nativos americanos não tinham imunidade, genética ou adquirida, a essas doenças e foram mortos em grande número. Por exemplo, quando Cortez fez seu primeiro Ataque ao Império Asteca, no México – um dos dois maiores governos do Novo Mundo – ele e seus 600 espanhóis foram expulsos da capital asteca de Tenochtitlan, recuaram em direção à costa e parecia que estavam prestes a ser exterminados. Mas justamente naquela época, um navio espanhol de Cuba chegou ao México e nesse navio estava um escravo que tinha varíola. Esse escravo espalhou varíola para os índios americanos. A varíola se espalhou pelo Império Asteca, matando metade da população e o Imperador Asteca. Mas os europeus e os espanhóis, tendo sido expostos à varíola desde a infância, foram poupados e, por isso, era desmoralizante para os astecas esta doença matando-os, mas não matando os europeus.

O resultado foi que metade dos astecas morreu e Cortez, em sua segunda tentativa, conquistou o Império Asteca. Mas a varíola se espalhou do México, através da América Central, para a América do Sul, ao longo dos Andes, para o Peru e Bolívia, e para o Império Inca, matando grande parte da população deste Império e matando, inclusive, o Imperador Inca, provocando uma guerra civil entre os dois filhos dele.

Precisamente na época dessa guerra civil, outro conquistador espanhol, Pizarro, chegou à costa do Peru com 169 espanhóis. Mas graças à varíola, Pizarro encontrou um Império Inca enfraquecido, dilacerado pela guerra civil, conseguiu capturar o Imperador Inca, executando-o e depois assumiu o estado mais poderoso da América do Sul. Estes são, então, exemplos de como as doenças europeias mudaram a história. Essas doenças, varíola e sarampo, que mudaram a história, diferentes da COVID em vários aspectos, não se espalharam pelo mundo, nem a Peste Negra se espalhou pelo mundo.

Elas não eram doenças novas. Eram doenças antigas. Doenças que tinham afetado europeus e asiáticos por milhares de anos e, portanto, alguns povos já estavam expostos e parcialmente protegidos contra essas doenças. Mas os nativos americanos não estavam. Como a COVID então difere da Peste Negra, da varíola e do sarampo? Existem duas diferenças óbvias. Uma é a velocidade de propagação. A COVID está se espalhando com aviões a jato. A varíola e o sarampo se espalharam através do Atlântico com barcos de movimento lento e depois com cavalos.

A COVID se espalha com aviões a jato e assim ela se espalhou pelo mundo dentro de alguns meses de seu aparecimento na China. Portanto, a velocidade de propagação é algo novo com a COVID. Outra diferença sobre a COVID é que ninguém é imune à ela. É uma nova doença. Não há pessoas no mundo que tenham sido expostas à COVID. Ninguém tem imunidade genética a ela. Ninguém tinha imunidade e anticorpos a ela.

Ao contrário do caso da varíola e do sarampo, que chegaram ao Novo Mundo trazidos por europeus que já tinham alguma imunidade, no caso da COVID, todos os países do mundo tem o risco de contraí-la. Nenhum país é imune à COVID. Nenhum país pode resolver seu problema de COVID por si só, porque ele apenas será reinfestado. Suponha que o Brasil tenha conseguido eliminar a COVID dentro do Brasil. Será que isso protegeria o Brasil? Não, é claro que não.

Não, porque há COVID em outros países do mundo e o Brasil apenas seria reinfestado. De fato, isso aconteceu em muitos países. A Nova Zelândia, a Austrália e o Vietnã instituíram um bloqueio. Com isso, a transmissão da COVID dentro desses países parou, mas, mesmo assim, havia os aviões a jato que vinham para a Nova Zelândia e Austrália trazendo de volta os neozelandeses e australianos que estavam presos no exterior. Esses aviões a jato trouxeram a COVID de volta e esses países foram reinfestados. Da mesma forma, o Vietnã parou a transmissão da COVID em seu interior, mas as viagens internacionais que retornavam com os vietnamitas reinfestaram o país.

Isto então ilustra que nenhum país estará seguro contra a COVID até que todos os países do mundo estejam seguros contra a COVID.

Pela primeira vez na história mundial, estamos diante de uma crise global reconhecida. Uma crise que reconhecemos que está afetando a todos e, portanto, exige uma solução global. Quando digo que a COVID é a primeira crise global reconhecida, você pode objetar: “É claro que já tivemos crises globais, grandes crises globais”. Temos a crise global da mudança climática, que afeta o mundo inteiro. Temos a crise global de esgotamento de recursos, que afeta o mundo inteiro. Temos a crise global da desigualdade entre os países do mundo.

Pode-se dizer que a COVID não é a primeira crise global, mas nós não tínhamos reconhecido a mudança climática e o esgotamento dos recursos como crises globais. Muitas pessoas em todo o mundo ainda são indiferentes, desdenhosas das mudanças climáticas e do esgotamento de recursos, enquanto agora praticamente todos reconhecem a ameaça da COVID.

Não é outra coisa. Em contraste, a mudança climática não o mata dentro de dois dias. A mudança climática nos mata indiretamente, e assim as pessoas que estão morrendo dos efeitos da mudança climática não dizem que estamos morrendo da mudança climática. Dizem que estamos morrendo de tsunamis ou de fome, ou da elevação do nível do mar ou de doenças disseminadas. É por isso que então reconhecemos a COVID como um perigo, mas não reconhecemos a mudança climática como um perigo, embora seja um perigo mais sério. Na realidade, em comparação à mudança climática e ao esgotamento de recursos, a COVID é um problema menor... e estou falando sério quando digo que é um problema menor. Basta pensar que o número estimado de mortos da COVID é, em média, de cerca de 2%. Suponha que todos ao redor do mundo estejam infectados com a COVID. E suponha que 2% de todas as pessoas do mundo morrem com a COVID. A população mundial é de cerca de 7 bilhões e 700 milhões de pessoas. Se todas elas forem infectadas e 2% delas morrerem, isso significa que a COVID matará 154 milhões de pessoas.

Mas o mundo tem 7 bilhões e 700 milhões de pessoas e, mesmo que 154 milhões delas sejam mortas pela COVID, cerca de 2% da população, isso ainda deixa 7 bilhões e 546 milhões de pessoas vivas no mundo, mais do que suficiente para manter a raça humana em atividade. É por isso que eu digo que a COVID é um pequeno problema em comparação com os grandes problemas de mudança climática, esgotamento de recursos e desigualdade que afetam a todos nós. Basta pensar nas formas como a mudança climática constitui uma ameaça para todos nós.

A COVID nos mata apenas pela COVID. As mudanças climáticas nos ameaçam de muitas maneiras diferentes. Uma ameaça representada pela mudança climática é a diminuição da produção agrícola que resulta em fome. Pode-se perguntar: “Como a mudança climática reduz a produção agrícola quando envolve em média temperaturas mais quentes?”. Certamente as temperaturas mais quentes são melhores para o cultivo? Bem, temperaturas mais quentes não só são melhores para o cultivo de plantações, como também são melhores para o cultivo das ervas daninhas que competem com as plantações.

Além disso, a mudança climática envolve o tempo, de modo que o efeito direto da mudança climática é diminuir a produção de alimentos, ao invés de aumentar a produção de alimentos, e causar a fome, o lento desenvolvimento da fome. Essa é uma consequência da mudança climática. Outra consequência da mudança climática que afeta potencialmente tantas pessoas ao redor do mundo é uma elevação do nível do mar, devido ao derretimento das calotas polares árticas e antárticas e da calota polar da Groenlândia, e o derretimento das geleiras, resultando em uma elevação do nível do mar.

Mas há muitas partes do mundo que estão muito baixas, pouco acima do nível do mar. Apenas um ou dois metros acima do nível do mar. Estas abrangem a costa leste dos Estados Unidos, como a Flórida. As áreas próximas ao nível do mar abrangem o país asiático de Bangladesh, do qual algo como 1/4 está ligeiramente acima do nível do mar. Recentemente, você deve ter lido que tem havido inundações em Bangladesh. Tem havido chuvas fortes mas, como Bangladesh, 1/4 de Bangladesh, está apenas um ou dois metros acima do nível do mar, um quarto do país foi inundado, como resultado da mudança climática. A costa leste da China é de linha baixa e, portanto, a água salgada que penetra nos aquíferos de água doce da China oriental está salgando esses aquíferos e privando o povo chinês de muito de seu suprimento de água doce. Portanto, essas são formas pelas quais a mudança climática, não apenas através da fome, mas também pela elevação do nível do mar, está nos ameaçando.

Outra forma pela qual a mudança climática nos ameaça é causando eventos climáticos severos: furacões, ciclones, ondas de calor, secas, tempestades... se você leu o jornal hoje e nos últimos dias pode ter visto que um segundo furacão atingiu a América Central e talvez tenha visto as fotos no jornal mostrando inundações generalizadas na América Central. Isso é uma consequência da mudança climática. O aumento da frequência de furacões, ciclones, enchentes e secas.

Outra consequência da mudança climática que nos afeta é a propagação de doenças porque os climas tropicais, mais quentes, estão se espalhando pelas zonas temperadas. Isso significa que as doenças também estão se espalhando para as zonas temperadas, graças à mudança climática. Por exemplo, há uma febre no leste tropical da África, em Uganda, chamada febre chikungunya. Até recentemente, a febre chikungunya era uma doença tropical confinada ao leste da África. Mas agora, a febre de chikungunya se espalhou para a Itália e infectou os italianos, e de fato, os europeus. Por quê? Porque a Europa está ficando mais quente e a febre de chikungunya e seus vetores são capazes de se espalhar para a Europa. Ainda há outra forma pela qual a mudança climática nos afeta e, em alguns casos, nos mata: a mudança climática está acidificando os oceanos, liberando dióxido de carbono nos oceanos, tornando os oceanos mais ácidos e destruindo os recifes de coral.

Mas os recifes de coral são barreiras que protegem as costas tropicais contra tsunamis. No passado, quando houve alguns tsunamis, muitas vezes áreas da costa com recifes de coral ficaram protegidas contra os tsunamis. Mas agora, como os recifes de coral estão sendo danificados pela mudança climática, pela acidificação do oceano, os tsunamis são capazes de varrer o interior. Há cerca de doze anos, houve um tsunami que atingiu a Indonésia e matou 200 mil indonésios, porque a barreira de recifes de coral havia sido danificada.

Os indonésios não disseram que 200.000 de nós foram mortos pelas mudanças climáticas. Ao invés disso, os indonésios disseram que 200.000 de nós foram mortos por um tsunami. Mas a razão pela qual esse tsunami matou indonésios, enquanto no passado não teria, foi a mudança climática destruindo os recifes de coral. Estes são exemplos de como a mudança climática está potencialmente arruinando a todos nós. A COVID, no máximo, matará 2% de nós. A mudança climática está ameaçando a todos nós de muitas maneiras diferentes.

Mas a mudança climática não é a única grande ameaça global que está colocando o mundo em perigo. Outra grande ameaça é o esgotamento dos recursos. A exaustão dos recursos dos quais nós, humanos, dependemos. Dependemos de recursos biológicos que são os chamados recursos renováveis, recursos que se renovam a si mesmos. Árvores que crescem e produzem novas árvores. Pescar, reproduzir e produzir novos peixes. Estes são recursos renováveis e enquanto nós, humanos, estivermos capturando peixes e cortando árvores em taxas mais lentas do que as taxas com as quais novas árvores crescem e as taxas com as quais novos peixes, novos crustáceos e novos moluscos se reproduzem, estes têm sido recursos sustentáveis que podem continuar para sempre. Mas agora, temos coletado peixes e cortado árvores, colhendo moluscos e crustáceos, mais rápido que estas árvores, peixes, moluscos e crustáceos podem se reproduzir.

Portanto, a pesca mundial está se esgotando. Muitas pescarias, como por exemplo, a pesca do peixe espada do Atlântico, já foram levadas, essencialmente, à extinção. Da mesma forma, florestas ao redor do mundo estão sendo cortadas mais rapidamente do que crescem. Mas nós dependemos de frutos do mar e florestas. Dependemos de frutos do mar para obter proteínas – algo como 1/3 a 1/2 da população mundial obtém suas proteínas do mar e dos rios, de crustáceos, de peixe e de moluscos. Isso significa que o fornecimento de proteínas de 1/3 das pessoas do mundo está ameaçado. Da mesma forma, as florestas do mundo nos fornecem material de construção, e eles nos fornecem papel.

Na América do Sul, na bacia amazônica, na bacia do Congo, na Indonésia e no sudeste asiático, mesmo na Sibéria, as florestas do mundo estão se esgotando, o que significa que nosso material de construção e nosso papel estão se esgotando. Outro recurso renovável que está sendo esgotado é o solo superficial, a terra.

Você poderia dizer como, na Terra, o solo pode se esgotar? A agricultura que remove a cobertura expõe o solo e, após as colheitas, o solo pode ser arrancado pela erosão e. Assim, o mundo está perdendo a camada superficial do solo. Alguns anos atrás, visitei o estado americano de Iowa. Iowa, nos Estados Unidos, é famosa por cultivar muito milho. Meu anfitrião de Iowa me pegou em um aeroporto, me levou a uma das universidades e enquanto dirigíamos, passamos por uma igreja e foi impressionante.

Esta igreja ficava a 10 metros de altura e ao redor da igreja, o terreno ficava 10 metros mais baixo. Por quê? A razão é que a igreja está cercada por um cemitério e as pessoas não cultivam milho nos cemitérios. Assim o cemitério, durante o último século e meio, ao redor desta igreja, não esteve sujeito à erosão, mas todo o terreno ao redor do cemitério e da igreja que tem sido cultivado, está sujeito à erosão.

No último século e meio, foram varridos 10 metros de solo superficial dos Estados Unidos, da área agrícola mais rica do mundo, para o oceano. Ainda há outro recurso renovável, a água doce. Você pode dizer que água doce não é um recurso renovável. Sim, há água doce na Amazônia, mas se esgotássemos nossa água doce ou potável, sempre poderíamos fazer mais água doce apenas dessalinizando a água salgada. Podemos fazer água doce a partir do oceano. Bem, sim, podemos, mas isso requer energia. Isso requer combustíveis fósseis. Mas nossos combustíveis fósseis estão em quantidades limitadas. A queima de combustíveis fósseis é o que causa a mudança climática. Não queremos ser forçados a fazer água doce dessalinizando a água salgada. Em vez disso, queremos obter água doce de rios e lagos renováveis. Mas já há algo como 85% da água doce em todo o mundo, 85% dos rios e lagos do mundo são explorados, e os únicos rios e lagos que não são explorados, estão em partes remotas do mundo, como a Islândia ou o noroeste da Austrália ou o norte da Sibéria.

A maior parte da água doce do mundo já está sendo explorada. Esta é, então, uma segunda ameaça global. Ameaça mais grave do que a própria COVID: a ameaça de esgotamento dos recursos que se segue à ameaça da mudança climática.

Ainda assim, uma terceira ameaça ao mundo é uma ameaça global, muito mais grave do que a COVID, que compete com a mudança climática e o esgotamento dos recursos. E é grave: é a ameaça da desigualdade. Desigualdade em todo o mundo. Há países ricos e países pobres. Dentro da América do Sul, por exemplo, a Bolívia é um país relativamente pobre. Uruguai, Chile e Argentina são países relativamente ricos, e o Brasil também é um país relativamente rico. Mas mesmo dentro do Brasil, há desigualdade; o sul do Brasil, ao redor de São Paulo e o Rio são mais ricos do que o norte do Brasil. Até 60 anos atrás, havia desigualdade em todo o mundo, mas não era uma ameaça aos países ricos porque não havia imigração em massa e porque as pessoas nos países pobres não tinham televisão, não tinham celulares, não sabiam qual era a situação nos países ricos. Mas agora, os telefones celulares e a televisão estão difundidos, portanto, as pessoas nos países pobres sabem sobre os melhores padrões de vida disponíveis nos países ricos.

Graças aos aviões a jato e aos navios rápidos, as pessoas nos países pobres não querem esperar que o governo de seu país pobre torne seu país rico. Elas querem se tornar ricas agora e terem um bom padrão de vida disponível para seus filhos. Portanto, imigram para os países ricos, imigram para a Europa, imigram para a América do Norte, imigram para a Austrália, imigram para as partes mais ricas do mundo. A desigualdade, portanto, juntamente com a mudança climática e o esgotamento dos recursos, são as três ameaças graves ao mundo.

A mudança climática é um perigo que nenhum país pode resolver por si só. Suponha que, no Brasil, a mudança climática seja devida à queima de combustíveis fósseis e à produção de dióxido de carbono. Vamos resolver nosso problema de mudança climática no Brasil queimando menos combustível fóssil e isso significará menos dióxido de carbono na atmosfera sobre o Brasil. Mas queimar menos combustível fóssil no Brasil, não protegerá o Brasil porque a atmosfera sobre o Brasil está misturada com a atmosfera em todo o mundo.

O Brasil está reduzindo sua produção de dióxido de carbono e a tentativa de reduzir o dióxido de carbono na atmosfera sobre o Brasil não poupará o Brasil porque a atmosfera do mundo está misturada. Isso ilustra, então, que a mudança climática é um problema global, e nem o Brasil, nem nenhum outro país pode, por seus próprios esforços, se proteger contra a mudança climática. Ao invés disso, a mudança climática é um problema global que requer uma solução global. Assim como a COVID é um problema global que requer uma solução global. Assim como o Brasil não pode reduzir o dióxido de carbono sobre o Brasil para sempre, o Brasil não pode reduzir a COVID dentro do Brasil para sempre porque, assim como a atmosfera mistura dióxido de carbono, da mesma forma os aviões a jato misturam as pessoas do mundo. O Brasil ou qualquer outro país que resolvesse seu próprio problema de COVID ainda estaria em risco do resto do mundo. Isto ilustra, portanto, que grandes problemas no mundo de hoje são problemas que requerem colaboração mundial.

A COVID só poderia ser resolvida através de esforços de colaboração entre as pessoas ao redor do mundo. A mudança climática, o esgotamento dos recursos e a desigualdade só podem ser resolvidos através de esforços de colaboração entre as pessoas de todo o mundo. Mas você pode contestar. Certamente as pessoas do mundo não vão colaborar para resolver o problema da COVID ou da mudança climática. Os povos do mundo competem uns com os outros.

A China compete com os Estados Unidos, a China e os Estados Unidos competem com a Europa. O Brasil compete com a Austrália. Dentro da América Latina, o Brasil compete com a Argentina. Países do mundo competem uns com os outros. Eles estão competindo até mesmo por uma máscara facial. Quando a COVID começou a se expandir pelo mundo, em janeiro e fevereiro, não havia máscaras suficientes para proteger todas as pessoas do mundo, e assim houve competição por máscaras faciais. A China produziu excesso de máscaras, e quando a China as enviou para a Europa, houve uma disputa, houve competição por essas máscaras faciais. Os franceses, suecos, italianos, israelenses e russos estavam todos competindo por essas mesmas máscaras chinesas. Você poderia se opor. Se há vacinas que se tornam disponíveis para a COVID - e na última semana ou duas últimas semanas ouvimos falar de duas novas vacinas promissoras desenvolvidas contra a COVID - você pode pensar que os países vão competir pelas vacinas.

Se os Estados Unidos tiverem sucesso na fabricação das duas promissoras vacinas, ou se a China fabricar sua vacina, ou a Rússia fabricar sua vacina, ou se a Alemanha fabricar sua vacina... Você pode pensar que os países do mundo não vão ser generosos e compartilhar vacinas entre si. Eles vão competir e por isso, aqui está o Jared Diamond dizendo: “Temos que inovar. O mundo tem que adotar a colaboração”.

Você pode dizer que o mundo não vai colaborar. Já vimos que os países competem entre si. Bem, eu responderia que o mundo vai colaborar. O mundo vai ter que colaborar porque não há alternativa. Cada país do mundo vai descobrir que não pode resolver seu problema de COVID, nem seu problema de mudança climática, a menos que colabore com outros países. Você pode pensar na COVID como uma professora, Professora COVID. A COVID nos ensina que, por mais que tenhamos resistido à colaboração no passado, hoje ela é essencial. Não temos alternativa, exceto colaborar, porque se não colaborarmos na luta contra a COVID, todos nós seremos arruinados por ela e, nesse aspecto, a COVID é uma professora. Por essa razão, comecei minha palestra hoje dizendo que a COVID é uma tragédia, matou alguns de meus melhores amigos. Provavelmente todos vocês aqui conhecem pessoas que morreram de COVID.

Mas comecei dizendo que, paradoxalmente, esta tragédia pode trazer benefícios para o mundo. Que benefícios essa doença assassina poderia trazer para o mundo? Bem, o que a COVID pode fazer é finalmente inspirar o mundo a cooperar para a solução de um problema global. O problema global da COVID. Mas suponha que aprendamos com a COVID e que os países do mundo colaborem para a solução do problema da COVID. Teremos então aprendido, pela primeira vez, como abordar um problema global que requer uma solução global. O problema global da COVID e talvez, portanto, a COVID, servirá de exemplo para inspirar o mundo a inovar. Inovar na solução não só do problema global da COVID, mas também do problema global da mudança climática, do problema global do esgotamento de recursos e do problema global da desigualdade. Não é que a mudança climática exija que inventemos algo novo.

Nós já sabemos o que está causando a mudança climática. A mudança climática é causada pela queima de combustíveis fósseis. Sabemos o que temos que fazer para deter a mudança climática. Temos que queimar menos combustíveis fósseis. Podemos fazer isso de duas maneiras. Uma é reduzir nosso consumo de combustível.

Países do mundo inteiro, particularmente países ricos, como Estados Unidos, Europa e Japão, e os países ricos da América do Sul, como Argentina, Brasil, Uruguai e Chile, estão queimando mais combustíveis fósseis do que nossos países pobres. Os Estados Unidos esbanjam na queima de combustíveis fósseis. O americano médio queima duas vezes mais combustível fóssil do que o europeu médio. Temos grandes carros que consomem muito combustível. Seria relativamente fácil para os Estados Unidos reduzir seu consumo de combustível fóssil em 50% só imitando a Europa.

Uma maneira que já sabemos que poderia resolver nosso problema de combustível fóssil seria sermos mais eficientes em nosso consumo de energia. Mas outra maneira que sabemos que resolveria nosso problema de mudança climática seria mudando para fontes renováveis de energia. Existem outras fontes de energia além dos combustíveis fósseis.

Tem havido muito desenvolvimento dessas fontes alternativas de energia nos últimos anos e na última década ou duas. Mais e mais países estão obtendo mais de sua energia não apenas dos combustíveis fósseis, mas da energia eólica, da energia hidrelétrica e da energia solar. E houve esforços para desenvolver também a energia maremotriz, a energia que pode ser obtida aproveitando as marés. A Islândia já obtém essencialmente toda sua energia a partir da energia hidrelétrica. A Dinamarca recebe 20% de sua energia através de moinhos de vento. A Alemanha e a Espanha obtêm grande parte de sua energia através de moinhos de vento.

Aqui na Califórnia, eu vivo em uma parte ensolarada do mundo, a apenas algumas dezenas de quilômetros do deserto. Nos desertos da Califórnia, instalações solares estão se espalhando para obter cada vez mais de nossa energia a partir de recursos renováveis, a partir da energia solar. Não há segredo sobre como resolver nosso problema de mudança climática. Não temos que inovar com novas tecnologias. Já temos a tecnologia para resolver o problema da mudança climática. Onde precisamos inovar é no desenvolvimento da vontade política de adotar as soluções para a mudança climática que já conhecemos. Em resumo, nós sabemos como resolver, em princípio, o grande problema do mundo com a mudança climática.

Estamos desenvolvendo soluções para a COVID através de vacinas. Temos é que inovar desenvolvendo uma atitude global de compartilhar, ao invés da atitude global de competição, que tem sido tão difundida. Você pode contestar. As pessoas do mundo vêm competindo entre si há tanto tempo.

Há tanto tempo que fazem guerra umas contra as outras... Será que as pessoas realmente cooperarão umas com as outras? Sim, eu diria que cooperarão umas com as outras porque não há alternativa, se quisermos ter um mundo sustentável. E eu terminaria dizendo que a COVID, a tragédia da COVID, traz esperança com ela. A COVID nos abre a possibilidade de criar esperança para um mundo melhor. Na verdade, uma vez resolvido o problema da COVID, teremos aprendido que podemos encontrar uma solução global para o problema global da COVID, e então adotaremos uma solução global para os graves problemas mundiais, para o problema global da mudança climática, o problema global do esgotamento de recursos e o problema global da desigualdade.

É por isso que, em meio à tragédia da COVID, estou cautelosamente otimista de que temos pelo menos a possibilidade de criar esperança para um mundo melhor. Obrigado.



DIOGO: Muito obrigado, professor Diamond. Esta conversa foi muito inspiradora, muito estimulante. Temos muitas perguntas da platéia, mas quero começar com uma das minhas. Em seu livro “Armas, germes e aço”, você escolheu 3 palavras para o título, no qual faz este relato arrebatador de nosso passado. Se você escrevesse um livro sobre o futuro, o futuro a longo prazo, quais 3 palavras você escolheria?



JARED: Essa é uma boa pergunta, e especialmente uma pergunta apropriada para mim como autor. É verdade que meu livro “Guns, germs, and steel”... O título eram essas três palavras: armas, germes e aço. E foi minha esposa Marie, em cujo escritório eu estou sentado, que pensou no título. Quais seriam as três palavras do título do meu próximo livro? O título seria “Sustentável, sustentável, sustentável”. Com isso, eu quero dizer que o mundo tem que chegar a uma causa sustentável. O mundo está agora em um rumo insustentável. Estamos consumindo recursos mais rapidamente do que esses recursos estão se renovando, e por isso precisamos de um mundo sustentável. Mas se você quiser um título de três palavras, meu título de três palavras será “sustentável, sustentável, sustentável”.



DIOGO: Excelente. Perguntas do público. Nosso sistema global de governança está à altura do desafio de enfrentar questões complexas, como a mudança climática e a desigualdade? E, se não for o caso, como poderia ser alcançado um nível adequado de cooperação internacional? Você está otimista quanto a isso, mas como conseguir?



JARED: Nosso sistema global de governo está à altura da tarefa de resolver nossos principais problemas hoje? Sim, porque nosso sistema global de governo já tem um histórico de sucesso. Pense nos grandes problemas que afetam o mundo inteiro e que nosso sistema global de governo já resolveu. O mundo conseguiu eliminar a varíola – a doença mais mortal da história da humanidade. A Organização Mundial da Saúde organizou campanhas para eliminar a varíola em todo o mundo, e isso foi difícil porque o último país que teve varíola foi a Somália.

Não é fácil curar problemas de saúde na Somália... mas a campanha mundial para eliminar a varíola que teve sucesso no último caso, foi na Somália. Esta é uma campanha que foi bem sucedida. Uma das piores doenças do gado no mundo, a peste bovina, teve a cooperação entre Europa, Ásia e África para sua eliminação. Para os danos à camada de ozônio causados pelos clorofluorcarbonos, o mundo colaborou para tirar os clorofluorcarbonos da produção e da atmosfera.

O mundo já eliminou os clorofluorcarbonos, o mundo já chegou a um acordo para eliminar as zonas econômicas costeiras. Isso foi difícil porque os países vizinhos têm zonas econômicas que se sobrepõem, mas o mundo conseguiu delinear a zona econômica costeira e o mundo também conseguiu alcançar uma estrutura para gerenciar os oceanos abertos que eventualmente tornará possível a mineração em alto mar para uma estrutura mundial. Minha resposta à sua pergunta é que o mundo já resolveu problemas difíceis como a camada de ozônio, a varíola e a peste bovina. Portanto, mais uma vez, estou cautelosamente otimista de que o mundo, tendo resolvido estes difíceis problemas, também pode resolver outros problemas difíceis da COVID, da mudança climática, do esgotamento dos recursos e da desigualdade.



DIOGO: E quão otimista você está sobre os futuros desenvolvimentos tecnológicos? Sabemos que a tecnologia pode ser vista como um caminho para um futuro menos sustentável, mas também para um futuro mais sustentável. Existem empresas como a Tesla, que tentam fazer um transporte sustentável, por exemplo. Você se vê como um tecnologista otimista ou pessimista?



JARED: Sou um tecnologista neutro. Com isso, quero dizer que a tecnologia é moralmente neutra. A tecnologia pode fazer o bem e a tecnologia pode fazer o mal. A tecnologia tem nos trazido curas para muitas doenças. Trouxe-nos vacinas. A tecnologia de testes também nos trouxe a bomba atômica, nos trouxe cianeto e nos trouxe os fornos de Auschwitz. A tecnologia pode fazer o bem ou o mal. Hoje, a tecnologia está fazendo tanto o bem quanto o mal. A queima de combustível fóssil é a causa da mudança climática, mas a tecnologia também está desenvolvendo novos métodos para a produção de energia.

Por exemplo, os moinhos de vento na época da crise do petróleo do Golfo. Há cerca de 40 anos, nos Estados Unidos, lembro-me, os postos de gasolina americanos ficaram sem gasolina. Assim o governo dos Estados Unidos embarcou em um programa de apoio ao desenvolvimento de moinhos de vento. O governo americano investiu muito dinheiro no desenvolvimento de moinhos de vento... nós desenvolvemos aerogeradores realmente excelentes. O governo dos EUA, então, perdeu o interesse em moinhos de vento, mas esses excelentes moinhos americanos são agora os moinhos que estão produzindo 20% da energia da Dinamarca, Espanha e Alemanha. Há uma maneira. Há um exemplo de tecnologia que nos ajuda, mas a tecnologia também pode nos prejudicar e, portanto, o desafio que enfrentamos é tirar os benefícios da tecnologia e, ao mesmo tempo, evitar que a tecnologia nos prejudique.



DIOGO: Outra pergunta: onde você está agora mesmo em relação aos efeitos das ideias versus o meio ambiente no desenvolvimento humano? Seus livros colocam muito peso nos fatores ambientais, mas você escreve como alguém que acredita no poder das ideias para mudar as mentes e mudar o futuro das civilizações. Como você coloca seu trabalho em relação a pessoas que são defensoras do poder das ideias, como John McCluskey ou David Dodge, que preferem usar as ideias mais do que as diferenças ambientais para explicar por que as civilizações tiveram trajetórias diferentes?



JARED: A razão de eu estar sorrindo em resposta à sua pergunta é que os Estados Unidos tiveram uma eleição na semana passada e a eleição foi um confronto de ideias. Diferentes americanos têm diferentes ideias, e embora eu tenha escrito sobre o papel da geografia e o papel do meio ambiente, eu seria a última pessoa a negar a importância das ideias. Tanto as ideias quanto o meio ambiente são importantes. Deixe-me fazer uma comparação. Suponha que um casal recém-casado venha até você e lhe pergunte o que é mais importante para um casamento feliz. Concordância sobre sexo ou concordância sobre dinheiro? Quando um casal recém-casado lhe faz essa pergunta, você sabe que eles vão se divorciar dentro de um ano porque estão sendo tão idiotas.

Tanto sexo, dinheiro, religião, política, filhos, como sogros são importantes para um casamento feliz e, da mesma forma, para entender a história. As ideias são importantes para entender a história, o ambiente é importante para entender a história. No Brasil, você sabe que tem um ambiente muito diferente no norte do Brasil do ambiente no sul do Brasil, e por isso o ambiente é importante dentro do Brasil. Basta pensar em países dentro de um mesmo ambiente, diferentes ideias tiveram consequências diferentes.

A Alemanha é um país, um ambiente, que foi dividido em 1945 pela linha entre o Leste e o Oeste. Os alemães orientais e ocidentais tinham ideias diferentes sobre como governar seu país, com o resultado de que a Alemanha Ocidental se tornou rica e a Alemanha Oriental permaneceu pobre. Ou a Coreia do Norte e do Sul: os norte e sul-coreanos têm ideias muito diferentes sobre como organizar seu sistema de governo. A Coreia do Norte e a Coreia do Sul estão no mesmo ambiente e, ainda assim, essas ideias diferentes significam que a Coreia do Sul é um dos países mais ricos do mundo, e a Coreia do Norte é um dos países mais pobres do mundo.

Isto ilustra, então, que tanto as ideias quanto o meio ambiente são importantes. Assim como tanto o sexo, quanto o dinheiro, são importantes para a realização de um casamento feliz.



DIOGO: Muito boa a sua resposta. Outra pergunta do público: que competências são essenciais para os atuais governos serem capazes de lidar com os grandes desafios contemporâneos?



JARED: Para os governos lidarem com os grandes desafios contemporâneos... Quando penso no que infelizmente falta a tantos governos, e no que eles precisam para superar os grandes desafios contemporâneos, dois dos importantes... e estas são coisas que escrevi em meus livros, no recente livro “Reviravolta”: quais são as coisas que as pessoas precisam para superar as crises e uma das coisas que os governos precisam para superar as crises.

Assim como mencionei que há uma dúzia de fatores de que se precisa para ter um casamento feliz... Em meu livro “Reviravolta”, também discuti a dúzia de fatores que uma pessoa precisa para resolver uma crise pessoal e a dúzia de fatores que o país precisa para resolver uma crise nacional. Em uma crise pessoal, se seu casamento se desfez, ou se você foi demitido de seu emprego, ou se um parente querido morreu e você tem que descobrir como conduzir melhor sua vida, você sabe que uma coisa essencial é a honestidade. Se você não for honesto sobre si mesmo, e se não for honesto sobre o mundo, você não vai resolver seus problemas pessoais e não vai resolver os problemas do mundo.

Há governos que são espantosamente desonestos, e há governos que são honestos, e há governos que começaram desonestamente e se tornaram honestos. Por exemplo, a China, em dezembro, quando a COVID surgiu, o governo chinês, no início, negou a COVID. Isso é desonestidade. Quando as pessoas começaram a morrer na China, em janeiro, o governo chinês se tornou honesto e reconheceu a COVID. Portanto, a honestidade é importante. Outra coisa que é essencial para que os países resolvam seus problemas é fazer compromissos e conversar uns com os outros, chegando a acordos em todos os países. No Brasil, pessoas diferentes têm ideias diferentes. Nos Estados Unidos, pessoas diferentes têm ideias diferentes. Em nossas recentes eleições, descobrimos que 49% dos americanos têm ideias diferentes das dos outros 51% dos americanos.

Temos dois grandes partidos políticos, o Partido Republicano e o Partido Democrata, e infelizmente, na última década ou duas, tem havido cada vez menos comprometimento dentro dos Estados Unidos. Menos comprometimento entre nossos partidos políticos e também menos comprometimento dentro de nossos partidos políticos. Houve polarização dentro do Partido Republicano e polarização dentro do Partido Democrata.

Igualmente essencial para resolver os problemas dos Estados Unidos e da China, em todos os países, é o comprometimento. E tenho certeza de que você também pode pensar em exemplos dentro do Brasil, onde os brasileiros têm ideias diferentes. Mas é necessário o comprometimento entre brasileiros com ideias diferentes para resolver os problemas do Brasil.



DIOGO: Muito bom. Voltando à tecnologia. Grande parte da tecnologia utilizada pelas pessoas para cultivar com eficiência ou para uma fabricação mais sustentável está disponível gratuitamente. Não deveríamos esperar que houvesse mais importação dessas ideias tecnológicas para diferentes países? Em caso afirmativo, por que há tão poucas?



JARED: Isso é um paradoxo, ou parece ser o paradoxo. Sim, a tecnologia está disponível em todo o mundo. Você e eu estamos, agora, conversando um com o outro. Estamos a 10.000 quilômetros de distância. Mas estamos conversando um com o outro graças à tecnologia e a tecnologia que permite que você e eu conversemos um com o outro também está disponível em Bangladesh e está disponível na Bolívia e está disponível na Somália. Por que a tecnologia não está ajudando a Bolívia, assim como o Brasil, a enriquecer? Você conhece as diferenças entre a Bolívia e o Brasil. A Bolívia e o Brasil têm ambientes diferentes.

Muitas partes do Brasil são um bom ambiente para o cultivo de soja e para a criação de gado. Grande parte da Bolívia não é um bom ambiente para o cultivo da soja e para o gado, e por isso o Brasil tem mais sucesso no crescimento e na exportação de gado e soja do que a Bolívia. Há também diferentes níveis de educação. O Brasil tem um sistema de educação superior muito mais desenvolvido do que a Bolívia. Há também diferenças na riqueza, diferenças na tecnologia existente. O Brasil é um país mais rico do que a Bolívia. A Bolívia é, creio eu, o país mais pobre da América do Sul. O país com a menor renda média per capita e, portanto, sim, é verdade que os celulares estão disponíveis tanto no Brasil quanto na Bolívia, e os computadores e a tecnologia Zoom estão disponíveis tanto no Brasil quanto na Bolívia.

Mas como o Brasil é mais rico que a Bolívia, uma porcentagem maior de brasileiros têm acesso a telefones celulares e a computadores e à tecnologia Zoom do que os bolivianos. Em resumo, sim, a tecnologia em teoria está disponível para se espalhar por todo o mundo, mas pelo fato de que países diferentes têm ambientes diferentes, e de que países diferentes têm tecnologias diferentes existentes, e porque países diferentes têm níveis educacionais diferentes, a mesma tecnologia não está igualmente disponível em todo o mundo. Não está igualmente disponível para o Brasil e para a Bolívia, e não está igualmente disponível para os Estados Unidos e para a Coreia do Norte.



DIOGO: Jared, você é um mestre contador de histórias. Mas há algumas histórias que são mais difíceis de contar do que outras.

Histórias nas quais você tem grandes pessoas, geralmente grandes homens, são mais fáceis de contar do que histórias que vêm da sociedade civil, de ordens emergentes. Quais são as histórias deles que deveríamos fazer um esforço maior para poder contar?



JARED: Essa é uma boa pergunta. Uma grande pergunta. Quais são as histórias que deveríamos estar fazendo mais esforço para contar? Há tantas histórias, mas eu começaria por todas as histórias da História. Podemos aprender com a História. Tudo já foi experimentado na História. Os governos tentaram de tudo. Algumas coisas funcionaram bem e algumas coisas funcionaram mal. Podemos aprender com a História. A História é uma série de lições que foram levadas a cabo. Assim como as biografias... podemos aprender com as biografias das pessoas. Algumas pessoas fizeram coisas pequenas, outras fizeram coisas idiotas... nós podemos aprender com as biografias das pessoas. Da mesma forma, podemos aprender com as biografias de países, podemos aprender com a História e, portanto, quando você me pergunta que histórias o mundo deve contar, há muitas histórias, mas talvez na primeira linha, viriam as histórias da História: as coisas que os países fizeram bem no passado e as coisas que os países fizeram mal no passado, para que possamos repetir as coisas boas e possamos evitar repetir as coisas ruins.



DIOGO: Até que ponto você está confiante sobre os países ao redor do mundo estarem realmente aprendendo lições da atual pandemia? Você acha que temos o risco de realmente não aprender as lições da Professora COVID, como você a chamou?



JARED: É claro que corremos o risco de não aprender com a professora COVID. Temos a possibilidade de aprender com a professora COVID, assim como quando ensino meus alunos de graduação na Universidade da Califórnia. Alguns de meus alunos aprendem com o que eu falo e se dão bem nos exames, e alguns de meus alunos não aprendem com o que eu falo e não se dão bem nos exames. Como posso avaliar as chances de que o mundo aprenda e domine a COVID? Eu sou um otimista cauteloso.

Não sou um pessimista, mas digo que sou um otimista cauteloso. Com isso, não estou dizendo que o problema da COVID é um problema simples, e que é claro que vamos resolver o problema com a COVID. Eu reconheço que é um problema difícil, mas é um problema que nós mesmos causamos. Por termos causado o problema, temos o potencial de resolver o problema. Se você me pedir para citar as probabilidades, eu estimaria como de 51% de resolvermos a COVID, a mudança climática e o esgotamento de recursos, e eu classifico as probabilidades como de apenas 49% de não resolvermos a COVID, a mudança climática e o esgotamento de recursos. Eu sou um otimista cauteloso. Basicamente, eu sou um otimista cauteloso porque nós, humanos, estamos causando nossos problemas.

Não é que os problemas do mundo se devam a um asteroide no espaço sideral que se dirige a nós, como o asteroide que exterminou os dinossauros, um asteroide que é imparável. Em vez disso, nossos problemas são paráveis. Estamos causando-os, e porque os estamos causando, podemos optar por deixar de causá-los. Será que escolheremos parar de causá-los? Eu avalio a chance em 51% de que sim, que escolheremos parar de causá-los.



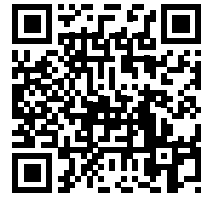
DIOGO: Professor, acho que o senhor nos tornou mais cautelosos, mas também mais otimistas. Muito obrigado pelo seu tempo, por estar aqui conosco hoje, e espero que da próxima vez você possa estar aqui pessoalmente. Agradecemos por seu tempo e esperamos ter aprendido com a professora COVID, mas também que o mundo aprenda com o professor Jared Diamond. Muito obrigado.



JARED: Obrigado.



Plataformas Colaborativas Para Provocar Mudanças



Jimmy Wales

Apresentada em 9 de novembro de 2021, na 7ª Semana de inovação: Ousar Transformar.



Moderador da palestra:

Diogo G. R. Costa

Resumo da palestra: Os principais tópicos abordados nesta palestra são centrais para os debates contemporâneos: participação, comunicação, desinformação, fake news, censura e liberdade de expressão. Para tanto, o palestrante fala sobre plataformas colaborativas e como elas inspiram governos e sociedades a lidarem com dilemas atuais. Além disso, Jimmy Wales também responde a algumas perguntas populares do público.

Palavras-chave: Participação; Desinformação; Fake news; Censura; Liberdade de Expressão; Plataformas Colaborativas.



DIOGO: Participação e colaboração, desinformação, fake news, censura e liberdade de expressão. Esses são temas no centro dos debates contemporâneos e, também, no centro do debate que teremos agora. Para abrir o Palco Astro, receberemos Jimmy Wales, fundador da Wikipédia, para conversar sobre como plataformas colaborativas podem inspirar governos e sociedade a lidar com dilemas contemporâneos. Jimmy Wales é um futurista e líder em tecnologia, é um dos nomes proeminentes da história da internet, fundador da Wikipédia e da WT Social. Wales figura em listas importantes, como as “100 pessoas mais influentes” da revista Times e líderes do Fórum Econômico Mundial. Com vocês, o fundador da Wikipédia, Jimmy Wales.
- Olá, Jimmy!



JIMMY: Olá! Obrigado por me receber! Ótimo! Posso começar?



DIOGO: Sim, por favor. Vá em frente!



JIMMY: Muito bem! Esta noite, eu vou falar sobre os temas que foram mencionados na introdução. Assim, eu encontrei um conceito um tanto divertido: “Nós somos todos humanos, vamos libertar a internet das máquinas”. Então, na verdade, este conceito fala sobre o lado humano de como a Wikipédia funciona. Além disso, sobre como é importante pensar sobre os algoritmos que estão em execução na internet e como eles estão contribuindo, positivamente ou negativamente.

Em vista disto, vamos voltar um pouco e discutir os primórdios da Wikipédia. A origem da Wikipédia é, para todos nós, imaginar um mundo em que cada pessoa do planeta tem acesso livre à soma de todo o conhecimento humano. Logo, é isso que estamos fazendo na Wikipédia. Portanto, veremos onde estamos hoje, para entendermos quão longe chegamos.

Dessa forma, Wikipédia é vista todos os meses por mais de um bilhão e meio de dispositivos. Entretanto, isto não significa, necessariamente, um bilhão e meio de pessoas, uma vez que a maioria das pessoas veem Wikipédia em seu telefone celular e também em seu computador. De qualquer maneira, um bilhão e meio de dispositivos é muita coisa! Além disso, nós achamos que são 700, 800, 900 milhões de pessoas por mês. Por conseguinte, são mais de 50 milhões de acessos em Wikipédia, nas suas 288 línguas. Mas, na verdade, há outras línguas além destas. Quando eu olho para estes números, estas são as línguas que estão completamente lançadas. Há novas línguas sendo lançadas a todo momento, mas, algumas delas são bem pequenas. Então, eu me ateno àquelas que realmente já estão em funcionamento. No entanto, se contarmos todas as línguas, são mais de 300 agora.

Sendo assim, onde nós começamos? É algo realmente fascinante! Quero dizer, nós vivemos numa era de tecnologias e algoritmos, mas é claro que a Wikipédia veio de um começo muito mais simples. Na realidade, esta era a aparência inicial da página, no primeiro dia em que criei a Wikipédia. Quando instalei o software. Então, você pode ver o logotipo da bandeira americana, que ficou ali por um curto período de tempo. Aconteceu de ser o que eu tinha no meu computador na época. Era apenas um arquivo que estava lá.



Depois disso, eu digitei, como vocês podem ver: “Olá, mundo!”. E, essas foram as primeiras palavras da Wikipédia. Ademais, esse software inicial era tão primitivo... Isso é algo surpreendente de se ouvir, mesmo hoje em dia. No começo, não havia contas reais. Você podia fazer login como qualquer pessoa. Isto significava que você podia se dar um nome de usuário, mas não havia senhas. Então, qualquer um podia fingir ser outra pessoa. E isso era muito maluco. Além disso, muito pouco histórico era mantido inicialmente. Somente eram mantidas as revisões mais recentes, nada além disto. Mas nós rapidamente mudamos isto, para que todas as revisões anteriores fossem mantidas.

Então qual foi o resultado disso? Bem, muitas dessas ideias não eram muito boas. Nós lançamos dessa forma porque não tínhamos dinheiro. Assim, eu usei um pacote de um software Wiki de código aberto, chamado UseModWiki que, apesar disso, não era terrível. Nós éramos uma comunidade unida e ninguém estava prestando muita atenção em nós.

Era apenas nosso pequeno projeto, pois estávamos só começando a trabalhar e a pensar em como construir uma enciclopédia, de uma forma que ninguém antes havia feito. Depois, nós obviamente introduzimos senhas reais e etc. Além disso, nós começamos a melhorar o software à medida que íamos aprendendo o que precisaríamos para fazer a Wikipédia. Por outro lado, o que ainda permanece hoje é: vulnerabilidade deliberada, que é parte da filosofia da Wiki. Dessa forma, é muito fácil participar da Wikipédia.

Você pode acessar mais de 99% das páginas da Wikipédia, clicar em editar e modificar o que quiser. Apesar de que, obviamente, há muitas pessoas monitorando e vigiando. Mas nós gostamos muito desta facilidade de entrada. É muito simples começar na Wikipédia, pois nós tentamos não barrar as entradas. Ao invés disto, o que fazemos é focar em responsabilização (accountability). Deste modo, eu tenho essa analogia que eu gosto de contar às pessoas, para que possam pensar em questões relativas ao projeto (design) da Wikipédia. Assim, eu os convido a imaginar que os tenham pedido para projetar um restaurante. Uma folha de projeto em branco, na qual você pode projetar da forma que quiser.

E eu não quero dizer somente a aparência interna, mas todo o conceito de como um restaurante funciona. Então, você pensa: “Ok, no meu restaurante, eu gostaria de servir bifos porque eu gosto de bifos. E, se as pessoas vão comer bife, então, eu sei que eu terei que dar facas a eles. Mas, se há uma coisa que sabemos sobre as pessoas com facas, é que elas podem se esfaquear. Algo terrível pode acontecer.”

Então você pensa: “Ok, nós podemos resolver este problema colocando todos em celas. Nós prendemos todos, separando-os dos demais, para que eles não possam machucar uns aos outros”. No entanto, isto é obviamente ridículo. É uma ideia muito boba porque, se nós projetarmos as coisas desta maneira na sociedade, nós teremos uma má sociedade, uma sociedade de desconfiança, em que presumiríamos o pior de todos e nós não teríamos abertura, nem colaboração. Ao invés disso, nos concentraríamos apenas em projetar para as pessoas más do mundo. Portanto, eu não acho que deveríamos fazer isso.

Eu acho que devemos, prioritariamente, projetar para as pessoas boas. Então, foi assim que a Wikipédia cresceu ao longo dos anos. Ademais, há muita coisa escrita na Wikipédia sobre como a Wikipédia funciona, quais são todas as diretrizes editoriais e as regras, e assim por diante. Além disso, tudo se resume a esses cinco pilares que surgiram ao longo do tempo, nos primeiros anos da Wikipédia, como sendo nossos princípios fundamentais. Em primeiro lugar, Wikipédia é uma enciclopédia.

Isto significa que não é um fórum de discussão aberto. Não é um lugar para vir e oferecer opiniões sobre tudo no mundo. É um tipo muito específico de trabalho com referências, que resume o conhecimento humano. No segundo princípio, a Wikipédia é escrita de um ponto de vista neutro. Esta foi uma das primeiras coisas que eu escrevi sobre a Wikipédia. Portanto, o ponto de vista neutro não é negociável. Na verdade, nós não tivemos grandes discussões sobre se deveríamos ser políticos, se deveríamos ter uma agenda específica, seja pró religião ou contra religião, “pró” isto ou aquilo. Esta não é a maneira da Wikipédia. A maneira da Wikipédia é tentar, ao máximo, ser o mais neutro possível. Em outras palavras, apresentar todos os lados de cada questão, de uma forma justa, para que, assim, o leitor possa aprender, e então, compreender e tomar suas próprias decisões. O terceiro pilar é que a Wikipédia é licenciada livremente. Tudo na Wikipédia está sob licença gratuita. Assim, isso é semelhante a um software livre, um software de código aberto, como vocês provavelmente sabem.

Isto significa que você tem o direito de copiar, modificar e redistribuir versões modificadas. Eu acredito que você possa fazer estas coisas de forma comercial ou não comercial. Portanto, este é de fato uma parte central da nossa filosofia. Quando as pessoas estão contribuindo para Wikipédia, elas não estão somente contribuindo para este projeto humanitário, elas estão contribuindo para um depósito de conhecimento, que pode ser reutilizado e redirecionado de muitas diferentes maneiras. Na verdade, nós vemos hoje em dia, por exemplo, que se você fizer uma pergunta à Siri, da Apple, ou à Alexa, da Amazon, ou mesmo ao Google, muito frequentemente você obterá uma resposta que é lida diretamente da Wikipédia. E isto acontece porque nós fazemos com que essas informações estejam disponíveis gratuitamente, para que todos possam reutilizá-las como bem entenderem.

O quarto pilar é um que eu acho que tem sido crucial para ajudarmos a evitar grande parte da natureza tóxica do que está acontecendo na maioria dos sites sociais. Antes de tudo, os Wikipedians (pessoas que contribuem para a escrita da Wikipédia) devem ser respeitosos e civilizados. Portanto, a regra original para isto era “sem ataques pessoais”. A ideia aqui é que estamos tentando escrever uma enciclopédia. Então, se você quiser gritar com as pessoas ou insultá-las, há muitos outros lugares na internet para isto, mas nós (Wikipédia), temos uma missão.

Nós temos um trabalho: criar uma enciclopédia. E nós devemos ser gentis e respeitosos uns com os outros. Além disso, nós devemos pensar no que estamos dizendo. Assim, nós devemos tentar ver o melhor nas pessoas, para que possamos apresentar o melhor na enciclopédia. Finalmente, talvez a regra ou pilar mais surpreendente da Wikipédia é “ITR” (IAR – Ignore All Rules) que significa “Ignorar Todas as Regras”. Esta é uma regra estranha de se ter, mas nós a temos. E o que isto significa? Isto não significa caos. Significa que você não precisa aprender todas as regras da Wikipédia para que possa ser capaz de participar. Se você encontrar uma maneira de melhorar a Wikipédia, apenas faça isso e não se preocupe demasiadamente com as regras.

Pois se quebrar uma pequena regra, as pessoas não devem se enfurecer com você. Ao invés disso, elas devem te ajudar, ensinar e trazer você a bordo. A ideia é: devemos sempre nos lembrar que as regras não são tão importantes quanto o objetivo. Portanto, o objetivo é fazer com que a Wikipédia seja uma ótima enciclopédia. Além disso, nós somos uma organização muito incomum. Nós somos o quinto website mais popular do mundo. Nós temos uma quantidade imensa de tráfego. Incrivelmente, nós somos tão famosos quanto os maiores nomes de marcas da internet. Apesar disto, nós somos filantrópicos.

Somos uma organização sem fins lucrativos que eu fundei há muitos anos atrás. Agora, a Wikipédia tem 20 anos e a Fundação Wikimedia, eu fundei alguns anos depois. Por causa disto, na verdade, há um enorme impacto em como pensamos sobre o que estamos fazendo, em como tomamos decisões, e assim por diante. Eu falarei mais disso, quando avançarmos, quando falarmos sobre como as coisas estão acontecendo na internet nos dias de hoje. Portanto, nós ocupamos um lugar singular na cultura.

Wikipédia é um site comunitário (community site) e somos um site sem fins lucrativos. Além disso, nós não usamos algoritmos, exceto de maneiras muito mínimas. E nos esforçamos muito para sermos factuais e neutros. Então nós realmente vivemos em um mundo pós-fato? Esta é uma expressão que as pessoas têm usado nos últimos anos. Assim, tem havido muita preocupação com o aumento da desinformação e da falta de informação. Vamos analisar isto por um momento. Nesse sentido, dentro da Wikipédia, somos muito apaixonados pelos fatos. Consequentemente, Wikipédia gasta uma quantidade enorme de tempo debatendo sobre fontes confiáveis, sobre o que é verdade. Mas o que está acontecendo fora da Wikipédia? Bem, fora da Wikipédia, temos notado algo: o crescimento dos modelos de negócio baseados somente em publicidade.

E isto tem sido algo incrivelmente destrutivo. Tem sido destrutivo para o jornalismo e para as mídias sociais. Então, vou explicar porquê, pois acredito que seja um conceito muito importante. Primeiramente, algo que precisamos entender é que o modelo de negócio sempre gera incentivos. O que quer que o seu negócio faça para ganhar dinheiro, isto é o que vai determinar o que o seu negócio faz. E isto é verdadeiro, tanto para organizações sem-fins-lucrativos, tanto para aquelas com fins lucrativos. Não importa se é sem fins lucrativos ou com fins lucrativos. Seja qual for o seu modelo de negócio, isto é o que direcionará os incentivos da organização. Além disso, as mídias sociais baseadas somente em publicidade querem que você se mantenha clicando. Querem que você se vicie. Querem você indignado. Elas querem te manter no site o maior tempo possível. Em outras palavras, engajamento é a palavra da moda, e isto é muito ruim, pois leva a coisas como “Isca de cliques” (Clickbait).

Nós todos sabemos que “Isca de cliques” são as manchetes ou imagens gritantes, que fazem você clicar mesmo que você não esteja necessariamente tão interessado. Mas é algo muito tentador para clicar. Às vezes, as pessoas me perguntam: “Por que você não coloca publicidade na Wikipédia? Você poderia colocar alguns anúncios na Wikipédia e ganhar muito dinheiro. Você não teria que pedir doações”. No entanto eu penso: “Bem, a Wikipédia poderia acabar ficando com essa aparência:”



Se você reconhecer esse layout, é o layout do MailOnline. Que é, de certa forma, o site de notícias mais popular do mundo, e está cheio de “Isca de cliques”. É “Isca de cliques” no sentido de ter todas essas manchetes sobre celebridades e dramas. Além disso, estes são tipos de anúncios muito clichê, que fazem você clicar. Portanto, eu não acho que ninguém queira que a Wikipédia fique assim. Eu penso na Wikipédia como um templo da mente. É um lugar que você vai para pensar, aprender, refletir... então, nós evitamos esse modelo. Além disso, esse modelo não apenas faz com que o website seja um tanto desagradável, ele, na verdade, faz algo muito mais prejudicial. Por exemplo, aqui está uma foto absolutamente linda.



Eu acho esta foto muito interessante. Ela está mostrando o sol nascendo em Pequim, numa televisão gigante. Você pode ver um dia enevoado, com muita poluição. E esta imagem está acompanhada pela seguinte notícia no MailOnline: “China começa a televisionar o nascer do sol em telas gigantes porque Pequim está muito enevoadada e poluída”.

Bem, esta é uma história humana muito interessante, que gera interesse. Ela conta uma história sobre a China. Conta uma história sobre a poluição. Porém, o único problema com esta história é que ela não é verdadeira e tem sido amplamente desmascarada online: “Não, as pessoas na China não têm que ver o pôr do sol, ou mesmo o nascer do sol, numa televisão gigante”. O anúncio não fala sobre isto. Acontece que é simplesmente um outdoor de publicidade dizendo: “Venha visitar essa parte da China em que temos lindos nasceres do sol e é um ótimo lugar para os feriados”. Portanto, a foto não tem nada a ver com a poluição.

Dessa maneira, como você pode imaginar, se você fizesse login em uma rede social e convidasse seus amigos, mas todos tivessem que pagar, eles não iriam aderir. Consequentemente, não haveria pessoas suficientes nestes sites. Portanto, seria um tanto difícil ter uma mídia social. Diante disso, como vimos, este modelo de negócio, baseado unicamente em publicidade, é uma fórmula que leva à destruição de valores humanos importantes, uma vez que leva às “Isclas de cliques” e a tecnologias viciantes. E isto não está certo. Por isso, que tal pensarmos numa abordagem diferente? Vamos pensar porque a Wikipédia funciona. Vamos pensar num modelo de negócio como o da Wikipédia.

Nesse sentido, o modelo de negócio da Wikipédia é essencialmente este: as pessoas só pagam se elas acharem que a Wikipédia faz suas vidas significativamente melhores. Assim, nós não temos incentivos para mantê-los clicando. Nós não temos incentivos para fazê-los se viciar ou ficar indignados. Isto é na verdade algo muito simples. Nosso incentivo é cuidar da sua mente. O que queremos é que, quando aparecer um pequeno anúncio que diz: “Você gostaria de doar para a Wikipédia?”

Queremos que você pense: “Uau, Wikipédia é boa. Wikipédia é algo importante na minha vida, então eu deveria enviar um pouco de dinheiro”. E é o que as pessoas fazem. Portanto, este modelo tem sido incrivelmente bem sucedido para nós. Nós conseguimos dinheiro o suficiente para sobreviver. Na verdade, nós inclusive conseguimos criar nossa reserva todos os anos. Porque nós temos um modelo financeiro forte, que realmente está funcionando.

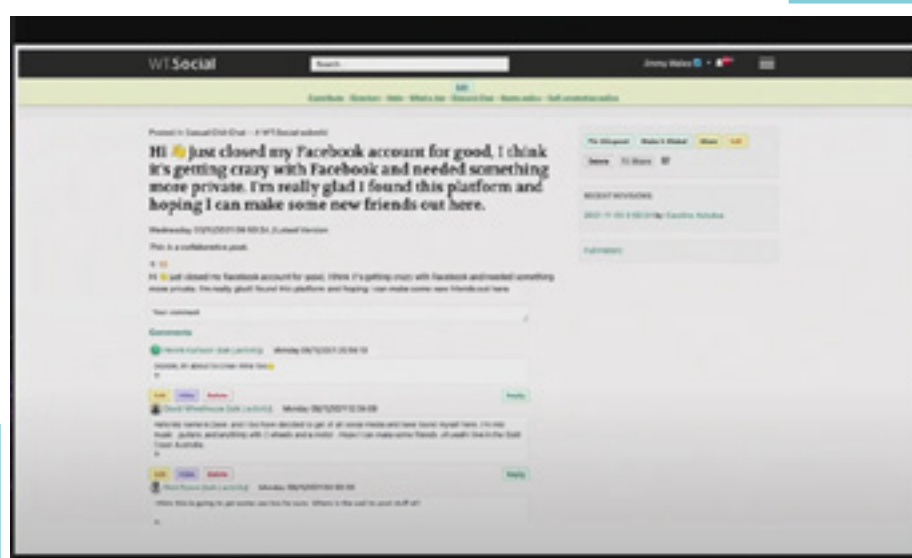
Portanto, eu acho que nós deveríamos pensar sobre isto. Só precisamos que uma pequena fração de pessoas pague para manter o serviço funcionando. A maioria das pessoas não paga. E está tudo bem. O importante para manter a Wikipédia funcionando é uma forte comunidade de pessoas que se importam em fazer a coisa certa. Assim, contanto que tenhamos uma comunidade saudável, que seja apaixonada por fazer com que a Wikipédia seja a melhor possível, então, nós saberemos que um número suficiente de pessoas doaram para ajudar-nos com nosso trabalho, para mantê-lo funcionando.

E isto está realmente funcionando para nós. Dessa forma, a maneira Wiki nos ensina que a resiliência é a chave. Vamos voltar um pouco e pensar sobre a analogia que fiz antes: a Wiki funciona não porque não permitimos pessoas más de fazerem edições. Ao contrário, elas são permitidas, ao menos por um tempo, até que sejam banidas. A Wikipédia funciona porque damos às boas pessoas as ferramentas para tornar as coisas resilientes. Se voltarmos à analogia das facas de bife, o que acontecerá quando alguém ataca? Bem, isto de fato acontece. É raro, mas acontece. E o que fazemos? Bem, às vezes nós vemos pessoas corajosas, que irão saltar e agarrar “o cara mau”, derrubá-lo, para salvar as pessoas e parar o ataque. E algumas pessoas chamarão a polícia. Outras chamarão a ambulância. E assim, resolveremos o problema. Entretanto, às vezes, teremos uma tragédia. Não é possível fazer tudo perfeitamente.

Mas, em geral, nós aceitamos que há um pequeno risco de que algo ruim aconteça. Por esta razão, nós construímos sistemas que são resilientes, para que a coisa não seja um desastre completo e para que as pessoas más não ganhem, em última análise. Assim, poderemos ter sociedades saudáveis e felizes e que também sejam abertas. Portanto, não se esqueça da parábola das facas de bife. Eu acredito que é extremamente importante pensar sobre como construir sociedades melhores, culturas melhores e mais abertas. E também, entender que não é possível fazer as coisas de forma perfeita, mas que nós podemos construir para que sejam mais saudáveis e resilientes. Além disso, eu tenho um novo projeto piloto. Eu os convido a conferi-lo. Ele se chama WT. Social, no qual estou tentando aplicar essas ideias de redes sociais.

Trata-se de um site onde não temos publicidade, nem paywall (local do site reservado a pessoas que pagam). Em vez disso, temos pagamento voluntário. Assim, quando você se inscrever no site, vamos pedir-lhe: “Você gostaria de pagar?”. Se você não quiser pagar, apenas diga: “Não, eu não quero pagar”. E está tudo bem.

Mas, por favor, pague. Nós podemos usar esse dinheiro. E a ideia é, por assim dizer, tentar uma estratégia diferente. Nesta estratégia, não teremos incentivos para mantê-lo no site tanto quanto possível. Nós não teremos incentivos para fazer com que se vicie, para que possamos mostrar mais publicidade. Ao contrário, temos incentivos para construir algo significativo para sua vida, para reunir pessoas de qualidade, para pensar em ideias com você, para fazer sua vida melhor, de várias formas. Dessa forma, se fizermos um bom trabalho, então, eventualmente, as pessoas dirão: “Quer saber? Isso vale a pena. Eu vou enviar um pouco de dinheiro para contribuir para que continue funcionando”. Aqui está uma ótima postagem, que foi postada ontem: “Eu acabo de fechar minha conta do Facebook de vez. Eu acho que as coisas estão saindo do controle no Facebook e eu precisava de algo mais privado. Eu estou muito contente de ter encontrado esta Plataforma. Espero que eu possa fazer novos amigos aqui”.



Bem, nós somos uma comunidade pequena, mas nós amamos ver isto. Nós adoráramos ver mais pessoas aderindo, que dissessem: “Eu não gosto do que estou vendo por aí, nas mídias sociais. Eu vou tentar algo novo, algo mais saudável”. Então, esperamos que possamos construir algo maravilhoso. Bem, muito obrigado! Este é o fim das observações que preparei. E, então, acredito que temos tempo para algumas perguntas. Eu acho que a primeira pergunta foi: “Porque você acha que não temos mais plataformas como a Wikipédia?”.

Então... eu acho que a resposta é: o modelo de publicidade tem sido muito fácil. Por muito tempo, nós não tivemos, na internet, formas de pagamento tão boas quanto gostaríamos. Entretanto, elas têm se tornado melhores. Assim, nós temos visto que os jornais, por exemplo, têm se adaptado para cobrar por conteúdo, o que é muito útil. Em outras palavras, são jornais que você tem que pagar para se inscrever (e ter acesso ao conteúdo). Novamente, eles têm incentivos diferentes dos jornais que simplesmente querem o máximo de cliques possível e eu acho que isso ajuda muito. Além disso, eu estou muito interessado no que virá, no que as pessoas estão chamando de Web Three, pagamentos ativados, usos da rede, tipos de contrato, como os da criptomoeda Ethereum. Isto é uma bolha agora. Há muita propaganda exagerada. Mas eu acho que estamos começando a ver algumas ideias interessantes surgindo.

Portanto, elas podem nos levar a um novo conjunto de modelos de negócio para a web. Sempre me fazem esta pergunta: “Qual conselho eu daria para pessoas que estão interessadas em inovação?”. Tendo isso em vista, uma das coisas que eu sempre falo é sobre a importância de estar confortável com o fracasso. Isto é um fato sobre a inovação: se você estiver tentando inovar, fazer algo diferente, algo novo, então, muitas vezes não funcionará, as coisas falharão. Conseqüentemente, as organizações precisam pensar sobre resiliência. Elas precisam pensar que, frequentemente, as coisas falharão. Portanto, elas precisam ser capazes e estarem confortáveis com isto. Além disso, há um mito sobre o empreendedorismo que surgiu ao vermos algumas pessoas como Bill Gates ou Elon Musk:

Parece que eles nunca tiveram um projeto que falhou... ou ainda, que muito jovens, eles tiveram uma ideia brilhante, que foi direto para a lua, e eles se tornaram incrivelmente famosos. Mas não é assim que as coisas funcionam para a maioria dos leitores. Não é desta maneira para a maioria das inovações. A maioria das inovações incluem tentativa e erro. Envolve cometer erros. Portanto, eu acho que as pessoas realmente precisam estar confortáveis com isto. Especialmente as pessoas jovens, que estão tentando fazer algo inovador.

E isto pode ser em contexto de negócios, como empreendedor, ou mesmo em governos, uma vez que é muito fácil seguir o mesmo caminho que todo mundo está seguindo. Porque, então, se você falhar, tudo bem. Todos falham, pois o sistema não está funcionando. Por outro lado, demanda-se um pouco de coragem para estar pronto para dizer: “Não, vamos tentar algo diferente, que pode não funcionar. Pode ser que falhemos”.



DIOGO: Muito obrigado por responder algumas das perguntas mais populares. Bem, uma outra pergunta popular dentro da nossa plataforma é sobre como a maioria das redes sociais tem incentivos que favorecem a polarização e a agitação, em detrimento da aprendizagem e da persuasão: “O que podemos fazer para tornar o ambiente online mais como o Wikipédia e menos como o Twitter?”.



JIMMY: Eu acho que isso é muito difícil, dados os modelos de negócio atuais. Portanto, eu acho que este seja um problema real e, nós, como consumidores e usuários, deveríamos nos manifestar. Na realidade, nós deveríamos começar a deixar essas plataformas, se elas não estão nos satisfazendo. Por exemplo, eu uso o Twitter. Mas eu não uso mais tanto o Facebook, eu só vou lá quando eu quero conversar com alguns amigos antigos, com os quais eu estou mais conectado pelo Facebook. Entretanto, como algo diário, eu decidi que eu não o acho útil, nem agradável. Por outro lado, eu acho difícil o mundo deixar o Twitter porque é viciante. E esse é o problema com as tecnologias viciantes. Além disso, há muitas pessoas muito boas no Twitter. No entanto, o problema é que a plataforma é realmente projetada em torno do conflito e isso não é muito útil.

Então, para mim, uma coisa que eu pessoalmente fiz foi instalar uma extensão no navegador que limita a quantidade de tempo em certos websites por dia. Assim, quando estou trabalhando, durante meus dias de trabalhos, eu só me permito 10 minutos no Twitter. Porque eu preciso dele, por motivos de trabalho. Eu faço postagens lá. É importante estarmos lá. Mesmo assim, eu acho que este é o tipo de coisa que precisamos começar a fazer. Portanto, devemos dizer: “Olha, vamos limitar nossa interação com as tecnologias que não achamos mais úteis nas nossas vidas”. Ademais, eu não acho que haja nada de cima para baixo, que os governos possam fazer para corrigir isto.

Acho que é parte da natureza humana. Mas é também uma oportunidade para a inovação, para pensarmos em diferentes modelos de negócio, diferentes tipos de plataformas sociais que sejam otimizadas em torno de uma psicologia saudável e de ideias mais sadias. Eu quero dizer que, mesmo agora, como eu disse, eu ainda uso o Facebook para me conectar com velhos amigos. Eu acho realmente maravilhoso que você possa ver fotos dos filhos de seus amigos, que você não vê há muito tempo, e todas essas coisas. No entanto, evitar as partes más dessas tecnologias tem se tornado algo incrivelmente importante nos dias de hoje.



DIOGO: Uma outra pergunta do público: “O que podemos aprender com a iniciativa colaborativa Wikipédia para aprimorar serviços como educação e saúde pública?”



JIMMY: Bem, em muitas organizações, ainda há uma visão demasiadamente hierárquica de como a informação deve fluir. Desta maneira, há os grandes chefes e os departamentos, então a informação flui de cima para baixo, e para baixo, e assim sucessivamente. Em outras palavras, essas organizações não são horizontais e abertas, da mesma forma que a Wiki é. Portanto, eu acho que se quisermos colaboração e que as pessoas aprendam umas com as outras, temos que reconhecer que a organização precisa fazer algumas mudanças.

E isto pode acontecer na educação ou em qualquer outro tipo de serviço governamental. Assim, a ideia é dizermos o seguinte: “Olha, nós temos trabalhos específicos que temos que realizar, mas nos dias de hoje, precisamos ser mais abertos a ideias de qualidade vindas de qualquer parte da organização”.

Por exemplo, podemos encorajar a colaboração e ajudar para que se desenvolva misturando pessoas de diferentes áreas, não estruturando as coisas de maneira tão hierárquica e rígida. E também, ter uma cultura que diga: “Às vezes vamos ter conversas de uma forma positiva, sem ter um objetivo específico, para, por exemplo, melhorar o posicionamento do nosso departamento, ou o que seja. Nós estamos apenas tentando entender melhor o mundo, para que nós, como uma organização, possamos ser mais resilientes”.



DIOGO: Jimmy, o que você acha sobre as leis sobre remoção de conteúdos agora mesmo? No Brasil, o congresso está discutindo um projeto de lei sobre remoção de conteúdos chamada “Lei das Fake News”. Outros países também têm avançado para permitir aos governos remover conteúdos que sejam considerados falsos ou contra o interesse público, ou mesmo pelo direito de serem esquecidos. Então: “Qual é a sua opinião sobre estes tipos de políticas?”



JIMMY: Eu acho que, em geral, elas são muito perigosas. Embora elas pareçam boas as pessoas conseguem entender que há um problema. O risco real é que, muito frequentemente, são os próprios governos que estão promovendo essas informações falsas. Assim, tomemos o exemplo dos Estados Unidos, porque é muito famoso.

Eu não acho que ninguém diria que estaríamos melhores se Donald Trump tivesse podido remover notícias das quais ele não gostou, sobre os resultados da eleição. Apesar de ser um exemplo um tanto dramático, ele mostra como podemos ir para uma direção muito ruim. Entretanto, isto não aconteceria nos Estados Unidos por causa da “Primeira Emenda”.

Mas, claro, em outros lugares do mundo, as leis podem ser muito mais flexíveis em torno da liberdade de expressão. E eu acho que isso é problemático. Por isso, em geral, isto não é algo que eu apoie. Ao mesmo tempo, eu acho que algumas reformas são possíveis. Particularmente, reformas em torno do assédio, ameaças de violências e coisas assim, as quais nem sempre são tratadas de modo apropriado. Além disso, a maioria dos países não está investindo dinheiro suficiente na investigação de crimes cibernéticos e fraude, e estes são os reais problemas, sobre os quais podemos fazer alguma coisa. Mas eu acho que é muito perigoso permitir que os governos comecem a decidir quais ideias são verdadeiras e quais são falsas. Nós sabemos que, normalmente, isto não acaba muito bem.



DIOGO: Obrigado! Uma outra pergunta da audiência: “Como podemos alcançar mais diversidade e representatividade em ambientes polarizados e perfis falsos?”



JIMMY: Eu acho que é uma pergunta muito interessante e muito difícil. Para plataformas de redes sociais, realmente depende do contexto e da natureza do que eles estão tentando fazer. Por exemplo, se nós pensarmos sobre o que eu chamo de “velho Facebook”... o Facebook era sobre conectar-se com seus amigos e conversar com eles. E esse não é um ambiente particularmente diverso, mas tampouco esta falta de diversidade é especialmente um problema, embora isso reflita um problema mais amplo da sociedade. Mas isto é uma outra história. Quando olhamos para uma transmissão voltada para o público, seja ela no Facebook ou no Twitter, há uma questão muito complicada em torno de como eles podem manter um ambiente tanto aberto, quanto de liberdade de expressão, que é algo que eles querem muito.

Por outro lado, isto é muito mais difícil do que o que estamos tentando fazer na Wikipédia, onde dizemos: “Nós não somos um ambiente aberto e de liberdade de expressão. Somos uma enciclopédia”. Portanto, precisamos de fontes, e assim por diante. Mas, se você tiver uma caixa na tela que diga: “O que você está pensando? Digite seus pensamentos aleatórios.” Algumas pessoas vão ter pensamentos terríveis, e outras pessoas vão dizer coisas abusivas. Nesse sentido, estabelecer essa linha é extremamente difícil. Assim sendo, minha solução para isto, mesmo que seja imperfeita, é a que estamos trabalhando na WT.Social.

Uma moderação de conteúdo de cima para baixo, feita por uma empresa, nunca vai escalar muito bem. Nunca será eficiente, uma vez que demandará que a empresa tome decisões sobre coisas que são muito difíceis para ela compreender. E, para mim, o melhor exemplo, ou a melhor ideia, é colocar mais poder nas mãos dos usuários. Em outras palavras, encontre os usuários mais confiáveis.

Então, dê a eles o poder de controlar o ambiente e confie que eles o farão, porque não é possível escalar os problemas. E, esta é, de fato, a maneira da Wiki de dizer: “Olha, a Fundação Wikimedia não pode decidir o que é verdade ou não, mas nós temos uma ótima comunidade. Assim, nós tornamos as pessoas administradoras, que são ótimas pessoas, e elas controlam o que está acontecendo”. E isto funciona razoavelmente bem.



DIOGO: Uma outra pergunta da nossa plataforma é sobre a Esclerose Institucional. A Esclerose Institucional acontece quando os sistemas se tornam menos dinâmicos, para favorecer interesses especiais e preservar o status quo. Portanto, “Como você evita a Esclerose Institucional na Wikipédia?”



JIMMY: Bem, de alguma forma nós estamos sujeitos a ela. Assim, isto é algo em que deveríamos nos focar. Não há uma resposta mágica para isso. Eu acho que isso é um problema muito humano. “Interesses especiais”, não é como eu o enquadraria na Wikipédia, mas, a verdade é que, às vezes, nos tornamos rígidos porque estamos fazendo as coisas e elas estão funcionando muito bem por muito tempo, mesmo que nós saibamos que deveríamos permanecer abertos às novas ideias. Mas é difícil. Nesse sentido, algumas vezes as pessoas vêm com novas ideias... frequentemente, elas acham que é uma ideia nova, mas, na verdade, é uma ideia antiga, que nós já escutamos um milhão de vezes, então, nós sabemos porque ela não funcionará. Porém, nós temos que realmente focar em nossas mentes e nos esforçar para tratar qualquer ideia nova que surja com respeito. E dizer: “Ok, olha, nós sabemos o que estamos fazendo. E achamos que está funcionando muito bem. Apesar disso, nós também achamos que podemos melhorar”. Portanto, nós devemos ouvir. Temos certas áreas da Wikipédia, como as políticas da Wikipédia, onde eu de fato acho que temos um problema. Por exemplo, quantos administradores temos nas grandes versões linguísticas da Wikipédia? Bem, se tornou muito difícil virar um administrador porque, há muitas barreiras a serem superadas.

Por um lado, há boas razões para isso mas, por outro, isso significa que nós não estamos conseguindo administrar o suficiente. Sabemos qual é o nosso problema e eu acho que a maioria dos Wikipedians concordam com isso. No entanto, há umas 10 possíveis soluções. Assim, estamos tendo muita dificuldade em escolher entre as 10 soluções diferentes.

Então, esta é a nossa própria versão de uma área que sabemos que precisa ser modificada. Apesar disso, não conseguimos decidir sobre qual mudança fazer. Consequentemente, estamos um pouco paralizados, mas acreditamos que vamos superar isso. Posto isso, este é o tipo de coisa que eu acho que toda organização, seja ela formal, como uma empresa, ou sem fins lucrativos, ou uma organização informal, como a comunidade Wikipédia, ainda terá que enfrentar. Assim, você pode ficar muito estagnado fazendo as coisas que sempre fez. Além disso, você perderá a oportunidade de melhorar.



DIOGO: “Você conhece exemplos de organizações públicas ou partidos políticos que usam o modelo Wiki com sucesso?”



JIMMY: Eu já ouvi falar de alguns exemplos. Quero dizer, eu sei que há esforços, em diferentes partidos políticos, a maioria a nível local, que eu já vi usarem Wiki em seu trabalho, por exemplo, para trabalhar em documentos de políticas públicas, elaborar estratégias e coisas do tipo, isto é, usando principalmente como ferramenta de software. Porém, não como modelo de funcionamento, de como serem completamente abertos, como na Wiki. Wiki é uma ótima ferramenta para fazer enciclopédia.

É uma ótima ferramenta para algumas outras coisas, mas não é ótima para tudo. Entretanto, eu acho que a filosofia da Wiki (por exemplo, a ideia de abertura, de estar preparado para ouvir boas ideias de uma fonte surpreendente...), é muito valiosa. Portanto, muitos partidos políticos de sucesso deveriam fazer isto, porque, com frequência, pode ser algo que os partidos políticos vão perdendo, uma vez que não conseguem mudar sua estrutura. Em outras palavras, eles têm um certo conjunto de políticas que estão defasadas e, apesar de suas intenções serem boas, eles não estão atendendo às necessidades das pessoas, que são os eleitores. Então, eles não são eleitos. Dessa forma, eles precisam romper com este ciclo, abrir suas mentes e ouvir os eleitores.

Por isso, os partidos políticos deveriam, dados os valores em que acreditam, pensar sobre quais são as políticas que eles precisam e quais são as políticas que os eleitores precisam. Assim, é por essa razão que nem sempre nos saímos muito bem em partidos políticos.



DIOGO: Nós temos uma pergunta sobre pagamento voluntário: “Você acha que nós precisamos de mais plataformas pagas? Em caso afirmativo, como conseguimos isto sem que precisemos depender de publicidade?”



JIMMY: Eu não tenho nada contra publicidade como modelo de negócio, exceto quando ele se torna o único modelo de negócio, especialmente para o jornalismo. É muito doentio. Entretanto, nós temos visto o surgimento de novos modelos de pagamento. Muitos jornais estão percebendo que as pessoas estão dispostas a pagar. Eu acho que, em parte, sua disposição para pagar não mudou. Porém, suas opções de pagamento ficaram muito mais fáceis. O que eu quero dizer é que costumava ser muito mais difícil digitar todas as informações de seu cartão de crédito num formulário. Hoje em dia, as pessoas usam diversos serviços para administrá-las.

Assim, basta um clique no celular e seu navegador preencherá seus dados do cartão de crédito. Portanto, uma vez que os mecanismos de pagamento ficaram mais fáceis, nós somos capazes de fazer com que as pessoas paguem por conteúdos que valham a pena.

E eu acredito que este modelo poderia se estender para além do jornalismo e das notícias. Há muitas outras áreas e oportunidades para as pessoas terem serviços pagos, que sejam úteis para elas. Entretanto, eu acho que não estamos lá ainda. Eu acho que estamos no caminho para chegar lá, mas vai levar algum tempo.



DIOGO: Você mencionou a tecnologia cripto como algo que talvez devêssemos esperar no ambiente online. Você viu algum passo concreto com o qual a cripto foi usada para tornar ambientes saudáveis na internet?



JIMMY: Ainda não. Eu acho que ainda estamos muito no começo da cripto. Infelizmente, por causa do boom especulativo, isso é o que mais se vê na mídia. Claro que não há nada de errado em cobrir isto nas notícias. É muito interessante e um pouco maluco. Porém, eu acho que o mais interessante desta ideia é que você não tem uma camada de pagamento de fato integrada nas plataformas. Então, as pessoas usam a MetaMask, onde elas se conectam com websites e enviam o dinheiro imediatamente, de uma maneira muito conveniente. No entanto, só é conveniente depois de se estabelecer uma MetaMask e, mais adiante, comprar criptomoedas. Portanto, é algo nada trivial, na verdade. Nesse sentido, eu acredito que estamos vendo o começo desta tecnologia funcionando como um “módulo de pagamento” para a web.

Além disso, isto pode acabar não sendo utilizado para as criptomoedas como Ethereum e Bitcoin. Em vez disso, podemos acabar usando o mesmo tipo de tecnologia para o Dólar Americano ou para o Real Brasileiro. Em outras palavras, nossas moedas tradicionais podem se tornar mais digitalizadas, de uma maneira que faça com que os pagamentos sejam mais diretos online.

Entretanto, eu acho que isto é uma previsão para daqui a uns 5 a dez anos. Ademais, muitas coisas podem dar errado enquanto isso e eu tampouco tenho certeza disto. Mas é uma área que estou observando atentamente, porque eu acho que é muito interessante.



DIOGO: Para que tipo de assuntos você acha que a Wikipédia não é bem projetada?



JIMMY: Bem, a Wikipédia foi projetada para ser uma enciclopédia, portanto nós buscamos fontes confiáveis. Procuramos principalmente por fatos que foram provados. Entretanto, o que vemos na Fandom, que é minha empresa Wiki com fins lucrativos... eu não falei sobre ela hoje à noite, mas posso falar bem rapidamente. Ela é o website número 20 online. Lá, nós vemos Wikis sendo usados na cultura pop e em jogos, de uma forma muito mais casual. As pessoas escrevem sobre, resumem o que aconteceu em programas de TV... além disso, não há fontes de notícias, artigos científicos ou fontes acadêmicas.

Em vez disso, as pessoas assistem aos programas e escrevem sobre o que aconteceu, então elas comentam sobre os personagens e coisas do tipo. É mais casual e isso funciona lá. Apesar de que isto não funcionaria para a Wikipédia porque na Wikipédia nós precisamos de fontes. Nesse sentido, há muitas coisas... um outro exemplo é: Eu amo cozinhar. Mas, na Wikipédia, na verdade, eu não vi nenhuma receita bem sucedida.

Por outro lado, na Fandom, nós temos algumas... porque, eu acho que, de certa forma, uma receita é algo mais difícil de colaborar, uma vez que, modificar uma receita, é algo muito subjetivo. Além disso, você teria que cozinhar para ver se ela funciona, etc. Portanto, eu acho que há certas áreas em que a colaboração é muito mais difícil.



DIOGO: Quão diferente você acha que a Wikipédia seria se ela não tivesse sido fundada por você. Se ela tivesse sido fundada por outra pessoa? Quão dependente a Wikipédia é de sua personalidade e de seu estilo administrativo?



JIMMY: Esta é uma pergunta muito boa! Eu não sei... quero dizer, eu gosto de pensar que é por minha causa. Mas eu acho que é por causa da comunidade Wikipédia. Então, eu acho que há muitas pessoas por aí que compartilham os mesmos tipos de ideias. Em outras palavras, nós queremos informações de boa qualidade. Nós não queremos que nos digam o que pensar. Queremos analisar as questões de todos os pontos de vista e queremos ser minuciosos. Embora este seja o meu estilo, não é só meu, há muitas outras pessoas que pensam assim. Nós tomamos decisões iniciais na Wikipédia, quero dizer, elegimos que um ponto de vista neutro é muito importante. Nós poderíamos ter ido para uma direção diferente e terminar em outro lugar. Eu não sei... É muito difícil saber de fato como teria sido.



DIOGO: Há alguma outra língua em que a comunidade é especialmente boa na Wikipédia, que se destaca?



JIMMY: Nós estamos em centenas de línguas, portanto há línguas muito boas. Obviamente a Wikipédia alemã é bem grande e muito minuciosa. Assim, ela tem a reputação de ser bem séria. Eu sei que a Wikipédia em português enfrenta questões similares, mas talvez um pouco mais do que a em inglês. Então: em inglês, temos inglês britânico, inglês americano, inglês indiano e outras variações do inglês pelo mundo. Além disso, apesar de eu não falar português, eu entendo que o português brasileiro e o português europeu são também diferentes, e ao mesmo tempo, similares, e que por isso, às vezes eles brigam, o que não é necessário. Isso é algo interessante. Apesar disto, o que vemos em todo o mundo é que não há um monopólio em nenhuma língua em pessoas conscientes, porque pessoas conscientes trabalham duro para fazer a coisa certa, e este é realmente o ponto central para todas essas coisas.



DIOGO: Algumas pessoas na internet acreditam que pseudônimos são muito importantes para um novo futuro. Você acha que pseudônimos exercem um papel importante na Wikipédia?



JIMMY: De fato, exercem! Entretanto, é importante ressaltar que o pseudônimo é diferente do anonimato completamente aleatório, uma vez que, ao longo do tempo, os pseudônimos constroem uma reputação. Por exemplo, na Wikipédia em inglês, vocês podem não saber o nome real de New York Brad. Mas, você sabe que New York Brad é incrivelmente bom em ser um Wikipedian. Ele é incrivelmente consciente e um verdadeiro líder na comunidade porque New York Brad gerou esta reputação ao longo do tempo.

Portanto, não é importante saber o nome real da pessoa, se você observar seu comportamento no dia a dia. Então, isso funciona muito bem para nós. Além disso, uma outra função que pseudônimos exercem é para que as pessoas possam preservar os aspectos de sua vida pessoal. Às vezes, eles também são usados em casos muito sérios. Por exemplo, se você for um editor da Wikipédia numa sociedade autoritária, você pode achar útil, se quiser publicar sobre política em seu próprio país.

Mesmo que seja de uma forma neutra, é importante desconectar-se um pouco da sua identidade do mundo real porque você pode ter problemas. Mesmo que não esteja fazendo nada ilegal, mas você pode enfrentar pressões. Em outros casos mais bobos, também é interessante ter um pseudônimo. Eu sempre dou este exemplo: talvez haja este professor acadêmico muito sério, que é um grande fã de Britney Spears. Assim, ele quer escrever sobre Britney Spears sem que seus colegas de trabalho saibam. E isto está bem também.



DIOGO: Alguém está perguntando sobre o impacto que a ciência da ficção teve em você. Então, algumas de suas ideias vieram da Fundação Zack Asimov? Há outros livros que influenciaram você?



JIMMY: É uma ótima pergunta! Eu, de fato, li a série da Fundação. A maior parte dela... eu acho que é uma trilogia, mas há mais livros depois destes. Então, acho que li uns quatro livros. Mesmo que eu os conhecesse, eles não foram uma inspiração direta.

Uma pergunta similar seria sobre “O Guia do Mochileira das Galáxias”, que tem umas ideias muito divertidas sobre uma enciclopédia galáctica, que é editada por todos os tipos de pessoas. Apesar de não haver influência direta, eu presumo que essas ideias estavam lá, em algum lugar da minha mente. Eu não sei...



DIOGO: O que você vê como as principais ameaças para a Wikipédia?

JIMMY: Bem, uma coisa que me preocupa nos dias de hoje é ver os governos começando a reagir ao trabalho ruim que as mídias sociais têm feito em torno da moderação. Portanto, nós veremos leis para regular as mídias sociais sendo aprovadas, o que, acidentalmente, impactará a Wikipédia e fará com que seja difícil continuar com o nosso modelo. Quero dizer, eu não acho que gostaríamos de ver um mundo em que, de repente, a Fundação Wikimedia seja responsável por tudo o que as pessoas escrevem na Wikipédia.



Porque, então, nós não poderemos mais ter administradores voluntários e isso também começará a destruir nosso caráter voluntário. Em outras palavras, nós teríamos que desenvolver um modelo diferente.

E eu acho que isso seria extremamente insalubre. Portanto, eu espero que, à medida em que avançamos em vários lugares, o mais importante seja que os governos desacelerem um pouco e não reajam às ondas populistas do momento. Além disso, eu espero que eles pensem com muito cuidado sobre qualquer tipo de regulação que possa impactar as partes reais da internet e os espaços comunitários que não fazem parte da grande hegemonia tecnológica.



DIOGO: Jimmy, nosso tempo está acabando, mas eu ainda tenho uma última pergunta: “A Wikipédia tem mudado o mundo nos últimos 20 anos. Como você vê a Wikipédia daqui a 20 anos, no futuro?”



JIMMY: Eu acho que, de muitas formas, a Wikipédia vai ser similar em 20 anos. Assim como ela é similar hoje, mesmo que diferente, do que era há 20 anos. Nós estamos muito felizes com nosso modelo. Então, nós não vamos nos transformar no Tik-Tok, ter streaming de vídeos e esse tipo de coisa. Nós vamos continuar sendo uma enciclopédia e continuaremos a ser impulsionados pela comunidade. Eu acho que a edição se tornará mais fácil, à medida que as ferramentas se tornem melhores. Além disso, eu acho que o apoio dos voluntários deve se tornar melhor na medida em que começamos a aproveitar a tecnologia para ajudá-los a encontrar áreas que precisam ser trabalhadas e também para automatizar algumas coisas. Mas não estamos pensando em automatizar tudo, uma vez que queremos mantê-la muito humana. Portanto, eu acho que seremos muito similares em 20 anos.



DIOGO: Muito obrigado! Obrigado por seus insights e por estar aqui conosco, na Semana de Inovação 2021.



JIMMY: Obrigado!



Transformar o presente para um amanhã justo, descentralizado e cooperativo



Glen Weyl

Apresentada em em 09 de novembro de 2021, na 7ª Semana de Inovação: "Ousar Transformar".



Moderadora da palestra:
Juliana Oliveira Domingues

Resumo da palestra: Os principais tópicos abordados nesta palestra dizem respeito ao uso de tecnologias sociais e como criar um novo sistema social baseado na descentralização. Além disso, o palestrante também fala sobre o desenvolvimento de um futuro que possa ser mais justo, colaborativo e descentralizado. Ele também explora as possibilidades de organização do mercado e da sociedade, visando aumentar a prosperidade e a cooperação. Ademais, Weyl compartilha alguns ideais do seu mais recente livro "Mercados Radicais: Reinventando o capitalismo e a democracia para uma sociedade mais justa".

Palavras-chave: Descentralização; Cooperação; Democracia Digital; Antitruste; Tecnologias sociais.



JULIANA: Boa tarde a todos e todas!

Como o uso de tecnologias sociais pode criar um novo sistema social a partir da descentralização? Como, afinal, criar futuros mais justos, descentralizados e cooperativos? A seguir, com Glen Weyl, vamos explorar possibilidades de organização do mercado, da sociedade, visando o aumento da prosperidade e da cooperação.

Glen Weyl é o fundador da Fundação RadicalxChange, Economia Política e Tecnologias Sociais da Diretoria de Tecnologia da Microsoft. Seu trabalho é orientado para imaginar, construir e comunicar o futuro plural para a tecnologia social que seja mais fiel a nossas vidas e diversidades, apontando caminhos possíveis para essas mudanças profundas a partir de tecnologias sociais e mecanismos de mercado, para criar uma sociedade mais rica e igualitária. Glen vai compartilhar conosco os insights de seus últimos livros, entre eles o recente “Mercados Radicais, reinventando o capitalismo e a democracia para uma sociedade mais justa.”



GLEN: É uma honra estar aqui com todos vocês e tem sido uma honra cooperar com vocês nos últimos anos, tentando imaginar, juntos, um futuro melhor. Portanto, é sobre isto que quero falar hoje. Uma das minhas citações favoritas é uma fala de Albert Einstein, de 1932, com a qual ele abriu a conferência sobre desarmamento naquele ano. Ele escreveu:

“O que os gênios inventivos da humanidade nos concederam, nos últimos cem anos, poderiam ter feito a vida humana mais despreocupada e feliz se o desenvolvimento da organização do poder humano tivesse sido capaz de acompanhar seus avanços técnicos. No entanto, da forma como são utilizadas, as difíceis conquistas da era das máquinas nas mãos da nossa geração são como navalhas nas mãos de uma criança de três anos.”

Nesse sentido, eu penso que Einstein nos inspira a considerar como nossas tecnologias, por exemplo nossas tecnologias de comunicação, chegaram tão longe. Nós costumávamos escrever nas paredes das cavernas. Depois, desenvolvemos as prensas (de impressão). Mais tarde, fomos capazes de ouvir uns aos outros, por longas distâncias, com o telefone. E, hoje em dia, podemos nos ver através de uma espécie de televisão, simultaneamente, em videoconferências. Entretanto, as ferramentas básicas que usamos para nos organizar, como por exemplo, as dinâmicas da democracia representativa, dinheiro de voto, etc, realmente não mudaram muito ao longo do tempo. Apesar disso, eu acredito que nós temos potencial para transformar fundamentalmente estes aspectos, modificando de maneira profunda a forma como interagimos em pequenos grupos, assim como fizemos com os meios de comunicação em larga escala.

Em outras palavras, nós partimos de formas de comunicação muito primitivas, ou seja, da maneira mais básica de comunicar informações, em forma de texto, para ferramentas de comunicação muito mais ricas. Por exemplo, como o que estamos fazendo neste momento, através desta videoconferência, que me permite chegar até vocês, mesmo estando do outro lado do mundo, em Seattle, Washington.

Além disso, deixe-me explicar o que estou dizendo de forma mais ampla. O capitalismo é otimizado por um conjunto de circunstâncias, que são chamadas de retornos decrescentes.

Estes são contextos em que, quanto mais pessoas estão envolvidas em algo, mais elas se sobrepõem umas às outras, mais elas preenchem o espaço, porém menos elas são capazes de contribuir. Deixe-me dar um exemplo disto: estas circunstâncias fazem sentido em uma fábrica, em que se tem um espaço limitado e são colocadas mais e mais pessoas, acabando por lotar o espaço. No entanto, o capitalismo não é otimizado por um contexto de retornos crescentes, ou o que poderia ser chamado de tecnologia exponencial, uma vez que isto são circunstâncias em que quanto mais pessoas estão envolvidas, maior a escala e, portanto, mais poderoso é o sistema. Cidades são exemplos clássicos disto. O motivo pelo qual São Paulo tem aproximadamente 30 milhões de pessoas é que todos são capazes de se beneficiar destas interações.

Você pode fornecer mais serviços para mais pessoas, a um custo menor, ao ter mais pessoas reunidas. Mas o problema fundamental é que, em contextos de retornos decrescentes, você pode pagar salários maiores para todos os trabalhadores por sua contribuição incremental, por aquilo que eles acrescentam e, mesmo assim, ainda ter algo de lucro.

Porém, quando se tem retornos crescentes, se você tentasse pagar a todos por sua contribuição adicional, pelo que eles acrescentam, você iria à falência, teria grandes perdas. Portanto, você não pode fazer isto no sistema capitalista. Dessa forma, não se pode ter a ideia de que o capitalismo destina-se a promover a noção de eficiência econômica e também ter o poder das tecnologias exponenciais, uma vez que você tem que apoiar e otimizar estes usando diferentes tipos de sistemas.

Além disso, um outro problema é que tudo o que cria modernidade, tanto os benefícios como as desvantagens vêm destas tecnologias exponenciais, destes processos auto-reforçados de retornos crescentes, quer seja o poder inicial de produção em massa, o qual inspirou a “Riqueza da Nação”, de Adam Smith, ou mesmo as possibilidades modernas de tecnologias de rede. E, é claro, o lado obscuro de ambos. Por exemplo, a forma como o poder produtivo está descontrolado e destruindo o planeta, ou ainda, a forma com que nossas redes estão fora de controle, criando desinformação e minando nossa capacidade de nos autogovernar.

Tendo isso em mente, conseqüentemente nós precisamos inventar novas abordagens que sejam diferentes do padrão das organizações capitalistas. Ao invés disso, essas abordagens devem ser otimizadas para gerenciar estas tecnologias exponenciais, estes processos de retorno crescentes. E eu gostaria de dar alguns exemplos disto. Por exemplo: o trabalho conjunto de Vitalik com a fundadora da Ethereum, Zoe Hitzing (que é uma poetisa, filósofa e economista de Harvard), que chama-se “Finanças Quadráticas.”

A ideia é que, ao invés de financiar novos empreendimentos, como normalmente se faria (com todos apenas colocando fundos, e o valor que o empreendimento receberia, seria a soma dos recursos aportados), haverá um capital “Pool”, fornecido por um filantropo, por uma plataforma ou por um governo, que corresponderá a essas contribuições individuais.

Portanto, a quantia total recebida pelo empreendimento não será a soma das contribuições, mas o quadrado da soma das raízes quadradas. Isto significa que nós conseguimos mais pequenas contribuições do que grandes e contribuições para causas com muitos indivíduos contribuintes, mais do que aquelas com poucos indivíduos contribuintes. Portanto, este princípio básico é, na verdade, bem conhecido.

Por exemplo, na cidade de Nova York, você consegue contribuir com qualquer quantia para um candidato político, digamos, seis por um, até \$100, contanto que haja outras novecentas e noventa e nove pessoas fazendo contribuições. Obviamente, estes números são arbitrários. Na verdade, esta ideia pode ser derivada, ou a versão correta dela, vem de uma fórmula que usa uma lógica econômica básica, baseada no princípio da carona (“Free-riding principle”).

Por exemplo, se você tem uma pequena parte de um grande bem público, você não levará em conta o valor total. Isso significa que você contribuirá muito menos do que seria o ideal. Então, o que esta fórmula faz é: igualar o que você tem, de forma inversamente proporcional a uma parcela do valor total do que tem. Isso quer dizer que, se você representa uma fração muito pequena, uma contribuição muito pequena, você obterá uma correspondência muito grande. Por outro lado, se você for um grande contribuinte, você obterá uma correspondência muito menor.

Em vista disso, hoje em dia, este procedimento vem sendo utilizado em todo o mundo para financiar tudo, desde campanhas de mídia, apoiando pequenos negócios e softwares livres, como também dentro do ecossistema Ethereum. Além disso, ele oferece uma maneira muito poderosa de reimaginar procedimentos como “crowdfunding” ou mesmo o funcionamento do capitalismo como um todo.

Entretanto, isso levanta algumas questões. Como podemos financiar esses fundos correspondentes sem prejudicar o dinamismo da economia? Nesse sentido, nós sabemos que os impostos podem prejudicar o crescimento econômico, mas precisamos desses impostos para sustentar os bens públicos. Ademais, esta é a semente de uma outra ideia chamada “Licenças auto-avaliadas vendidas em leilão” (Self-Assessed Licenses Sold at Auction or SALSA), que foi proposta pela primeira vez por um economista da Universidade de Chicago, Arnold Harberger, que é famoso por ser o “garoto de ouro original de Chicago”.

Porém, antes de fazer qualquer tipo de política de livre mercado, normalmente associada com o experimento chileno, ele teve essa ideia brilhante baseada no trabalho de Henry George e do revolucionário chinês Sun Yat-sen. Então, ele disse:

“Se você tiver que fazer uma base para impostos, adote um critério que determine o valor econômico real. A solução que o economista oferece é simples e direta: permitir que o próprio proprietário declare o valor, tornar públicos os valores e obrigar o proprietário a vender sua propriedade a qualquer pessoa disposta a pagar o valor declarado”.

Portanto, este sistema é simples e cria incentivos, mesmo além daqueles existentes nos mercados de ativos a serem empregados em seus dons econômicos mais produtivos. Uma vez que, basicamente, cria-se um sistema que usa os impostos, não para desacelerar o mercado, mas para acelerá-lo. Em outras palavras, tudo fica sujeito à possibilidade de compra e, no processo, aumentam-se os impostos, para que, assim, possam apoiar o desenvolvimento de empreendimentos cooperativos de bens públicos.

Efetivamente, eu acredito que isto está criando uma versão muito mais dinâmica de democracia, na qual estamos constantemente criando novas organizações, utilizando Financiamento quadrático. Além disso, na realidade, ao utilizar esses impostos, eles, de certa forma, acabam se reduzindo. Por conseguinte, eles estão sempre sujeitos a alguma forma de eleição e também à prestação de contas perante o público.

Apesar destas ideias parecerem radicais ou transformadoras, na verdade, elas já estão começando a mudar nosso mundo. Por exemplo, elas desempenham um papel fundamental em Taiwan, a democracia digital mais bem sucedida do mundo, permitindo que as pessoas participem do autogoverno e da solução de problemas-chave. Desse modo, estas ideias transformaram Taiwan no país mais bem sucedido do mundo em lidar com tudo, desde o COVID, até a desinformação. Além disso, elas também são usadas para alocar o orçamento do estado do Colorado e também para alocar milhões de dólares em fundos para softwares de código aberto no ecossistema Ethereum.

Ademais, nós temos, atualmente, centenas de grupos em todo o mundo que estão trabalhando para tentar implementá-las, incluindo um grupo extremamente dinâmico, liderado por Juliana (apresentadora da palestra), no Brasil. No entanto, estes foram somente alguns exemplos de problemas e apenas o começo do processo de desenvolvimento das tecnologias sociais transformativas.

Mas, há tantos outros problemas conhecidos que nossas instituições existentes abordam de forma errônea, desde a estrutura da identidade social até a própria instituição do dinheiro, sendo que estas são rasas e deixam de fora muitos elementos importantes, com os quais os sistemas sociais devem ser construídos. Além disso, nossa representação é rígida e baseada em limites geográficos pré-definidos. E também, há a maneira com que se negligenciam os efeitos da comunicação e de outros signos sociais nas pessoas e como prejudicam a criação de valor social.

Por exemplo, nós partimos de sistemas de inteligência de máquinas em que elas apenas faziam cálculos para jogar xadrez, até o ponto em que elas são capazes de identificar imagens. Além disso, temos essa aspiração de que a tecnologia, eventualmente, alcançará a flexibilidade da mente humana. Ademais, a comunicação partiu de formas rudimentares de representação das coisas, atravessando distância e tempo, atingindo um ponto em que nós talvez consigamos ter conexões interpessoais mais ricas do que pessoalmente.

Apesar disso, eu acredito que podemos alcançar um patamar semelhante ao que temos crescentemente atingido com nossas tecnologias de comunicação, ou seja, nós podemos ter interações tão ricas com pessoas que estão distantes, quanto as que teríamos numa democracia municipal local. Portanto, para fazer isso acontecer, nós temos que criar uma cultura de tecnologia social radical.

O que requer ciência fundamental, em outras palavras, demanda que consideremos a ciência social como a base para uma justiça tecnológica transformadora, assim como consideramos a ciência natural. Também requer empreendedorismo e experimentos como os que estão fazendo no ecossistema da Ethereum, visando o desenvolvimento de ferramentas, para que as pessoas possam fazer isso em escala. Por fim, demanda cultura e imaginação, de forma que nós possamos sentir e viver essas coisas.

Nesse sentido, um dos meus exemplos favoritos é a mais recente versão de “Civilização” (“Civilization”), o jogo de estratégia mais vendido de todos os tempos, que incorpora o Voto Quadrático, um primo do Financiamento Quadrático, como base para sua mecânica de votação diplomática. Isto significa que milhões de pessoas, todos os dias, são expostas a algumas destas ferramentas ao jogar estes tipos de jogos.

Consequentemente, isto requer ativismo, ou seja, demanda que as pessoas incorporem estas ferramentas em como elas imaginam o futuro de seu governo e também ao que elas estão lutando politicamente, indo além dos debates desgastados do século XX. Portanto, estas ferramentas deveriam, na realidade, transformar a forma como vivemos juntos democraticamente, visando alcançar um patamar de sucesso político, econômico e de saúde social, semelhante ao que Taiwan conquistou.

Além disso, para fazer com que isso aconteça, nós precisamos que todos se envolvam, por todos os talentos que vocês trazem, seja você uma pessoa que imagina, cria, ou alguém que constrói, ou ainda, que é engajado politicamente. Dessa forma, todos vocês têm um papel a desempenhar para nos ajudar a desenvolver as tecnologias sociais necessárias para um século XXI próspero.



JULIANA: Obrigada, Glen! Eu gosto muito de interagir com o Glen. Em diversas ocasiões, eu tive a oportunidade de discutir sobre seu livro. Nós, inclusive, começamos um grupo na Universidade de São Paulo para debater suas ideias, o qual nos permitiu disseminá-las consideravelmente, até mesmo o conceito de Voto Quadrático.

Neste momento, nós teremos a oportunidade de interagir com o público. Mas, antes disso, apesar de eu não gostar de monopolizar a fala, eu acredito que este seja o momento ideal para partilhar com todos como os capítulos de seu livro foram propagados pelo mundo, dentro do movimento RadicalXChange (“Intercâmbio Radical”). Por exemplo, nós tivemos alguns trabalhos sendo feitos na Ásia e na Europa também. Então, talvez o Glen gostaria de compartilhar estas informações conosco: como, no último ano, com o Coronavírus, estas ideias foram de alguma forma discutidas e aplicadas.



GLEN: Como mencionei antes, Taiwan é o caso mais empolgante, bem-sucedido e abrangente. Eu acho que isto se deve ao fato de eles terem enfrentado alguns desafios realmente difíceis.

Isto é, Taiwan encontra-se muito próximo à China, sentindo todos os dias a ameaça de seu autoritarismo. Por isso, eles queriam mostrar uma alternativa. Ademais, eles enfrentaram o ataque da pandemia antes de todo o mundo. Portanto, diante destas ameaças, eles tiveram que responder adotando essas novas tecnologias. E eu acho que isso não se assemelha a nenhum dos problemas enfrentados no ocidente.

Por outro lado, no ocidente, as coisas têm acontecido de forma mais lenta. Mas tivemos alguns sucessos por aqui também. Por exemplo, Danielle Allen, que está na diretoria da RadicalXchange (“Intercâmbio Radical”) e está concorrendo para governadora de Massachusetts. Além disso, recentemente, o estado do Colorado se tornou um laboratório de inovação de muito sucesso, tanto no setor privado, quanto no público, usando essas ideias.

Dessa forma, essas ideias têm sido desenvolvidas por toda parte, desde a Finlândia até o Brasil, desde o Chile até a Colômbia. Então, estamos muito empolgados com a maneira com que esses experimentos estão viajando. Mas, de fato, o mais bem sucedido dentre eles, é Taiwan.



JULIANA: Glen, temos aqui algumas perguntas que foram votadas. E a primeira pergunta a ser feita será a que foi mais votada. Ela é bem simples: “Como descentralizar e ser justo ao mesmo tempo?”



GLEN: Ótima pergunta! Eu penso que a essência disso, para mim, é dar-se conta de que uma descentralização robusta sempre depende de ir além da nossa noção simplificada de descentralização. Então, o que isto significa? Por exemplo, quando os fundadores da República Americana, os formuladores da constituição, criaram o país, poderiam ter dito apenas: “Ah, queremos democracia”.

Quer dizer, uma pessoa, um voto, etc. Porém, não foi isto que eles fizeram. O problema era que havia muita divisão dentro do país, muitos grupos diferentes que precisavam ser protegidos e, também, minorias. Apesar de eles não terem feito as coisas de maneira perfeita, uma vez que eles oprimiram Afro-americanos, por exemplo, eles levaram em consideração a complexidade dos diferentes grupos e como eles tinham que se relacionar uns com os outros.

Assim, para que se possa manter a descentralização e também ser justo, nós precisamos considerar o tipo de estrutura de rede social, a diversidade e os diferentes grupos sociais que existem no nosso mundo. Por fim, nós precisamos reunir estes elementos ao construir a estrutura da descentralização. E é exatamente o que processos como o Financiamento Quadrático fazem.

Em outras palavras, eles permitem a emergência destes grupos sociais, para que eles possam governar coletivamente, e não somente para que os indivíduos prosperem. Portanto, eles permitem, simultaneamente, que tenhamos um sistema muito descentralizado, em que tudo vêm de baixo para cima. Mas, ao mesmo tempo, estabelecemos regras que possibilitem que esse tipo de governança coletiva crie justiça e igualdade.



JULIANA: Perfeito! Temos aqui muitas perguntas sendo encaminhadas. A próxima foi extremamente bem votada. Segue a pergunta: “Quais seriam outras formas de representação política, radicalmente transformativas, que não fossem baseadas na distribuição de pessoas pelo território físico-político-administrativo?”



GLEN: Eu acredito que, neste momento, os distritos eleitorais são geralmente configurados em bases geográficas. Assim, em uma região em particular, você elege um representante. Às vezes, há algumas nações que possuem representação proporcional. Na verdade, eu esqueci qual sistema o Brasil tem.

Mas, o problema é que isso só faz sentido quando todas as formas pelas quais as pessoas se relacionam umas com as outras estão relacionadas à proximidade física. Mesmo se este fosse o caso, seria um pouco estranho. Porque, com frequência, as divisões de distritos são estranhamente alinhadas a aspectos geográficos e linguísticos ou qualquer outra coisa que faça as pessoas se sentirem próximas umas às outras.

Entretanto, nos dias de hoje, há tantas outras maneiras de se estabelecer relações, sejam elas por minorias sexuais, grupos raciais, pessoas interessadas em determinado tema, ou mesmo indivíduos que fazem parte de uma comunidade específica de criptomoedas, etc.

Nesse sentido, o que precisamos, cada vez mais, é uma forma de usar todo este conjunto de informações provenientes de nossas redes sociais, e não somente de nossa localização física, para formar distritos efetivamente representativos. Portanto, processos como o Financiamento Quadrático e ferramentas para além dele, nos darão o poder de reconhecer os verdadeiros aglomerados de afinidade, ao invés de ter somente representações baseadas em algum tipo arbitrário de jurisdição histórica ou física.

Para resumir, nós podemos ter representatividade para todas essas diferentes formas, com as quais estamos socialmente conectados uns com os outros.



JULIANA: Perfeito! Há mais uma pergunta para você, Glen. Eu acho que nunca te fiz esta pergunta. Portanto, eu também estou curiosa para ouvir a resposta. Nós vivemos um momento delicado, não somente no Brasil, mas em todo o mundo. A pergunta é a seguinte: “Muitas democracias, hoje em dia, sofrem com a falta de engajamento de sua população, que têm deixado de votar. E isto é algo que também tem acontecido no Brasil. Então, como as tecnologias sociais, que você mencionou, podem ajudar a mudar este cenário?”



GLEN: Bem, eu penso que uma das coisas que sabemos é que as pessoas estão muito engajadas com suas mídias sociais. Nós gastamos uma enorme quantidade de tempo nelas. E as pessoas passam muito tempo discutindo política. Portanto, há muita energia, devoção e engajamento. Porém, elas têm sido direcionadas sem as estruturas de incentivo corretas. Assim, elas fazem com que as pessoas mergulhem cada vez mais fundo em qualquer coisa que as envolva mais, ou que as faça concentrar mais sua atenção, ao invés de serem direcionadas para competências que ajudem o sistema a funcionar, alcançar acordos razoáveis e para deliberação e, assim por diante.

Portanto, se nós pudéssemos canalizar esta energia que já existe, direcionando-a para propósitos que de fato sirvam ao sistema, ao invés de somente servir para que as pessoas se viciem e fiquem focadas em seus telefones, então nós faríamos um grande progresso em direção à melhoria do sistema político. E isso foi precisamente o que foi feito em Taiwan.

Nesse sentido, as pessoas não estão gastando mais tempo digitalmente engajadas em Taiwan. Elas estão gastando a mesma quantidade de tempo, mas elas usam este tempo em locais que de fato as levará a solucionar problemas, ao invés de ficarem apenas brigando umas com as outras, ou mergulhando cada vez mais profundamente em pequenos grupos “balcanizados”.



JULIANA: Ótimo, Glen! Há outras questões sendo enviadas, mas são muitas. Então, provavelmente, não teremos tempo para fazer todas. Dentre elas, tem uma muito interessante: “O Cooperativismo de Plataforma pode ser uma alternativa inovadora para um capitalismo de economia solidária neste futuro de inovações?”.



GLEN: Com certeza! Eu acredito que este seja um passo muito importante. Mas, eu acho que precisamos ter uma compreensão muito mais abrangente do significado de “cooperativo” do que tínhamos no passado. Antigamente, pensávamos em cooperativas como sendo algo controlado pelos trabalhadores. No entanto, os consumidores são essenciais para o mercado e, cada vez mais, não somente os consumidores, como também as pessoas das cadeias de abastecimento. Pessoas comentarão nas plataformas... há um conjunto de relações muito complexo.

Portanto, nós precisamos aprender como possibilitar o autogoverno desses sistemas pelas pessoas que participam deles, de uma forma que não seja tão rigorosa. Por exemplo, os trabalhadores deveriam ser os donos das fábricas, ou algo do tipo.

Nesse sentido, é exatamente isto que estas novas ferramentas têm possibilitado. Eu vejo o movimento Plataformas Cooperativas como algo muito próximo ao que estamos todos trabalhando no RadicaXChange (“Intercâmbio Radical”). Eu não acho que novas plataformas deveriam ser criadas como cooperativas. Entretanto, eu acho que esta seria uma ótima possibilidade.

Na verdade, eu acho que poderíamos usar antitruste como uma alavanca, para forçar as empresas existentes com poder de mercado a operar mais como cooperativas. Por exemplo, eu sei que a Juliana (apresentadora da palestra) e eu já conversamos muito sobre isto, mas eu acredito que podemos usar isto como um “remédio” para tratar o poder de mercado, em casos de antitruste, transformando as estruturas de responsabilização.

Dessa forma, os consumidores, os trabalhadores e todos aqueles sobre os quais as empresas exercem poder (que encontramos em pesquisas), têm a possibilidade de participar. Assim, essas ferramentas têm feito com que isso seja muito mais possível, em uma escala muito maior do que jamais se tenha concebido.



JULIANA: Certamente eu sou muito familiarizada com as temáticas relacionadas ao uso de instrumentos legais de antitruste e com a lei da concorrência, uma vez que venho pesquisando este campo e as possibilidades que temos hoje de enfrentar o poder de mercado das grandes companhias de tecnologia, obviamente, sem matar a inovação. Pelo contrário, o que queremos é incentivar um ambiente de inovação.

Eu vou até citar o que o Glen disse: que nós deveríamos encontrar o remédio certo, para não matar o paciente. Porque a promoção de inovação, na verdade, gera uma série de externalidades positivas, para os consumidores, para a sociedade e para o desenvolvimento da economia. Então, a ideia é, precisamente, trabalhar nas medidas corretas para promover a inovação.

Avançando para a próxima pergunta. Temos perguntas aqui que eu diria que são jurídico-filosóficas. Assim, uma das questões é: “O que pode ser feito para reverter a situação de agressividade da nossa sociedade?” uma vez que, hoje, no Brasil, temos uma polarização muito grande, mesmo que isto não seja algo exclusivo de nosso país. Portanto, como você responderia a esta pergunta?



GLEN: Bem, eu acho que a questão chave é a criação dos incentivos corretos, o ambiente apropriado para incentivar esse tipo de cooperação. O problema é que, se você pensar no ambiente atual das mídias sociais, tudo é voltado para fornecer às pessoas conteúdos prováveis de chamar e focar mais sua atenção. Portanto, as pessoas acabam por ficar em grupos restritos, muito personalizados, que muito provavelmente vão agradá-las mais, ao invés de apresentar conteúdos que permitam às pessoas formar coalizões e cooperar umas com as outras.

Por exemplo, em Taiwan, eles têm um ótimo sistema para deliberação (em inglês, é chamado de Polis, mas tem um nome diferente em Taiwan), em que as pessoas podem propor soluções para problemas desafiadores. Para tanto, eles usam alguns tipos de ferramentas, como Processamento de Linguagem Natural e Inteligência Artificial, para resumir toda essa informação em alguns poucos comentários, para que as pessoas possam ler. Apesar de parecer algo complicado, podemos pensar no que a Wikipedia faz. Na Wikipedia, milhares de pessoas participam, no entanto, eles sintetizam essas informações em um artigo que qualquer um pode ler. Em outras palavras, você tem um monte de posicionamentos, que representam diferentes grupos dentro da população, e estes indivíduos vêm e dizem: “Bom, eu acho que essa é uma potencial resolução para essa divergência”.

Então, cada ideia é pontuada, não apenas baseado em quantas pessoas gostam dela, mas em quantas pessoas de diferentes grupos se conectam e têm um consenso surpreendente sobre essa afirmação. Dessa forma, isso cria um incentivo muito forte para as pessoas que participam da discussão, para fazer com que elas se unam, ao invés de afastá-las ainda mais.

Portanto, estes são os tipos de tecnologias que nos oferecem a possibilidade de alavancar o poder de cooperação e o consenso do ambiente que nós temos neste momento, ao invés de promoverem ódio e divisão. Ao mesmo tempo, elas reconhecem as diferentes perspectivas. Elas não eliminam as diferenças ou as moderam, ou algo assim. Ao contrário, elas reconhecem as nossas diversidades. E, baseando-se nestas diferenças, encontram formas de cooperar.



JULIANA: Glen, nós temos aqui um aspecto que eu acho que seria importante recapitular. Embora Glen seja sempre muito preciso em suas apresentações, sendo capaz de comunicar diversas ideias, nós acabamos por presumir que todos na audiência conhecem o livro de Glen. Além disso, houve um grande evento em Detroit, sobre o livro de Glen, que eu tive a oportunidade de participar. Neste evento, foram dados muitos exemplos de experimentações relacionadas às ideias do livro, que eu recomendo a todos.

Assim, há uma pessoa do público pedindo para que você dê exemplos de Votos Quadráticos, ou seja, exemplos claros de quando os Votos Quadráticos podem ser usados. Apesar de eu já ter visto muitos exemplos, eu gostaria que você os compartilhasse com o público, porque eu acredito que este é um tema muito interessante, que inclusive poderia ser testado no Brasil, em diferentes situações.



GLEN: Ótimo! Então, deixe-me dar alguns dos meus exemplos favoritos. No Colorado, com o objetivo de alocar o orçamento, eles utilizaram o Voto Quadrático entre os legisladores, na Bancada Democrática da legislatura estadual do Colorado. Assim, as propostas que receberam a maioria dos Votos Quadráticos, receberam a maioria dos fundos, ou foram incluídas no orçamento.

Um outro exemplo é que o Financiamento Quadrático pode ser usado para apoiar a mídia local. Nós sabemos que, por um lado, se deixarmos nas “mãos” do mercado, não investiremos o suficiente em mídia para que possamos ter um jornalismo de alta qualidade. Mas, por outro lado, tampouco queremos que o governo controle a mídia.

Portanto, o Financiamento Quadrático proporciona uma maneira de dar apoio público a uma mídia que as pessoas queiram apoiar, que o público queira apoiar, sem, contudo, dar ao governo a possibilidade de ditar para onde irão esses fundos.

Mais um exemplo de aplicação de Votação Quadrática, é este jogo que mencionei, o “Civilization”. Neste jogo, há múltiplas civilizações e elas estão, de certa forma, competindo. Elas estão tomando decisões diplomáticas sobre coisas que deveriam acontecer no mundo. Então, cada país ganha o que é chamado de *Diplomatic Favour* (“Favor Diplomático”) e eles podem usá-los para votar diferentes decisões, tomadas pela comunidade mundial, utilizando Votação Quadrática.

Portanto, estes foram alguns exemplos bem diferentes uns dos outros. Um outro exemplo como este último, diz respeito a projetos de arte participativa que tem sido feito no Reino Unido para decidir quais obras de arte pública serão criadas e como elas serão, usando Votação Quadrática, numa galeria de arte muito famosa chamada, Further Fields (“Campos que Vão Além”).



JULIANA: Excelente! Eu acho que estes foram ótimos exemplos, muito diversificados. Nós temos mais uma pergunta: “Quais são suas afinidades e discordâncias com Web Three Crowd?”



GLEN: Esta é uma ótima pergunta! Eu sou um grande fã da noção de internet, embora, neste momento, a internet não tenha as capacidades que precisa ter para que possa possibilitar a descentralização. Portanto, nós precisamos de um novo conjunto de capacidades para fazer com que isto seja possível. Dessa forma, eu estou completamente de acordo com a Web Three Crowd. Entretanto, na verdade, eu não acho que Blockchain, como uma tecnologia, seja uma ferramenta muito poderosa para atingir este objetivo. O problema é que Blockchain é baseada numa espécie de noção de livro de referência público, aberto e global (Public Ledger), ao invés de ser baseada em uma rede de interseção de diferentes comunidades, como aquela em que se baseava a internet original. A noção original de uma rede consistia em um monte de comunidades conectadas umas às outras, que então se conectavam umas às outras e, assim por diante. Mas, ao contrário disto, Blockchain é baseada em um único estado público global, totalmente disponível.

Portanto, isto não permite que as coisas que queremos que aconteçam, aconteçam muito bem. Por exemplo, no Blockchain, todos têm alguma chave pseudônima que eles usam para fazer transações monetárias ou qualquer outra coisa. Porém, se pensarmos em algo como, um *NFT* (“Token Não-Fungível”)...

O que dá valor a um *NFT* é exatamente sua edição limitada e se alguém, que você realmente conhece, se compromete com ele. Para que se possa estabelecer este compromisso, você tem que postar algo, ou fazer um comunicado de imprensa, ou publicar no Twitter, ou o que quer que esteja ligado ao Blockchain. O Blockchain, por si só, não possui nenhum valor porque a escassez é criada por uma pessoa ou instituição, ao fazer uma declaração sobre o valor.

Dessa forma, a melhor versão de Web of Three seria aquela em que a informação identitária fosse, na verdade, conectada à própria tecnologia. Então, ela não teria que acontecer do lado de fora. Algo parecido com a atual arquitetura de Web Three não permitiria que as coisas fossem simultaneamente baratas e descentralizadas. Ou você vai para um Side Chain (“Plataforma Marginal”) ou para um destes serviços internos como Coinbase, se você quiser fazer uma transação barata, ou você o faz numa plataforma pública (Public Chain), onde as transições são realmente muito caras. Em outras palavras, este sistema não permite concomitantemente, descentralizar e criar um tipo de larga escala, as quais precisamos para fazer com que as coisas funcionem de forma eficiente.

Portanto, eu acredito que Web Three seja uma ótima direção a ser considerada, uma vez que está realmente impulsionando as coisas. Mas, em última análise, assim como a internet, ela requer investimento público, cooperação entre a universidade e o setor privado, e também entre os governos em todo o mundo, para que possamos construir a arquitetura que queremos. Foi assim que surgiu a Web. A descentralização da Web original não foi algo que partiu de um hacker, lançando algo por aí, mas sim de um conjunto coordenado de investimentos feitos pelo governo dos Estados Unidos, universidades e uma série de empresas. Então, eu acho que nós vamos precisar da mesma coisa para, de fato, fazer com que a visão da Web Three se concretize.



JULIANA: Ótimo! Nós temos outras perguntas aqui. Vou ter que selecionar uma. “Você vê um maior alinhamento com a comunidade criptoracionalista?”



GLEN: A forma como eu penso isto é a seguinte: há, no século XX, alguns tipos de ideologias, como, por exemplo, o facismo, o comunismo, que foram, de certa forma, deixadas para trás. Além disso, eu vejo um novo espectro emergente. Então, na verdade, esperamos organizar um debate em torno disso, talvez incluindo algumas das pessoas sobre as quais falamos anteriormente. Eu acho que uma das peças que poderiam se envolver nesse debate, seriam aquelas pessoas relacionadas à “Singularidade Tecnológica de Inteligência Artificial” (AI Technological Singularity). Em outras palavras, aquelas pessoas que acreditam que teremos algum tipo de Inteligência Artificial geral que irá, de alguma forma, planejar o mundo, criar muita riqueza, dar a todos uma renda básica universal, etc. Assim, Sam Altman é um bom exemplo deste tipo de ponto de vista.

Em seguida, há um grupo de pessoas que pensam que estes tipos de tecnologia levarão a um tipo de descentralização radical, na qual será cada indivíduo por si. Por exemplo, há um livro chamado “O Indivíduo Soberano” (The Sovereign Individual) no qual a Balaji frequentemente fala sobre, que expressa esta visão.

Ademais, o terceiro ponto de vista, que é a posição que eu sustento, eu chamaria de “Democracia Digital” ou “Pluralismo Digital”. Esta é uma visão na qual o futuro que queremos não é centralmente planejado pela Inteligência Artificial, nem fragmentado, cada indivíduo por si. Ao invés disto, nós teríamos cada vez mais diversificadas comunidades democráticas que se interceptam. Dessa forma, essas comunidades teriam a capacidade, simultaneamente, de se auto-governarem e de cooperarem com outras comunidades para resolverem problemas mais amplos. Para mim, esta é a visão de uma verdadeira rede (network).

Quando Balaji fala sobre o Network State (“Estado de Rede”), ele, na verdade, não tem em mente uma rede, uma vez que uma rede é constituída de comunidades e essas comunidades cruzam umas com as outras e também com indivíduos, para criar estruturas maiores. Portanto, eu acredito que esta seja a visão que queremos: uma verdadeira governança de rede, ou seja, uma rede democrática de autogoverno (self-governance), e não algo como indivíduos polarizados, cada um por si, nem tampouco uma estrutura global de cima para baixo, como aquela sugerida pelo pessoal da Inteligência Artificial.



JULIANA: Glen, você irá responder algumas questões relativas a custos de transações também, então, talvez você possa dar alguns bons exemplos de como a inovação e a tecnologia podem ajudar a reduzir os custos de transações.



GLEN: Custos de transação é um termo muito vago... muitas vezes, o que queremos dizer com custos de transação, na verdade, corresponde à informação que nos falta. Portanto, a tecnologia da informação é obviamente uma das maneiras mais poderosas de transformar qual informação estará disponível e para quem. Além disso, custos de transação frequentemente querem dizer as diferentes formas de funcionamento da posse e da propriedade e os incentivos que nos dão para mentir ou distorcer os sistemas. Novamente, as tecnologias sociais nos dão a capacidade de transformar isto. Então, se você reunir esses dois elementos: mudanças nas estruturas de informação e mudanças no tipo de posse e nas estruturas dos direitos de governança... Em outras palavras, nossa habilidade de participar de maneiras mais enriquecedoras da governança coletiva. Assim, eu acredito que a tecnologia da informação é uma tremenda fundação para transformar ambas estas coisas, além de possibilitar um novo sistema de governança.



JULIANA: Glen, a partir do momento em que aconteceram mudanças no governo dos EUA, uma nova discussão surgiu. Por exemplo, ocorreram manifestações em frente à “Comissão Federal de Comércio” (FTC – Federal Trade Commission). Além disso, algumas ideias do seu livro, “Mercado Radical” (Radical Market), até mesmo se comunicam com essas ideias que têm sido discutidas muito atentamente nos dias de hoje, na área acadêmica, como se houvesse uma negação do passado, sendo testado no presente. Então, aproveitando essa oportunidade de ter você aqui, eu gostaria de pedir que comentasse como isso tem sido visto nos EUA, uma vez que há uma grande preocupação em torno dessas ideias, incluindo os impactos que elas poderiam gerar no processo criativo da inovação e do desenvolvimento tecnológico.



GLEN: Eu acho que é realmente extraordinário quão longe chegamos, em termos de pensamento antitruste, em apenas alguns anos, Juliana. Quando eu conversava com você sobre as ideias dos livros, as ideias que nós estávamos promovendo, pareciam um tanto quanto radicais. Porém, agora elas na verdade parecem, de certo modo, bastante convencionais ou mesmo conservadoras dentro do pensamento antitruste nos Estados Unidos. Portanto, a noção em que paramos se dilui para evitar novos competidores.

E foi algo bem audacioso quando o livro propôs esta ideia. Mas agora, todos parecem concordar com isto. Por exemplo, a participação horizontal é algo muito convencional agora... lidar com o mercado de trabalho usando ferramentas antitruste é algo muito convencional agora. Nesse sentido, eu acredito que precisamos continuar nos movendo neste ritmo. Eu não acho que já tenhamos encontrado as soluções.

Necessitamos continuar inovando. Além disso, eu acho que a ideia de ultrapassar a divisão entre o antitruste que quer bloquear e desmembrar e, por outro lado, a necessidade de fazer as coisas em larga escala, é algo absolutamente crucial. Assim, isso é o que algumas dessas ideias sobre democracia econômica e antitruste são capazes de fazer, embora elas ainda possam soar um pouco ousadas. Agora, eu prevejo que, em alguns anos, eles serão sabedoria convencional. Então, eu espero que lugares como o Brasil, que são criativos e podem estar na vanguarda, ajudarão a avançar as fronteiras e pensar sobre estes.



JULIANA: Excelente! Para aqueles que não sabem, eu tive o prazer de ganhar um prêmio, aqui no Brasil, com as ideias do Glen relacionadas ao mercado de trabalho, aplicadas à realidade brasileira. Portanto, eu gostaria de ouvir você, Glen, porque, de fato, há dois anos atrás, algumas dessas ideias pareciam muito mais radicais do que hoje. Entretanto, nós temos aqui uma pergunta muito mais genérica, sobre Inteligência Artificial: se regular a Inteligência Artificial seria necessário para reduzir a influência do poder econômico sobre as democracias e a sustentabilidade ambiental.



GLEN: Então, eu acho que IA (Inteligência Artificial) não é realmente a concepção correta do futuro da tecnologia, uma vez que IA nos conduz para esta noção de sistemas autônomos, na qual estamos tentando, de alguma forma, imitar as capacidades humanas. Portanto, como escrevi recentemente em parceria com Daron Acemoglu e Michael Jordan, um proeminente economista e cientista da computação, eu acho que o que realmente deveríamos focar como sendo o objetivo de nossas tecnologias é em permitir que as pessoas cooperem de novas maneiras, para melhorar as capacidades das pessoas, ao invés de imitar ou substituir as capacidades humanas.

Adicionalmente, se desenvolvermos tecnologias nesta direção, teremos muito mais chances de não somente lidar com questões sociais e ambientais, mas também com quaisquer problemas que surjam dessas tecnologias, porque os humanos e seus valores, as coisas que eles observam pelo mundo, em comunidades descentralizadas, serão embutidos na própria estrutura de como as tecnologias irão operar.



JULIANA: Glen, eu não quero tomar muito mais do seu precioso tempo, mas para que possamos fechar esta palestra maravilhosa, você poderia, por favor, comentar sobre alguns dos efeitos da relação entre economia e política? Em outras palavras, como você imagina o futuro do poder econômico em relação ao poder político? Além disso, você poderia comparar estes aspectos com as ideias do livro, “Mercados Radicais”?



GLEN: Eu acho que agora nós estamos em um momento muito delicado... As pessoas sentem que estão perdendo o poder de agência sobre suas vidas. Elas também estão muito preocupadas com a concentração de poder em empresas de tecnologia e com a forma com que isto se relaciona com poder dos governos. E com isso elas estão tentando encontrar maneiras de superar. Além disso, nós temos os movimentos antivacina, os protestos anti-confinamento, protestos de “Vidas Negras Importam” (Black Lives Matter), até os movimentos “Cripto”. Todos eles são uma espécie de reação contra essa concentração de poder. Ainda, esses movimentos podem levar à violência, podem levar à fragmentação social, ao caos.

Ou, em vez disso, eles podem levar a nos unir. E para as pessoas em posições de poder se darem conta de que isto não é sustentável, elas terão que se reformar. Dessa maneira, quais serão as escolhas feitas, estará nas mãos dessas pessoas em posições de poder. Então, eu tenho a honra, na Microsoft, de falar com algumas dessas pessoas, e talvez você (Juliana) tenha a honra de falar com alguns deles no Brasil. Finalmente, eu espero que todos nós possamos levar essa mensagem sobre o potencial da democracia do futuro a todas as pessoas que tenhamos a chance de oferecer essas opções.



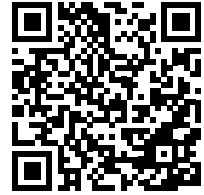
JULIANA: Muito obrigada! Foi um enorme prazer estar aqui com o fundador da *RadicalXChange* (“Intercâmbio Radical”), que também está fazendo um excelente trabalho disseminando essas ideias que estão profundamente alinhadas com o desenvolvimento tecnológico. Eu espero que nós possamos nos encontrar em breve e que tenhamos a oportunidade de participar de outros eventos da “Semana de Inovação”. Uma vez mais, parabéns pelos seus trabalhos acadêmicos e profissionais, e também pelo seu engajamento com essas ideias. E muito obrigada por estar aqui conosco!

GLEN: Muito obrigado!





Racionalidade: como inspirar a reflexão ponderada?



Steven Pinker

Apresentada em 12 de novembro de 2021,
na 7ª Semana de Inovação: "Ousar Transformar"

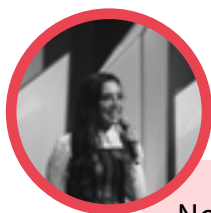
Resumo da palestra: Os principais tópicos abordados nesta palestra são relativos a alguns insights de seu último livro e, também, sobre algumas das ferramentas mais poderosas de raciocínio, lógica, pensamento crítico, probabilidade, correlação e causalidade. Steven Pinker nos convida a aproveitar o poder da racionalidade, com o objetivo de fazer melhores escolhas em nossas vidas, para melhorar a justiça social e o progresso moral.

Palavras-chave: Racionalidade; Raciocínio lógico; Pensamento crítico; *Fake News*; Teoria dos Jogos.



Moderador da palestra: Diogo Costa

Boa tarde, pessoal! Vivemos em uma era em que há tanta inovação científica e tantos avanços tecnológicos... No entanto, por que o pensamento racional parece estar tão em falta? Ao mesmo tempo em que conseguimos desenvolver a vacina para o COVID em 48 horas (a vacina da Moderna foi desenvolvida em 48 horas, sem que tivessem acesso direto ao vírus, utilizando apenas arquivos digitais), a humanidade ainda enfrenta muitas dificuldades em saber como dialogar e em como ser capaz de combinar discurso público e liberdade de expressão com bom senso e civilidade.



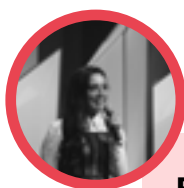
Moderadora da palestra:

Bruna Santos

No fechamento desta Semana de Inovação 2021, nós vamos receber Steven Pinker, para partilhar conosco alguns insights do seu mais recente livro. Nós falaremos sobre ferramentas poderosas de racionalidade, lógica, pensamento crítico, probabilidade, correlação e causalidade.



DIOGO: Steven Pinker é um autor best-seller e professor de Psicologia da Universidade de Harvard. Suas pesquisas enfocam linguagem, cognição, relações sociais, racionalidade e natureza humana. Além disso, Steven Pinker é considerado uma das vozes mais racionais nos debates públicos, encorajando espaços saudáveis para discussões construtivas.



BRUNA: Seu último livro é chamado “Racionalidade: O que é, por que parece estar em falta, por que é importante”. Portanto, Pinker está fechando a programação desta Semana nos explicando porque pensamos de maneiras que fazem sentido na nossa vida diária mas, ainda assim, não usamos ferramentas poderosas de racionalidade, as quais nossos melhores pensadores descobriram ao longo dos milênios. Bem vindo, Steven Pinker. A palavra é sua.



STEVEN: Muito obrigado!

Eu acredito que, para falar sobre meu novo livro: “Rationality: What it is, why it seems scarce, why it matters?”, eu deveria começar falando sobre racionalidade humana. Então, a racionalidade humana se apresenta para nós como um quebra-cabeças. Por um lado, somos uma espécie altamente racional: nós descobrimos as origens do universo; andamos na lua; nós descobrimos as bases da vida e da mente; lutamos contra os cavaleiros do apocalipse e contra flagelos, como a guerra, cuja taxa de mortalidade reduzimos.

Nós também reduzimos a fome, a pobreza e as mortes precoces. Entretanto, ao mesmo tempo, a maioria dos americanos, entre 18 e 24 anos, acham que astrologia é “muito científica” ou é “um tipo de ciência”. Além disso, grande proporção dos americanos acredita em teorias da conspiração, tais como a que as vacinas de COVID contêm microchips que Bill Gates está tentando injetar em nossos corpos, para monitorá-los. Ou mesmo que o Estado americano, em suas zonas mais profundas, contém uma associação secreta, canibal e pedófila, adoradora do demônio, que Donald Trump revelará muito em breve. Ademais, as pessoas consomem notícias falsas (*Fake news*), tais como “Obama assina ordem executiva que bane o compromisso de obediência nas escolas em todo o país”. Ou, ainda há outra em que Yoko Ono diz: “Eu tive um caso com Hillary Clinton nos anos 1970”. Adicionalmente, muitas pessoas acreditam em fenômenos paranormais, incluindo possessão pelo demônio (42%), percepção extra-sensorial (41%), fantasmas e espíritos (32%), bruxas (21%) e que as montanhas, árvores e cristais têm energia espiritual (26%).

Em vista disto, como podemos explicar que tenhamos, simultaneamente, a presença de racionalidade na espécie humana e o fato de que ela parece ser tão escassa? Portanto, é sobre isto que tento me dedicar em meu livro. Neste sentido, se as pessoas podem ser racionais, por que parece que a humanidade está “perdendo a cabeça”? Não há uma explicação fácil para isto... Para explicar tal fenômeno, eu apresento quatro razões distintas.

A primeira podemos chamar de “Raciocínio Motivado”. A saber, racionalidade está sempre a serviço de um objetivo e este não é necessariamente uma verdade objetiva. Portanto, o “Raciocínio Motivado” não consiste em seguir a lógica para onde quer que ela te leve, mas, sim, em decidir qual decisão você acredita que seja verdadeira e, então, manipular seu raciocínio. Assim, ele termina aonde você quiser. Além disso, a racionalidade pode ser utilizada apenas para ganhar uma discussão na qual o resultado seja importante para você. Como disse o jornalista americano Upton Sinclair: “É difícil fazer com que um homem entenda algo quando sua sobrevivência depende de não entendê-lo”.

Ademais, talvez o objetivo seja provar quão sensato e virtuoso seu grupo é, isto é, sua religião, sua tribo ou sua seita política, e quão estúpido e maldoso o grupo oposto é, o que, às vezes, é chamado de “Viés do meu lado”. E também, de todos os muitos vieses e falácias que os psicólogos descobriram, sobre os quais eu argumento em meu livro “Rationality” (“Racionalidade”), o “Viés do meu lado” talvez seja o mais poderoso.

Portanto, eu vou dar-lhes alguns exemplos. Este é um silogismo lógico: se as admissões de faculdade são justas, então, as leis de ação afirmativa não são mais necessárias. Em outras palavras, as leis de ação afirmativa são aquelas que dão preferência a minorias raciais e mulheres. Por outro lado, as admissões de faculdade não são justas. Dessa forma, leis de ação afirmativa são necessárias. Sendo que, silogismos válidos são aqueles que a conclusão segue a premissa. Este é um silogismo válido? Bem, a resposta é não. Esta seria a falácia de “negação de antecedentes”. Nomeadamente, “P implica Q”, “Q portanto, em P”. Isto não é lógico.

Apesar disto, a maioria das pessoas da esquerda política, os liberais, cometem esta falácia que os conservadores não cometem. Diante disto, os conservadores diriam: “Bem, isto prova o que já sabemos. Isto é, que a esquerda é irracional”. Bem, vamos com calma! Deixe-me experimentar este outro silogismo: se punições menos severas impedissem as pessoas de cometer crimes, a pena capital não deveria ser usada. Por outro lado, punições menos severas não impedem as pessoas de cometerem crimes. Portanto, a pena capital deveria ser usada. Bem, isto também envolve a falácia de afirmar o consequente. Desta vez, os conservadores cometem a falácia e os liberais, não. Basicamente, ambos os lados irão distorcer a lógica para alcançar a conclusão que eles acreditavam ser verdadeira inicialmente.

Além disso, uma segunda explicação para a irracionalidade humana generalizada são as intuições primitivas que todos partilhamos. Talvez isto seja resultado de nossa evolução em ambientes naturais.

Por exemplo, nós todos somos dualistas. Acreditamos que as pessoas têm a mente separada do corpo. Portanto, quando você interage com uma pessoa, você não a trata como um robô ou uma boneca. Você atribui uma mente a elas. Você presume que, dentro delas, há um conjunto de crenças e desejos que, embora não possamos vê-los ou ouvi-los, inspiram seu comportamento. Então, este é o locus de sua consciência. E isto é um curto passo para imaginar que as mentes podem existir separadamente dos corpos. Consequentemente, temos crenças em espíritos, almas, fantasmas, em vida após a morte e em percepção extra-sensorial.

Ademais, também temos a visão do “Essencialismo”, no qual as coisas vivas contêm uma essência invisível, alguma matéria ou poder, que dá a elas forma e poder. Assim, as doenças aconteceriam quando algum contaminante, poluente ou adulterante fosse introduzido ao corpo. Dessa forma, esta intuição é um curto passo para rejeitar as vacinas. Porque, afinal de contas, as vacinas envolvem pegar uma parte do agente da doença ou germe e, efetivamente, injetá-lo em seu corpo.

Por isto também as pessoas rejeitam organismos geneticamente modificados, que repetidamente foram demonstrados serem perfeitamente seguros. As pessoas os vêem como algum tipo de poluente. Isto acontece também com outros aditivos alimentares. Além disso, isto explica porque as pessoas são suscetíveis a charlatanismos médicos, como a homeopatia e remédios os herbais, e porque, em muitas culturas, a doença é tratada com purgação, sangria, jejum e com essa noção vaga de se livrar das “toxinas”.

Uma outra visão primitiva é a da “Teleologia”. Como sabemos, nossos planos e artefatos são projetados com um propósito. Eles são projetados com algum objeto futuro em mente. Frequentemente, isto é um curto passo para presumir que o universo tem um propósito e para acreditar em criacionismo, em astrologia, em sincronicidade e na noção vaga de que tudo acontece por uma razão.

Mais uma razão seriam nossas intuições de autodefesa coletiva. Ou seja, a noção de que seríamos vulneráveis a ataques e emboscadas de inimigos conspirando em segredo, o que advém de nosso passado evolutivo, no qual os povos tribais eram mais vulneráveis a ataques. A partir disto, é fácil passar para a noção de que a falta de evidência destas conspirações é, na verdade, uma prova de quão diabólica elas são.

Nesse sentido, essas visões primitivas podem ser desaprendidas, e verdades científicas objetivas podem ser adquiridas somente através da confiança em conhecimentos legítimos, cientistas, historiadores, jornalistas e agentes do governo. Entretanto, apenas alguns de nós podem realmente justificar suas crenças, incluindo as verdadeiras. Há muito poucos de nós que, por exemplo, sabem o suficiente sobre química atmosférica para de fato explicar o que causa as mudanças climáticas. Mas, nós confiamos que as pessoas de “jalecos brancos”, que fizeram cálculos, estão falando a verdade. Por outro lado, experimentos e pesquisas demonstraram que os “Criacionistas” e os “Negacionistas das mudanças climáticas” não são menos “cientificamente alfabetizados” que aqueles que acreditam. Eles apenas diferem em sua ideologia política. Portanto, quanto mais à direita você estiver, mais negará as mudanças climáticas. Na verdade, as pessoas que acreditam em mudanças climáticas, frequentemente possuem bases duvidosas para suas crenças. Talvez as pessoas pensem que tem algo a ver com o buraco na camada de ozônio, com depósitos de lixo tóxico ou com os canudos plásticos no oceano. Isso não quer dizer que essas pessoas entendam de ciência, mas tem a ver com o fato de elas confiarem nos cientistas.

Ademais, crenças estranhas perduram em pessoas que não confiam nas instituições. Elas acham que os cientistas, os jornalistas ou os oficiais do governo são apenas mais um tipo de sacerdócio ou tribo. Assim, elas não têm maior apego à verdade do que um cara qualquer na internet, em algum site. E isso acontece especialmente quando as instituições ostentam sua própria política partidária. Por exemplo, quando os cientistas e jornalistas basicamente anunciam sua participação na esquerda política, então, a direita política naturalmente, irá se posicionar de forma oposta.

Por fim, há uma distinção entre o que eu chamo de “Crenças realistas” e “Crenças mitológicas”. Nesse sentido, Bertrand Russell certa vez disse: “É indesejável acreditar em uma proposição quando não há base alguma para supor que ela seja verdadeira”. Assim, se isto te atinge como óbvio, característico, banal ou “certamente”... então, você tem uma visão incomum pós-iluminista das crenças. Na verdade, o que Russell disse foi um manifesto antinatural radical. Em geral, a mente humana não funciona assim.

Nesse sentido, as pessoas têm dois tipos de crenças. Por um lado, suas convicções são o que eu chamo de “Zona de realidade”, que consiste nos objetos físicos em torno de nós, nas outras pessoas com as quais lidamos cara-a-cara, nossas memórias destas interações, as regras e as normas que são aplicadas em suas vidas cotidianas. Portanto, nesta Zona, as crenças são consideradas testáveis e são mantidas se forem verdadeiras. Além disso, nesta Zona, as pessoas são perfeitamente racionais. Mesmo as pessoas que acreditam em teorias da conspiração malucas estão suficientemente em contato com a realidade, pois elas possuem trabalho, pagam seus impostos, dão roupas a seus filhos, os alimentam e os levam para a escola a tempo, mantêm comida na geladeira e um teto sobre suas cabeças.

Porém, as crenças no que eu chamo de “Zona de mitologia” são muito diferentes, pois se trata de algo que aconteceu num passado distante, bilhões de anos atrás. O futuro incognoscível, povos e lugares distantes, cantos remotos de poder, como salas de reuniões corporativas, palácios presidenciais ou salas de comissões parlamentares, o microscópico, o cósmico, o contrafactual, o metafísico... Em outras palavras, em todos estes domínios mais abstratos, as pessoas possuem crenças, não porque elas são verdadeiras ou falsas, pois não há como saber, mas porque elas são divertidas, empoderadoras e moralmente edificantes. Se elas são verdadeiras ou falsas, isto é desconhecido e irrelevante.

Como exemplo, temos as crenças religiosas. As pessoas que acreditam em Deus, não dizem que podem vê-lo, ouvi-lo ou provar que ele existe. No entanto, apesar disto, elas apenas pensam que é importante acreditar nele. Além disso, temos os mitos nacionais, os heróis, os mártires e os deuses que fundaram a nação, sobre os quais os historiadores sempre nos contam e que não são tão nobres quanto são retratados nos mitos nacionais... Temos também ficção histórica, como as peças de Shakespeare. Nós realmente nos importamos se Henrique V fez, de fato, aquele discurso na batalha de Agincourt?

E, finalmente, temos as teorias da conspiração. Por exemplo, muitas pessoas afirmam acreditar que, digamos, Hillary Clinton administrava uma rede de sexo infantil numa pizzaria em Washington, DC. Apesar disto, elas não fazem o que seria óbvio, como chamar a polícia, que é o que você faria, se realmente acreditasse que crianças estivessem sendo estupradas no porão. Ao invés disto, eles fizeram coisas como deixar uma estrela na resenha do restaurante no Google. Agora, para pessoas como essas, que dizem que Hillary Clinton administrava uma rede de sexo infantil, isto é basicamente uma forma de dizer: “Huuu (Vaia), Hillary!”. Em outras palavras, é como se eles dissessem que ela é má e depravada, então, este é o tipo de coisa que ela poderia fazer. Mas, se ela de fato o fez ou não, bem, ninguém sabe realmente.

Diante disso, levanta-se a seguinte questão: Como podemos nos tornar mais racionais? Minha sugestão é de que as ferramentas de racionalidade formal, as maneiras de raciocinar de forma profunda, como a lógica, a probabilidade e a teoria dos jogos, deveriam se tornar intuitivas (“segunda natureza”/ “second nature”). Primeiramente, a racionalidade deveria ser o “Quarto R”¹, juntamente à leitura, escrita e aritmética e deveria ser ensinada nas escolas. Em segundo lugar, as normas de racionalidade deveriam ser promovidas. Nós deveríamos estar cientes de falácias como “Meu viés lateral” ou discussões ad hominem, que consistem em atacar a pessoa ao invés de seu posicionamento.

¹ Uma referência a um programa educativo, que inclui um quarto princípio, além de, leitura, escrita e aritmética, isto é, “Relacionamentos”.

Além dessas, deveríamos estar cientes também do, “Viés de disponibilidade”, que significa raciocinar a partir de anedotas que estão disponíveis na memória, em vez dos melhores dados. Portanto, deveria ser considerado embaraçoso, humilhante (faux pas/ “vergonhoso”) cometer alguma dessas falácias. Deveríamos tratar nossas crenças como hipóteses a serem testadas, e não tesouros que devem ser guardados, e mudar nossas mentes quando as evidências mudarem. Esta deveria ser a norma ou expectativa geral. Mas, talvez, o mais importante sejam as “instituições” que devem ser protegidas.

Ou seja, grupos de pessoas que concordam com certas regras que favoreçam a verdade e nos permitem ser mais racionais coletivamente do que individualmente. Em um grupo, as pessoas podem comparar suas descobertas, criticar as posições uns dos outros e perceber seus vieses. Por exemplo, em testes de lógica... comumente, em um teste que não seja tão intuitivo, somente 1 em 10 pessoas acertam. Mas, se você puser as pessoas em grupos de 4 ou 5 para trabalharem juntas e obterem as respostas corretas, então 7 em cada 10 acertarão. Mesmo que todos nós sejamos tendenciosos, nós somos muito bons em perceber os vieses das outras pessoas. Dessa forma, isto pode funcionar, se você tiver um grupo de pessoas seguindo as regras para alcançar a verdade.

Além disso, o que eu quero dizer por “racionalidade promovendo as instituições”? Bem, temos a ciência, quando há testes empíricos e “revisão pelos pares” (peer review). E também, governos democráticos, nos quais há “pesos e contra-pesos” (sistema que permite que os diferentes grupos de um governo regula atos de outro, para impedir a concentração de poder).

Assim, o presidente pode fazer o que ele quiser, mas poderá receber oposição dos tribunais e do parlamento. Ademais, temos o jornalismo, com sua exigência para edição e checagem de fatos. Temos ainda o sistema jurídico, com os processos contraditórios dos advogados da oposição. Outrossim, temos a Academia, com sua liberdade de pesquisa, investigação e os debates abertos, em que qualquer ideia pode ser criticada.

E até mesmo a Wikipédia, que é surpreendentemente precisa e cujos editores têm que se comprometer com a neutralidade e a objetividade. Portanto, você pode compará-la com o Twitter ou Facebook (mídias sociais), nos quais você ganha crédito, não pela objetividade, mas por valores como fama, notoriedade e entretenimento, e onde as opiniões podem facilmente ser compartilhadas ao invés de avaliadas. Além disso, essas mídias sociais são muito rápidas... qualquer ideia que você tenha, pode instantaneamente ser propagada, em oposição ao jornalismo responsável e à Academia, nos quais você peneira, filtra e tenta encontrar uma boa ideia dentre dezenas de ruins.

Então, porque a racionalidade importa? Bem, a racionalidade é importante para nossas vidas. Uma série de estudos demonstra que as pessoas que seguem modelos de racionalidade, evitando vieses cognitivos e falácias sofrem, em média, menos acidentes e contratempos. Ademais, elas são financeiramente mais saudáveis e têm melhores resultados em seus trabalhos.

Portanto, a racionalidade impulsiona o progresso material. Em meu livro anterior “O Iluminismo agora: Em defesa da razão, ciência, humanismo e progresso”, eu argumento que o progresso é um fenômeno real. Assim, se você mapear ao longo do tempo longevidade, paz, prosperidade, segurança e qualidade de vida, todos eles melhoraram. Consequentemente, isto nos leva a uma questão: “Isto significa que você acredita em progresso?”. Bem, a resposta é, não.

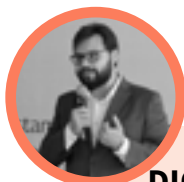
Como disse um comediante americano: “Eu não acredito em nada que você tenha que acreditar”. Dessa forma, o progresso vem da implantação da razão para melhorar o desenvolvimento humano. Em outras palavras, as pessoas vêem um problema, então, elas tentam descobrir como resolvê-lo. Às vezes, eles são bem sucedidos e mantêm a solução que funciona. Nós tentamos não repetir nossos erros. Sendo assim, esta é a única razão pela qual o progresso acontece.

Menos obviamente, eu acredito que a racionalidade impulsiona o progresso moral e a justiça social. Então, em um outro livro “Os anjos bons da nossa natureza: Por que a violência diminuiu”, eu faço referência a muitos exemplos históricos, demonstrando o declínio da violência e da opressão. Por exemplo, a diminuição das guerras, da tortura, dos genocídios e de autocracias. Nesse sentido, eu descobri que muitos desses movimentos começam com uma argumentação racional. Por exemplo, algum filósofo, pensador ou ativista apresentou argumentos alegando que algumas das práticas das pessoas eram incompatíveis com outros valores que eles afirmavam ter.

Então, estes argumentos foram reimpressos em panfletos e livros. Poderíamos dizer que “eles viralizaram”. Assim, eles eram discutidos em cafeterias, salões e pubs. Consequentemente, estes argumentos influenciariam as elites e, eventualmente, eles se tornariam lei naquela terra. Isto incluiria perseguições religiosas, punições cruéis, guerras, autocracias e, até mesmo, a escravidão. Por fim, eu discuto no fim do livro que o poder da racionalidade para guiar o progresso moral é uma peça fundamental, que tem o poder de guiar o progresso material e escolhas sensatas em nossas vidas.

Além disso, nossa capacidade de obter incrementos de bem-estar em um mundo impiedoso e de sermos bons uns com os outros, apesar da nossa natureza imperfeita depende da compreensão de princípios imparciais que transcendam nossa experiência provinciana (limitada). Nós somos uma espécie dotada de uma faculdade racional elementar, que descobriu fórmulas e instituições que ampliaram seu alcance.

Nesse sentido, elas nos despertaram para ideias e nos expuseram a realidades que se chocaram com nossas intuições e que são verdadeiras para tudo isto. Obrigado!



DIOGO: Muito obrigado, professor Pinker! Temos algumas perguntas do nosso público para você. Eu começarei por: “Qual sistema político você acredita ser mais condutivo para a racionalidade na política?” e “Qual deles previne melhor que os “malucos irracionais”, como dizem, de subirem ao poder?”



STEVEN: Bem, claramente a democracia liberal é o sistema político mais racional porque ela tem mecanismos de feedback (retorno) e de correção de erros. Se tivermos um autocrata, um líder forte, ele é apenas um ser humano, ele é só um “cara”. E ninguém é infalível. Ninguém é perfeito. Ninguém sabe de tudo. Inevitavelmente, alguém no poder vai fazer algo estúpido... ademais, as pessoas no poder gostam de acumular mais poder.

Por outro lado, em uma democracia, se houver algum erro em alguma política, as pessoas podem criticar, os jornalistas podem criticar, as pessoas podem protestar. E, no próprio governo, há sistemas reguladores (pesos e contrapesos), que mencionei anteriormente. Isto significa que o líder pode fazer o que ele quiser, mas ele precisa contar com a colaboração do Legislativo e do sistema judiciário. Da mesma forma, todos estes mecanismos reguladores são como, nas ciências, a demanda por peer review (revisão por pares) e testes empíricos.

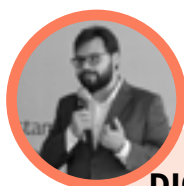
Em outras palavras, são as maneiras através das quais qualquer ideia é corrigida, ou seja, através de feedback (retorno) fornecidos pelo mundo. Entretanto, em um sistema de governo que reprima a liberdade de expressão, que dê poder a um líder forte, então, certamente, ele vai fazer algo estúpido e talvez, até mesmo coisas cruéis.



DIOGO: Portanto, “A democracia liberal é o modelo político que você acha mais racional?”.



STEVEN: Seguramente, a democracia liberal é o mais racional.

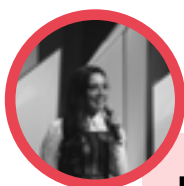


DIOGO: “Há algum sistema eleitoral, representação proporcional, majoritária, que você considere mais racional?”.



STEVEN: Ah, sim! As democracias têm uma variedade de mecanismos e alguns deles são definitivamente mais racionais do que outros. Por exemplo, o sistema americano é provavelmente o menos racional por haver um colégio eleitoral e, virtualmente, ninguém poder defender o colégio eleitoral. Mas, mesmo que não houvesse o colégio eleitoral, mesmo que fossem votos populares, uma vez que qualquer sistema que, como dizem, é de maioria simples (“*First past the post*”), ou seja, o sistema em que quem obtiver a maioria de votos, ganha, será menos racional, no sentido que falhou em satisfazer as preferências da maioria dos eleitores quando houver um terceiro candidato, de outro partido.

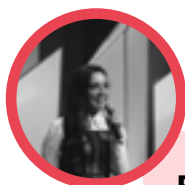
Eu não deveria dizer “quando” mas, ao invés disto, “frequentemente”. Portanto, dentre os diferentes sistemas eleitorais, por exemplo, entre um sistema eleitoral com dois turnos ou por classificação, nós sabemos que cada um deles tem suas próprias imperfeições. Não existe um sistema eleitoral que satisfaça todos os critérios que desejamos que um sistema eleitoral tivesse. Alguns são melhores do que outros. Mas, o sistema pluralista/majoritário ganha como um dos piores.



BRUNA: Excelente, professor Pinker! Primeiramente, eu tenho que dizer que temos mais de 6.000 pessoas nos assistindo agora, no Brasil, e eu estou segura de que eles estão ansiosos pelo lançamento de seu livro traduzido para o português.



STEVEN: Sim, ele será.



BRUNA: Nós estamos ansiosos para isto. É importante dizer que nossas perguntas são votadas pelo público. Então, começaremos com a que foi a mais votada. Assim, “Dado que o negócio das mídias sociais é impulsionado pelo engajamento e pela emoção, como incentivar a racionalidade neste ambiente?”



STEVEN: Esta é uma pergunta excelente, porque todos os mecanismos que permitem que certas instituições promovam a racionalidade, como a ciência, a democracia liberal e o sistema judicial, são totalmente inaptos nas mídias sociais. É quase como se estas instituições fossem opostas às mídias sociais. Assim, temos uma proliferação instantânea de ideias sem reflexão, sem filtrar as ruins e as boas. Além disso, você obtém estima ou glória com base em valores como fama, notoriedade e entretenimento, ao invés de uma reputação baseada em exatidão. Ainda, não está claro quais mudanças nas plataformas de mídia social, em seus algoritmos ou em seus mecanismos de engajamento, deveriam ser feitas para que elas pudessem se tornar mais racionais.

Poderia ser através da desaceleração das coisas... Por exemplo, fazer com que as pessoas acumulassem uma pontuação, baseada em quão criteriosas ou quão precisas suas postagens foram, apesar de haver formas de pontuar postagens por sua complexidade intelectual, em oposição a valores baseados somente em insultos.

Eu acho que elas são tão novas, e as interações são tão complexas, que seria muito difícil saber, de antemão, o que funcionaria e o que não. Mas nós podemos pressionar as empresas a experimentar modificações que fariam com que as mídias sociais fossem menos polarizadas e divisivas e mais precisas e deliberativas. Eu não sei quais poderiam ser essas modificações.



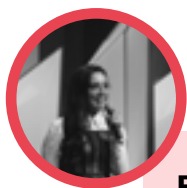
DIOGO: Obrigado, professor Pinker! Como você vê o futuro das instituições de ensino superior, onde a busca por objetividade e racionalidade pode, às vezes, ser vista como perigosa ou associada a outros objetivos sociais?



STEVEN: Bem, eu acho que há um problema na educação superior na América, onde há um estreitamento dos pontos de vista políticos. Há cada vez menos conservadores, quase todo mundo é liberal ou esquerdista, e isto significa que os estudantes e professores estão sendo cada vez menos expostos a críticas e pontos de vista alternativos.

Além disso, há o problema de punição de opiniões não ortodoxas, em que as pessoas podem ser demitidas ou receber medidas disciplinares por questionarem certas políticas ou ideias. Conseqüentemente, isso irá desabilitar ou desestimular o único mecanismo que temos para nos aproximarmos da verdade, que consiste na expressão de ideias, permitindo com que elas sejam criticadas.

Se certas ideias não puderem nem mesmo ser expressadas, então, garantidamente seremos ignorantes para certas respostas. Neste sentido, há uma citação que diz: “Quanto mais nós discordarmos, maiores são as chances de ao menos um de nós estar certo”.



BRUNA: Sim... Nós temos uma pergunta relacionada à física. Na verdade, vou começar com uma outra e, então, perguntarei sobre física teórica, que eu acho que é muito interessante: “você acredita que o aquecimento global é uma questão relacionada a um ciclo natural de nosso planeta?”



STEVEN: Eu acho que as evidências são esmagadoras, portanto, não fazem parte de um ciclo normal do planeta. Entretanto, eu penso que seria melhor fazer esta pergunta para alguém com experiência em clima e em história geológica. Mas, meu entendimento é de que há um enorme ou esmagador consenso e um bom motivo para acreditar que o aquecimento global não é parte de um ciclo natural, que está completamente fora de sintonia com os ciclos naturais.

Nós nunca tivemos níveis de dióxido de carbono como estes. Nunca tivemos taxas de aquecimento como estas. Definitivamente, estamos vendo algo que é historicamente incomum.

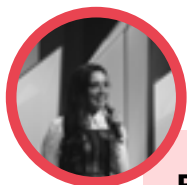


DIOGO: Eu quero perguntar a você sobre um dos temas do seu livro “Racionalidade: quão dependente ela é da racionalidade social?”. Aristóteles pensava que a moralidade individual depende da moralidade social. Portanto, “A moralidade individual também deveria depender da racionalidade social ou nós deveríamos ser mais irracionalmente racionais numa sociedade irracional?”.



STEVEN: Bem, na verdade, não. De fato, quando falamos sobre o papel de instituições como ciência, democracia liberal, jornalismo e sistema judicial, estes são tipos de racionalidade social. Nomeadamente, não é somente uma pessoa tentando ser brilhante. É uma comunidade de pessoas, que podem criticar uns aos outros e decidir quais ideias provavelmente são verdadeiras.

E também, quais provavelmente são falsas. A partir disso, você pode combinar ideias, tornando-as cada vez mais complexas. Então, este é o tipo de racionalidade social que eu acredito ser a única forma de nos tornarmos coletivamente mais racionais. Neste sentido, nunca é apenas um gênio, porque nenhum ser humano está livre de ser tendencioso, e ninguém é suficientemente inteligente para pensar em tudo por conta própria.



BRUNA: Então, onde se encaixariam teorias que não podem ser testadas, como a da Matéria Escura? Elas poderiam ser consideradas crenças mitológicas? Deveríamos considerá-las não científicas?



STEVEN: Bem, provavelmente um físico estaria mais apto para responder esta pergunta, mas até onde eu sei, a natureza da Matéria Escura não é inerentemente não testável, apesar de ser difícil testá-la na prática, uma vez que não temos sensores grandes ou sensíveis o suficiente para fazê-lo. Portanto, ela pode ter que ser avaliada através de diferentes explicações, com parcimônia e consistência com outras coisas que conhecemos em física. Mas, eu penso que isto seria diferente de Mitologia, em que a única razão para acreditar está relacionada a valores de entretenimento. Além disso, é um valor moral e é válido para unir a tribo, por exemplo.

Por outro lado, em física, nem tudo pode ser testado na prática, por não termos um acelerador de partículas do tamanho de Júpiter, ou por alguma outra razão. Isso não significa que a teoria ou o fenômeno não seja logicamente testável. Apenas significa que, talvez, não sejamos capazes de construir os aparelhos que necessitamos para testar estas teorias ou reunir as observações necessárias.

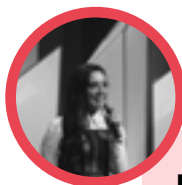


DIOGO: Deixe-me perguntar a você sobre a reconciliação entre a liberdade de expressão e a racionalidade nas mídias sociais. Nós deveríamos ter projetos que façam com que a racionalidade seja mais lucrativa?



STEVEN: Sim! Isto é exatamente o que deveríamos fazer, se pudermos descobrir quais são estes projetos. Um exemplo disto seriam as previsões de mercado, no caso de haver questões como eleições, a saída de algum país da União Europeia ou a flutuação do preço do Euro. E as pessoas, na realidade, apostam umas contra as outras sobre o que acontecerá.

Então, quando o evento acontecer ou se ele não acontecer, quem tiver uma melhor compreensão do mundo fará mais dinheiro. Portanto, este é um exemplo de como fazer com que a racionalidade seja lucrativa. Por conseguinte, há uma discussão acerca do fato de os mercados de previsão serem muito mais precisos do que especialistas individuais. Dessa forma, ao fazer com que este tipo de precisão seja rentável, podemos incentivar cada vez mais pessoas a utilizar seus conhecimentos e, assim, chegar a previsões mais racionais.



BRUNA: Essa pergunta também é muito boa: “Quais são ações ou regras comuns hoje em dia, que serão consideradas irracionais daqui a alguns séculos?”



STEVEN: Bem, é difícil saber... Mas, tem sido frequentemente sugerido que a agricultura industrial e, de forma mais geral, comer carne, serão considerados algo tão primitivo, tão inaceitável, quanto leilões de escravos ou queimar hereges são, nos dias de hoje. Além disso, também é possível que nossa demora em mudar de combustíveis fósseis para fontes de energias alternativas seja considerada altamente irracional. Eu suspeito que evitar a energia nuclear e fechar centrais nucleares fará com que países que dependam muito do carvão e do petróleo sejam vistos como irracionais. Ademais, muitos aspectos científicos e tecnológicos estão destinados a melhorar. Assim, algumas das crenças que temos agora serão consideradas, se não irracionais, certamente, equivocadas. Que não são necessariamente a mesma coisa.

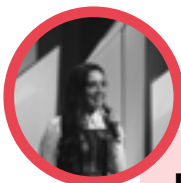
As armas nucleares também podem ser consideradas um outro exemplo, como equipamentos militares que sejam inúteis, mas que tenham um potencial de dano catastrófico. Então, é possível que armas nucleares sejam consideradas como inexplicavelmente irracionais.



DIOGO: Qual seria a crença mais importante sobre a qual você mudou de opinião?



STEVEN: Bem, provavelmente a crença de que cada um de nós é infalível ou perfeitamente racional. Todos nós acreditamos ser racionais e que todos os demais são irracionais. Portanto, provavelmente, a crença mais importante é a de que, frequentemente, as pessoas terão opiniões que acabarão por estarem corretas, enquanto a sua não.



BRUNA: Você acredita que a mente seja um sujeito (objeto de estudo)? Ou ela é somente uma forma de descrever comportamentos internos?



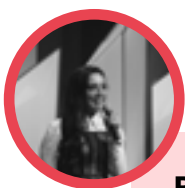
STEVEN: Bem, eu certamente acredito. Eu sou um cientista cognitivo e estas são pessoas que estudam a mente. Nesse sentido, eu passei toda a minha vida comprometido com a ideia de que a mente é algo que pode ser estudado. Então, absolutamente, sim!



DIOGO: Você vê o seu livro como sendo parte de uma série de livros que vêm lidando com a crise epistemológica? Pensando sobre os livros de Julia Galef, “A Mentalidade Escoteira” (“*The Scout Mindset*”) ou, de Jonathan Rauch, “A Constituição do Conhecimento” (“*The Constitution of Knowledge*”), você acha que esta é uma onda de livros que estão falando sobre problemas similares aos que estamos enfrentando?



STEVEN: Sim, eu diria que meu livro está bem alinhado com as temáticas dos livros de Galef e Rauch.



BRUNA: “A irracionalidade no poder é muito mais danosa do que no resto da sociedade”. Esta foi uma afirmação. Assim, “Como a governança/ administração pública pode melhorar isto?” E, “Você acha que podemos construir uma melhor arquitetura do sistema político para fazer isto?”.



STEVEN: Sim. Eu acho que esse deve ser um imperativo: fazer com que a administração pública (governança) seja mais racional. Eu falo em meu livro sobre várias formas de fazer isto. Mesmo que todos achem que a sociedade está enlouquecendo e que a racionalidade está diminuindo, de muitas maneiras, há movimentos que estão fazendo com que sejamos mais racionais do que nunca.

Por exemplo, nos esportes, temos o *Moneyball*. Talvez você tenha visto o filme do Brad Pitt sobre o uso de dados e estatísticas para tomar decisões em esportes, ao invés de usar somente palpites e intuições. Na filantropia, há o altruísmo eficiente. Você decide onde suas horas e seu dinheiro serão melhor empregados. Há também o policiamento baseado em evidência, como o uso da força policial nas zonas que em que há mais crimes, para reduzir ainda mais a violência criminal.

Além disso, há a medicina baseada em evidência, que avalia as práticas médicas para ver o que de fato funciona, através do uso de ensaios clínicos randomizados. Você divide em dois grupos: um que recebe o tratamento e um controle que recebe o placebo. Então, os dois grupos são comparados. Ademais, há uma governança eficiente, às vezes chamada de Nudge, às vezes de “Insights de Comportamento” (“*Behavioural Insights*”) ou somente de governança baseada nas evidências. Em geral, o uso de dados coletados, a análise de evidências servem para ver quais políticas governamentais, de fato, fazem o que foram projetadas para fazer.

Por exemplo, temos o engajamento de pessoas, fazendo com que elas estejam cientes de serviços governamentais ou afastando-as de comportamentos prejudiciais. Há uma organização que eu consulto, chamada Apolitical, que tenta partilhar as informações existentes entre servidores públicos nos governos de todo o mundo, pelo fato de que todos eles possuem um problema em comum, que é saber quais políticas e programas funcionam e quais não. Frequentemente, este conhecimento existe. Entretanto, ele pode estar confinado numa agência, em algum governo, e seria muito benéfico se estas informações fossem compartilhadas e se outros municípios, outras províncias, outros países pudessem usar seus conhecimentos para saber o que funciona. Assim, esses foram alguns exemplos de como aplicar dados e evidências para fazer com que nossas práticas sejam mais racionais.



DIOGO: A América, neste momento, está sofrendo muito menos influência religiosa do que antigamente, digamos, há 20 anos atrás. Que impacto você acha que isto teve na racionalidade social?

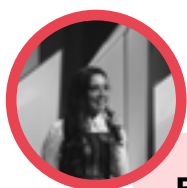


STEVEN: Bem, há diferentes aspectos deste contexto. Por muitos anos, os Estados Unidos ficaram para trás de muitas democracias ocidentais, com relação à sua influência religiosa. A América era um país excepcionalmente religioso. Ele ainda é mais religioso do que a maioria dos países da Europa Ocidental ou da “Comunidade das Nações” (“*The Commonwealth*”)². Mas, os EUA estão se tornando cada vez menos religiosos, principalmente as gerações mais jovens. A geração Y (“*Millennials*”) é menos religiosa do que a geração da explosão demográfica (“*Baby Boomers*”) e, a geração Z é menos religiosa do que a geração Y.

² É uma organização intergovernamental composta por 53 países independentes. A maioria dos membros da Commonwealth são antigas colônias do Império Britânico, com duas exceções, Moçambique, que foi colônia portuguesa e Ruanda, antiga colônia belga

Em parte, essa tendência é movida por uma incapacidade de acreditar em milagres, histórias e escrituras. E, em parte, também é impulsionada por uma alienação ou afastamento de todas as instituições. As pessoas mais jovens são menos comprometidas, não só com igrejas e sinagogas, mas também com o governo. Elas confiam menos no governo e na imprensa. Entretanto, isto não é necessariamente algo bom porque são as instituições que nos oferecem a melhor esperança de sermos racionais.

Nos Estados Unidos, e acho que em outros países também, as pessoas muito religiosas têm uma influência muito maior no governo. Em outras palavras, sua influência está acima da média, dos números reais, uma vez que as pessoas religiosas são comprometidas com instituições que trazem todos os seus membros para votar. As pessoas mais seculares, menos religiosas, entretanto, simplesmente não se importam com nenhuma instituição, portanto, elas ficam em casa e não vão votar. Então, a porcentagem da população americana que é cristã-evangélica e a porcentagem de ateus, agnósticos e humanistas é quase a mesma, mas todos evangélicos votam, enquanto que os ateus e humanistas ficam em casa. Isto se dá por causa de seu afastamento das instituições, e isto não é algo muito bom.



BRUNA: Professor, este evento, a SEMANA DE INOVAÇÃO, tem um lema este ano: “Atreva-se a transformar”. Portanto, é uma chamada à ação para os servidores públicos, os agentes públicos do Brasil, para construir futuros ousados e melhores, para começar a transformá-los agora mesmo. Então, uma das perguntas que temos, delineando o programa é “Qual futuro faria com que o passado tenha valido a pena?”. Tendo isto em vista, eu te faço a mesma pergunta que fizemos para nosso público.



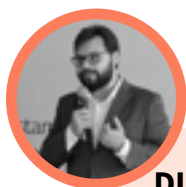
STEVEN: Um futuro no qual possamos identificar quais são as coisas que valorizamos e quais são as coisas que tornam as pessoas melhores, que seriam: vidas mais longas, melhor saúde, melhores níveis de instrução/educação, mais conhecimentos, mais oportunidades de aproveitar o mundo, de desfrutar da natureza, da cultura, menos violência, menos doenças, menos guerras... todas estas coisas. Neste sentido, eu mostrei em meu livro anterior que a maioria destes aspectos demonstraram melhoras. Conseqüentemente, um futuro em que eles tenham melhorado ainda mais, seria um futuro que teria feito o caminho valer a pena. Eu não acredito na utopia. Eu acredito que o mundo jamais será perfeito. Além disso, eu acredito que seria perigoso tentar buscar a utopia devido a uma série de razões.

Uma delas é que as pessoas são diferentes. As pessoas discordam umas das outras. Ademais, qualquer coisa que fizesse algumas pessoas mais felizes, poderia fazer outras menos felizes. O problema com a utopia é que as pessoas no poder teriam que impor sua visão sobre todas as outras... além disso, se elas acharem que têm um plano para fazer com que o mundo seja perfeito para sempre, isto significaria que, qualquer um que discordasse, representaria um impedimento para alcançar o mundo perfeito. Isto é muito cruel!

Bem, nós conhecemos esquemas utópicos, como a China comunista de Mao e o Reich de mil anos de Hitler, e eles envolvem genocídios em massa, pois as pessoas que se opuseram a eles, que não faziam parte de seu plano perfeito, eram consideradas um estorvo e tinham que ser removidas do caminho.

Além disso, dentre as coisas que valorizamos, existem escolhas. Por exemplo, nós todos concordamos que liberdade é algo bom, que a saúde é algo bom... Entretanto, se dermos às pessoas liberdade, parte desta liberdade inclui fazer coisas insalubres/não-saudáveis. As pessoas irão beber demasiadamente, vão usar drogas, vão dirigir rápido demais... Ainda há a escolha entre a liberdade e a igualdade. Se você permitir que as pessoas possam competir economicamente, de acordo com seus talentos ou sua sorte, algumas pessoas acabarão com mais do que as outras. Não é possível ter ambos (liberdade e igualdade). Por outro lado, se você fizer com que todos sejam iguais, isto significa restringir o que algumas pessoas podem fazer, em comparação às outras. Dessa forma, elas não irão avançar.

Portanto, as escolhas estarão conosco permanentemente. E é por isto que tentar fazer tudo perfeito é uma receita para o desastre. Por outro lado, tentar fazer com que as coisas sejam melhores, para que, mesmo com os conflitos, nos tornemos um tanto mais ricos, mais livres, mais saudáveis e mais felizes... isto sim, pode ser alcançado. Nós sabemos que isto é possível porque o fizemos no passado. Nós somos mais saudáveis, vivemos mais e somos mais ricos agora do que costumávamos ser. Portanto, não há razão para que isto não possa ser ainda mais extrapolado.



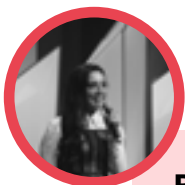
DIOGO: Se o nacionalismo e o comunismo foram as duas melhores alternativas ao liberalismo democrático, no século XX, quais você acha que serão as alternativas no século XXI?



STEVEN: Bem, certamente o nacionalismo na forma de um populismo autoritário é um fenômeno muito típico do século XXI. E tanto o público do Brasil, quanto o dos Estados Unidos, experimentaram recentemente o sabor muito forte disto. Portanto, esta seria uma das ameaças: o populismo nacionalista autoritário. A outra seria um tipo de radicalismo esquerdista, que iria derrubar tudo, pois partiria do princípio de que o sistema é tão corrupto, decadente e cruel, que qualquer coisa seria melhor do que o que temos agora, ao invés de tentar trabalhar para buscar o progresso, resolvendo os problemas que enfrentamos. Assim, este tipo de niilismo destrutivo, que tem sido atrativo para muitas pessoas, é uma certa necessidade do caos e de destruir tudo. Então, esta é uma outra ameaça. E, em alguma medida, eu acredito que seja algo que às vezes é chamado de “Despertar” (“*Wokeism*”³), nos Estados Unidos, o que significa política identitária, na qual as pessoas não são tratadas como indivíduos mas, sim, como membros de grupos raciais ou de acordo com suas orientações sexuais, por exemplo. E, nestes grupos, costuma haver um pensamento de estar em constante estado de conflito ou enfrentamento.

³ O comportamento das pessoas que são sensíveis a injustiças sociais e políticas.

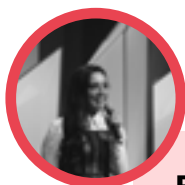
Portanto, a única forma com a qual eles poderiam ascender, seria empurrando os demais grupos para baixo. E esta é, eu acredito, uma receita para o conflito e para aumentar a polarização, que funciona contra as formas de negociação constantes e contra o reconhecimento dos direitos humanos individuais, que são as bases da democracia liberal.



BRUNA: Professor, um dos objetivos deste evento e do nosso trabalho é catalisar a formação de um novo setor de servidores públicos do século XXI, que para nós, deveriam ser encorajados a ousar transformar. Dessa forma, eu gostaria de pedir a você para completar rapidamente a seguinte frase: “O líder público do século XXI é um líder que...”



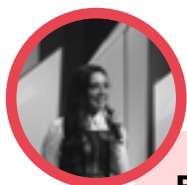
STEVEN: A melhor evidência deste líder seria projetar políticas que tornem as pessoas melhores. Eu sei que isto é muito vago, que pode não dizer muito, mas, certamente, eu acredito que o uso de evidências será crucial. E também, o objetivo de resolver problemas. Então, talvez o melhor líder seja aquele que acredita que... deixe-me colocar de forma diferente... os problemas são solucionáveis. E as soluções criam novos problemas, que devem ser resolvidos à sua vez.



BRUNA: Você acabou de publicar um livro e nós estamos, como eu disse anteriormente, muito curiosos para lê-lo em português. Mas, antes de terminarmos, eu gostaria de te perguntar em que você irá trabalhar em seguida.



STEVEN: Bem, eu vou escrever um livro sobre o conceito de conhecimento comum/geral, do ponto de vista técnico, da teoria dos jogos. Em outras palavras, eu sei algo, você sabe algo, eu sei que você sabe que eu sei, você sabe que eu sei, e assim por diante. Portanto, este é um conceito lógico, que eu acredito que tenha uma contrapartida psicológica. Explicando melhor, há uma diferença entre algo que todos sabem que é verdade e algo que está por aí, que é público ou de conhecimento geral. Há uma enorme diferença entre estes dois, e eu estou fazendo trabalhos experimentais para avaliar como isto afeta nossas emoções e nossa linguagem. Então, eu terei um novo livro, mas não antes de 3 ou 4 anos, que se chamará: “Não vá lá: Conhecimento geral/comum e a ciência da hipocrisia, civilidade, indignação e tabu” (tradução livre – “*Don’t go there: Common knowledge and the science of hypocrisy, civility, outrage and taboo*”).



BRUNA: Muito obrigada! Eu sei disso e o Diogo sabe que esta foi uma palestra fantástica na nossa SEMANA DE INOVAÇÃO 2021. Muito obrigada!



DIOGO: Muito obrigado, Steven Pinker!



STEVEN: O prazer foi meu. Obrigado por me receber. Foi muito bom falar com todos vocês!

ENAP

Como a inovação humana funciona



Deirdre McCloskey

Apresentada em 12 de novembro de 2021, na 7ª Semana de Inovação: "Ousar Transformar".



Moderador da palestra:
Diogo G. R. Costa

Resumo da palestra: Os principais tópicos abordados nesta palestra são relativos à importância da inovação. McCloskey apresentará sua visão sobre como grandes desafios da humanidade, por exemplo, pobreza e tirania, e como o retorno a valores liberais e iluministas, de liberdade e prosperidade, podem nos apoiar na superação de crises.

Palavras-chave: Inovação; Valores liberais; Liberalismo



DIOGO: Nós vamos ouvir sobre a importância da inovação. Eu vou começar chamando Deirdre McCloskey, convidando-a a apresentar a sua visão sobre inovação. McCloskey é professora emérita de Economia, História, Inglês e Comunicação na Universidade de Illinois, nos Estados Unidos.

Segundo a própria Deirdre, ela é uma mulher literária, quantitativa, pós-moderna, de livre mercado, episcopal, progressista, nascida no meio oeste americano e que já foi um homem. Autora de diversos livros, McCloskey apresentará sua visão sobre como grandes desafios da humanidade, por exemplo, pobreza e tirania, e como o retorno a valores liberais e iluministas, de liberdade e prosperidade, podem nos apoiar na superação de crises. Professora McCloskey, muito obrigado por estar aqui hoje conosco. A palavra é sua, Professora.



DEIRDRE: Estou muito satisfeita de estar de volta ao Brasil, mesmo que virtualmente. Obrigada, querido. Eu gostaria de começar com alguns aspectos: nos tornamos ricos, mesmo no Brasil, por causa da inovação. Não apenas por causa dos investimentos, embora, seguramente, investimentos sejam importantes para algumas coisas, como por exemplo, para ferrovias, mas por causa da criatividade humana, da capacidade inventiva humana. Isso é contrário à visão da professora Mazzucato, que é a visão de progresso na América Latina, e de John Maynard Keynes, na Inglaterra, dentre outros. A inovação não provém diretamente das organizações e, certamente, não vem do Estado. Afinal, este é um ponto um tanto óbvio: uma nova ideia de investimento, ou uma nova ideia de organização da força de trabalho, ou uma nova ideia na ciência ou na música, vem de alguém, da mente de uma pessoa.

Claro que, quero dizer, não há nada de controverso nisto, de modo que o único papel que o Estado pode ter, que é o enfoque dado pela professora Mazzucato, é o de criar o ambiente adequado para que a criatividade individual possa florescer. Agora, para alguns projetos, o Estado é necessário.

Eu não sou uma anarquista. Eu acredito que há um papel para o Estado. Por exemplo, nós não teríamos a bomba atômica nos Estados Unidos sem o projeto Manhattan. E, de fato, esse único exemplo, o projeto Manhattan, encorajou o entusiasmo pela gestão estatal de inovações desde então. Mas, a maioria das inovações em economia, por exemplo, por sua conta, por minha conta, vêm de empresas individuais e, dentro delas, de pessoas criativas.

Eu e Alberto Mingardi escrevemos um pequeno livro, de umas cem páginas, analisando em detalhes os exemplos da professora Mazzucato, com sua devida comprovação, como deve ser, e, além disso, analisando a teoria por trás de seus casos, os quais poderiam ser no Brasil ou em qualquer outro lugar em que as políticas de inovação sejam impostas por instrumentos coercitivos do Estado. Eu também posso comentar que o Estado brasileiro atual não tem os melhores instrumentos, mesmo para as propostas de Mazzucato.

Mas ainda, considerando o que ela diz... ela diz que alguém em Washington ou em Brasília sabe muito melhor como orientar suas inovações, como ter novas ideias, do que os empreendedores ou engenheiros “no campo”, na linha de frente das atividades econômicas. Esta é uma presunção antiga... esta presunção de que o Estado pode fazê-lo. Isto é a base do Mercantilismo, dos séculos XVII e XVIII, estendendo-se para o século XIX.

E, em formas anteriores, era o que estava por trás das políticas econômicas da Itália, Inglaterra e China, embora, por um curto período, no século XIX até quase o século XX, tenha caído em desuso, mas voltou a ser popular no final do século XX.

Como eu diria, é uma espécie de Keynesianismo. Entretanto, eu acredito que isso seja muito pouco plausível. Portanto, eu perguntaria: “Você acha que seria uma boa ideia que houvesse uma agência governamental de inovação, com poderes coercitivos, para a música, por exemplo? Isto garantiria o melhor futuro para a música no Brasil ou para a língua Portuguesa? Ou ainda, seria uma coisa boa ter alguém em um escritório central, decidindo qual deveria ser a conjugação dos verbos “ser e estar” no português brasileiro?”. Dessa forma, eu acho que é bastante óbvio que estas não seriam ideias muito inteligentes. A mesma coisa se aplica à amizade.

Você acha que deveria haver uma agência de planejamento de amizade, que diga: “Eu acho que você deve ter esse tipo de amigo e não é permitido que você tenha aquele outro tipo”. Além disso, aqui está algum dinheiro para te encorajar a ter certos tipos de amizade”.

Então, eu acho que o caso é que este tipo de “iluminação” do poder central, este modesto planejamento central – não muito modesto, na verdade – o qual ela (Mazzucato) propõe, é insensato, uma vez que nos saímos muito melhor na música, ou nas línguas, ou na amizade, assim como na economia, ao permitir que as habilidades criativas de cada um de nós interaja nos mercados, ou de outras formas, com o prestígio e assim por diante, desenvolvendo outras formas de cooperação, que é o que é o mercado. Tendo isto em vista, eu acho que esta é a melhor política para o Brasil, para que finalmente se torne o país do futuro, que é o que sempre dizem, e em outras palavras, para ser um país enriquecido de todas as formas, na música, como na economia.

Portanto, é o que eu acho da proposta da professora Mazzucato, embora seja inevitavelmente popular com os que estejam no poder, uma vez que os poderes constituídos gostam da ideia de serem responsáveis pela inovação, e apesar de parecer plausível para os brasileiros comuns, pois, afinal de contas, todos temos que planejar nossas próprias vidas.

“Então, porque não planejamos a vida nacional? Eles não são adultos? Eles não são sensatos?” Mesmo em nossas próprias vidas, ao menos eu posso dizer por mim, e estou segura que vocês concordariam, nossos planos raramente dão certo. Assim, não é sensato usar o exemplo ou a analogia com o indivíduo, para toda a complexidade de um país. Dessa forma, eu os convido a ouvi-la. Na verdade, ela não quis debater comigo, o que é uma pena, pois poderíamos conversar de forma frutífera sobre a língua Portuguesa ou a música, música inovadora ou ideias inovadoras, na ciência e na arte... nós poderíamos testar a visão uma da outra. Muito obrigada! E, por favor, permita-me voltar a seu esplêndido país.



DIOGO: Muito obrigado, Professora McCloskey. Eu poderia fazer algumas perguntas?



DEIRDRE: Claro! Pergunte! Eu sou a “senhora respostas”. Eu posso responder qualquer coisa sobre sua vida amorosa, ou qualquer outra coisa.



DIOGO: No que concerne aos tipos de inovação, há inovações que podem ter diferentes vieses políticos. Então, podemos pensar sobre Peter Thiel, que diz que a criptografia é uma forma de tecnologia mais libertária, enquanto que a inteligência artificial é um tipo mais autoritário de tecnologia. Você vê isto num futuro próximo? Estes tipos de forças poderiam transformar nossa sociedade em direção à mais liberdade ou mais autoritarismo?



DEIRDRE: Bem, essa é uma analogia muito interessante, que eu nunca tinha escutado antes. Mas, há outras analogias similares por todos os lados. Quero dizer, como mencionei anteriormente, por exemplo, na vida familiar, precisamos planejar, e a mãe e o pai precisam estar no controle. E, esta analogia da mãe e do pai, é o que Lenin tinha em mente, e assim como Marx e Raúl Prebisch.

E, como você sugeriu, é uma tecnologia de cima para baixo, como a inteligência artificial. De fato, o uso da inteligência artificial é para nos seguir, influenciar e gravar nosso consumo, detalhadamente, assim como vemos na China. Eu estive na China algumas vezes e é bastante chocante quão profundamente o Estado quer ir nas vidas dos cidadãos comuns. Portanto, eu acho que a visão da professora Mazzucato, seguramente, concordaria comigo que é horrível na China, mas afinal, eu acho que é um passo na direção da construção daquele autoritarismo de cima para baixo. E, embora meu exemplo pareça extremo, do Estado governando as amizades, esse é o objetivo de Xi Jinping, uma vez que ele está muito interessado em intervir nas alianças, digamos, nas alianças pessoais, para atingir seus objetivos.



DIOGO: Professora McCloskey, em diferentes épocas, as fronteiras da sociedade foram, por vezes, as partes mais inovadoras da sociedade. Dessa forma, nós vimos isto na Califórnia, nos EUA, e mesmo na Ásia Oriental. Agora que não temos mais fronteiras geográficas, Como você vê o papel exercido pelas fronteiras nos processos de inovação modernos?



DEIRDRE: Bem, há um famoso discurso na história da Academia Americana, no ano de 1890, feito por um professor chamado Turner, no qual ele narrou, há mais de cem anos, o fim da fronteira geográfica nos Estados Unidos, quando a maioria do Oeste dos Estados Unidos estava ocupado. E o ponto é que, no mundo moderno, como temos observado, quase não há fronteiras que não possamos alcançar muito facilmente, seja fisicamente ou por meio de uma chamada por Zoom. “Então, onde está a fronteira?”.

E eu acredito que a fronteira, como você sugeriu, seja intelectual, que esteja em nossas mentes. Portanto, as políticas de governo são simplesmente perigosas, pois elas vêm para dizer a você como orientar suas ideias. Na verdade, alguns anos atrás, eu conversei com um jovem empreendedor, não exatamente da área de marketing, mas da área de venda a varejo, e ele estava aconselhando pessoas com técnicas assistidas por computador, dentro de suas lojas, sobre como fazer as coisas acontecerem. Então eu perguntei a ele: “Como você lida com os reguladores?”. E ele disse, “Ah, nos computadores, sabemos mais do que os reguladores, portanto, podemos sempre ficar um passo à frente deles. Então, ao invés de pedir permissão para implementar alguma técnica nova, nós pedimos perdão, depois que já implementamos a técnica e ela funcionou muito bem”. Nesse sentido, eu acredito que esta seja a forma com a qual as coisas devem ser feitas ou organizadas, para reunir as habilidades criativas que são imensas em indivíduos brasileiros. Assim, você não pode estar mandando neles o tempo todo.



DIOGO: “Qual é o papel da filantropia quando se trata de inovação?”. Por exemplo, na América, grandes fortunas, às vezes, são convertidas em doações filantrópicas, que vão para as artes ou para as ciências.

Além disso, muitas delas acontecem com algum tipo de subsídio fiscal do governo. Assim, “Como você vê este tipo de política?”



DEIRDRE: Bem, eu suponho que eu seja a favor destas políticas. Por exemplo, eu tenho sido patrocinada por elas durante toda a minha carreira, portanto, eu estaria sendo falsa se dissesse que as vantagens fiscais das contribuições para as artes e para universidades nos Estados Unidos são uma má ideia. Mas, eu acho que, provavelmente, elas são uma má ideia. O problema é que, na maioria dos países, e eu acho que isso também é verdadeiro para o Brasil, o Estado assumiu o controle desses objetos culturais, mais especificamente da alta cultura, museus de arte, e assim por diante.

E isto, como eu estava dizendo, tem seus perigos. Nesse sentido, há duas formas de persuadir as pessoas a fazerem as coisas que você quer que elas façam. Uma delas é pegar uma arma e ameaçá-las. E, esta é a forma do Estado. Eu disse a vocês, eu não sou anarquista, uma vez que eu acredito que o Estado tenha seu papel, mas eu acho que isso é muito perigoso, porque é um papel de coerção.

É um método coercitivo. Ademais, a outra forma, que é a única outra maneira que temos, eu chamo de “conversa doce” ou troca, mas elas são a mesma coisa. Como Adam Smith disse, nós oferecemos às pessoas dinheiro ou uma conversa persuasiva, para persuadi-los a fazer o que queremos que eles façam. E esta é a forma das artes e das ciências. Então, eu fico muito preocupada quando os bilionários ou o Estado estão envolvidos. Entretanto, eu devo dizer que eu fico menos preocupada quando os bilionários estão envolvidos, porque, novamente, eles não têm o poder das armas. Em outras palavras, eles não têm o poder da coerção. O real perigo não vem das grandes corporações fazerem volumosas contribuições para as artes, ou que pessoas ricas como Gates, tentar curar a Malária, ou algo assim. O grande perigo é, como vocês descobriram no Brasil, nos últimos anos, o poder do Estado.



DIOGO: Bem, Professora McCloskey, muito obrigado por conversar conosco hoje, com toda a sua doçura, e eu espero que, na próxima vez, seja pessoalmente, aqui ou em alguma outra cidade brasileira. Muito obrigado!



DEIRDRE: Eu quero comer a comida brasileira novamente. Quero ouvir a música brasileira, ir a uma aula de Samba...



DIOGO: Nós vamos garantir que isso aconteça! Muito obrigado!



Economia em transformação: sustentabilidade, desenvolvimento e tecnologias



Carlota Perez

Apresentada em 10 de novembro de 2021, na 7ª Semana de Inovação: "Ousar transformar"



Moderadora da palestra:
Adriana Ligiero

Resumo da palestra: Nesta palestra, Perez fala sobre antigas revoluções tecnológicas, buscando pontos de aprendizagem em tais experiências passadas. Ela fala sobre mudanças econômicas, sociais e institucionais para uma transição para uma economia sustentável.

Palavras-chave: Revoluções tecnológicas; economia sustentável; sustentabilidade.



ADRIANA: Boa tarde, pessoal! Bem vindos a mais um painel da Semana de Inovação 2021. Em meio à estagnação da produção e do consumo, novas crises e o aumento das desigualdades, a economia é uma peça chave para a transformação: novas tecnologias, finanças descentralizadas, as mudanças de matriz energética, mercados sustentáveis, economia verde e uma visão mais ampla de desenvolvimento surgem no debate internacional como temas centrais para catalisar essa transformação. Quais são as possibilidades para nossa economia? Neste painel, nós vamos ouvir os distintos pesquisadores para nos inspirar e executar mudanças, visando o desenvolvimento sustentável. Agora, tenho o prazer de convidar a Dra. Carlota Perez, que vai nos trazer um olhar sobre antigas evoluções tecnológicas e o que podemos aprender com essas experiências passadas.



CARLOTA: Bem, muito obrigada pela apresentação. Sinto muito não poder falar em português. Como faço para parar a tradução? Pode seguir ou me ouve sozinha?



ADRIANA: Pode seguir.



CARLOTA: Ok. Bem, vou falar principalmente sobre o panorama geral. Isto é, como podemos fazer desenvolvimento. Uma vez que temos desenvolvimento, é mais fácil distribuir, é mais fácil acabar com a pobreza, é mais fácil melhorar a saúde.

É claro que não é certo que será feito, mas na verdade, o milagre brasileiro não necessariamente reduziu a desigualdade. A desigualdade no Brasil, infelizmente, permaneceu por um longo tempo, durante esse período de grande, grande boom.

Portanto, agora a ideia é poder dar um salto no desenvolvimento, mas garantindo que também tenhamos uma boa distribuição. A propósito, a boa intenção de distribuir, se você não está gerando riqueza, não funciona. Vou compartilhar uma tela. Então vou falar sobre a relação entre revoluções tecnológicas e oportunidades de desenvolvimento, especificamente para a América Latina. A primeira coisa que é importante entender é que as oportunidades de desenvolvimento são um alvo em movimento no contexto do capitalismo global. Na realidade, o que acontece no norte global define muito do que podemos fazer no sul. Portanto, é importante reconhecer as oportunidades, a fim de aproveitá-las. A América Latina aproveitou muito bem a oportunidade de substituição de importações nas décadas de 60 e 70, mas perdeu a oportunidade utilizada pelos asiáticos nas décadas de 80 e 90.

Quando a Coreia do Sul, Taiwan, Cingapura e Hong Kong deram o salto, a América Latina não o fez. Entretanto, os resultados do que eu chamaria de grande sucesso, mesmo que muitas pessoas não vejam dessa maneira, de substituição de importações, foram importantes e ainda nos deixaram um legado que nos permite tirar proveito de novas oportunidades. Vejamos a combinação de fatores que permitiram a industrialização por setores de importação na América Latina nos anos 60 e especialmente nos anos 70.

Primeiro de tudo, o chamado Primeiro Mundo tinha mercados saturados, não podiam vender mais carros, ou geladeiras, ou qualquer outra coisa, porque o mercado já estava saturado e a América Latina, naturalmente, estava interessada em produzir, importava todas essas coisas. Ao mesmo tempo, as tecnologias que produziam esses produtos em massa eram maduras e altamente transferíveis. Isso criou a oportunidade para a substituição de importações. O que tinha a América Latina? Bem, tinha uma classe média educada com demanda de solventes e um Estado com renda de exportação, porque todos nós éramos exportadores de matérias-primas, mas geralmente nas mãos do Estado. Assim, foi possível financiar o processo. Por outro lado, o Estado tinha a possibilidade e a vontade de proteger intensamente a indústria em cada país. Proteção de 60, 70, 100%. Devo ressaltar que os Estados Unidos, na época em que eram um país subdesenvolvido, no século XIX, nos anos 1860, 70, 80 e 90, também protegeram sua indústria em 60, 70%, 50% para alcançar a Inglaterra, o que eles fizeram.

Portanto, estas duas condições nos permitiram fazer montagens para o mercado interno, e é muito importante que compreendamos que esta é uma das coisas que dificultaram o aproveitamento da próxima oportunidade, pois estávamos trabalhando principalmente para o mercado interno com preços muito altos. Assim, não éramos competitivos quando tentávamos fazer promoção de exportação em subsídios, pois eles tinham que ser enormes.

Enquanto isso, a Coreia estava atingindo uma verdadeira competitividade, mesmo com alguns subsídios no início. Portanto, esta foi uma oportunidade bem aproveitada. A América Latina cresceu a uma média de 4% regularmente por quase 20 anos. A classe média cresceu e uma grande classe trabalhadora foi formada, a infraestrutura foi colocada em prática e uma camada empresarial se desenvolveu, particularmente no Brasil. O que aconteceu no Brasil foi chamado de “O Milagre”, porque foi, de fato, um salto muito significativo no desenvolvimento. A experiência também foi adquirida nas indústrias de construção e processo. E a indústria de processo é muito importante, porque a oportunidade que temos agora exige capacidade na indústria de processo.

Qual é a combinação que cria a oportunidade agora? Por um lado, temos uma economia globalizada com mercados segmentados, necessitando de recursos naturais, dos quais a América Latina é altamente dotada. Por outro lado, há o acesso a tecnologias genéricas. As tecnologias genéricas são aquelas que se aplicam a muitos setores e estas são as TIC (tecnologias da informação), tecnologias digitais, biotecnologia, ciência dos materiais, e assim por diante. E também temos acesso à informação e ao comércio via Internet. Isto cria condições muito diferentes em termos de possibilidades de exportação, mesmo para coisas pequenas e produtos especializados para mercados muito restritos.

Então isto cria a oportunidade atual. O que temos? Temos o legado da substituição de importações nas indústrias de processo, como eu estava dizendo, como a química, processamento de aço, a agroindústria... Também em serviços temos qualificado muitas pessoas, inclusive estudando no mundo desenvolvido, ao contrário de outros países subdesenvolvidos, que não o têm.

Em outras palavras, temos uma diferença nesse sentido. Temos, por outro lado, que o mundo, e nós mesmos, nosso país, é um mercado segmentado de todos os tamanhos e temos acesso a redes globais e, é claro, há exigências crescentes para a mudança climática e a biodiversidade. Portanto, o que o mercado está pedindo, tem a ver com coisas que poderíamos fornecer. Então, qual é a oportunidade? Recursos naturais, mais tecnologia, mais inclusão para o desenvolvimento ambiental e socialmente sustentável. Esta é a oportunidade. E note que não é a fabricação de, quero dizer, não entendemos mais por tecnologia a fabricação de montagem, a indústria de fabricação... estamos expandindo muito o alcance do que pode ser agora desenvolvimento. De matérias-primas a serviços, todos podem ser aumentados em sua competitividade, em suas condições, em suas possibilidades com as tecnologias que estão disponíveis hoje. Assim, com as políticas certas, é possível criar uma economia lucrativa, sustentável e inovadora, com alta qualidade de vida para toda a população, tanto rural quanto urbana. Esta é a possibilidade que devemos aproveitar. Uma das coisas sobre as quais quero falar é sobre a questão da hiper-segmentação dos mercados.

É muito importante entender isto porque esta é uma das condições sob as quais a inovação pode ser direcionada, especificamente para novas possibilidades que existem no mercado, e temos que abandonar um pouco as ideias que tínhamos antes. As condições estão mudando.

Vivíamos em um mundo onde nos movíamos entre mercadorias com concorrência de preços e um certo nível de questões adaptáveis, com concorrência na adaptabilidade, onde, em geral, tínhamos construção. E eu sempre digo que, entre as coisas que fizemos sob medida, estavam vestidos de noiva e bolos de casamento, porque quase todo o resto era produção em massa. Todos produtos idênticos e, portanto, tentando diminuir o custo e, não necessariamente, aumentar a qualidade. Na verdade, estávamos baixando a qualidade, mas agora com o crescimento dos nichos de especialidades, estamos passando de um tempo de alto volume, estreita margem de lucro e qualidades básicas, para um mundo de alta rentabilidade, pequenas quantidades, qualidades especiais, tecnologia... Este mundo aqui em cima é um mundo muito especial e pode ser confrontado com empresas pequenas, médias, grandes e gigantes, porque todo este mundo tem uma variedade infinita e pode ser muito mais lucrativo.

E a concorrência é menos acirrada e você é suficientemente inovador. E isto está acontecendo igualmente em insumos, ou seja, matérias-primas, fabricação e serviços, e em cada atividade da cadeia de valor, porque agora a cadeia de valor tende a se dividir em pedaços. E, em diferentes países, é produzida em diferentes partes. É claro que agora, com a pandemia, aprendemos que a globalização foi longe demais e estamos redesenhando para frente. Há um redesenho da globalização que podemos tirar proveito. Vou lhe dar alguns exemplos de posicionamento para lhe dar uma ideia do que estou falando.

Vejamos primeiro os produtos básicos: ferro, carne, soja, televisores, que já são commodities super baratas. Quase não é negócio. Discos rígidos, por exemplo, e turismo de praia. Se você tem areia, caipirinha e palmeiras, tudo bem. Mas em todo o mundo, muitas pessoas têm isso. Por outro lado, se formos aos especiais, encontramos alimentos orgânicos, frutas gourmet, como açaí, biomateriais, madeira certificada. Se pudéssemos ter madeira anti cupim, seria maravilhoso. Coisas como essa. Aços especiais, alta moda, veículos voadores elétricos. Eu entendo que vocês estão produzindo chips eletrônicos, turismo de aventura.

Todas estas coisas especiais são o turismo de aventura, muito diferente do turismo de praia, porque requer qualificação, condições, treinamento, coisas muito mais complexas... E as pessoas pagam muito mais por isso do que para ir para a praia. Adaptados. Bem, carne, Halal ou kosher, por exemplo. Materiais sob medida, interpretação remota de dados, serviços pessoais.

Cada um deles é diferente em cada caso. (1) Turismo de saúde: na Índia eles estão fazendo operações de quadril para um avião inteiro de pessoas inglesas que precisam desse tipo de operação. Eles os levam para a Índia, fazem a operação, fazem os exercícios, os levam como turistas e os enviam de volta. E o custo é menor do que seria fazê-lo na medicina privada na Inglaterra. E o tempo, é claro... não é preciso esperar tanto tempo quanto se teria que esperar. Em outras palavras, eles aproveitaram esta janela de oportunidade e fizeram com que o turismo se adaptasse às condições de saúde; (2) e os grandes edifícios, considerados únicos, como o estádio de Beijing ou cais de Beijing; ou (3) projetos de infraestrutura complexas, serviços de logística, o Canal do Panamá, por exemplo, o único instrumento para bio e nanotecnologia.

É claro que eles acabam acontecendo aqui e depois aqui, porque depende... As coisas começam como especiais e podem, mais tarde, se tornar comuns. (4) Ecoturismo na selva ou nas Cataratas do Iguaçu... porque as Cataratas do Iguaçu são únicas e porque a floresta tropical amazônica é única. É algo que as pessoas vêm especialmente para ver. Então, esse é outro.

O que se faz? Bem, eles tentam progredir através de um reposicionamento apropriado, construindo sobre o que aprenderam e sobre as vantagens que já construíram. Não é que você invente que vai fazer uma coisa especificamente nova, se você não adquiriu capacidades anteriores para poder ter sucesso nisso. Como seria, então, uma estratégia que aproveitasse a oportunidade que descrevi, que tem a ver com recursos naturais, tecnologia e inclusão social? Estamos num momento em que ela está mudando... já estamos num momento em que o paradigma da revolução da informação está em seu esplendor, digamos, onde ela vai se desdobrar no mundo inteiro e definitivamente mudar o que eram todos os hábitos do mundo da produção em massa da revolução anterior.

Mas também estamos próximos da possibilidade de mudar as oportunidades com as tecnologias da próxima revolução tecnológica. Então, o que fazemos? Fazemos um avanço agora baseado na janela de oportunidade que é criada pela globalização, a ameaça da mudança climática e o paradigma das TIC.

A propósito, a pandemia também forçou a reconstrução e um entendimento de que o Estado tinha que se tornar ativo novamente. E isso torna possível que esta oportunidade se torne ainda maior. E, claro, é uma oportunidade para os detentores de recursos naturais e para expandir a biodiversidade. Mas isto nos permite preparar o salto para a próxima revolução tecnológica, desenvolvendo capacidades locais e globais, empresas e redes nos setores do futuro, que provavelmente serão bioeletrônicos, biotecnologia, medicina personalizada, nanotecnologia e materiais sob demanda. É aí que a próxima revolução maciça estará muito provavelmente, dentro de 15, 20 anos. E isto foi o que a Ásia fez com a revolução das TIC, sem tê-la planejado. Eles foram, na verdade, os primeiros montadores de questões eletrônicas, dada a casualidade de terem entrado um pouco mais tarde, mas não vamos discutir isso agora... Então a questão é: o Estado faz isso ou o mercado faz isso? Veja, projetos nacionais bem-sucedidos têm um padrão comum, eles começam por reconhecer a oportunidade conscientemente ou por sorte, e então você precisa das instituições certas de promoção e apoio, elevando a capacidade técnica do Estado.

A propósito, a substituição de importações treinou milhares de funcionários para o setor público latino-americano no Chile, Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) e em um instituto cujo nome me escapa... Estas instituições e a capacidade técnica do Estado é alta, porque um Estado competente é extremamente importante.

Eles identificam os grandes projetos objetivos, que é o que Mariana Mazzucato chama agora de missões, que é muito mais concreto. Isto requer recursos humanos, comerciais e técnicos, em vários níveis e alianças técnicas e comerciais.

Em outras palavras, este é o setor de produção. Depois vem o financiamento, políticas claras e favoráveis, e um consenso estável – isto é extremamente importante. Se você não conseguir que os setores políticos do país, mesmo que tenham diferenças em termos de como fazê-lo, sejam claros sobre a direção que vão tomar, seja estável ou não, toda vez que o governo muda, a direção muda, porque você pode conseguir pouco com puro mercado livre sem a ajuda do Estado.

Mas se você pelo menos for na mesma direção, é mais provável que tenha sucesso. Portanto: nem o Estado sozinho, nem o mercado sozinho, mas ambos apontando em uma direção consensual. Estes são tempos de inovações institucionais, não apenas tecnológicas. Precisamos de inovações institucionais apropriadas e da criação de visões compartilhadas. E para ter uma visão compartilhada, você também precisa de inovações institucionais para construir um consenso. Nos anos 60 e 70, tivemos o muito bem sucedido estado protecionista.

Dos anos 80 até agora, tínhamos um estado não intervencionista. O mercado livre não era exatamente muito bem sucedido, em minha opinião. Alguns pensarão o contrário. E, de agora em diante, precisamos de um estado promotor ativo e inovador. A pandemia está inaugurando uma nova era. A destruição pós-Covid, assim como na II Guerra Mundial, acelerará a mudança nos métodos de produção e estilos de vida sustentáveis. Ambos têm que ser transformados. Aproveitemos esta oportunidade. O Brasil pode ser uma potência mundial em inovação, em recursos naturais, em tudo o que fazemos. Vamos agarrar a oportunidade! Muito obrigada!



ADRIANA: Muito obrigada, Doutora Carlota. Que prazer ouvi-la, ainda mais terminando com uma nota otimista. Nós estamos mesmo precisando de otimismo. Agradeço muito! É realmente interessante como podemos olhar a história... às vezes, quando estamos em uma crise, esquecemos que a história tem muito a nos ensinar: que hoje podemos ver no passado o que funcionou, o que não funcionou e construir coisas novas juntando peças.



IMPRESA



Como construir sistemas dinâmicos e usar mais dados digitais



Tim O'Reilly

Apresentada em 16 de novembro de 2020, na 6ª Semana de inovação: (Re)imaginar e construir futuros.



Moderador da palestra:
Luís Felipe Monteiro

Resumo da palestra: Em sua palestra, Tim O'Rilley fala sobre planejamento de cenários como uma forma de prever diferentes futuros e alcançar uma estratégia robusta, isto é, uma estratégia que sirva bem para lidar com qualquer que seja o resultado. Dentro desta perspectiva, Tim traz o conceito de governo como plataforma: um governo que se utiliza das inovações tecnológicas, como, por exemplo, IA e big data, para investir em infraestrutura e se preparar para possíveis futuros.

Palavras-chave: planejamento de cenários; estratégia robusta; governo como plataforma; investimento.



LUÍS: Em primeiro lugar, boa tarde a todos. Boa tarde a vocês que estão aqui assistindo à Semana de Inovação, esse evento incrível, totalmente remodelado, agora no contexto da pandemia, em que nós estamos totalmente online, mais próximos do que nunca, mais próximos de todos os brasileiros. Estávamos conversando agora há pouco aqui no backstage, que tem servidores públicos e participantes de todas as regiões do país... pessoas que não poderiam estar aqui, se esse evento fosse realizado presencialmente. Então, é uma satisfação muito grande estar aqui com vocês todos. É uma satisfação principalmente estar aqui para debater esses assuntos de inovação, de transformação e de mudanças pelos quais que nós estamos passando, com o Tim O'Reilly.

Tim O'Reilly, que é basicamente um mito para nós da área de tecnologia... ele que reinventou muitas vezes o processo de tecnologias dentro do mercado no Vale Silício. Foram muito importantes o conhecimento e as inovações trazidas pela sua empresa. Agora, rapidamente, eu vou fazer uma troca para o inglês, para que o Tim O'Reilly possa nos acompanhar. Então, convido a todos, aqueles que precisarem de algum tipo de tradução, que acionem rapidamente os seus comandos na plataforma, para que a gente possa se comunicar de forma mais clara.

Olá, Tim, é um prazer tê-lo aqui. Nós nos conhecemos há alguns anos, e agora estamos conectados virtualmente. Por isso, é um prazer participar desta sessão. Tim O'Reilly é o CEO e fundador da O'Reilly Media. A O'Reilly Media é uma das minhas editoras favoritas sobre tecnologia e inovação, livros e artigos. Eu fui um dos que você impactou pessoalmente. Assim, é bom ter você aqui. Por favor, conte-nos muito mais sobre o que você vê ao redor do mundo. Como você vê os governos reagindo a este novo ambiente? O que você acha? Como você acha que devemos evoluir no futuro? Como serão os governos a partir de agora? Muito obrigado.



TIM O'REILLY: Muito obrigado por me receberem. Estou muito feliz por estar com vocês. Espero não falar muito rápido. Tentarei diminuir um pouco a velocidade. Deixe-me começar compartilhando minha tela para que eu possa lhes mostrar meus slides. Vamos ver, aqui vamos nós... Obrigado. Considerando o tópico de seu programa, que é imaginar o futuro, pensei em falar sobre um ensaio que escrevi há algumas semanas ou há alguns meses atrás, intitulado "Bem-vindo ao século XXI". A ideia que explorei neste artigo, e que vou comentar hoje, é sobre o quanto precisamos desafiar nossas pressuposições sobre o que está acontecendo no mundo. Eu acho que sempre temos que fazer isso, por causa da tecnologia. Mas a COVID nos lembrou que mudanças muito mais dramáticas podem vir sobre nós, de repente, e a questão então é: como planejamos, independentemente de sermos indivíduos, empresários ou pessoas que trabalham no governo? E a COVID é quase como uma aula prática para nós.



Eu inicio o ensaio com esta ideia de que o século XX não começou no ano 1900. Começou de fato em 1914, com o início da Primeira Guerra Mundial, o que realmente alterou a velha ordem. E este conjunto de imagens é uma colagem muito pessoal que demonstra como isso me impactou.



Esta é uma grande casa na Irlanda, que foi construída em 1812. E quando você vê aquela pequena imagem no centro, de uma mulher de pé num arco, é minha mãe, em 1951, grávida do meu irmão. Esta era uma casa grande, onde meu pai cresceu tirando água do rio que ficava lá embaixo, na Irlanda. E quando meu irmão nasceu, ela já era uma ruína.

Durante esses 150 anos, as pessoas que estavam no topo do sistema, a maneira como o sistema funcionava, mudou bastante. Há um ditado na Inglaterra: “o sol nunca se põe no Império Britânico” e isso era literalmente verdade. Quero dizer, os britânicos, esta pequena ilha, tinha posses em todo o mundo, então, o sol literalmente nunca se pôs.

Mas não somos muito bons em prever o futuro, e Juan Enriquez, que é um investidor em biotecnologia, escreveu um livro em 2005 chamado “The United States of America”, que tentou transpor a situação dos britânicos para nós, hoje. Ele estava um pouco à frente de seu tempo, mas disse que, em 1914, o Império Britânico dominou uma enorme quantidade da população mundial: 23% da população mundial e 24% de sua massa terrestre. No entanto, apenas 34 anos depois, foi reduzido à sua ilha original e a uma população de 66 milhões de habitantes.

Mas, se você tivesse perguntado aos líderes britânicos, em 1914, se eles esperavam que seu império fosse maior ou menor em 50 anos, o que eles poderiam ter dito? E eu acho que isso é apenas um lembrete muito bom para nós, ao enfrentarmos o século XXI, de que muitas coisas que tomamos como certas podem estar sujeitas a mudanças radicais.

Mas a pergunta realmente é: quanto da atual ordem mundial e da atual economia mundial tomamos como certa? E o quanto dela devemos questionar? Felizmente, existe uma disciplina chamada “planejamento de cenários” que nos ajuda a pensar sobre o futuro em um mundo incerto. Peter Schwartz é um dos criadores da técnica. Eu li um livro chamado “The Art of the Longview”. Tenho certeza de que também está disponível em português. Ele descreve um planejamento de cenários como um salto imaginativo para o futuro, e não foi projetado para prever o que vai acontecer, mas, sim, para imaginar várias coisas que podem acontecer e desenvolver estratégias que... [Interrupção] Perdoe-me. Deixe-me só começar por aqui.

Não quero entrar em muitos detalhes no planejamento de cenários, mas vou lhes indicar este recurso. A Salesforce e a Deloitte, em abril, fizeram um conjunto de cenários para responder a como o mundo poderia ser feito pela COVID-19. E eles se enganaram em algumas coisas... eles também acertaram algumas coisas, mas é uma demonstração de como pensar sobre o futuro de uma forma orientada para este cenário. Quero falar um pouco sobre isso.

Você começa por identificar coisas que são completamente incertas. Assim, se pensarmos nos meses de março e abril, há um conjunto de incertezas. Ainda temos muitas, mas aquelas diziam “veja como seria ruim esta pandemia”. Outra era, e esta foi algo surpreendente, que eles escolheram focar no nível de colaboração dentro e entre países. Por exemplo, eu penso muito aqui nos Estados Unidos, onde isto acabou se tornando uma incerteza muito presente, porque se revelou que havia muito pouca colaboração entre o governo e o setor privado, entre o governo federal e os estados.

E, assim acabou se tornando algo que gerou um monte de ideias sobre o que poderia acontecer e que acabaram se tornando verdade. Obviamente, há a resposta da saúde à crise. Vemos agora que o sistema de saúde passou por certa crise inicial e respondeu bastante bem. Temos visto vacinas sendo desenvolvidas. Acho que não vimos como as consequências da crise econômica iriam ser ruins, mas esta era uma incerteza que se podia identificar muito cedo. Também identificar a questão do nível de coesão social.

Isto significa que você tem o direito de copiar, modificar e redistribuir versões modificadas. Eu acredito que você possa fazer estas coisas de forma comercial ou não comercial. Portanto, este é de fato uma parte central da nossa filosofia. Quando as pessoas estão contribuindo para Wikipédia, elas não estão somente contribuindo para este projeto humanitário, elas estão contribuindo para um depósito de conhecimento, que pode ser reutilizado e redirecionado de muitas diferentes maneiras. Na verdade, nós vemos hoje em dia, por exemplo, que se você fizer uma pergunta à Siri, da Apple, ou à Alexa, da Amazon, ou mesmo ao Google, muito frequentemente, você obterá uma resposta que é lida diretamente da Wikipédia. E isto porque nós fazemos com que essas informações estejam disponíveis gratuitamente, para que todos possam reutilizá-las como bem entenderem.

Agora a questão é que, para fazer o planejamento de cenários, você não pode se concentrar em todas as incertezas.

Tipicamente, um grupo que está trabalhando nisto escolhe uma ou duas que são usadas apenas para desenvolver esses chamados cenários. Estes futuros imaginados ajudam a ampliar seu raciocínio sobre o que está disponível. Neste caso particular, eles escolhem a gravidade da pandemia e o nível de colaboração dentro e entre países.

É claro que isso é bastante apropriado para esta palestra porque estou falando para uma audiência, uma palestra dentro da administração pública. E sim, isso se tornou uma questão crítica. Haveria uma resposta coordenada, ou seria fraca e dividida? E isso acabou por criar futuros muito diferentes com base em como as coisas aconteceram.

Agora eles desenvolveram um conjunto de quatro cenários. É claro que, quando se tem estes dois vetores que se cruzam, eles fazem o que é típico, o dividem em um gráfico com 4 quadrantes e depois fazem algumas narrações sobre eles. Portanto, não vou entrar em detalhes sobre as histórias que eles contaram, mas você meio que tem a ideia de que existem futuros diferentes. E este é o ponto ao qual eu realmente queria chegar. Esse planejamento de cenários não pede que você diga: “sim, é isso que vai acontecer. O da parte superior direita é aquele para o qual você precisa realmente se preparar”. Não, eles dizem: “Olhe, há futuros extremamente divergentes. Alguns deles são muito bons. A pandemia não foi um grande problema. Todos lidaram bem com ela.

O outro é um verdadeiro desastre”. E então eles dizem: “Há uma estratégia a ser seguida?”. Isso é o que eles chamam de robusto, ou seja, funciona bem, independentemente do cenário que se revelar verdadeiro. E então eles lhe pedem para dizer para qual cenário você está realmente se preparando. Quais você está ignorando? O que você faria de diferente para ter sucesso em cada um deles? E, claro, quais capacidades, segmentos de parceria e estratégias você precisa aprender mais sobre? Esta é uma maneira de pensar sobre: como você se prepara para futuros desconhecidos? E este é um grande encontro com o mundo do qual tenho falado durante anos de previsão do futuro e do presente.

Aqui está uma citação do escritor de ficção científica William Gibson, que venho usando em minhas conversas provavelmente há 20 anos, portanto

“O futuro já chegou. Só não está muito bem distribuído”.

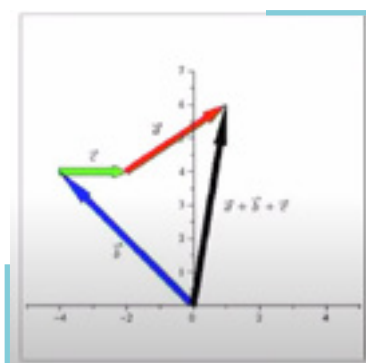
Se você olhar ao redor, poderá ver pessoas que estão vivendo no futuro, hoje, quando aqueles de nós foram pioneiros da Internet comercial no início dos anos 1990. Estamos vivendo no futuro agora; todos estão vivendo nesse futuro.

Então, pode-se olhar ao redor e se perguntar: “o que está acontecendo hoje que nos ensina algo sobre o futuro?”. No planejamento de cenários, eles chamam isso de notícias do futuro. Procura-se literalmente notícias que confirmam ou refutam algumas de suas ideias sobre o que pode acontecer, porque não é um futuro, mas muitos. Nós percebemos isso com a COVID. Atualmente, tem havido uma série de artigos sobre a diferença entre países. Estes estão realmente focados no desempenho de seu governo e no nível de confiança que as pessoas depositam no funcionamento do governo. O resultado é que, na Coreia do Sul, eles basicamente trataram da pandemia de forma bastante eficaz. Eles tiveram um total de 487 mortes.

Os Estados Unidos, em desordem e negação, tiveram 240.000 mortes. A doença está sendo muito bem administrada na Coreia, mas completamente fora de controle nos Estados Unidos. Por que a Coreia do Sul foi capaz de se sair tão bem? Há alguns artigos recentes que identificam a ideia de que um governo robusto desempenha um papel de grande envergadura. Francis Fukuyama escreveu um artigo sobre relações exteriores há alguns meses, chamado “A pandemia e a ordem política”. Segundo ele, os fatores responsáveis pelo sucesso da resposta pandêmica têm sido a capacidade do Estado, a confiança social e a liderança.

Países que contam com os três fatores, um aparato estatal competente, um governo no qual os cidadãos confiam e escutam, e líderes eficientes, têm tido um desempenho impressionante, limitando os danos que sofreram. Portanto, esta é uma estratégia robusta, em poucas palavras. Um governo robusto é, na verdade, um baluarte bastante importante contra futuros incertos. Da mesma forma, seguir a ciência é robusto. Eu tenho um genro australiano. Minha filha, meus netos e meu genro voltaram para a Austrália porque podem viver uma vida normal lá. Enquanto isso, aqui nos EUA, ainda estamos vacilando entre o colapso e a propagação do vírus. Portanto, seguir a ciência é algo robusto.

Mas agora eu quero passar para uma espécie de ideia muito mais específica da O'Reilly sobre como pensar sobre o futuro. Estritamente falando, não faz parte do planejamento de cenários, mas está muito alinhada com ele. Eu a chamo de Pensamento em vetores. Um vetor tem tanto uma magnitude quanto uma direção.



Então, nesta ilustração simples podemos ver que: se temos aquela linha azul, com uma força que nos leva para a esquerda, e temos uma força representada pela flecha verde, que nos leva de volta para a direita, e a flecha vermelha, que nos leva de volta para a direita e para cima, elas se somam nessa flecha preta. E nem sempre é óbvio, porque há tantas forças em jogo, que impulsionam o futuro. Mas ainda se pode ver que forças empurrando em diferentes direções acabam em uma espécie de direção clara.

A realidade é muito mais complexa do que esta simples ilustração, mas ao obter um sentido para os vetores, em termos de quantidades, e as direções e tendências, qual é o seu tamanho? A que velocidade estão seguindo? Em qual direção estão indo? Quais pressionam uns contra os outros? É possível começar a ter uma noção muito poderosa do futuro. E isto ficou muito claro no contexto do coronavírus, com uma série de artigos, que vocês podem ou não ter visto, mas que foram realmente baixados e lidos acho que dezenas de milhões de vezes em todo o mundo, por Tomas Pueyo. Ele não era um epidemiologista, mas um promotor de crescimento do Vale do Silício, e, no entanto, foi capaz de ler a epidemiologia e usar sua experiência de tendências e vetores do marketing de crescimento do Vale do Silício.

Também conseguiu dizer alguns futuros possíveis e o que acontecerá se não fizermos nada. Eis o que acontece se fizermos uma leve mitigação. Eis o que acontece se, grosso modo, largarmos a bomba e, em seguida, continuarmos com uma dança. Foi um conjunto de artigos lançados bem antes, em março. A ideia fundamental relacionada ao pensar em vetores é que se busca algo e se questiona o que acontece se isto continuar. Se continuar, você vai procurar a notícia do futuro que diz “sim”, está acontecendo ou está acelerando ou está desacelerando, ou há um novo vetor que está entrando.

Obviamente, isto é verdade em muitas outras áreas que afetam as políticas públicas. A mudança climática é muito clara. Há um vetor lá e ele está acelerando. Devemos nos preocupar muito com isso, particularmente quando vemos que o dióxido de carbono vai praticamente na vertical. Portanto, há algumas pessoas que estão aceitando a ciência e construindo políticas públicas em torno dela, mas muito poucas. E muito poucos a levam a sério.

A desigualdade de renda não fica tão evidente como o crescimento do coronavírus ou as concentrações globais de CO₂, mas é bastante claro que a desigualdade está se tornando um problema sério em todo o mundo. Ela afeta a expectativa de vida, a mortalidade infantil, a taxa de homicídios, as doenças mentais, a dependência de drogas e álcool, a mobilidade social...

Como entendemos este tipo de tendências? Como nós, que estamos tentando moldar as políticas públicas, lidamos com elas? Acredito que a primeira coisa a fazer é começar a reconhecê-las, mesmo que não tenhamos certeza do que vai acontecer. Como construímos uma estratégia robusta? A mesma questão dos vetores é ilustrada maravilhosamente em uma palestra dada pelo economista-chefe do Google, Hal Varian.

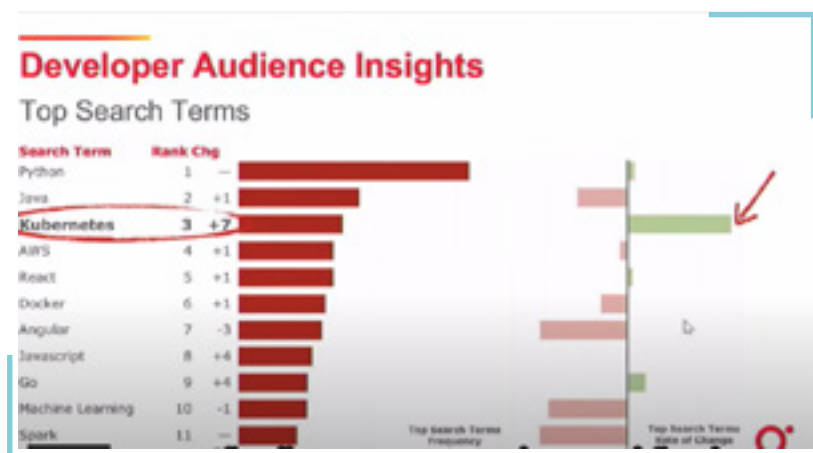
Ele tem uma palestra chamada “Bots vs Tots”. Alguns de vocês sabem que tem havido muita discussão. Será que os robôs vão assumir todos os nossos trabalhos? Pensando como um economista, você observa que há uma curva de oferta e demanda e a questão é: quantas crianças a mais existem? E está subindo ou está descendo? A que velocidade os robôs estão chegando? Está subindo ou está descendo? Vai haver uma interação entre esses dois vetores, que vai satisfazer a curva da oferta?

De qualquer forma, eu não vou passar por toda a discussão, mas ele chega à conclusão no final que, para muitos países, se os robôs chegarem para fazer muito mais trabalhos, eles estarão chegando bem em tempo porque o suprimento de novas crianças crescendo até virarem adultos em idade de trabalho está diminuindo. Pode-se olhar novamente para as tendências. Observar, e fazer as contas e ver o futuro. O que queremos desenvolver é uma espécie de radar.

Seja o que for que estejamos lidando, olhamos ao nosso redor, observamos os eventos como se fossem aeronaves chegando ou tempestades, lembrando que as coisas vêm de diferentes direções e em diferentes velocidades. Não se faz isso apenas em tempos de crise como o coronavírus, é algo que se deve fazer todos os dias.

A título de informação, no meu negócio nós o fazemos todos os dias. Temos que prever quais livros devemos publicar sobre as tecnologias emergentes e futuras e quais cursos devemos colocar em nossa plataforma de aprendizagem online sobre as próximas tecnologias. Estamos sempre tentando estudar e apresentar “o que está crescendo e o que não está”. E, em particular, estamos muito preocupados com a rapidez com que as coisas estão crescendo.

Portanto, procuramos, por exemplo, os padrões de busca em nossa plataforma online. Percebemos que o Python é o termo de busca número um. Mas veja este número três, Kubernetes. O gráfico ao lado mostra o quão rápido ele está crescendo. Está crescendo cerca de 30% ao ano, enquanto o Python está crescendo a uma quantidade muito pequena e várias tecnologias de que se ouve falar muito nas notícias estão, na verdade, encolhendo, por isso prestamos atenção a essa taxa de mudança, por assim dizer.



Porque estamos acostumados a pensar assim, estávamos muito mais preparados do que muitas empresas quando a COVID surgiu. Um de nossos maiores eventos, a “Strata Conference” sobre “Big Data”, estava previsto que acontecesse no Centro de Convenções de San Jose, para cerca de 8000 pessoas, exatamente quando a COVID estava ocorrendo. Cerca de duas semanas antes do evento, decidimos que era melhor cancelá-lo.

As pessoas estavam começando a ficar muito nervosas e muita coisa estava acontecendo. Mas nós não cancelamos apenas um evento. Na verdade, acabamos fechando todo o nosso negócio de eventos. Todo mundo estava surpreso, pensando em como foi rápido, e mais tarde nos perguntavam como havíamos sido tão presentes. Por que fizeram isso tão cedo? E a resposta foi bem clara: pensamos em vetores.

Chegamos à conclusão de que se era curto ou longo, se era realmente grave ou não, em diferentes cenários... e em todos estes cenários, a melhor coisa a fazer era fechar. Por quê? Porque era a incerteza, por si só, que iria paralisar todos os nossos eventos futuros. Já estávamos vendo esta imensa evasão, na qual ninguém estava se inscrevendo. Todos os custos ainda estavam lá. Na verdade, quanto mais nos aproximássemos dos eventos, teríamos mais custos perdidos em termos de compromissos com hotéis e locais, alimentos e marketing. Podíamos ver que só a incerteza, mesmo que durasse apenas alguns meses, seria incrivelmente prejudicial para o negócio.

Enquanto isso, já estávamos desenvolvendo uma abordagem para eventos online como parte de nossa plataforma. A curadoria do conteúdo real para eventos físicos foi feita pela mesma equipe de curadores para nossa plataforma online. Dessa forma, a estratégia robusta, independentemente do que acontecesse, era acelerar o pivô para a plataforma online. Assim, conseguimos cancelar o evento presencial e realizar um evento online ao vivo, em apenas uma ou duas semanas após a data original, o que também atraiu muitas milhares de pessoas. Na verdade, acho que tivemos mais pessoas participando do evento online do que tivemos no evento original. E fomos capazes de agir muito rapidamente porque conseguimos reconhecer o que estava acontecendo e as implicações, pudemos ver o futuro no presente.

Quero continuar aqui e falar sobre esta ideia de estratégia robusta como um nível social. Em outras palavras, temos que nos preparar para o inesperado. Seja a pandemia, a mudança climática, o colapso financeiro, a guerra, ou algo completamente diferente. Esse tipo de pensamento é um dos papéis fundamentais do governo. Mas, quando pensamos também em uma estratégia robusta, acho importante entender que a coesão social, a equidade e a justiça são robustas. Elas são muito mais robustas do que a desigualdade.

Temos que repensar nossas prioridades econômicas. Há uma frase maravilhosa de Erica Liu e Nick Hanauer, na qual eles dizem:

“Todos nós nos tornamos melhores quando todos nós fazemos o melhor”.

E eu acho isso absolutamente correto. O governo precisa investir na infraestrutura do século XXI. Vou falar um pouco sobre o que isso significa. Temos que começar a pensar em como proteger o futuro contra o passado. Queremos cultivar novas indústrias, não proteger as antigas. E é por isso que tenho falado muito nos últimos anos sobre a construção da próxima economia. Como é isso? Chego a esta ideia sobre a qual tenho falado nos últimos 10 anos ou mais, que é o governo como uma plataforma.

E quando comecei a falar sobre isso, me concentrei um pouco na ideia de licitação versus plataforma, e fiquei inspirado quando falei sobre isso em 2008 pelo iPhone, que havia aberto recentemente a App Store. E quando o iPhone inicial foi lançado em 2007, ele tinha, como qualquer outro telefone, 15 ou 20 aplicativos. Era possível fazer algumas coisas. Agora, em 2020, existem milhões de aplicativos. A Apple abriu e liberou um mercado.

Muitas pessoas tomaram isto como o começo e o fim da ideia de governo como uma plataforma. Vamos simplesmente abrir os dados e as pessoas virão. Mas eu pensava que essa era apenas uma das muitas lições para a tecnologia do governo. Significa muito mais do que abrir dados. Temos que pensar de muitas maneiras sobre o governo construir a infraestrutura para que a sociedade prospere. E isso significa o Estado de direito, garantindo segurança, igualdade, justiça e equidade.

E também, as regras de trânsito. É diferente do Estado de direito. Um grande exemplo é o termo “Equilíbrio de Nash” em economia, em homenagem a John Nash, o matemático que foi tema daquele filme “Uma mente brilhante”. Há um equilíbrio no qual todos concordam em fazer a mesma coisa, mas poderiam concordar de forma diferente. Por exemplo, no Reino Unido, as pessoas dirigem de um lado da rua. Nos Estados Unidos, elas dirigem do outro lado. E isto é super importante em tecnologia porque a interoperabilidade e padrões como a Internet, como o TCP/IP, têm sido enormes capacitadores para o futuro. O governo, particularmente quando está focado em antitruste e grandes empresas, precisa de fato impor e insistir em padrões e interoperabilidade para que uma empresa não se aproprie efetivamente das regras do trânsito.

O governo fornece estabilidade financeira e capital de investimento, fornece infraestrutura comum, investe em futuros estratégicos, regula e administra mercados. Ao contrário do que se ouve de muitas pessoas, acho que os governos são realmente bons em criar mercados, e acho que um grande exemplo disso é esta noção de carros que dirigem por conta própria. Pensem em tudo o que o governo fez para viabilizar esse novo mercado. Antes de mais nada, as estradas. As estradas geralmente são financiadas através de impostos e é uma infraestrutura compartilhada. Pense nos satélites de posicionamento global.

Mais uma vez, o governo forneceu infraestrutura, que foi aberta ao mundo usando padrões e interoperabilidade, para que todos, cada telefone, pudessem ter um pequeno rádio que encontrasse sua localização, além de todos os dados de mapeamento que são usados por empresas como a Google, para oferecer o Google Maps. Mais uma vez, o governo forneceu dados abertos. E temos o grande desafio da DARPA, The Advanced Projects Agency, aqui nos Estados Unidos, que basicamente deu início ao mercado de automóveis com direção própria. E, também, os mercados financeiros.

Este é o Primeiro Banco Nacional nos EUA, a Internet. Recomendo muito o livro da economista Mariana Mazzucato “O Estado empreendedor: Desmascarando o mito do setor público vs. setor privado” (The Entrepreneurial State) no qual ela fala muito sobre o papel do governo no avanço da tecnologia. Mas os governos não são tão bons em administrar mercados ou capturar valor para seus cidadãos. E vemos isso agora mesmo na questão de quanto deveriam custar as vacinas contra o coronavírus. O governo investiu bilhões de dólares na aceleração do desenvolvimento de vacinas. Na verdade, a maior parte da pesquisa farmacêutica é feita pelos governos, é financiada pelos governos, mas a maior parte dos lucros, incluindo lucros de monopólio muito grandes, tendem basicamente a ser tirados pelas empresas farmacêuticas. E os governos são os clientes que, frequentemente, pagam. E eles não estão negociando em nome de seus cidadãos, que são os consumidores finais que estão pagando.

Então, temos que perguntar: Como o retorno do investimento governamental deve ser compartilhado? Quanto deve ir para as empresas? Quanto dele deve ser destinado aos contribuintes? A ideia de quem recebe o quê e porquê é a questão fundamental da Economia. Alvin Roth recebeu um Prêmio Nobel por seu trabalho. Ele se dedicou a mercados sem dinheiro como transplantes de rins. Mas ele ressalta que é possível melhorar o projeto do mercado e ter melhores resultados.

Eu acho que há uma oportunidade real de fazer isso hoje com a tecnologia. Novamente, Mariana Mazzucato diz:

“Mercados são resultados”.

Eles são o resultado de decisões de projeto e essas decisões são normalmente tomadas pelos governos. Ela escreveu muito sobre isso em seu livro mais recente, chamado “O Valor de Tudo: Produção e apropriação na economia global” (The value of Everything). Mas esta também é a questão fundamental do governo digital.

Tom Steinberg, o fundador da MySociety, indicou em 2012 que a boa governança e a boa política estão indissociavelmente ligadas ao digital. O problema é que as estatísticas do governo e dos bancos centrais, a modelagem econômica e as regulamentações são muitas vezes lentas demais para o ritmo e a dimensão do mundo moderno. Jeff Jonas, o antigo IBM Fellow, disse: “Você atravessaria a rua com informações que tinham cinco segundos de idade?”. O grande anúncio da IBM que ele fez há alguns anos. Tom Loosemore, o ex-diretor adjunto do serviço digital do governo britânico, agora com o digital público, disse: “Por que a política ainda é um trabalho de adivinhação instruído por meio do ciclo de feedback medido em anos? por que a política ainda é um trabalho de adivinhação instruído por meio do ciclo de feedback medido em anos? Precisamos ter sistemas de regulamentação digital em tempo real.”

Agora nós os temos no setor privado: qualidade de busca Google, mídia social, organização de feed, filtragem de spam de e-mail, detecção de fraude de cartão de crédito, gerenciamento de risco e cobertura no setor financeiro. Todos estes são sistemas de regulamentação digital em tempo real, mas o governo está muito atrasado. Ele tende basicamente a promulgar regras, mas não medir seus resultados, não responder em tempo real, não atualizá-las.

Portanto, tenho me concentrado muito na defesa deste tipo de sistema regulatório governamental do século XXI. Acho que foi por volta de 2012, quando escrevi um artigo chamado “Open Data and Algorithmic Regulation”, eu estava meditando muito sobre o que aprendemos com a maneira como o Google gerencia sua busca através de uma variedade de sinais. A conclusão a que cheguei foi de que o sistema regulatório tem que operar na velocidade e na dimensão do sistema que ele está tentando regular. Ele tem que incorporar ciclos de feedback de dados em tempo real. Tem que ser robusto diante de falhas e ataques hostis.

Pense sobre as lutas que o Facebook está travando hoje. Ele tem que se concentrar em resultados, não em regras. Mais uma vez, é preciso responder aos incentivos que levam a um mau comportamento. Em outras palavras, se você consegue enviar spam em um sistema e ser pago por ele, você vai fazer isso. Portanto, é necessário identificar esses tipos de problemas. Este último tem que ser constantemente atualizado para atender a condições em constante mudança. A Google está continuamente ajustando seus algoritmos para o resultado. O Facebook está continuamente ajustando seus algoritmos. Ele está focado no resultado, não nas regras, enquanto a regulamentação governamental tende a apresentar a regra e a medir muito pouco se essa regra atingiu seu efeito pretendido.

Agora vemos como isso impactou no mundo real, em termos da infraestrutura de testes em tempo real da Coreia do Sul, porque eles já tinham tido uma experiência anterior com outra epidemia em 2004. Eles colocaram em prática a infraestrutura de testes em tempo real. A verificação da temperatura nos aeroportos, a infraestrutura de testes rápidos e, basicamente, tiveram uma resposta muito eficaz por parte do governo, pois tiveram a preocupação de voltar ao tema anterior, para serem capazes de implantar uma resposta em tempo real, não apenas no reino digital, mas no mundo físico.

Minha esposa, Jen Palka, que é a fundadora e diretora executiva do “Code for America”, e também a fundadora do Serviço Digital dos Estados Unidos, escreveu muito sobre o governo orientado para a entrega. É aqui que se tem que realmente colocar a entrega do serviço e a eficácia desta entrega nos sentimentos dos usuários sobre a prestação de serviços, além de dados sobre o que está funcionando realmente no centro do desenvolvimento de políticas, e não apenas um serviço digital que é adicionado no final.

Retomo a ideia de focar em resultados, não em regras, porque sistemas algorítmicos são o que você precisa para ter uma resposta digital em tempo real. E todos eles têm o que se chama uma função objetiva. A Google procura por relevância. Será que as pessoas realmente clicaram nas coisas que lhes oferecemos? Se elas clicaram no terceiro resultado, em um conjunto de resultados de busca, ao invés do primeiro, talvez isso signifique que o terceiro resultado é melhor, e uma das marcas da Google é: as pessoas foram embora, e voltaram e clicaram em outra coisa novamente, ou elas foram embora satisfeitas? E isso é literalmente um ciclo de feedback que muda os resultados da pesquisa da Google.

O Facebook, por outro lado, quer que as pessoas cliquem mais, que as pessoas mostrem mais daquilo com o qual passam o tempo. E isso acabou tendo um impacto muito diferente. Eles pensaram: vamos mostrar-lhes mais coisas que os deixem irritados. Vamos mostrar a eles mais coisas que os deixam chateados. O Facebook pensou que mostrar às pessoas mais do que elas gostavam poderia aproximá-las e também lhes traria lucros, mas eles não entendiam o impacto social.

Portanto, temos que nos perguntar da mesma forma: com a política fiscal do governo, quando incentivamos os mercados de capitais versus o emprego, o que estamos tentando alcançar? Não tenho certeza se o governo se mostra sempre tão claro sobre isso como deveria ser. Temos que nos perguntar: qual é a função objetiva de nossa política? Porque quando as plataformas se enganam na sua função objetiva, pode haver sérias consequências.

O Facebook é o garoto propaganda de hoje em dia, mas quando nos perguntamos qual é a função objetiva de nossos mercados financeiros regulados pelo governo, pelo menos nos EUA, e penso que em muitas outras partes do mundo, basicamente reforçamos a ideia que foi divulgada pelo economista Milton Friedman, em 1970, de que a responsabilidade social das empresas é aumentar os lucros. O efeito pretendido foi alcançado. Eu ouço que nossos lucros corporativos, depois dos impostos nos EUA, subiram bastante desde 1970. Mas, ao mesmo tempo, vemos esta divergência de produtividade e de renda familiar mediana real. Os lucros vão para um número cada vez menor de pessoas, levando à instabilidade social.

Então, temos que perguntar, era isso realmente o que queríamos? Era esse realmente o objetivo correto? Como os incentivos fiscais são economia algorítmica, tão certamente quanto os do Google ou do Facebook, eles estão em câmera lenta. Eles não mudam com muita frequência, e não estão focados em quais são os resultados, então temos que nos perguntar constantemente enquanto começamos a pensar na política do século XXI.

Como construímos sistemas mais dinâmicos e responsivos? Precisamos entender que estamos conseguindo o que queríamos.

Meu amigo Andrew Singer me disse uma vez:

“A arte de depurar é descobrir o que realmente você disse para o seu programa fazer, e não o que você achou que disse”.

Estamos fazendo com as políticas públicas o que realmente pensamos que pretendemos fazer? Temos novas ferramentas. Paul Cohen, que era o gerente do programa DARPA para IA e agora é professor de ciência da computação, diz:

“A oportunidade para a IA é ajudar os seres humanos a modelar e administrar sistemas complexos de interação”.

Estamos começando a ver isto chegar às discussões de políticas públicas. Um artigo recente da Microsoft and Open AI propôs a automatização dos controles de exportação de tecnologia dos EUA. Eles estão literalmente argumentando que, regras pesadas, que basicamente especificam uma coisa, não são boas o suficiente. Precisamos empregar as técnicas de IA para identificar e restringir com mais destreza os problemas e os usuários ou usos, melhorando continuamente para incorporar mudanças de políticas governamentais ou observações de usuários não autorizados ou tentativas de uso.

Esta é uma abordagem totalmente nova. Mas estamos começando a falar sobre isso, estamos começando a considerá-la. Há um trabalho maravilhoso de Carla Gomez, no Instituto para a Sustentabilidade Computacional. Eles têm realizado muitos trabalhos no Brasil, observando a interação das forças econômicas do deslocamento populacional, espécies sensíveis à colocação de barragens sobre os tributários da Amazônia. É um trabalho incrível no qual é possível usar as ferramentas do big data da IA para começar a modelar e gerenciar estes complexos sistemas de interação, que são cada vez mais a face da política.

Portanto, quero apenas chegar a este ponto em que a grande oportunidade do século XXI é usar essas novas ferramentas cognitivas para construir negócios e economias sustentáveis. Não é apenas para continuar fazendo o que estamos fazendo. Acho que temos uma enorme oportunidade de seguir em frente. Eu meio que perdi o rumo porque começamos tarde. Como estamos no horário? Devemos passar às perguntas? Eu tenho mais alguns slides, mas também poderia ignorá-los e ir diretamente às perguntas.



LUÍS: Tim, estamos ficando sem tempo, então se você puder, dê-nos seus principais tópicos e então passaremos às perguntas.



TIM O'REILLY: Sim! Estou feliz em passar para as perguntas. Acho que o ponto principal que eu deixaria para vocês seria, mais uma vez, sobre Mariana Mazzucato, na UCLA. Eles têm algo chamado “Instituto de Inovação e Propósito Público”, e a ideia do que um governo impulsionado pela missão faria por nós. E eu acho que ele lidaria com a mudança climática, prepararia para futuras pandemias, reconstruiria nossa infraestrutura, alimentaria o mundo e as doenças e forneceria cuidados de saúde para todos os refugiados reassentados, educaria a próxima geração, nos ajudaria e cuidaria uns dos outros. Tudo o que estou dizendo é que quando você pensa no governo como uma plataforma, é nisto que você deveria estar pensando.



LUÍS: Parece muito desafiador, por assim dizer. Para nós aqui no Brasil, temos seguido o conceito de governo como plataforma por muitos anos, desde que você citou o termo há uma década. Você nos disse que deveríamos trabalhar como sistemas operacionais. Que deveríamos seguir o que os líderes do setor privado estão fazendo e que deveríamos nos tornar fornecedores de infraestrutura tecnológica para a sociedade. Aqui no Brasil, estabelecemos a plataforma gov.br, que reúne agora mais de 3000 serviços públicos que integram estados e municípios. Mais de 60% de todos os usuários da Internet no Brasil são agora usuários do gov.br e isto significa 82 milhões de usuários por mês.

Agora temos 63% de nossos serviços públicos online e totalmente digitais. Economizamos mais de 150 milhões de horas de burocracia para o cidadão brasileiro. Portanto, pensamos no gov.br como uma plataforma. Mas, por outro lado, queremos saber como poderíamos fazer melhor ou quais suas sugestões de como usar esta tecnologia no cenário real para trabalhar como plataforma não apenas como regulador, mas também como prestador de serviços. Como você vê em todo o mundo os governos trabalhando com o setor privado na sociedade civil para fornecer serviços melhores e mais eficientes a seus cidadãos?



TIM O'REILLY: Antes de tudo, parabéns pelo progresso no Brasil. Vi que o seu governo digital é o mais bem colocado da América do Sul e um dos mais bem colocados do mundo. É realmente fantástico. O que estou tentando argumentar é que à medida que avançamos cada vez mais no século XXI, a aposta é maior para o governo e para o governo digital. Acho que realmente temos que começar a adotar uma nova abordagem para gerenciar os sistemas e, novamente, acho que começa exatamente como quando comecei a falar do governo como uma plataforma. Foi de fato um chamado a reconhecer com uma metáfora diferente como o governo realmente funciona, e isso é o que eu ainda estou fazendo.

Se começamos a entender que existem analogias entre a forma como os governos regulam a economia com a política fiscal com os bancos centrais e que essas coisas são semelhantes à forma como o Google ou o Facebook regulam sua plataforma com seus algoritmos, então passamos a nos perguntar: como modernizamos essas coisas? Como realmente melhoramos, para que se torne mais rápido, para que se torne mais focado nos resultados que temos como sociedade? Acho que é algo muito pesado, mas há um trabalho incrível acontecendo, na academia e no setor privado. Eu poderia apontar outros exemplos além do trabalho que Carla Gomez está fazendo. Mas onde podemos começar a usar dados e uma IA para realmente melhorar os processos pelos quais estamos gerenciando o que fazemos? Eu penso claramente nestas áreas que são muito faladas, como cidades inteligentes, mas quando olho novamente para as enormes mudanças para as quais estamos caminhando no século XXI, acho que serão muitas migrações, entendendo para onde as pessoas devem ir, que tipos de desafios isso traz à tona... como pensamos sobre o futuro vai se moldar muito, assim como o que nós fazemos e as escolhas que fazemos.



LUÍS: Obrigado. Estas novas tecnologias que acabam de chegar todos os dias, como você disse, AI como robótica, UT e tudo mais, a maioria delas foram reais para nós após a primeira edição de seu livro: “Como Será o Futuro e Porque Depende de Nós?” (WTF?: What’s the Future and Why It’s Up to Us). Como você vê a evolução desde a 1ª edição? E se você tivesse um pedaço de papel em branco agora mesmo, você mudaria a abordagem que adotou na 1ª edição? Como você escreveria as novas versões de seu livro e como você nos vê como governo? Para manter o ritmo destas inovações, como evitar que fiquemos obsoletos nesta alta evolução e acelerar as inovações tecnológicas?



TIM O'REILLY: Sim, bem, em primeiro lugar, não sei se vou reescrever esse livro, mas estou trabalhando em outro que é sobre antitruste neste contexto. Como temos estas plataformas globais gigantes, como Google, Amazon e Alibaba, é preciso perguntar: será que elas têm muito poder sobre grandes segmentos da economia? E se têm, como vamos regulamentá-las? Como o governo vai lidar com isso? Neste momento, muito do que o governo está fazendo é o tipo de fiscalização que poderia ter feito no século XX. Acho que podemos fazer melhor. Acho que os grandes desafios que temos que enfrentar são, em primeiro lugar, entender como mudar os incentivos para estas empresas. Parte disso requer que o governo entenda que está realmente controlando. Mesmo na economia de mercado mais livre, o governo desempenha um papel muito maior do que admite. E acho que é por isso que estou muito encantado com o trabalho da Mariana Mazzucato, porque ela continua voltando a essa ideia de que o governo é, de certa forma, o proprietário da plataforma. E, a menos que leve a sério esse papel, ele não será capaz de fazer coisas como regular adequadamente a preparação para o futuro. Penso que temos enormes desafios no século XXI que vão exigir um governo enérgico e eficaz. E é por isso que continuo apontando para estes estudos que mostram a resposta à COVID e o quanto o governo eficaz tem desempenhado um papel nos resultados divergentes entre os diferentes países.



LUÍS: Temos todos estes desafios e oportunidades em relação às novas tecnologias e todos eles se baseiam em dados de cidadãos. Neste momento, estamos acompanhando os desafios de saúde: como lidamos com a COVID-19, e como lidamos com as vacinas e a logística para tornar o país mais preparado para as próximas fases da COVID. Mas todos estes dados são muito precisos e pessoais. Como você vê a privacidade nesse aspecto? Como os governos devem trabalhar para manter os dados pessoais e a privacidade de seus cidadãos e, ao mesmo tempo, aumentar os dados e os mecanismos de intercâmbio de dados para poder responder em tempo real, como você disse?



TIM O'REILLY: Sim, eu tenho um pensamento um pouco controverso sobre privacidade. Acredito que a questão fundamental não é quem tem dados e quem não tem. Acho que a questão fundamental é: as empresas e os governos estão usando nossos dados em nosso nome, em nosso benefício, ou estão usando-os contra nós? Porque o que vejo é que as pessoas estão muito dispostas a abrir mão de seus dados em troca de serviços. O mapeamento é um grande exemplo. Tenho o prazer de dizer à Google onde estou a qualquer momento para que eles possam me dar orientações e eu possa literalmente chegar onde eu quiser.

Funciona como uma troca em que nós dissemos: “Ok, nós vamos lhe dar nossos dados e você vai me devolver um serviço”. E a pergunta que surge é: o que acontece quando a Google usa isso para outros fins? Às vezes, dizemos: “Na verdade, está tudo bem, porque mesmo que eu não tenha previsto que esse serviço estaria lá, estou muito feliz porque eles fizeram isso e o eu amo porque é útil para mim”. Em outros casos, eles estão vendendo para outra pessoa, e eu não recebo nenhum benefício. Portanto, quando penso em privacidade, acho que esta ideia de “quem tem os dados” e que “temos que mantê-los privados” é uma abordagem errada. Temos que ter certeza de que as empresas que têm nossos dados só podem usá-los para nosso benefício e não podem revendê-los a outras pessoas, de modo que não obtemos nenhum benefício. Eles não podem usá-los contra nós. Um grande exemplo disso é a privacidade no sistema de saúde. Há muitos dados que mostram pacientes como eu, pessoas que têm doenças causadoras de grandes transformações na vida, mas que estão muito felizes em compartilhar seus dados com qualquer pessoa à qual possam ser úteis. A razão pela qual é uma questão de privacidade, é porque, pelo menos aqui nos EUA, as seguradoras usam seus dados contra você. Portanto, se eu tivesse uma varinha mágica, eu diria para que o governo se livrasse da questão da privacidade e, em vez disso, começasse com esta ideia de regular os usos prejudiciais dos dados contra as pessoas que os fornecem.



LUÍS: Sim, vemos muitas novas abordagens em relação à privacidade. Em primeiro lugar, começamos a fechar e a regulamentar tudo. Mas, agora mesmo, vemos como os dados são importantes, e isso é, com certeza, um bom uso de dados que deve ser espalhado por toda parte. Concordo com você que devemos evitar o mau uso dos mesmos. Em sua apresentação, você nos disse que temos muitos cenários e que temos que ligar nossos sensores para captar todos os sinais de que a nova tecnologia está chegando, o desenvolvimento de uma sociedade. Mas se temos muitos possíveis futuros, como é possível? Existe algum método? Ou uma pista? Ou há alguma receita que você deveria nos dar que diga como escolher o melhor futuro? Ou um possível futuro entre todos os futuros que estes sinais nos darão como possibilidades?



TIM O'REILLY: Bem, o ponto-chave de minhas observações é a ideia de estratégias robustas. Mas você pode se perguntar: “esta é uma boa estratégia, apesar de tudo?” Penso que a mudança climática é um grande exemplo disso. Tem havido muito debate político sobre isso, sobre como o problema vai ser ruim e algumas pessoas estão em completa negação há décadas. Outras pessoas dizem que isto é uma crise. Mas se você aplicar o filtro das estratégias robustas e pensar: “se as pessoas que estão realmente preocupadas com isso estão certas, é melhor lidarmos com isto”.

Se as pessoas que estão dizendo que não é grande coisa estão certas, nós podemos dizer para investir em, digamos, energia solar e eletrificação. Vai ser muito bom de qualquer maneira, certo? Então essa é claramente uma estratégia robusta. No entanto, se você disser apenas “não, vamos apostar nos combustíveis fósseis”. Você sabe, é uma estratégia terrível, se as pessoas que estão preocupadas estiverem certas. E isso só é bom em um futuro. Olha o que aconteceu com o Elon Musk. Ele é um dos homens mais ricos do mundo porque ele apostou numa estratégia robusta: “vamos para os carros elétricos e vamos trabalhar com o solar”. Saibam que ele é apenas um dos muitos bilionários do século XXI focados na mudança climática. Você olha para as empresas como a “Beyond Meat”. Vocês sabem que se trata de tentar lidar com a agricultura. Você olha para os bilionários de células fotovoltaicas na China, você olha para os países que estão investindo para lidar com a mudança climática e que estão tendo uma enorme vantagem econômica sobre aqueles que estão com a cabeça na areia. Portanto, é claramente uma estratégia mais robusta, independentemente do futuro que venha a acontecer.



LUÍS: Sim, a verdadeira lição é a implementação... uma boa estratégia e uma boa implementação talvez sejam mais importantes do que a escolha certa porque, entre todas as escolhas, se você fizer uma boa implementação, no final, vamos criar um futuro melhor, certo?



TIM O'REILLY: Exatamente isso. Exatamente isso.



LUÍS: Então, Tim, você está agora sendo observado por mais de 6.500 brasileiros. A maioria deles são funcionários públicos e alguns deles cidadãos normais, como grande parte da sociedade brasileira. Então, o tema principal desta Semana de Inovação é: o que queremos deixar para trás após o choque da COVID? O que queremos manter? O que aprendemos e queremos manter para o nosso futuro? E o que devemos fazer diferente de agora em diante? Você poderia encerrar sua sessão com as principais ideias? E, a propósito, obrigado por estar conosco nesta sessão virtual e espero que você possa vir fisicamente ao Brasil em um futuro próximo.



TIM O'REILLY: Espero também. É um país que eu sempre quis visitar e nunca pude. Por isso, definitivamente colocarei no meu calendário futuro. Deixe-me fechar dizendo que há uma oportunidade para um reinício, por isso comecei falando sobre como a Primeira Guerra Mundial reiniciou toda a economia global. A COVID e a mudança climática vão mudar profundamente a economia. Neste momento, temos uma economia voltada para o consumidor, baseada no consumo e no aumento dos lucros corporativos, e acho que vamos ter que investir muito seriamente para lidar com problemas difíceis. Veja a diferença que tivemos com a COVID e que tivemos que dar apoio. De repente, isso nos faz pensar em questões como a renda básica universal, que por um tempo pareceu ser um pensamento à margem. A mudança climática vai acelerar isso. Vamos pensar que talvez não queiramos apenas que o crescimento tenha que ir sempre para a direita. Talvez tenhamos que dizer que precisamos nos distanciar da economia de consumo e nos concentrar, por exemplo, na eletrificação em massa. Ajudar a lidar com o impacto, ajudando as pessoas a se realizarem. Haverá todos esses redirecionamentos da economia que, às vezes, vão exigir um tipo de intervenção que é muito diferente do que esperávamos em uma economia de mercado completamente livre a que aspiramos há quatro ou cinco décadas.

Precisamos redescobrir o sentido do propósito público redirecionado pelo governo para ter uma visão de futuro, para ajudar a impulsionar a economia, e para desencadear o setor privado da mesma forma que, por exemplo, Franklin Roosevelt fez para a economia dos EUA em resposta à Segunda Guerra Mundial.

Na ocasião, tivemos que ir nessa direção: “não vamos mais fazer carros, temos que fazer aviões”, e, uma vez que fizeram isso, foi o gênio do mercado livre que realmente se ergueu para a circunstância. Mas foi preciso um empurrão do governo e acho que teremos muitas circunstâncias no século XXI que exigirão esse tipo de liderança forte, liderança orientada para a missão, que então catalisará o setor privado. E essa é realmente a essência, acho que na versão do século XXI do governo como uma plataforma.



LUÍS: Muito obrigado. Senhoras e senhores, este foi Tim O'Reilly, o fundador da O'Reilly Media e inventor de termos como “software de código aberto”, “Web 2.0” e o “governo como plataforma”. Obrigado, Tim. Foi um prazer e espero, como disse, que possamos estar juntos para discutir muito mais sobre como os governos podem seguir em frente. Muito obrigado.

TIM O'REILLY: Não por isso.



ologias e o futuro da Gestão de Pol. Públicas

Quais políticas públicas?

Anteira para

Política pública
entre praxias

Organização dos recursos de prestação médica,
Identificação de perfis precários (unidades de Dist. etc...),

Em meio à alta tecnologia
Liderança e inovação
Informação
para o cidadão

Organização da estrutura tecnológica em UBS (unidades básicas de Saúde)
Organização dos pontos de saúde (unidades básicas de Saúde)

Políticas públicas
Liderança de equipes
de trabalho

Políticas de Saúde
Liderança de equipes
de trabalho
Liderança de equipes
de trabalho
Liderança de equipes
de trabalho



Futuros Radicais: Dados e Coalizões de Dados



Audrey Tang

Apresentada em 8 de julho de 2021, no evento Futuros Radicais: Dados e Coalizões de Dados, da Enap



Moderadora da palestra:
Bruna Santos

Resumo da palestra: Com o tema “Dados e Coalizões de Dados”, Audrey Tang, ministra digital de Taiwan, relatou as experiências do país no enfrentamento à Covid-19. Em sua definição, a coalizão é o uso de dados de forma participativa. Audrey apresenta que o sucesso no enfrentamento à pandemia sem confinamentos se deu combatendo também a infodemia, isto é, falsas informações que se espalham, especialmente nos ambientes digitais. Além disso, a primeira ministra não binária coloca que, para a coalizão de dados ser eficaz, ela precisa ser rápida, justa e divertida.

Palavras-chave: coalizão de dados; infodemia; pandemia.



BRUNA SANTOS: Olá, eu sou Bruna Santos, Diretora de Inovação da Enap. Obrigada por estar aqui e obrigada por estar na quarta sessão. Os dados geraram inovação nas últimas duas décadas, de forma acelerada. A economia nos trouxe estruturas que concentram riqueza e poder. Então, para liberar recursos e potencial, como podemos achar novas formas de participação dos indivíduos nas decisões? Dados são o novo recurso e precisamos de ferramentas para calcular seu valor e encontrar formas para que eles deem às pessoas mais participação nas decisões. Essas são questões que vão guiar a nossa conversa hoje. E, para nos inspirar, vamos ter a ministra digital de Taiwan, Audrey Tang, que vai compartilhar conosco o trabalho mundial desenvolvido sobre controle compartilhado. Audrey Tang é de Taiwan e 1ª Ministra digital. Ela é uma ativista hacker e é a primeira ministra não binária de Taiwan. É influenciadora de muitas pessoas como eu, trabalhando em governança e inovação. Audrey, muito obrigada por estar aqui conosco. Você tem a palavra.



AUDREY TANG: Olá! O vídeo e o som estão bons? Excelente. Eu realmente estou feliz de estar aqui virtualmente para falar um pouco sobre coalizões de dados e espero suas perguntas e interações com os painelistas. Agora vamos compartilhar minha tela e ver se o mascote da coalizão de dados aparece. Provavelmente vocês podem ver um Shiba Inu, um cachorro...



Então, em Taiwan, desde o começo da Covid-19, a pandemia, em primeiro de janeiro do ano passado, nós permanecemos quase 500 dias sem surto local. Recentemente sofremos um surto, mas só de alguns meses, e agora estamos de volta aonde estávamos, menos de 20 casos locais por dia. O segredo para permitir esse combate ao coronavírus sem lockdown é combater a infodemia, as teorias de conspiração. Isso é em razão do uso de dados de uma forma participativa ou coalizão de dados.

Esse Shiba Inu, chamado Shuntai, é um cachorro que mora com o Oficial de Participação no Ministério da Saúde e Bem-estar. Então, quando há uma nova coalizão de dados, o Oficial de Participação, que é um servidor público, de carreira, e cada ministro, para engajar o público, vai para casa, e tira novas fotos do cachorro e dita regras de distanciamento social, ou que você precisa cobrir sua boca para espirrar. É a participação da coalizão de dados, na qual o participante deve proteger o rosto, para que você não faça algo que o cão mostra aqui. Eu trouxe alguns casos de coalizão de dados. É rápido, justo e divertido. A parte rápida, a inteligência coletiva, diz que precisamos construir espaços seguros para o público digital e a infraestrutura. Isso é dizer que, ao invés de usar os cantos antissociais de mídias sociais, onde é fácil disseminar raiva, discriminação e vingança, precisamos desenhar a interação de forma que não sirva ao interesse de anunciantes ou acionistas. Isto é, a infraestrutura cívica tem que ser coberta pelo setor social, e isso vem acontecendo há 25 anos.



Aqui, o que vemos é uma forma que chamamos de “PDT”, que tem o compartilhamento da ideia de pessoas da minha idade, porque já está funcionando há 25 anos como código aberto gerido de forma colaborativa. É um projeto de estudantes da universidade. Não há interesse comercial. É subsidiado pelo orçamento nacional para a academia, porque a universidade nacional tem um código de ética liberal, e é muito ativa na participação na saúde pública e em outros assuntos públicos que são levados à discussão.

No último dia de 2019, no PDT, houve uma postagem de uma jovem médica, que dizia que no mercado Yuhan havia sete casos de confirmados de Sars. Talvez outras coisas assim tenham sido postadas na internet, mas só essa teve um número de votos e as pessoas triaram a legitimidade da mensagem e chegaram à conclusão de que Sars 2.0 tinha sido liberada. Isso resultou em inspeções de saúde, em pessoas saindo de Yuhan e vindo para Taiwan.

Isso mostra que um espaço cívico, dirigido pelo setor social, pode facilmente juntar inteligência coletiva sem ser distraído por assuntos não tão importantes para a saúde. Isso se origina nas expectativas de que as pessoas sem acesso digital ou capacidade digital são uma responsabilidade para o estado, para trazer conectividade, sob a bandeira de banda larga como um direito social. A infraestrutura requer investimento comprometido para que qualquer um não conectado se torne conectado. Mas, até em Taiwan, onde temos montanhas de mais de 4 mil metros, até lá em cima você tem 10 megabits por segundo garantidos por 16 euros por mês, para uma conexão limitada de dados.

Isso garante que as pessoas possam participar, olhando diariamente o streaming ao longo da epidemia. Depois que a mensagem foi postada em PDT e as pessoas que olham livestreaming interagiram como um “hub” em coisas relacionadas à Covid, como o “1992”. Mais de 2 mil chamadas foram feitas para o “1992”. Qualquer um pode participar compartilhando o que via, no local, ou trazer críticas construtivas das políticas trazidas pelo PCC. Então, é de mão dupla, e envolve até mesmo as pessoas muito jovens não votantes. Por exemplo, em abril passado, houve um jovem que criticou as máscaras rosas: “Eu sou um garoto, não quero usar rosa na minha escola. Talvez outros garotos da minha escola tenham máscaras azuis para usar. Façam algo sobre isso!”. O Oficial Participativo levou imediatamente isso para o Ministro e, no dia seguinte, todos na conferência usaram máscaras rosas.

O Ministro ainda disse que a Pantera Rosa era o seu ídolo da infância, então, a máscara foi adotada. Essa resposta rápida, ao invés de esperar 60 dias, em literalmente minutos e horas, é uma resposta direta que tem mais confiabilidade. É a base sobre a qual a equidade garantida por coalizões de dados pode ser feita, porque se as pessoas não tiverem uma forma de corrigir rapidamente a tendenciosidade de dados, as pessoas não vão confiar na coalizão de dados e trazer isso pro interesse.

Agora quanto à parte de ser justo, eu falei um pouco sobre a máscara e tudo mais... parece que esse mapa foi construído pelo governo, mas não foi. No último fevereiro, alguns hackers civis, pessoas que são independentes em Taiwan, construíram esses mapas, em alguns dias, mostrando a disponibilidade de equipamentos de proteção individual, especificamente de nível médico, nas lojas e farmácias próximas.

No início, contou muito com crowdsourcing, quer dizer, as pessoas usariam esses mapas e poderiam relatar se algo estivesse faltando ou sem estoque, levando as pessoas para onde tivesse algum estoque, obviamente para que elas pudessem obter esses EPIs. Mas foi tudo feito com crowdsourcing, com muito risco, pois se ninguém participasse, ou se pouca gente participasse, não funcionaria. Eu sou parte de alguns movimentos aqui: o movimento G0V é um projeto que faz protótipo de outsourcing, sem a participação do governo, em cada serviço governamental. É algo que já foi lido aqui. Os hackers podem fazer o mesmo tipo de serviço, da mesma forma que o G0V, mudando apenas o “O” (de Gov) para um “0”, que é muito parecido na barra de endereço do seu navegador.

As pessoas começaram a ver um enxame de hackers fazendo reimaginação de serviços digitais do Estado. O mapa de máscaras é um exemplo disso, porque é sempre código aberto, o que quer dizer que os criadores vão deixar de lado os direitos de propriedade. Assim, não precisamos fazer licitação ou concurso para usar isso... ao invés, nós simplesmente dizemos: “ok, vamos fazer uma licitação reversa”. Você não pode se livrar dessa interface que as pessoas já gostaram, mas você pode fornecer os dados de tempo real nos API's.

Assim, você pode ver que, quando as pessoas compram essas máscaras, elas usam o Cartão de Saúde Nacional, que é mantido pelo Seguro Nacional de Saúde, não só para nativos, mas para todos os residentes. E, quando as pessoas usam esse cartão, nós conseguimos saber, cada 30 segundos, quantas pessoas compraram e quantas máscaras em cada farmácia. Dessa forma, nós decidimos que, ao invés de publicar um resumo diário, nós publicaríamos uma coleção. Por isso, a cada 30 segundos, é publicada como uma distribuidora, com mais de 100 ferramentas, que colocam sua própria cópia disso a cada 30 segundos.

E isso permitiu às pessoas a participação na auditoria da justiça desse sistema, para ver se ele era justo ou não. As pessoas na fila, as pessoas antes de você, poderiam passar o cartão para checar onde e quando seria a vez delas, depois de 30 segundos, para ver as transações que estão sendo feitas em tempo real, e você poderia testemunhar isso. E isso encorajou as pessoas a participarem mais e também a confiar mais umas nas outras, ao invés de acusarem as farmácias de falta de suprimentos e etc. Eles podem ver que as pessoas fazem um bom trabalho. Isso também ajuda as pessoas a construir seus próprios painéis para rastrear a eficiência da distribuição e também permite que as pessoas vejam se elas têm vieses, porque inicialmente nós distribuimos no mapa as farmácias baseadas em centros populacionais.

As farmácias quase se alinham perfeitamente com o centro de população. No entanto, de acordo com a análise dos painéis construídos pelo setor social, o tempo das pessoas e o custo de oportunidade no tempo dessas pessoas de ir até a farmácia, não é o mesmo. Nem todo mundo tem helicóptero, obviamente, e por causa disso, nós não podemos dizer que, só porque fica num raio de 5km no mapa, a pessoa tem equidade de acesso. E, de fato, normalmente as pessoas podem até ter que esperar por transporte público e, uma vez que elas cheguem à farmácia, ela já fechou, ou já não tem estoque... e tem muita coisa desse tipo na nossa apresentação.

Mas, a beleza de publicar esses dados assim que são coletados, é que nenhum serviço público leva a culpa sobre como eles apresentam os dados. É muito mais sobre preencher os requisitos da apresentação da informação, tendo os dados antes de serem publicados. E, uma vez que as farmácias tenham os dados, elas já publicam imediatamente, por isso ninguém leva a culpa de nada. Por isso, nós trabalhamos juntos e sugerimos aos legisladores a distribuição modificada, para que se torne ainda mais justo.

Eu acredito que a correção imediata desses vieses da informação só é possível quando as pessoas têm acesso igual, em tempo real, ao dados em domínio público, porque todo mundo entende que, se você não tiver cada distrito, cada área com mais de 75% de máscaras distribuídas igualmente, isso não funcionaria como uma vacina física, e todo mundo sofreria com isso. E é por isso que esse propósito comum une todo mundo, para trazer esse gráfico, para contradizer a informação que já pensávamos ter, isso quer dizer, uma coleção de dados agora humano a humano. E como você pode ver, por exemplo, isso garantirá que nós possamos fornecer explicações em tempo suficiente para que as pessoas consigam acessar a informação.

Como garantir que nós iremos focar a energia exatamente na informação que está como tendência, que tem um volume maior de reprodução básica? Bom, nós podemos contar com algumas medidas, como as maiores empresas de antivírus, por exemplo. A Russcall, por exemplo, é uma companhia que bloqueia spam telefônico e também tem uma caixa de texto que, mesmo que você tenha ferramentas fechadas, como o LINE - que seria o whatsapp de Taiwan - você pode ver sobre uma informação: se você não tiver muita certeza, você pode seguir até o detector de vírus e ver se ele tem aquela informação já na caixa de texto do grupo.

E, assim como um antivírus normal, ele vai checar aquela informação contra uma base de dados de esclarecimentos e, imediatamente, vai colocar aquele esclarecimento do serviço para as pessoas que estão lá e que podem querer fazer a mesma busca. Baseado no número dessa informação, na maneira como ela é compartilhada, você pode rapidamente ver... mesmo antes dela passar para o Facebook ou Twitter, é possível ver quais dessas informações têm mais valor e quais são tóxicas e, em virtude disso, necessitariam de mais classificação.

Nós chamamos isso de notificação pública e notificação privada. A questão não é tirar tudo, mas inocular uns aos outros para poder compartilhar mensagens mais humanas, pois quando as pessoas prestam atenção, as teorias de conspiração não se tornam mais virais, elas se tornam ridículas, e aí você consegue falar com as pessoas da mesma forma, com um pé na realidade. Eu vou compartilhar agora uma outra coleção de dados que foi desenvolvida há alguns meses atrás, chamada de SMS 1922. É um sistema de checagem, que introduz essa maneira de como você colocar um lugar. Você pode escanear um código QR e checar o banner.

Nós fizemos isso depois... eu sei que muitos países já fizeram esse tipo de sistema, mas o sistema de Taiwan é único no sentido de que ele não necessita de download de nenhum aplicativo; ele não introduz novos controladores de dados à mistura; ele é compatível com telefones que nem tenham uma câmera traseira; e ele é maximamente acessível, inclusive... e também é divertido.

Ao invés de resolver isso tudo num site, você pode escanear um código e você vai ver que ele vai levar até sua aplicação de SMS. Todos os telefones e IOS têm uma câmera, então você pode passar lá, apontar para o código e imediatamente mandar um SMS, sem passar por um bloqueio. Isso vai demorar uns dois segundos para completar, antes de você passar para o que você quer.... se você tiver um Android antigo, todas as mensagens, como no LINE, vão ter o próprio scanner de código.

Hoje em dia você pode usar o LINE ou o bluetooth para exposição de notificação, e eles também oferecem a capacidade de escaneamento. Então, claro, vai te custar uns 5 segundos. Se você não estiver no telefone, as pessoas que estão com você podem escanear. E se você estiver sozinho, sem um telefone, ainda temos o papel para te ajudar... então é mais inclusivo. Outra coisa importante, é que o texto da mensagem, além de mostrar um código aleatório de 15 dígitos, também é apenas para o controle de epidemias. É por isso que as pessoas o usam em massa, porque elas sabem que o serviço de saúde nacional nunca usaria isso para fins comerciais. É proibido pela lei.

É a mesma coisa para check-in de SMS: isso nunca seria usado para fins comerciais porque, de novo, é proibido pela lei. As pessoas entendem que elas não vão receber chamadas de propaganda, etc, se elas participarem desse tipo de coleta de dados, significando que isso está alinhado com o interesse público e alinhado com os valores da saúde pública.

Porém, como eu disse antes, se você não tem uma câmera, você pode digitar os dígitos manualmente, e aí, o código QR é muito mais transparente, porque ele faz a mesma coisa - só que isso aqui é feito com o texto ao invés do código. Apenas digitando 15 números no seu telefone, você também completa esse registro. Em Taiwan, nós temos cinco empresas de telecomunicações principais. Os operadores fazem uma checagem de dados a cada quatro semanas, e eles apenas permitem o acesso legal, por exemplo, dos rastreadores e para notificações de exposição. E todo acesso é auditável e mantido como registro.

Nós vamos oferecer para as pessoas fazerem, elas mesmas, uma checagem, para saber quem conseguiu os dados de quem, quando e também sobre as exposições das notificações das áreas de notificação de exposição, antes que elas sejam deletadas. Nós temos um registro inteiro de auditorias que permitem que as pessoas tenham o exercício da sua dignidade e soberania da saúde pública. E, de novo, se não acharem necessário, se não fizermos isso, todo mundo vai ter que voltar para o papel e caneta, o que, claro, é muito mais arriscado de contaminar as pessoas... mas as pessoas vão dizer “será que isso não é uma superconcentração de dados?”.

O 1922 é um código curto, que quando você manda um SMS, ele armazena isso na sua operadora, e em nenhum outro lugar. De certa forma, nem é uma mensagem, é só um armazenamento de dados oferecidos pela agência, que já sabe onde você está, de qualquer forma. Aí, quando você manda essa mensagem para uma loja, ela descentraliza e faz uma estrutura com isso, porque você tem aquele código de 15 números que só é conhecido pelo vendedor e pelos rastreadores.

As empresas não têm informação sobre isso para poder comparar com esses dígitos que você tem. É seguro, eles não conseguem fazer uma triangulação para saber onde você está. As pessoas das empresas de tecnologia, os usuários e os vendedores agora tem uma maneira de completar isso nesse sistema. Apenas quando esses quatro acontecem juntos, é que nós podemos ter realmente o rastreamento e, em última análise, a exposição da notificação. Isso também diminui significativamente o risco de venda desses dados, porque não é útil.

Eu acredito que a ideia aqui é que, tanto os vendedores, quanto os fornecedores que necessitem fazer isso, por eles próprios, assim como os rastreadores, possam pedir isso quando houver um surto. Que eles possam utilizar esses dados, porque é rápido, é muito conveniente para todo mundo, é muito justo, é útil e usado só para isso, com equidade, além de ser divertido. Se você interagir com esse código por muito tempo, por alguns dias, você irá rapidamente se habituar a ele, sem ter que usar muito seu telefone. Você só vai deslizar para a esquerda, colocar um código e é isso. As pessoas entraram nesse hábito de utilizar isso como coleta de dados, elas aproveitaram os benefícios também de combater a pandemia com o lockdown, e elas diminuíram para apenas 20 casos locais, depois de um mês ou dois.

No primeiro momento da pandemia, isso garantiu que mais de um milhão de SMS's fossem enviados pelos rastreadores, e com isso, foi enviada uma mensagem para todo mundo em Taiwan dizendo que, se nós gostamos de ter banda larga universal e cobertura digital na educação básica, se nós damos suporte a mecanismos desse tipo para inovação aberta, isso garantirá a equidade no acesso aos dados, e aí, nós poderemos lutar contra doenças transmissíveis, seja a covid seja qualquer outra.



Economia em transformação: sustentabilidade, desenvolvimento e tecnologias



Paula Berman

Apresentada em 10 de novembro de 2021, na 7ª Semana de inovação: Ousar Transformar.



Moderadora da palestra:
Adriana Ligiero

Resumo da palestra: Em sua apresentação, Paula Berman traz o conceito de Voto Quadrático, para mostrar que as votações, tanto para eleger membros do Poder Executivo, como para tomada de decisões importantes, podem ser menos polarizadas e incluir mais a opinião da população, isto é, os maiores interessados quando o assunto é políticas públicas.

Palavras-chave: voto quadrático; polarização; tecnologia.



ADRIANA: E agora vamos ouvir a Paula Berman, que vai abordar os grandes desafios do uso de tecnologias emergentes para a promoção do crescimento econômico e descentralização. A palavra é sua, Paula. Você tem 10 minutos.



PAULA: Bom, eu acho que essa vai ser uma continuação interessante para essa fala agora da Carlota*. Queria primeiro agradecer o convite. Eu acho que a Enap é uma instituição pública que faz a gente ter muita fé no futuro, muita fé no Brasil. Estou superfeliz de estar participando aqui. Eu trabalho para a Radical Xchange, que é uma organização que fala justamente de inovações institucionais, que era isso que a Carlota estava abordando, e como a gente consegue tomar decisões. A gente está aqui falando sobre como desenvolver uma economia mais sustentável, como contemplar os desafios da mudança climática... e todas essas são decisões que são políticas e sociais, além de econômicas.

*Paula Berman se refere à Carlota Perez, com a palestra intitulada “Economia em transformação: sustentabilidade, desenvolvimento e tecnologias”, também apresentada na 7ª Semana de Inovação: Ousar transformar.

A gente precisa pensar em como podemos ter inovações institucionais que nos ajudem a contemplar esses desafios de alta complexidade que enfrentamos agora, como as mudanças climáticas, como pandemias, como uma polarização extrema, que é uma coisa bem latente no nosso país...

E em como a gente pode usar a tecnologia da informação para criar novas instituições que tragam equilíbrio entre o mercado e o Estado. Em como a gente pode ter a inteligência do mercado e o papel coesivo do Estado, enquanto a gente está tomando essas decisões econômicas e políticas...

Eu queria dar dois passos para trás e fazer uma reflexão sobre tecnologia, já que o tema é tentar entender como as tecnologias podem fortalecer e ajudar as nossas instituições a contemplarem esses desafios econômicos e ecológicos que a gente têm pela frente. É interessante tentar dar um "zoom" nesse termo, nesse conceito de tecnologia, para ver o que a gente entende por ele... A gente normalmente entende a tecnologia como as ferramentas que as pessoas e o coletivo vão usar para atingir objetivos definidos, mas eu queria adicionar um pouquinho mais de nuance e olhar para a tecnologia como um espectro: de um lado, a gente tem tecnologias assistivas, que vão empoderar indivíduos, coletivos, empresas, organizações... e, do outro lado deste espectro, a gente tem as tecnologias autoritárias, que são aquelas que tiram esse empoderamento e reduzem essa concentração de poder para um grupo de pessoas. Então, esse espectro da tecnologia pode ser olhado... um dos olhares que a gente pode ter sobre essa concentração de poder é para tentar entender qual é o quadro ideológico, qual o impacto político de tecnologias que a gente pode usar para inovação institucional.

Como a gente pode pensar em tecnologias assistivas e expandir a produção delas na nossa sociedade? Um dos desafios é que quando a gente pensa em tecnologia da informação, muito do que a gente faz é pensar em “broadcasting”, que é a ideia de disseminar informação em larga escala. E esse é o paradigma ao redor do qual muito do nosso desenvolvimento tecnológico, de tecnologia da informação, se centra.

E então temos uma outra categoria, que deveria vir equilibrando essas tecnologias de “broadcasting”, que a gente pode chamar de “broad-listening”, que é a tecnologia para escuta, resolução de conflitos e coordenação de objetivos em larga escala. Então, essa é uma nova forma de olhar para tecnologias, que a gente pode chamar de tecnologias sociais, na qual, ao invés de simplesmente pensar em tecnologia como uma ferramenta para ajudar as pessoas a se coordenarem ao redor de objetivos específicos, a gente pode olhar para a tecnologia social englobando todo esse processo e retirando esse elemento do objetivo definido.

Então, pensar em tecnologias sociais que ajudem grupos a se coordenarem, para definir quais são os seus objetivos, e para que a gente consiga chegar a esse consenso de tomar decisões como comunidade, como sociedade, que nos levem para um paradigma de uma economia mais sustentável.

A primeira tecnologia social que a gente conhece é a democracia. Essa é a tecnologia social mais antiga que a gente tem, mas eu queria apresentar aqui, bem brevemente, algumas tecnologias sociais radicais que a gente pode usar para aumentar a nossa capacidade de fazer coordenação em larga escala, escuta em larga escala e direcionamento de objetivos em larga escala.

Quando a gente quer fazer democracia em larga escala, tem uma série de desafios. Um deles é que trazer lideranças e expertise à tona é muito difícil e tem uma série de novos modelos por aí, de democracia líquida, de assembleias cívicas, para tentar contemplar esse desafio.

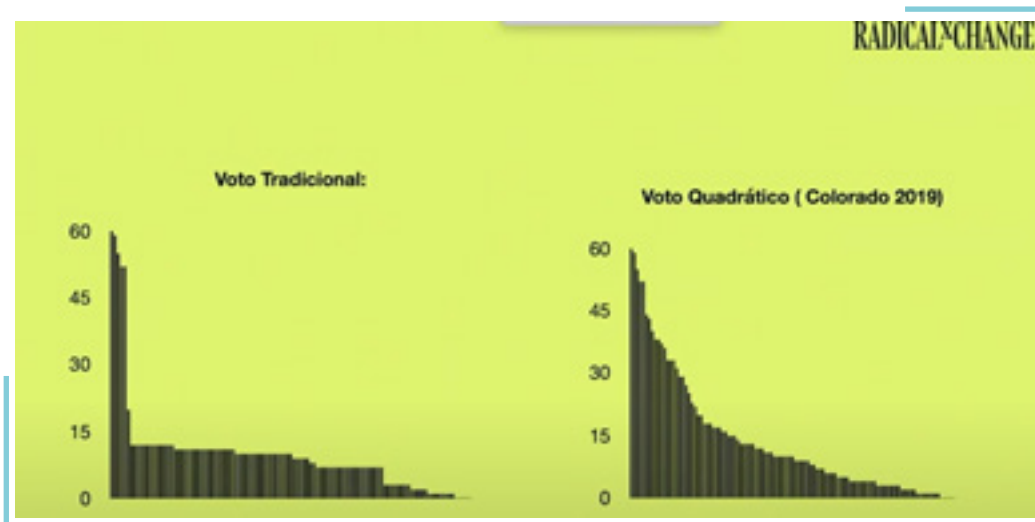
Tem a questão de que deliberar com qualidade em larga escala é muito difícil. A gente vê como é difícil... As redes sociais são as ágoras dos tempos contemporâneos e a gente tem muita polarização. Isso torna muito difícil a tomada de decisão política. Essa é uma dor que a gente sente fortemente aqui no Brasil. Eu vou comentar sobre essa... E tem a questão da tirania da maioria, que é uma questão central dentro da nossa democracia, na qual, simplesmente, você tem um sistema no qual cada pessoa pode votar com um voto, o que leva a um resultado no qual uma maioria pode oprimir diversas minorias. E isso é como se fosse uma camisa de força dentro da qual esse sistema de votação acaba nos prendendo. E a gente sabe que leva uma série de desafios para os processos democráticos. Então eu vou focar aqui, nesses minutos que me restam, na tirania da maioria, e comentar sobre a questão da deliberação também. Como eu falei, democracia é um sistema onde a maioria pode tirar os direitos da minoria e, além disso, a gente tem também a questão da tirania da maioria indiferente.

É que em sistemas tradicionais, é muito comum que você tenha essas decisões políticas, nas quais as pessoas que menos se importam com uma questão, aquelas que são indiferentes, são as que mais têm força na hora de determinar os resultados. Tem um exemplo bem simples aqui, no qual você tem 45% das pessoas preferindo cachorros, 45% das pessoas preferindo gatos, e você tem aqueles 10% que estão em cima do muro, que não se importam muito com a questão. E são justamente eles, os indecisos, que acabam tomando as decisões mais importantes que a gente têm na nossa sociedade. Isso é muito comum...

Além da tirania da maioria, a gente tem a tirania da maioria indiferente. Vou contar aqui sobre um método de votação, uma tecnologia social radical que traz um equilíbrio entre a inteligência de mercado, porque ele tem um sistema de preço e um sistema que visa ter mais representatividade, e que ajuda a tirar a gente dessa situação da tirania da maioria. Então o Voto Quadrático tem um nome esquisito, mas ele funciona de forma bem simples. Todo cidadão tem uma série de créditos e o preço do voto dele é a raiz quadrada do número de créditos. Então, 1 voto custa 1 crédito; 2 votos custam 4; 3 custam 9; 4 custam 16; 5 custam 25; e esse preço cresce de forma exponencial.

Então, se você quiser gritar, você tem uma preferência muito forte, você pode expressar isso, e isso ajuda com que a minoria se coordene e expresse suas preferências fortes. Mas você vai pagar um custo, tem um preço para essa expressão mais forte, e você tem um orçamento político, digamos assim, mais limitado. Isso significa equilibrar as minorias e as majorias, porque ele dá um poder maior para quando você tem esse sistema de preço, pois ele prioriza um número maior de eleitores. Eu tenho um exemplo aqui que, uma pessoa colocando nove votos, ela teria que gastar 81 créditos para poder alocar nove votos. Nove pessoas colocando um voto, teriam esse mesmo impacto dos nove créditos, mas o custo total seriam apenas nove créditos de voz. Então, ele traz essa força maior para grupos que se coordenam ao redor de uma causa que lhes concerne.

E, além disso, ele traz muito mais riqueza para os resultados. Aqui estou dando um exemplo do estado do Colorado, onde a gente já aplicou esse método. Eles tinham uma votação, na qual eles tinham que priorizar uma série de propostas – mais de 100 – e eles, usando métodos de voto tradicional, sempre tinham um resultado onde você tinha poucas propostas no topo e pouco sinal nas propostas restantes. E com o voto quadrático, a gente consegue ter uma curva bem precisa, mostrando qual é a prioridade de cada uma dessas propostas.



E, além disso, ele diminui também a polarização, justamente por trazer essa riqueza de nuances, de detalhes. Aqui estão alguns exemplos de como você, usando uma escala tradicional de desaprovo fortemente/aprovo fortemente, gera resultados que são mais polarizadores, aqui do lado esquerdo, e, do lado direito, com o voto quadrático, você tem essa nuance de preferências maiores. Eu sei que a gente já está aqui passando um pouquinho do tempo, mas só trazendo também um outro exemplo de tecnologia social radical que pode ajudar a gente a fazer essa escuta e essa coordenação social em larga escala. Outro problema central é que deliberar com qualidade é muito difícil. Em grupos pequenos, a gente consegue ter uma riqueza de debates, o que é muito difícil de ter de forma digital, online, em larga escala.

Então, vou trazer aqui o exemplo de uma tecnologia que se chama pol.is, que é muito utilizada em Taiwan, e que nós, como organização, estamos trabalhando com diversas instituições para aumentar a adoção. Ela traz essa riqueza na deliberação de grupos - que a gente tem em grupos pequenos - mas ela consegue fazer isso online, com milhares de pessoas, e funciona de forma bem simples. Você pode abrir uma conversa, em que cada pessoa pode colocar a sua opinião. Por exemplo: o que você gosta de cozinhar? Macarrão. E aí, cada pessoa contribui para as suas visões, e todas as pessoas podem concordar, discordar ou simplesmente passar. E o que essa inteligência artificial vai fazer é que ela é pró-social, ao invés das nossas redes sociais que são antissociais e geram mais polarização.

Ela vai dividir as pessoas em bolhas de opinião e, então, ela vai ver quais são as propostas de consenso que são aprovadas por pessoas entre diferentes bolhas de opinião. Para dar um exemplo bem concreto, eles estavam legislando como o Uber deveria ser regulamentado. Se vocês se lembram, o Uber foi uma questão muito séria quando entrou aqui no Brasil e foi assim em Taiwan também.

E tinha aquele grupo que achava que era anti-Uber, que achava que isso era uma ameaça aos taxistas, e tinha aquele grupo que era pró-Uber e pró-inovação. Nada muito diferente do que a gente viu aqui, a típica situação polarizada. O que essa tecnologia faz? Ela olha quais são as propostas que estão curtidas pelos grupos pró e anti-Uber. E o que eles tiveram nesse caso? Eles tiveram uma série de resultados bem interessantes. Por exemplo, que os táxis não precisavam mais ser da cor laranja, que podiam ser de qualquer cor, e que também a regulamentação da forma como os táxis funcionam tinha que ser renovada, para que eles pudessem competir de forma justa com os novos serviços de aplicativo.

Então, é uma coisa de muito bom senso, que uma tecnologia pró-social ajuda a gente a encontrar, e que se aplica à maior parte das situações muito polarizantes, que são nas quais a gente tem muito mais consenso, mas esse consenso não é revelado pelas novas tecnologias de informação que a gente usa hoje.

Então, só passando aqui um exemplo de que a gente trabalha com esse tipo de tecnologia no Brasil, estamos trabalhando com votos quadráticos, com várias escalas municipais no governo do Colorado, em Taiwan... e fica aqui o convite para a gente continuar essa conversa.



ADRIANA: Obrigada, Paula. Olha, impressionante como você consegue, de maneira muito didática, nos trazer alguns exemplos de resultados concretos de como você pode usar a tecnologia para promover uma coordenação em mais larga escala. Agora fiquei com vontade de fazer mais 1 milhão de perguntas. Imagino que vai chover visita ao site da RadicalXchange. Temos um monte de perguntas por aqui também e na sequência vamos ter um bate papo.

Paula, a Carlota Perez falava exatamente dessa necessidade de pivotar o governo, de o governo agir de uma maneira diferente e de realmente começar a trabalhar orientado para essas grandes missões e reunindo os vários atores voltados para esses temas, para construir esses consensos de maneira ampla. E aí eu queria fazer duas perguntas do nosso público.

Uma delas: qual é o perfil e competências necessárias aos gestores públicos para que eles estejam capacitados para fazerem essa transformação para uma economia sustentável e para que eles tenham essas condições de realizar essa colaboração, essa articulação?

E também uma segunda pergunta, que é relacionada mais ao nosso sistema eleitoral brasileiro, que é considerado um dos mais proporcionais do mundo: há muita voz para as minorias, também temos um segundo turno na eleição para o executivo... Por que esse método é melhor?

E aí eu entendo que estão se referindo ao método quadrático... Mas, até fazendo gancho com a fala da Doutora Carlota, eu acho que poderia se utilizar essas tecnologias sociais não só para as eleições diretas, mas também em vários momentos de concepção de política. Como você vê isso, Paula?



PAULA: Ótimas perguntas! A começar pela última, já concordando com você, que o voto quadrático, claro, não se restringe a eleições presidenciais mas, nesse caso, ele tem uma utilidade interessante, que é a questão do voto útil ou o voto estratégico com que ele lida. Quando você consegue distribuir seus créditos em uma pluralidade de opções de candidatos, você não tem incentivo para fazer aquele voto estratégico em um candidato que você não necessariamente aprova, mas que você acha que vai ter mais condições políticas, mais viabilidade política frente a um candidato que você desaprova.

Muitas vezes a gente tem o voto de protesto. E poder escolher mais de um candidato, já abre um pouco esse escopo, para a gente não ficar tão limitado na questão do voto estratégico. Mas, novamente, concordo muito com o que a Carlota trouxe, porque eu acho que, e já conectando isso com a primeira pergunta, qual o perfil do servidor público para que ele possa trazer essa inovação? Eu acho que tem uma questão no sentido de começar pequeno.

Claro, eu trouxe alguns exemplos bem específicos de tecnologias sociais radicais que a gente entende que podem ajudar, podem ter um impacto profundo. Mas, como a gente sabe, as decisões dentro do governo sempre envolvem muito risco, e tem uma série de processos burocráticos para que a gente consiga fazer uma implementação, fazer qualquer mudança.

Então é interessante olhar primeiro para quais são as decisões nas quais você tenha menos pressão, um risco mais controlado, para que você consiga experimentar com esses processos decisórios e ver quais são as vantagens que eles podem trazer, para, aí sim, em um segundo momento, trazer isso para as decisões maiores.

No estado do Colorado, nos Estados Unidos, a gente teve um processo bem interessante. A gente começou conversando com eles, e fazendo a implementação, em 2019, do voto quadrático para um orçamento extra que eles tinham que distribuir ao final do ano entre mais de 100 propostas. E o pessoal gostou tanto... eles viram que realmente era uma metodologia que, o nome é complicado, mas fácil de implementar, e que resolve problemas práticos. Como eu mostrei, traz muito mais nuances para os resultados. Já começaram a usar isso para tomar decisões internas dentro dos diferentes gabinetes do estado do Colorado, onde eles tinham que priorizar algumas questões.

E, para fazer esse trade-off entre quais são as prioridades entre os gabinetes, eles começaram a usar esse método, porque viram que deixava todo mundo muito mais satisfeito com os resultados, e que os resultados tinham mais qualidade. E, agora, a gente está num processo de tentar entender como essa mesma metodologia do voto quadrático pode ser utilizada para levantar a nossa capacidade de fazer avaliações sobre qual o impacto social de grandes investimentos em infraestrutura.

Então esse é um processo que tem que ser contínuo, que é bom começar pequeno... e, de novo, em termos de qual é o caráter do servidor público, eu acho que é de entender que a participação democrática está aqui pra ajudar, para trazer mais legitimidade e mais segurança para as decisões e não para diminuir a autoridade do servidor público, nem do oficial que está eleito, mas, sim, para apoiá-lo nas decisões que estão tomando, e trazer uma riqueza de informação que a gente não consegue ter, geralmente, com processos mais tradicionais.



ADRIANA: Paula, obrigada por esse olhar. Realmente são sempre muito bem vindas as maneiras de a gente incluir mais o olhar do cidadão, de quem efetivamente utiliza o serviço público na ponta.



Da covid à emergência climática: nosso contexto de crises e incertezas



Bruno Mações

Apresentada em 10 de novembro de 2021, na 7ª Semana de inovação: Ousar Transformar.



Moderador da palestra:
Oliver Stuenkel

Resumo da palestra: Os principais tópicos abordados nesta palestra são relativos a alguns insights de seu último livro, “Geopolitics for the End of Time” (“Geopolítica para o fim dos tempos”). Além disso, Mações falará sobre a pandemia, suas consequências geopolíticas e as estratégias de enfrentamento da mesma.

Palavras-chave: Pandemia; Estratégias pós-pandemia; Geopolítica; Autonomia Estratégica; Emergência climática.



OLIVER: Seja muito bem-vindo à Semana de Inovação 2021, Bruno Mações. É um grande prazer tê-lo aqui conosco. Será um prazer ouvir suas reflexões.



BRUNO: Bom dia! É um prazer estar aqui. É um prazer poder falar em português sobre algumas das grandes questões globais. E é um prazer partilhar esta sessão contigo, Oliver. Sou um grande admirador do seu trabalho, mas nunca nos encontramos. Então, é um prazer encontrá-lo virtualmente.

Eu quero falar um pouco sobre as consequências geopolíticas e estratégicas da pandemia. É o tema do meu livro mais recente, publicado há um ou dois meses. Vamos começar do início: “Como nós experienciamos a pandemia?”. No meu caso, em particular, a certa altura começou a parecer que era algo semelhante a viajar no espaço. Nós todos tivemos que recorrer às nossas cápsulas, às nossas naves espaciais, por assim dizer, pois o nosso contato com o exterior teve que ser reduzido drasticamente. Em muitos casos, como na Europa, nos Estados Unidos, no Brasil, na Índia, na Rússia, os confinamentos foram tão estritos, que o nosso contato com o exterior se dava, em sua maioria, através de plataformas, como a que estamos usando agora. O que era parecido também com viajar numa nave espacial. E, pareceu-me que era quase um anúncio da nossa entrada na era espacial.

Por que é que tivemos este sentimento? Porque, subitamente, a natureza à nossa volta, o ambiente natural, tornou-se hostil, agressivo, impróprio para habitação ou habitat humano. Desse ponto de vista, foi simultaneamente o regresso a um passado mais ou menos distante, em que os seres humanos tinham que combater um ambiente necessariamente hostil, agressivo e perigoso para a sua vida. Mas também, foi uma projeção para um futuro em que teremos, mais uma vez na idade espacial, de nos aventurar por ambientes que ainda não estão domesticados, que ainda não estão controlados.

Portanto, para mim, começou a parecer que as últimas décadas, talvez os últimos séculos, são, desse ponto de vista, um interregno (“período de transição”), pelo menos no mundo ocidental. É importante apontar que há um contraste importante entre o mundo ocidental e o mundo em desenvolvimento. Nesse sentido, pelo menos no mundo ocidental, a ideia central era de que nós já tínhamos conquistado a natureza de um modo permanente e definitivo.

No entanto, a pandemia foi uma experiência humilhante para ocidentais - para a Europa e os Estados Unidos, em particular - porque nos enviou de volta a um mundo em que estamos ainda profundamente vulneráveis, em que nos sentimos fracos e impotentes perante um ambiente natural, que é capaz de destruir os nossos planos de um dia para o outro. Por exemplo, os casamentos foram cancelados. Vidas profissionais foram alteradas. Famílias deixaram de ver.

Desse ponto de vista, a reação social ao vírus foi algo que excedeu em muito o que podíamos esperar, em relação ao nosso sentimento de rotina. Portanto, foi uma nova entrada no mundo, o qual achávamos já não conhecer, e que achávamos já não ser possível. A questão que se coloca, a partir deste ponto de vista, é: Quais são as consequências políticas e estratégicas, se levarmos a sério a ideia de que o mundo natural que nos rodeia já não é o mesmo das últimas décadas ou dos últimos dois séculos?

E, sobretudo, se levarmos a sério a ideia de que as promessas que foram feitas, de que seríamos capazes de domesticar e controlar as forças naturais de uma vez por todas, começam a parecer utópicas e irrealistas. Em particular porque nós sabemos que a pandemia foi uma espécie de ensaio geral para o que é a crise climática e a emergência climática. Muitos dos fenômenos que vimos durante a pandemia vão ser fenômenos que vão regressar, de um modo ou de outro, nas próximas décadas, durante a emergência climática.

Então, quais são as consequências disto para os Estados? Em primeiro lugar, eu diria que a pandemia nos ensinou algumas lições importantes sobre o que será, do meu ponto de vista, a emergência climática.

E, ainda, que todas aquelas ideias de cooperação e multilateralismo em situações de crises globais se revelaram, na verdade, frágeis, inexistentes e completamente desligadas da realidade.

Quando eu era político em Portugal, muitas vezes quando tínhamos dificuldades num comunicado da União Europeia, por exemplo, para falar das relações com a Rússia, usava-se muito o recurso de falar de uma possível pandemia no futuro, como uma situação em que a colaboração seria natural, evidente e fácil. Porém, isto se revelou completamente falso. Pois, a pandemia nos mostrou que a cooperação e a colaboração entre os Estados não foi fácil e não foi natural. Pelo contrário, a pandemia tornou-se uma arena de competição intensa e aguda entre Estados. Eu não acredito que isso seja só uma razão ligada à irresponsabilidade dos políticos ou dos dirigentes políticos. Foi uma atitude mental comum a dirigentes políticos e aos órgãos públicos.

Nós vimos, por exemplo, que o Financial Times, nos primeiros dias da pandemia, criou uma espécie de ranking, no qual podíamos comparar o nosso país com os outros países. O título era (e ainda está disponível): “How your country compares” (“Como seu país se compara”). Assim, o exercício acabou por tornar-se muito viciante para todos nós. Isto é, ver qual o país que estava desempenhando o melhor papel, qual o país que estava no fim da tabela.

Em outras palavras, isto tornou-se uma espécie de competição desportiva de bastante mau gosto, desse ponto de vista. Mas, rapidamente se tornou quase óbvio e natural para todos nós. Isto se perdurou ao longo da primeira fase da pandemia, antes das vacinas. E depois se prolongou também durante o período de vacinação, em particular na Europa.

Houve uma competição intensa entre, por exemplo, a União Europeia e o Reino Unido, para ver quem apresentava aos seus eleitores melhores resultados, com relação a conseguir vacinas disponíveis. E, em muitos casos, houve até um certo regozijo, quando nosso competidor direto falhava ou não obtinha resultados.

Dessa forma, a cooperação foi essencialmente inexistente. E, o que vimos, foi uma competição intensa. Porém, na verdade, não era uma competição direta entre os Estados, mas, sim, uma competição que, no meu ponto de vista, quase se assemelhou a um jogo, porque os vários Estados estavam empenhados em desempenhar um papel ou em desenvolver determinados desafios e tarefas de controle do ambiente, da natureza e das ameaças deste novo ambiente agressivo e hostil.

Portanto, há uma espécie de ranking para saber quais são os Estados que desempenham esta tarefa e respondem a estes desafios melhor do que os seus competidores, algo muito parecido com o jogo. Na verdade, o jogo é também uma competição em que os dois competidores, ou os três, ou os vários competidores, tentam desempenhar uma determinada tarefa melhor do que os outros.

Nesse sentido, será que isto nos anuncia o que será, no futuro, a resposta à emergência climática? Então, é fácil fazer analogias que são preocupantes, mas que me parecem muito pertinentes. Do mesmo modo que vimos durante a pandemia uma certa tentativa de se beneficiar do fracasso alheio - por exemplo, atraindo redes de valor e de produção para um país que estivesse desempenhando melhor a tarefa de combater a pandemia - portanto, é inteiramente possível que, no futuro, determinadas regiões em determinados países, se conseguirem combater as alterações climáticas melhor do que seus rivais, possam atrair talento, profissionais qualificados, empresas e redes de valor.

Por exemplo, se uma cidade como Singapura se revelar capaz de combater as alterações climáticas através de transformação da cidade, como ar condicionado e transportes públicos adequados a uma nova era de alterações climáticas, então é possível imaginar que talentos, capitais e redes de valor se desloquem de outros sítios para Dirrã, por exemplo.

Dessa forma, eu acho que é fácil pensar neste cenário como sendo uma espécie de réplica do que aconteceu durante a pandemia. E de um modo mais radical, agora, fazendo uma analogia com a fase das vacinas, é possível imaginar também que determinados países tentem controlar tecnologias críticas para responder à emergência climática.

A verdade é que nós vimos, no passado, que há uma correspondência bastante direta entre novos paradigmas energéticos e a emergência de novos superpoderes. Na verdade, eu gostaria de chamar a atenção da audiência para esta notável coincidência: nem o Reino Unido nem os Estados Unidos nos séculos XIX e XX se tornaram as potências dominantes através de guerras mundiais. Os Estados Unidos já eram a potência econômica dominante mesmo antes da Primeira Guerra Mundial e antes da Segunda.

Parece, para mim, que o fator determinante foi o surgimento, quer na primeira revolução industrial, quer na segunda revolução industrial, de um paradigma energético e econômico completamente novo, que foi baseado na energia a vapor e no carvão - no caso da Inglaterra e no Reino Unido - e, depois, na eletricidade e na energia fóssil - no caso da segunda revolução industrial e do surgimento dos Estados Unidos como potência econômica dominante. Assim, é fácil imaginar - e é algo que eu verifiquei, falando com oficiais na China, no tempo em que eu vivi em Pequim - que a China pense em uma terceira revolução energética industrial, na qual as energias verdes substituem as energias hoje dominantes. E, que isto seja a oportunidade, mais do que uma guerra global, para a China se transformar na nova superpotência global.

Portanto, temos que pensar cada vez mais na emergência climática, não como um momento em que os Estados vão se reunir e colaborar para resolver o problema, mas, na verdade, para o bem e para o mal, pois será um momento de intensa competição geoestratégica.

E eu digo para o bem ou para o mal porque, evidentemente, nós esperaríamos algo diferente... e não deixa de ser uma desilusão verificar que, até os momentos de crise da nossa espécie, em geral, serão aproveitados como um momento de competição.

Portanto, eu espero mais da China e dos Estados Unidos, a partir do momento em que as lideranças percebam que está em questão o poder global, em relação a como foi tratada até hoje a questão climática: como uma questão moral e de responsabilidade moral. E, eu acho que, enquanto for uma questão de responsabilidade moral, e não uma questão de poder, os resultados serão menos impressionantes. Receio dizer, mas parece-me que é a realidade.

Finalmente, os comentários finais são relativos ao modo como os Estados têm reagido durante a pandemia e vão reagir no futuro a esta nova situação. Assim, em vez de termos um esquema em que os Estados se digladiam diretamente entre si e, em que as relações dominantes são as relações entre Estados, o que nós temos hoje é um esquema em que devemos incluir relações com esta nova natureza hostil e agressiva, e com o meio ambiente, que tem de ser controlado e domesticado de novo.

Portanto, o que é que vemos até hoje? Vemos uma preocupação muito maior do que antes da pandemia, com uma ideia de Autonomia Estratégica. Além disso, a globalização não está chegando ao fim, uma vez que não vemos sequer uma redução do comércio mundial. Porém, ela está sendo substituída por um novo modelo de globalização, não uma globalização em piloto automático, mas uma globalização em que o poder dos Estados é também importante.

E, em que, os Estados, estando integrados entre si, num mesmo sistema global, estão em permanente competição e têm que se preocupar com a acumulação de poder e com a Autonomia Estratégica para enfrentar essa competição. Nesse sentido, o que temos visto é, na verdade, uma série de desenvolvimentos acontecendo em paralelo, na China, nos Estados Unidos e na União Europeia, que apontam no mesmo sentido. Assim, na União Europeia, nós falamos muito em Autonomia Estratégica nas questões de segurança e defesa, mas, sobretudo nas questões econômicas.

Diante disto, há uma série de novos instrumentos econômicos, que estão sendo desenvolvidos para que a União Europeia seja mais resiliente e mais autônoma nas suas relações econômicas, que envolvem limitações ao comércio global, privilegiar agentes econômicos europeus em detrimento de outros, a realização de acordos comerciais com parceiros estratégicos, as questões de energia e de segurança energética e muitas outras questões. Todas elas englobadas sob o título de Autonomia Estratégica.

Curiosamente, nós vemos o mesmo desenvolvimento na China e nos Estados Unidos. Sendo que, na China, a etiqueta ou nome dado a estes instrumentos, desde o ano passado, é a ideia de Circulação Dual ou Circulação Dupla. O que significa a Circulação Dupla? Significa que há, na verdade, duas economias separadas, uma economia doméstica e uma economia global. Portanto, elas não obedecem às mesmas regras.

De acordo com o Partido Comunista Chinês, a economia global tem que estar sujeita ao poder dos Estados e à estratégia dos Estados e, só assim, a economia poderá prosperar. Enquanto que, na esfera doméstica, regras imparciais e regras de mercado podem ser adotadas. Ademais, há um enorme ceticismo em Pequim quanto a esta ideia. No entanto, o que na verdade é dominante, é a ideia de que, na economia global, os Estados competem diretamente entre si.

Além disso, a ideia de capitalismo de Estado tem muito a ver com isto também. Ou seja, com a ideia de que não há regras imparciais na economia global, pois há uma competição econômica entre Estados. Assim, nos Estados Unidos, também vemos os mesmos desenvolvimentos. Por exemplo, a US Trade Representative (“Representante Comercial dos EUA”), Katherine Tai, que, na sua audiência inicial no Congresso, em resposta a uma pergunta direta, se ela ainda acreditava em acordos de comércio como modo de criar comércio livre a nível global, ela respondeu que, há alguns anos, acreditava... entretanto, hoje, já não acredita. O que me apareceu na altura, uma revelação bastante importante, além de ser um símbolo de que há algo diferente na atitude americana, quanto ao comércio global.

E desde então, temos visto uma série de desenvolvimentos importantes, que nos Estados Unidos são normalmente agrupados com o nome de Resiliência das Cadeias de Fornecimento Global ou das Cadeias de Valor Global.

Consequentemente, é por isso que temos desenvolvimentos semelhantes na Europa, na China e nos Estados Unidos, embora os nomes sejam, muitas vezes, diferentes. Eu acho até que o nome europeu, Autonomia Estratégica, é o mais geral e mais fácil de entender. Mas, os desenvolvimentos acontecem em todos os grandes agentes econômicos. Ademais, ao mesmo tempo que não teremos o fim do capitalismo, não teremos o fim de sua composição, porém teremos uma nova forma de capitalismo, que é um capitalismo mais direcionado.

Eu diria, um capitalismo que é direcionado para o aumento do poder nacional e para o controle sobre o nosso ambiente natural e sobre as ameaças que daí resultam, além de ser um capitalismo mais tecnológico, porque é esse o objetivo, o controle sobre o ambiente. E também, um capitalismo que, mais uma vez, já não obedece àquele modelo de regras automáticas do capitalismo ou uma globalização em piloto automático.

No entanto, o modelo político e econômico que ainda está em vigência em Portugal, e eu imagino que, certamente, no Brasil também, nós, muitas vezes, chamamos de neoliberalismo, que, na verdade, entendemos como esse capitalismo em piloto automático, sujeito a regras mais ou menos automáticas. Mas, me parece claro que esse entendimento do capitalismo está, de fato, em crise, e está sendo substituído por um capitalismo em que o funcionamento de regras de mercado não é o fim último, mas é um meio para outros tipos de fins.

Vemos isso claramente na China, em que essas regras de mercado são utilizadas para um fim último, que é o engrandecimento e o rejuvenescimento da sociedade e do Estado chineses.

O segundo ponto é para terminar. Assim, das consequências da pandemia, algo que me parece claro é a questão da tecnologia. Ou seja, resumindo, eu vejo duas grandes consequências estratégicas da pandemia: primeiro, o desenvolvimento de um certo entendimento de Autonomia Estratégica, de suficiência nacional, de poder dos Estados sobre a economia, sobre o capitalismo e sobre a globalização. Essa é a primeira consequência estratégica que muito claramente foi resultado da pandemia. E, no caso da China, nós vemos até, se quisermos investigar com cuidado, a nova estratégia de Economia Dupla ou Economia Dual.

No primeiro discurso em que Xi Jinping desenvolveu esta nova estratégia, ele a ligou diretamente à pandemia. Notadamente, o discurso foi muito construído em termos de “a pandemia mostrou-nos ‘X’. Logo, daqui resulta um novo entendimento econômico, a que chamamos de Economia Dupla”. Portanto, talvez, o caso China, seja aquele em que a ligação entre a pandemia e novas ideias econômicas é mais clara. Mas, acontece também nos Estados Unidos e na União Europeia... Então, a primeira consequência da pandemia é este novo desenvolvimento do entendimento da Autonomia Estratégica.

A segunda consequência acontece, parece-me, ao nível do nosso entendimento sobre a tecnologia. Eu tenho falado, e falo no meu livro, de uma nova aceleração tecnológica. Isto é, esta aceleração foi uma resposta direta a certas ideias defendidas por um grupo de autores nos Estados Unidos, entre os quais, Tara Coen, Peter Thiel and Robert J. Gordon, que defenderam, há uma década atrás, por volta de 2010, a ideia de que nós tínhamos entrado numa estagnação tecnológica, com reflexos em uma estagnação econômica, que tinha sua origem numa estagnação tecnológica.

E a verdade é que os desenvolvimentos tecnológicos que temos visto me parecem claramente que são desenvolvimentos tecnológicos de reduzido impacto, quando comparados com os desenvolvimentos tecnológicos, no resto do século XX, por exemplo. Diante disto, Robert J. Gordon gostava de perguntar aos seus alunos, em suas palestras, se eles preferiam ter um smartphone ou se preferiam ter água canalizada em casa.

E quase sempre a resposta era a mesma, todos preferiam ter água canalizada em casa do que ter um smartphone. Então, Robert J. Gordon concluiu, a partir disso, que, ao analisar os grandes desenvolvimentos tecnológicos entre 1980 e 2020, o smartphone não era tão impressionante assim, especialmente quando comparado ao longo do tempo, numa escala temporal maior, com outras invenções anteriores.

Portanto, me parece que a pandemia, apesar de não ser a única causa, evidentemente, tem propiciado um novo entendimento da tecnologia e uma aceleração tecnológica que nós, na verdade, já vemos. Basta olhar para as notícias diárias nos jornais, para perceber que algo está acontecendo. Acho que a pandemia nos mostrou que nós temos que ter um entendimento diferente da tecnologia. Além disso, ela mostrou também como as vacinas, bem como seu desenvolvimento rápido, foram absolutamente críticos para impedir uma crise política, social e econômica extremamente profunda e de consequências imprevisíveis a nível global.

E, nos Estados Unidos, certamente. E por isso, temos de pensar cada vez mais na tecnologia, não como resposta a problemas que já existem, mas como resposta a problemas potenciais. Ademais, temos de desenvolver respostas tecnológicas para problemas que, em muitos casos, não conseguimos antecipar ou imaginar. Portanto, este é um entendimento fundamentalmente diferente da tecnologia, pois implica em implica uma certa aceleração deliberada do desenvolvimento tecnológico.

Uma vez que sabemos que não vivemos, como eu mencionei no início da minha fala, nessa natureza plácida, pacífica e domesticada em que acreditávamos viver... e eu, quando digo acreditávamos, falo mais sobre o Ocidente, porque em sítios como África ou Índia, na verdade, esse entendimento da natureza, como algo plácido e inocente, nunca tinha sido verdadeiramente adotado.

Para finalizar, podemos ver esta aceleração tecnológica na biomedicina, por exemplo, em que há desenvolvimentos impressionantes em várias áreas, como é o caso das vacinas contra a malária, mas também em áreas como anti-envelhecimento, dentre outras. Além disso, vimos, inclusive na energia, com propostas bastante impressionantes, por exemplo, na área da fusão nuclear.

Vemos isso no caso da exploração espacial, na qual, pela primeira vez desde 1969, temos, novamente, um certo entusiasmo pelo que pode acontecer nas próximas décadas. Talvez com uma viagem tripulada a Marte... Ademais, temos as criptomoedas e o desenvolvimento de um novo entendimento da internet como o Web Three, que é, de fato, uma revolução radical no nosso conhecimento da internet.

Vemos ainda, mais recentemente, o desenvolvimento do Metaverso, que é de fato uma revolução radical no modo como nos relacionamos com o mundo. Portanto, eu acredito que, possivelmente no futuro, recordaremos da pandemia como o início de uma era de fundamental aceleração tecnológica.

Então, eu chamaria apenas a atenção de que esta aceleração tecnológica está seriamente ligada ao primeiro ponto que eu desenvolvi.

Os dois pontos estão bem relacionados, porque viver no planeta Terra, com uma temperatura de 2 graus, ou 2,7 graus, ou ainda 3 graus superior à média pré industrial, será comparável a deixar o planeta que conhecemos ao longo dos últimos dez milênios e, na verdade, viver ou aterrar num planeta completamente novo e imprevisível, hostil e com o qual teremos que lidar. Muito obrigado a todos! Eu acredito que teremos agora um período para debate, perguntas e respostas.



OLIVER: Muito obrigado, Bruno! Teremos bastantes desafios pela frente, pelo que vimos! Muito obrigado pelos insights e provocações! Enfim, temos muitas perguntas. Obrigado a todos aqueles que enviaram perguntas e também já votaram nas perguntas. Espero poder fazer a maioria delas, enquanto temos o Bruno conosco.

A primeira pergunta que eu gostaria de fazer é: “Como você avalia o confronto que virá entre as duas superpotências, os Estados Unidos e a China?”. Porque, no século XX, não foi apenas uma situação de tensão militar, mas também, um confronto de ideias, do capitalismo contra o comunismo. “Agora, vamos ter algum tipo de confronto de ideias também? Ou será mais simplesmente, uma briga pelo poder?”.



BRUNO: Eu acredito que, muito claramente, teremos um confronto de ideias. A China tem um certo modelo de organização da sociedade que é diferente do mundo ocidental, apesar de não ser tão rígido, nem tão ideológico como o soviético, o que eu julgo ser uma vantagem que a China tem, quando queremos fazer uma comparação com a União Soviética, uma vez que muitas das ideias que vêm sendo desenvolvidas por intelectuais chineses e por oficiais do partido estão ainda um pouco em ebulição e em desenvolvimento.

E há debates internos que não são públicos, mas que existem, sobre esse modelo de organização da sociedade chinesa. Mas já há ideias bastante claras sobre essas diferenças. Há uma ênfase muito maior sobre os direitos econômicos, além de uma ênfase muito maior sobre a relação entre o coletivo e o individual, isto é, a ideia de que o indivíduo tem, em última análise, de se encaixar a um certo coletivo. Ademais, há um enfoque muito maior e muito mais forte sobre a indústria, e sobre o controle da natureza sobre a infraestrutura. Há ainda, uma desconfiança muito grande sobre a internet do entretenimento, além de uma forte crença sobre os benefícios do diferente acesso à informação no modelo chinês. Assim, certas partes do partido e do Estado têm acesso a toda a informação, enquanto que, outras partes, têm acesso limitado à informação. Portanto, a transparência não é vista como um valor.

Em resumo, eles possuem uma certa constelação de valores que foi, na verdade, posta agressivamente em utilização durante a pandemia. Inclusive, nós assistimos a diplomatas chineses apontando para a situação nos Estados Unidos, com a tentativa de argumentar que o que aconteceu nos Estados Unidos durante o pandemia mostra que o modelo chinês é superior, porque obtém melhores resultados devido ao seu poder concentrado, sua capacidade de tomar decisões, e por haver uma noção de um dever coletivo de seguir essas decisões. Por fim, tudo isso sem ser o modelo soviético, apesar de que, evidentemente, não me parece que seja tampouco o modelo ocidental, nem que haja sequer na China, o objetivo de se converter no modelo ocidental.

Portanto, entramos, me parece, numa rivalidade de modelos e de ideias que, mesmo sendo diferente da Guerra Fria, têm na verdade, este aspecto também. Então, não é puramente uma rivalidade econômica, do meu ponto de vista.



OLIVER: Uma pergunta excelente que alguém fez, e que foi bastante votada, foi sobre o fato dos países, cada vez mais, adotarem uma mentalidade mais autocentrada, mais competitiva, ou seja, parece que haverá cada vez menos espaço para a cooperação. Nessa situação, então: “Como estabelecer espaços para a cooperação?” e “Será que terceiros países como o Brasil, por exemplo, podem manter algum grau de neutralidade e ter boas relações tanto com os Estados Unidos e a Europa, mas também com a China?” ou “Eles serão obrigados a escolher um lado em algum momento?”. Eu acho que esta é uma pergunta que muitos países do Sul Global estão se fazendo.



BRUNO: Esta talvez seja a pergunta que recebo mais vezes, quando visito outros países. Tanto antes da pandemia, quanto agora, nas viagens que estão começando. Por exemplo, é uma pergunta que se ouve muito em Singapura. E, de fato, é uma pergunta fundamental em Singapura, nesta altura.

Além disso, é uma pergunta que se ouve muito no Cazaquistão, e também, curiosamente, na Suíça, apesar deste país não pertencer à NATO ou OTAN - como se diz em Portugal - mas que é um país bastante ligado ao Ocidente e que tem um tratado comercial com a China. Ademais, imagino que, de fato, seja uma pergunta também muito feita no Brasil. Então, qual é a minha resposta normalmente? Eu acredito que cometeríamos um erro se pensássemos no modelo da Guerra Fria, entre o Ocidente e a União Soviética. Nesse caso, houve um alinhamento muito completo com um dos blocos, sendo que o bloco não alinhado nunca foi particularmente influente ou poderoso.

E ainda, havia uma pressão enorme para países se alinharem com um lado ou com outro. No entanto, eu não vejo o mesmo acontecer a esta altura, e parece-me que as diferenças são óbvias, pois, no caso da Guerra Fria, muitos países estavam saindo de um período de colonização. Portanto, as suas estruturas ainda eram débeis e não era possível sequer pensar numa ideia de gozarem de um nível de autonomia e de independência face aos grandes blocos.

Por outro lado, esse não é o caso agora do todo. Os poderes, tanto dos Estados Unidos, quanto da China, estão muito mais diluídos numa ordem em que outros poderes são também relevantes. Dessa forma, não me parece que seja possível à China, ou aos Estados Unidos, organizarem o mundo em dois blocos. Eu acredito que, o máximo que a China e os Estados Unidos podem fazer, o que eles aspiram, ou seja, sua ambição, na verdade, em muitos casos, é impedir que determinados países estratégicos sejam controlados pelo seu rival.

Nesse sentido, será muito importante, quer para a China, quer para os Estados Unidos, que Singapura, por exemplo, não esteja inteiramente alinhado com apenas um dos lados. Da mesma forma, será importante para os Estados Unidos e para a China que o Brasil não esteja inteiramente alinhado com um dos lados. E, se for essa a atitude, quer seja dos Estados Unidos, quer seja na China, eu acredito que isso abrirá um enorme espaço para que os países se tornem verdadeiramente autônomos, pois conseguirão, desse modo, satisfazer as prioridades essenciais, tanto de Washington, quanto de Pequim.

Temos visto isso muito no caso de países europeus, que têm feito esta escolha deliberadamente e de um modo democrático. Mas, noutros casos, eu não vou falar especificamente sobre qual será a orientação no Brasil, mas noutros casos, haverá muito mais interesse em manter um nível elevado de Autonomia Estratégica.

O caso do Brasil parece semelhante ao caso da Índia. Nomeadamente, o desenvolvimento de um poder regional sólido, consolidado e que passa, evidentemente, por um certo nível de Autonomia Estratégica.

Nesse sentido, o Brasil tradicionalmente tem essa capacidade na área econômica, na área política, e também na área cultural. Apesar de não ter, tradicionalmente, essa capacidade na área militar. Mas, também, não tem esta necessidade. E, por isso, parece-me que, se for essa a escolha dos brasileiros, que esse modelo está muito em aberto para os países que queiram escolher.



OLIVER: Bom, temos alguma esperança diante desse quadro bastante desafiador. Me parece sempre interessante, também, notar que o país está neste processo de se adaptar a esse mundo mais multipolar, diante de uma realidade que a gente não conhece tão bem a Ásia ainda, então, teremos que adquirir muito mais conhecimento sobre os atores mais tradicionais, e este será um processo longo que teremos pela frente.

Temos várias excelentes perguntas, e uma que eu gosto, particularmente, é sobre o processo de adaptação ao mundo pós-pandemia. Estamos agora nesse processo de volta ao trabalho presencial... então, há um debate muito complexo e interessante entre necessidades, liberdades individuais e responsabilidades públicas. Alguns países conseguem se adaptar relativamente bem, outros menos. Portanto, existe um perigo imenso de um maior abismo social ou de mais desigualdade, tanto dentro dos países, como também entre países nesse mundo pós-pandemia, já que alguns países em desenvolvimento, por exemplo, terão muito mais dificuldade em se adaptar a essa nova situação, enquanto que alguns países saem-se muito melhor. Então, eu te pergunto: “Qual é a sua expectativa com relação a isto? Você acredita que a desigualdade vai aumentar neste contexto?”



BRUNO: A desigualdade tem aumentado dentro dos países e eu acredito que essa aceleração tecnológica de que eu falava tem, evidentemente, toda a capacidade para aumentar a desigualdade dentro dos países, uma vez que nós sabemos que o desenvolvimento tecnológico rápido tende a aumentar a desigualdade. É justamente isso que eu acho que vai acontecer. A nível global, talvez menos do que esperávamos. Por exemplo, no início da epidemia, havia uma enorme preocupação sobre as consequências para o mundo em desenvolvimento, em particular para África.

Por outro lado, havia uma enorme complacência sobre as consequências da pandemia para o mundo desenvolvido Ocidental. E um dos choques foi verificar que, na verdade, o mundo Ocidental não estava de todo preparado. Em larga medida, porque o mundo Ocidental nunca se convenceu de que a pandemia poderia ser um problema.

Por exemplo, eu tenho uma memória muito vívida de que até março ou abril de 2020, a ideia na Europa era de que isto acontecia na China e no Irã, e que era muito trágico, mas que isso jamais aconteceria na Europa. Portanto, houve uma enorme complacência e também, o que eu acredito que seja o mais importante, houve subitamente a descoberta de que as nossas estruturas do mundo Ocidental são extremamente rígidas e de difícil adaptação.

Em contrapartida, vimos, curiosamente, que países em desenvolvimento foram capazes de se adaptar mais rapidamente à pandemia. Porque as suas sociedades e os seus Estados são mais recentes, tendo ainda a sua flexibilidade das origens. Ou mesmo devido, na verdade, particularmente na África, ao fato de que uma experiência, como a da pandemia, não era algo novo naquela região.

Ou seja, o cenário de estar permanentemente sujeito à incerteza de uma doença ou de uma catástrofe natural é algo recorrente naquele continente. Por isso, essas sociedades, em muitos casos, tiveram uma resiliência maior.

Os casos verdadeiramente referenciais de sucesso no enfrentamento da pandemia, curiosamente, foram sociedades democráticas, que não foram criadas há muitas décadas. Nomeadamente, Coreia do Sul, Taiwan e Singapura, com os seus elementos democráticos, embora Singapura não seja uma democracia.

Mas, estas são sociedades em que ainda é possível se adaptar e reagir rapidamente. E, além disso, onde não existe uma consolidação excessiva e nem uma rigidez excessiva das estruturas sociais e do Estado.

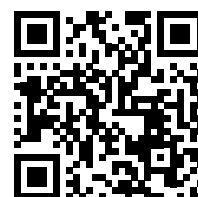
Para responder rapidamente à sua pergunta, Oliver: isso mostra que muitas das nossas convicções estavam erradas sobre as consequências a nível da distribuição global de poder. Ademais, me parece muito mais possível hoje, que a pandemia tenha até acelerado uma certa redistribuição de poder a nível global. Ao contrário do que achávamos no princípio.



OLIVER: Temos ainda muitas perguntas, mas, infelizmente não temos mais tempo. Foi realmente um privilégio contar com as perguntas dos participantes. E também com você, Bruno. Muito obrigado! Será um prazer continuar essa discussão. E eu desejo a todos vocês que desfrutem dos debates, nos próximos dias, na Semana de Inovação 2021. Muito obrigado!



Bate papo com Dan Ariely



Dan Ariely

Apresentada em 07 de novembro de 2019, na 5ª Semana de Inovação: "Governo para pessoas".



Moderador da palestra:

João Sigora



Moderadora da palestra:

Thaís Gargantini

Resumo da palestra: A palestra consistiu em um bate-papo entre o professor Dan Ariely, os moderadores, e o público, sobre temáticas relacionadas à economia comportamental, racionalidade versus irracionalidade, e confiança, além de alguns insights do Professor sobre seus livros e trabalhos com governos ao redor do mundo, com os quais tem desenvolvido projetos com o intuito moldar ou melhorar as escolhas racionais, visando obter melhores resultados para o maior número de pessoas.

Palavras-chave: Economia comportamental; Racionalidade; Irracionalidade; Confiança.



JOÃO: Bom dia! Bom, hoje nosso bate papo é muito especial! Acho que basta dizer que o professor Dan Ariely foi eleito pela Bloomberg um dos 50 pensadores mais influentes do mundo. Quem conhece economia comportamental sabe quem ele é e o que ele representa. Por isso, estamos muito honrados em poder contar com a participação dele hoje. Grande parte do seu trabalho se dedica a mostrar porque nós, seres humanos, somos tão previsivelmente irracionais. Aliás, este é o título de um de seus livros, “Previsivelmente irracionais: As forças ocultas que moldam nossas escolhas”. Ele é professor de Psicologia e Economia Comportamental da Duke University, onde ele lidera o Center for Advanced Hindsight, e também é co-fundador do Kayma labs, o qual a Thaís Gargantini (Moderadora do evento) coordena aqui no Brasil. Ele já figurou com diversos livros dentre os mais vendidos do The New York Times, incluindo aquele que eu acabo de mencionar, e também com “A verdade honesta sobre a desonestidade”. O professor Dan Ariely também tem uma coluna no Wall Street Journal, que se chama “Pergunte para Ariely”.

E, é exatamente isto que vamos fazer aqui. Então, queria convidá-los a abrirem o aplicativo do evento, no qual temos o link para perguntas. Fiquem à vontade para mandar suas perguntas por lá. Eu e a Thaís também preparamos algumas perguntas com antecedência, que vamos trazer juntamente às perguntas de vocês, para fazermos para o professor Dan Ariely.

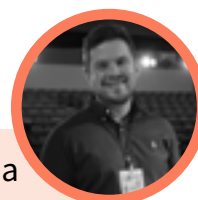


Thaís, como você tem mais familiaridade com o professor e o conhece melhor, gostaria de fazer algum comentário antes de chamá-lo para o palco?

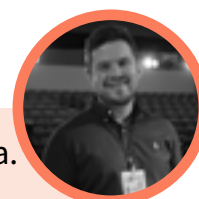
THAÍS: Sim, eu queria fazer um comentário... Quem já ouviu algum dos vários TED Talks do Dan, sabe que ele tem metade de uma barba, porque ele sofreu um acidente quando era mais jovem e, devido a isto, tem várias cicatrizes. E é por isto que não cresce o cabelo na outra metade do seu rosto. Ele diz que isto não é um “Fashion Statement”, mas, na verdade, eu digo que é, porque faz parte da aceitação da nossa história. Este é um dos motivos pelos quais eu o admiro ainda mais. Então, vamos agora nos conectar com o professor.



JOÃO: Professor Dan Ariely, bem-vindo à Semana de Inovação! Bom dia! Se eu entendi bem, são sete da manhã em San Diego.



DAN: Bom dia! São quase sete da manhã. Eu acho que é a primeira vez na história do Brasil que uma reunião começa mais cedo.



JOÃO: É isso que eu chamo de motivação intrínseca. Obrigado por estar aqui conosco! Eu e Thaís vamos conduzir a entrevista e vamos receber perguntas da audiência. Então, vamos começar essa conversa, professor Ariely, com a confiança com a qual você realmente foca em sua carreira, ou seja, tudo tem sido feito com base na ideia de confiança. Portanto, podemos começar essa conversa, falando sobre o porquê que esse tipo de comportamento, especificamente, ser tão importante e porquê deve ser encorajado. E também, como isto é aplicado à governança.



DAN: Bom, esta é uma pergunta longa, mas eu darei uma versão curta da resposta... E depois vocês decidem se querem perguntar mais sobre isto. Em primeiro lugar, em termos práticos, existe evidência de que a contribuição da confiança para o Produto Interno Bruto é muito alta. Imagina o que aconteceria em uma sociedade que tenha muita confiança... por exemplo, nós contrataríamos a pessoa certa para o trabalho, que não necessariamente fosse um membro da família; não precisaríamos depender de contratos para tudo; nós não teríamos medo de que as pessoas nos enganassem, se houvesse mais confiança... Ao contrário do que acontece em uma sociedade sem confiança, na qual temos muita burocracia; ninguém confia em ninguém, então existe muita desonestidade; você acaba não contratando as pessoas corretas... então, muito é perdido com isto. Imagine, por exemplo, um governo que confia nos cidadãos. Na Dinamarca, leva algo entre meia hora e uma hora para abrir um novo negócio porque tem muita confiança. Quanto tempo você acha que leva no Brasil?



JOÃO: Não tenho ideia. Você sabe, Thaís? Eu só sei que é muito.



DAN: Na verdade, é muito tempo... e isso é uma coisa. A outra coisa, pelo que percebemos, é que a confiança nos faz pensar a longo prazo, não a curto prazo. Então, imagine uma sociedade de muito tempo atrás, como uma vila pequena, com algumas centenas de pessoas. O que acontece, neste caso, é que nosso rosto é a nossa reputação. Se você tratar alguém mal, ela vai dizer para outras pessoas e, por isso, essas outras pessoas, provavelmente, não vão nos tratar bem. Se, em uma pequena vila pequena, que trate a confiança dessa forma, as pessoas começarem a trair umas às outras, isso vai ser ruim. Se você tem uma sociedade pequena e nós nos comportamos de uma forma ruim, as pessoas vão saber disso e vão nos tratar mal também. Portanto, nós não fazemos isso com tanta facilidade.

Por outro lado, na grande economia atual, na grande comunidade global que temos hoje, essa coisa chamada “reputação” não desempenha o mesmo papel, pois as pessoas não pensam a longo prazo. Elas agem de uma forma egoísta e a curto prazo, ou seja, elas não pensam muito na longevidade da sociedade. E isso está na base da natureza humana. Quando nós vivemos em comunidades pequenas, nós confiamos uns nos outros. Mas agora, a confiança já não é tão comum nos grandes centros. Por isso, pensamos em mecanismos que podemos criar para melhorar essas coisas.



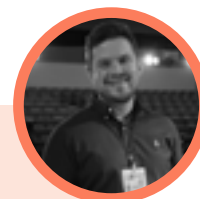
THAÍS: Ótimo! Dan, tem uma coisa que eu quero te perguntar: por que você decidiu trabalhar com as agências governamentais, com o governo? Sabemos que é difícil e que tem muitos desafios.



DAN: Sim, tem muitos desafios! Por isso que, em geral, sempre que olho para um novo projeto, eu tento multiplicar o número de pessoas que podemos ajudar. Por exemplo, se eu faço um projeto em uma sala de aula, estou ajudando 30 crianças... Em outras palavras, seja qual for a intervenção, eu tento sempre fazer as coisas em grande escala.

Quando se trabalha com o governo, de verdade, é complexo e difícil, etc, mas o potencial para a mudança é incrível. Por exemplo, eu trabalho muito com o governo israelense. Nós fizemos alguns estudos e implementamos um novo método para rotular a comida. Assim, a partir de abril deste ano (2019), na comida em Israel, ao invés de ter uma lista de ingredientes dizendo o que é saudável e o que não é, incluímos um círculo grande vermelho, caso aquele alimento não seja saudável. Além disso, também fizemos uma gradação entre o que é saudável e o que não é. E, quando nós testamos isso, o modelo foi muito bem sucedido. Se você quiser fazer uma intervenção como esta, a nível nacional, ela pode atingir muitas pessoas.

Um outro projeto que fizemos foi com o governo britânico, no qual tentamos fazer com que as pessoas pagassem mais o imposto VAT (Value Added Tax) ou IVA (Imposto sobre Valor Agregado). Neste caso, nós mudamos a ordem de preenchimento desta informação, do início do formulário, para a parte de baixo do formulário. A ideia é a seguinte: nas perguntas que a pessoa preenche primeiro, ela costuma pensar mais sobre a resposta. Mas, quando o formulário está no final, a pessoa está mais distraída e acaba preenchendo sem perceber. E aí, já é tarde demais. Este experimento basicamente criou uma quantidade tremenda de renda para o país, centenas de milhões de libras esterlinas. Então, esses são os motivos pelos quais eu trabalho para o governo.

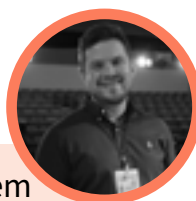


JOÃO: O que o senhor percebe como um grande desafio no âmbito do usuário, para que a economia comportamental fique mais disseminada? Uma vez que o senhor trabalha com o governo, deve perceber que há uma falta de conhecimento sobre economia comportamental.



DAN: Acho que a primeira coisa seria: as pessoas em geral, em especial os políticos, não gostam de admitir que não sabem alguma coisa. Entretanto, uma das essências da ciência é dizer: “Olha, eu tenho algumas ideias que eu acho que vão ajudar, mas não tenho certeza do quanto vão ajudar, e nem qual dessas ideias será a melhor, que ajudará mais o trabalho”.

Por exemplo, na experiência que tivemos em Israel, nós não sabíamos qual seria a melhor alternativa. As empresas, em geral, e os governos, especificamente, não gostam de ouvir “eu não sei” ou “nós não sabemos”... então, eu acho que a condição dos consultores é dizer: “Nós temos a resposta para vocês”. É algo muito incômodo, quando você vai tentar fazer alguma coisa na qual você ainda não tenha uma resposta pronta. Isso é um problema.



JOÃO: Quando falamos sobre experimentos, existem preocupações em termos de questões éticas e de economia comportamental, uma vez que as pessoas sentem que esta seja uma forma de manipulação. E isto tem sido um desafio. Assim, gostaria de saber o que o senhor acha disso, da possibilidade de manipular pessoas, especialmente pessoas que são vulneráveis. Eu quero trazer um exemplo, sobre o que a Thaís falou, sobre ciência da computação e criar incentivos para que as mulheres, as garotas, estudem engenharia. Nesse sentido, aquelas garotas podem estar em uma situação vulnerável, de “não saber”. Então, estamos, de certa forma, influenciando suas escolhas. As pessoas, às vezes, tentam colocar isso como sendo algo neutro. Mas existe algo por trás disso. Eu quero escutar seu comentário sobre isto.

João se refere à palestra ministrada por Thaís Gargantini, momentos antes, na Semana de Inovação 2019.



DAN: Perguntas sobre intervenções e manipulação são muito importantes, e, também, incrivelmente complexas. Não é fácil de resolver.

Vou dar um exemplo de quão complexo isto é: nós fizemos um estudo, no qual criamos um tipo de Tamagotchi, uma tartaruga, no telefone da pessoa. Assim, a tartaruga ficava feliz quando a pessoa lhe dava remédio ou fazia com que ela fizesse exercícios. Em contrapartida, ela ficava cada vez mais triste, quando a pessoa não lhe dava os remédios ou não levava para fazer exercício. Nesse sentido, a tartaruga em si, não tinha muito poder, não tinha como mudar muito seu comportamento.

Entretanto, nós demos à tartaruga alguns superpoderes, dentre os quais, incluía-se o superpoder de deletar aplicativos do telefone. Dessa forma, a tartaruga analisava o aplicativo que a pessoa usava com mais frequência, por exemplo, o WhatsApp, e este aplicativo era o primeiro a ser deletado. Portanto, quando a tartaruga ficava triste, ela começava a deletar os aplicativos. Assim, quando, mais tarde, a pessoa fosse checar seu celular, ela percebia que tinha perdido alguns aplicativos.

Uma das possíveis aplicações deste aplicativo foi, por exemplo, para as pessoas que acabaram de fazer cirurgias cardíacas. Então, era como se disséssemos: “Você acabou de passar por uma cirurgia cardíaca”. Então, pensamos nessa pessoa como alguém que vai para casa, vai fazer exercícios, dormir bem, tomar remédios etc... No entanto, nós sabemos que, em três semanas, ela vai voltar para o seu comportamento prévio. Portanto, quando esse aplicativo é instalado, ele vai forçar a pessoa a se comportar bem. Assim, dentre as pessoas que nos permitiram instalá-lo, a maioria ficou mais saudável e viveu uma vida mais tranquila.

Aqui está a essência da sua pergunta: se nós presumimos que as pessoas são completamente racionais e capazes de tomar suas decisões, então não teríamos questões morais. Vamos presumir que as pessoas estão tomando as decisões corretas, as decisões racionais, e que, se elas estão comendo comidas que não são saudáveis, é porque elas querem. Porque elas acham que é a coisa certa para elas. Ou, ainda, se a pessoa usa o celular enquanto está dirigindo... No caso da economia comportamental, no momento em que você reflete sobre estes assuntos, você percebe que as pessoas têm muita irracionalidade. Portanto, surge a pergunta, “Qual é o limite moral?”

Por exemplo: eu sou médico. Qual é a minha obrigação e onde ela termina? Basta que eu diga ao paciente para fazer exercícios e tomar a medicação? Ou eu tenho que ajudá-la de alguma outra forma? Outra coisa que temos que perceber é que criamos um ambiente no qual é difícil para as pessoas agirem nos seus benefícios de longo prazo. O mundo está cheio de tentações... Por um lado, você não regula a sua alimentação, o seu consumo de álcool, ou o seu consumo de cigarros.

Portanto, temos muitas tentações à nossa frente na sociedade. Não é verdade? Nesse sentido, é correto você fornecer essas tentações para as pessoas, em nome da liberdade? Vamos permitir que todas as empresas tentem ajudar pessoas a comer alimentos que não são saudáveis, a beber bebidas alcoólicas, a fumarem, a gastarem muito dinheiro ou a terem acesso fácil a cartões de crédito?

Por outro lado, não nos sentimos à vontade em ajudar as pessoas a lutar contra isso. Diante disso, todo ano, eu estudo a economia comportamental e a tomada de decisões. Por isso, eu fico preocupado com a nossa habilidade de tomar decisões, não porque eu pense que as pessoas são burras. As pessoas só estão muito ocupadas. Elas estão ocupadas com a vida delas, com a falta de tempo, e não têm capacidade de pensar sobre todas essas coisas.

Além disso, de repente, o mundo começa a tentar a gente. Cada vez que vamos ao supermercado, tem aquela situação de você não se interessar pelo seu cuidado de longo prazo. Em qualquer lugar você vai achar rosquinhas e outras coisas. Então, é difícil lutar contra essas tentações. De fato, não é fácil! Por isso, nós tentamos manipular as pessoas. Nós tentamos reformatar o seu ambiente, fazer com que as pessoas tenham um comportamento melhor, e nos certificamos de que estamos fazendo isso pelos motivos certos. E, na verdade, estamos aumentando o bem estar de todo mundo.

JOÃO: Me desculpe pela interrupção mas, no seu relacionamento com governos do mundo todo, você acha que essa abordagem pode ser mal utilizada?. Se sim, como podemos nos proteger com relação a isto? Nós, que também somos funcionários públicos, como podemos nos proteger do mau uso desta abordagem?





DAN: Bem, sempre que temos novas descobertas, elas podem ser usadas para o bem ou para o mal. Se você estudar formas de fazer as pessoas pensarem a longo prazo, alguém pode tentar usar isso para fazer algo ruim. Para mim, um passo importante diante de tudo isso, é a análise do bem-estar da forma com que um economista compreende a análise de bem-estar. Então, seguramente, o total do bem que as novas descobertas trazem, excede o mal que elas possam gerar. Se analisarmos as consequências não-intencionais que possam ser geradas, elas estão relacionadas com as situações que as pessoas irão preferir. Por exemplo, quando olhamos para a alimentação não-saudável e perguntamos às pessoas: “Você acha que está comendo de forma saudável?”. A maioria das pessoas dizem: “Não”. Então, nós perguntamos: “Você quer alguma ajuda com isso, para saber o que é melhor para você consumir?” ou “Você gostaria de ter algum autocontrole e comer coisas mais saudáveis?”. E, tradicionalmente, as pessoas vão responder: “Não, estou ótimo! Não tenho nenhum problema de autocontrole. Eu sei tudo o que preciso saber”.

Se este é o caso, ou seja, se as pessoas respondem que não precisam de nenhuma ajuda com relação à alimentação delas, eu não iria interferir nisso. Mas, se a pessoa disser que quer ajuda, aí sim, eu vou considerar ajudar. Se compararmos a porcentagem de pessoas que dizem que precisam de ajuda e a porcentagem de pessoas que dizem que não precisam de ajuda e que estão ótimas, seria, normalmente: 95% das pessoas dizem que estão ótimas e 5% dizem que precisam de ajuda. Portanto, será que a realidade é mesmo esta? Se, por outro lado, esta porcentagem fosse contrária (95% dizem que precisam de ajuda e 5% dizem que não precisam), então, eu ficaria preocupado.

Nesse sentido, eu devo dizer que gosto de dados e de ciência. E, eu acho que, certamente, devemos valorizar os dados, mas há algumas situações em que devemos analisar quão distantes as pessoas estão de seu ideal. Portanto, se existe alguma lacuna entre onde gostaríamos de estar e onde de fato estamos, então, temos que ficar preocupados. Se esta lacuna não for tão grande, talvez isto não seja tão preocupante.

Além disso, também temos uma espécie de medidor de paternalismo, para nos ajudar a entender quando podemos ser mais paternalistas ou menos. Temos alguns elementos para falar sobre isso. Quando a decisão é grande e as consequências graves, aí, sim, eu estou disposto a ser mais paternalista. Por exemplo, com relação à poupança, quando as pessoas se desorganizam com suas economias e chegam aos 80 anos sem ter economizado o suficiente, então, já é tarde demais.

Dessa forma, eu tenho que ser mais paternalista quando não existe uma segunda chance para alguma coisa. Em outras palavras, eu sou propenso a ser mais paternalista quando as decisões são grandes e os erros podem ser muito substanciais. Ademais, eu estou disposto a ser mais paternalista quando existe uma lacuna de conhecimento muito grande entre a decisão da pessoa e suas profissões. Como no caso da saúde, por exemplo.

Por outro lado, tem muitas coisas que eu estou disposto a abrir mão de ser paternalista, com relação ao comportamento humano, em benefício da liberdade. Temos que avaliar muito bem essas coisas, especialmente como funcionários públicos. Isto é, temos que pensar nessas coisas para descobrir se o que estamos promovendo é correto e atende aos interesses das pessoas. Se acharmos que não, quais seriam as formas de fazer com que as pessoas tenham algo mais dentro dos seus melhores interesses? Nesse sentido, sabemos que tirar a liberdade das pessoas não é bom. Porém, ter maus resultados também não é bom.

O último exemplo sobre este tema: a pessoa que usa o celular enquanto está dirigindo. Deveríamos permitir que as pessoas façam isto, mesmo sabendo que elas podem matar alguém ou morrer? Acho que não! Apenas dar telefones às pessoas, sabendo que elas os usam o tempo todo e então, apenas sugerir que elas não usem os telefones enquanto dirigem, não seria a abordagem correta. Portanto, temos que pensar em algo extremo com relação a isto.



JOÃO: Já que o senhor falou que adora dados, eu tenho ótimas perguntas da platéia, com relação a experimentos de controle randomizado... Um dos participantes falou sobre como somos previsivelmente irracionais. Por exemplo, há alguns experimentos feitos com pequenos grupos, com base no que o senhor falou, sobre a validação externa. “Como isso poderia ser aplicado em outros contextos?” Quero dizer, em grupos maiores ou em outros contextos.

Eu tenho uma outra pergunta com relação a isso: “Como é que você tem certeza de que esses resultados são válidos em outros contextos?” E, com relação a isto também, tem mais uma pergunta boa aqui: “Por quanto tempo esses resultados são válidos? Como nós podemos saber quanto tempo uma estratégia de comportamento vai durar ou vai funcionar?”. Às vezes nós confiamos nos resultados, mas o comportamento é dinâmico, ele muda, então, esta é uma pergunta com relação à sustentabilidade das intervenções.



DAN: Muito boas as perguntas.

Então, respondendo a elas: a ciência começa com coisas fáceis e passa para coisas mais difíceis e complexas. Eu fiquei feliz em saber que alguém na plateia concorda sobre esse nível de irracionalidade. Quando eu escrevi esse livro, já faz alguns anos, mas, agora, eu trabalho com governos e experimentos de larga escala e estamos expandindo essas ideias. Naquele momento, os experimentos eram estudos simples de laboratório. Ao longo dos anos, nós passamos para estudos de larga escala, com grandes empresas.

Portanto, os processos científicos estão em constante desenvolvimento. Além disso, quando temos experimentos feitos em laboratório, podemos passar a receita para alguém e isto pode ser repetido. E, se algo funciona em laboratório, têm mais chances de funcionar na vida real do que de não funcionar, em termos de probabilidade. Então, agora sim, chegou o momento de experimentarmos isso no mundo real, ou em larga escala, ou em outro país, etc... Então, tudo isso é um processo de aprendizagem contínuo, e nós não paramos de estudar.

A segunda pergunta é sobre a questão da dinâmica do mundo. E isto é muito importante! Uma das coisas mais incríveis sobre a ciência social é que o mundo é dinâmico, ao contrário do que dizem os físicos, que falam que o mundo é o mesmo e as regras do universo não mudam. Eles falaram isso por muito tempo... No entanto, para o cientista social, as regras mudam. Por exemplo: a atenção. A atenção não era muito importante, enquanto função psicológica, quarenta anos atrás, quando nós apenas olhávamos as coisas e recebíamos instruções. Mas, agora que temos o Facebook e celulares smartphones com suas notificações constantes, a questão da atenção se tornou muito importante de formas diferentes.

Por exemplo, o Tinder. O mundo da vida romântica era muito diferente há vinte anos atrás. Então, a tecnologia entrou e começamos a nos perguntar quais seriam as mudanças tecnológicas fundamentais e quais seriam as novas coisas que temos que estudar e entender.

Além disso, temos agora moedas digitais. Por exemplo, meus filhos têm agora treze e dezessete anos, e eu fico pensando sobre como criar crianças que são financeiramente responsáveis, uma vez que o dinheiro digital nos permite fazer muitas coisas que o dinheiro físico não permite. Por outro lado, o dinheiro físico, se eu entregá-lo nas mãos dos meus filhos, eu sei com o que eles gastaram. E, se fizermos algo mais extremo, eu posso dar uma quantidade limitada de dinheiro, para eles gastarem em algumas categorias de coisas.

Portanto, o desenvolvimento tecnológico do mundo está criando muitas oportunidades interessantes, mas também tem levantado muitos questionamentos. Temos que continuar estudando à medida que o mundo muda e, ainda, temos que reconhecer que coisas que funcionavam muito bem há dez anos atrás, podem não funcionar tão bem hoje.



THAÍS: Eu gostaria de fazer uma pergunta sobre os 3 anos em que estivemos no Kayma, em Israel, onde fizemos vários projetos. E sobre o processo de construção da confiança, em que começamos a ter cada vez mais conhecimento sobre o governo. “Você pode compartilhar conosco um pouco de como foi essa jornada? Como foi o processo de conseguir mais e mais a confiança do governo, o desenvolvimento de experiências com pessoas reais e a parceria com o governo israelita?”



DAN: Eu acredito que a confiança tenha várias facetas diferentes quando você trabalha com o governo. Dessa maneira, a primeira questão é a confiança na metodologia científica e na Economia Comportamental. Além disso, muitas pessoas do governo são advogados e economistas, portanto, sabem disso. Então, foi muito importante fazer com que os servidores públicos reconhecessem que as pessoas são irracionais e que temos que pensar sobre isto. E por fim, pudemos implantar um código para lidar com isto, o que foi muito, muito importante.

Nesse sentido, os primeiros experimentos que fizemos foram com o intuito de criar essa confiança. O experimento consistiu em enviar mensagens de texto para as pessoas que tinham algum compromisso com o serviço de saúde pois, em Israel, havia uma grande porcentagem de pessoas que marcavam consultas e não apareciam. Então, nós começamos a enviar mensagens para as pessoas e elas passaram a não cancelar as consultas. E isto foi muito importante para o sistema de saúde. Além disso, caso elas cancelassem a consulta, nós poderíamos colocar outra pessoa em seu lugar. Então, nos deixaram mudar essa mensagem.

A partir disso, começamos a nos perguntar sobre alguns pontos: “Com o que as pessoas se preocupam? Seria com o valor que isso vai custar? Com o fato de quererem ser saudáveis para os membros da família? Com os médicos ou enfermeiras que estão esperando por elas?”. Dessa forma, como poderíamos usar essas informações? Então, há várias versões diferentes sobre o assunto... o que nos foi mostrado, foi que mandamos uma mensagem muito similar à que tínhamos no começo, porém, incluindo a informação de que um outro cidadão poderia usar a sua consulta, caso você não comparecesse. E isso teve resultados muito positivos.

Bom, essa foi uma intervenção muito simples, muito barata e, no entanto, incrivelmente poderosa, porque isso já existia: se você não comparecesse, alguma pessoa iria no seu lugar. Mas, ao utilizar uma abordagem diferente, isto é, com o intuito de podermos otimizar o trabalho, foi muito importante. Portanto, isso foi uma demonstração de que o nosso trabalho poderia gerar resultados diferentes.

Outro exemplo: estudamos com autoridades como desenvolver um formulário sobre as necessidades dos cidadãos. Nesse sentido, ao mesmo tempo que fizemos perguntas às pessoas, também demos a elas uma segurança de que, se elas precisassem de ajuda, haveria um suporte, uma série de serviços e coisas que poderiam ser feitas para solucionar o problema. Por exemplo, se as pessoas tivessem algum problema com uma autoridade fiscal, elas poderiam vir até nós e receber ajuda. O número de pessoas que completaram esse formulário foi relativamente alto, se me lembro bem, quase 40% das pessoas, o que resultou no melhoramento deste enquadramento das autoridades fiscais. Além disso, as pessoas começaram a desenvolver a percepção de que elas poderiam resolver esses problemas.

A parte seguinte foi fazer com que as pessoas quisessem participar desses experimentos. Como dissemos antes, isto é muito difícil. Então, começamos com uma escala pequena, para reduzir o risco, e dizendo que iríamos fazer uma pesquisa, algo pequeno. E ainda, dissemos que não haveria nenhum impacto negativo. Assim, mais tarde, nós poderíamos aumentar essa escala. Em Israel, por exemplo, se alguém contrata uma pessoa com uma deficiência, ela pode receber de volta o dinheiro que gastou em ajustes, ou seja, se você precisar de rampas para uma cadeira de rodas ou algo assim. Assim, como você pode imaginar, o governo está muito preocupado com esse tipo de processo, uma vez que você leva mais de um ano para ser reembolsado.

Por isso, muitos contratantes não se preocupam com isso, porque eles acreditam que não vão pegar esse dinheiro do reembolso de volta. Então, nós queríamos encorajar as pessoas, as empresas, a contratar as pessoas com deficiência. No entanto, a falta de confiança tornava isto irrelevante.

Portanto, numa escala pequena, nós queríamos reduzir a burocracia, para que, ao invés de levar um ano para esse reembolso, levasse somente duas semanas. A partir desta iniciativa, as pessoas poderiam confiar nisso. Porém, não abrimos isso para todo mundo, apenas fizemos isso com um número pequeno de contratantes, pois queríamos ter certeza de que ninguém estava nos passando a perna. Ou, se passasse a perna, que o fizesse a um nível muito básico. Então, nós tentamos reduzir nossa exposição ao risco, fazendo um experimento pequeno.

Eu não quero perder a oportunidade de conectar esta conversa com uma que estávamos tendo na quinta-feira, em um mesmo evento. Nesse sentido, professor, você veio falar conosco sobre como o governo deve se preparar para a inteligência artificial, engenharia e bioengenharia, e como nós podemos transformar a humanidade e a nossa vida cotidiana. E, se isto for verdade, tudo indica que há uma revolução a caminho.



JOÃO: Eu não quero perder a oportunidade de conectar esta conversa com uma que estávamos tendo na quinta-feira, no mesmo evento. Nesse sentido, professor, você veio falar conosco sobre como o governo deve se preparar para a inteligência artificial, engenharia, bioengenharia. E como nós podemos transformar a humanidade e nossa vida cotidiana. E, se isto for verdade, tudo indica que há uma revolução a caminho.

Assim, tendo em vista a economia comportamental, podemos delegar nossas decisões ligadas aos algoritmos, em um cenário no qual começamos a ter um progresso, por exemplo, na bioengenharia? Ou seja, nós começamos a compensar a nossa irracionalidade? Por exemplo, você acha que nós podemos suprimir o apetite por drogas, uma vez que, se você não ingerir mais, você está realmente mudando seu comportamento ao nível biológico? Então, “Como a economia comportamental pode lidar com esse novo mundo? Isso é relevante nesse novo mundo?” E, “Como você acha que serão os desafios mais relevantes que o mundo vai encarar nos próximos anos?”.



DAN: Eu tenho apenas dois minutos e essa é uma pergunta muito complexa. Então, eu posso usar a desculpa de que o tempo está acabando... mas, eu vou dizer a você que eu acredito que há uma pergunta muito importante a ser feita, que diz respeito ao que estamos tentando conquistar como seres humanos.

Por exemplo, pensemos no desemprego. Não há dúvida de que haverá um nível mais alto de desemprego quando a tecnologia começar a tomar esses lugares. Mas, nós entendemos os seres humanos, e entendemos que a empregabilidade não é apenas sobre dinheiro. É sobre o senso de propósito, de significado, de contribuição para a sociedade e, quando as pessoas não têm esse sentido, esse propósito, elas não se sentem parte de algo. Não se sentem motivadas. Portanto, nós entendemos como isso influencia nessas mudanças. Então, nós devemos pensar em como redesenharemos esse novo mundo, de uma maneira que se encaixe para todos.

Desta forma, um economista analisaria essa situação dizendo: “Ok, temos uma taxa alta de desemprego”. Mas, algumas pessoas pensam que a humanidade é mais do que apenas superar o desemprego. Nós podemos pensar sobre saúde mental, sobre conexão com outras pessoas... Podemos falar também sobre o voluntariado, que também dá às pessoas um senso de sentido para a vida. Consequentemente, isso tudo traz uma gama de perguntas muito interessantes. Então, isso é ciência, ou filosofia, ou ciências filosóficas, ou ciências sociais?

Muito obrigado! Me desculpe, por meu tempo ter sido muito curto. Eu tenho que ir para a próxima reunião. Tchau!



JOÃO E THAÍS: Muito obrigado(a), professor!



Liberdade para transformar: financiamento de bens públicos



Vitalik Buterin

Apresentada em 8 de Julho de 2021, no evento Futuros Radicais, da Enap.

Resumo da palestra: A palestra de Vitalik Buterin fala sobre a plataforma que ele criou, chamada Ethereum, e sobre os experimentos feitos neste ecossistema, usando o Financiamento Quadrático. Nesse sentido, ele apresenta os resultados e alguns insights sobre as descobertas feitas durante este processo e fala sobre como a tecnologia pode dar suporte às mudanças, com respeito ao financiamento público.

Palavras-chave: Plataforma Ethereum; Blockchain; Financiamento Quadrático; Financiamento Público.



Moderadora da palestra:
Juliana Oliveira Domingues

Boa noite a todos!

Primeiramente, gostaria de agradecer à Escola Nacional de Administração Pública (Enap) e a RadicalXchange pelo convite para moderar este excelente painel. É uma honra fazer parte deste evento maravilhoso. Há vinte anos atrás, eu tive o prazer de trabalhar na Enap. Foi minha primeira experiência com o governo, quando eu fui estagiária do, agora extinto, Departamento de Proteção e Defesa Econômica.

E, agora, eu estou muito feliz de estar aqui, mesmo que virtualmente, para participar deste evento tão importante, que promove pensamentos inovadores e novas ações propositivas para uma democracia mais balanceada e saudável, em particular, sobre o tema do financiamento de bens, que será discutido neste painel, e que é extremamente relevante. Um dos maiores problemas enfrentados pela sociedade é a dificuldade de incentivar e financiar iniciativas que têm efeitos positivos compartilhados pela comunidade, nos quais os custos não são necessariamente distribuídos de forma igualitária, que são os chamados bens públicos.

Na verdade, um dos papéis essenciais do governo é lidar com bens públicos, com o objetivo de garantir que os incentivos apropriados sejam devidamente considerados. Neste sentido, o governo deve priorizar e estabelecer as questões mais urgentes nas quais se deve investir, ao invés de outros projetos que podem ser percebidos como menos urgentes, uma vez que isto cria um problema para as democracias em geral. Portanto, “como podemos nos certificar de que os projetos mais importantes serão escolhidos e vão beneficiar o maior número de pessoas?” ou “como fazer com que o financiamento de bens públicos seja mais eficiente e democrático?”

Assim, eu acredito que nosso palestrante trará alguns insights sobre este assunto, através do compartilhamento de suas experiências. Então, vamos conversar com Vitalik Buterin, o criador da Ethereum, uma plataforma descentralizada, de código aberto e baseada em blockchain, que apoia e executa “contratos inteligentes”. Atualmente, sua criptomoeda é a segunda mais valiosa do mercado. Assim, Vitalik vai nos contar sobre seu trabalho inspirador com Financiamento Quadrático e como ele pode ser utilizado como solução para o financiamento de bens públicos, de maneira democrática. Portanto, estou muito feliz em passar a palavra para Vitalik. Obrigada!



VITALIK: Muito obrigado!

Eu queria falar hoje sobre alguns insights sobre o que o Financiamento Quadrático está tentando fazer e, também, sobre algumas experiências-chave que tivemos com o Financiamento Quadrático, as quais tentamos desenvolver com o ecossistema Ethereum, bem como sobre alguns dos sucessos e algumas das experiências de aprendizado que tivemos. E, basicamente, para onde eu acho que o Financiamento Quadrático poderia ir, a partir daqui.

Neste sentido, eu gostaria de começar com um tipo de recapitulação da divisão, ou seja, um pouco da matemática e da ideologia por trás da ideia do Financiamento Quadrático. A ideia é basicamente tentar criar alguma coisa que esteja no meio do caminho, que combine o melhor de ambos os mundos, entre financiamentos por doações - em que as pessoas financiam projetos através de doações - e votação regular - quando as pessoas votam em qual projeto elas gostariam de financiar e, o projeto que tiver mais votos, ganha.

O problema com estes dois extremos é que, a votação simples não faz um trabalho muito bom para refletir as diferenças no peso das preferências. Em outras palavras, a votação simples não desempenha bem o papel de demonstrar as diferenças entre alguém que se importa pouco que um projeto seja realizado e alguém que se importa muito. Por outro lado, as doações, é claro, realizam um bom trabalho em informar sobre esta diferença.

⁴ A tragédia dos comuns é relativa a uma situação em que indivíduos, agindo de acordo com seus próprios interesses, atuam contra os interesses da comunidade, esgotando os bens comuns.

Porque, se você se importa um pouco com algo, você doa 5 dólares. Mas, se você se importa muito, pode doar algo como 5 mil dólares. Entretanto, o problema em contar somente com as doações, é que sofremos com a “tragédia dos comuns”, então elas acabam por favorecer excessivamente interesses concentrados, por exemplo, favorecendo pequenos grupos, nos quais indivíduos do grupo alcançarão benefícios maiores com alguns dos projetos. Além disso, também desfavorecem excessivamente grupos em que o benefício poderia ser mais amplo, mas, encontra-se muito mais disperso. Portanto, há a “tragédia dos comuns⁴”, em que ninguém sente que seu interesse está sendo representado.

Dessa forma, o que o Financiamento Quadrático faz é colocar-se nos meio destes dois. Então, basicamente, a fórmula matemática é: pegar a raiz quadrada de cada contribuição individual, depois somar as raízes quadradas, e pegar o quadrado como resultado. Neste diagrama: as áreas verdes são as contribuições e você deve interpretá-las como quadrados; os lados são as raízes quadradas; e o quadrado grande, que inclui os quadrados verdes e amarelos, é o resultado total. Assim, a diferença entre o quadrado completo e as contribuições de fato é o que você alcança como montante total de subsídio (“Subside pool”). Veja o diagrama abaixo:



Então, o ponto central do Financiamento Quadrático é presumir que você tem um montante total de subsídio. E, o objetivo, é tentar descobrir onde e como você deve distribuir este montante total dentre os bens públicos. Portanto, a teoria por trás disto... Bem, você pode observar algumas coisas: primeiramente, uma coisa que pode ser vista é que, quanto mais indivíduos contribuem para um projeto, mais alta é a razão marginal ou o montante adquirido

Por exemplo, neste diagrama, temos 4 quadrados verdes e muitos amarelos. Dessa forma, se você imaginar que tem 100 contribuições (100 quadrados verdes), conseqüentemente, você terá 9.900 quadrados amarelos. Por causa da forma como a fórmula funciona, o projeto que consegue um maior e mais diverso grupo de pessoas que o apoiem, alcança uma razão marginal mais alta do que os projetos que conseguem grupos menores e mais concentrados de apoiadores. Isto é o que se busca, ou seja, o objetivo é tentar ser mais democrático do que apenas pedir dinheiro aos doadores.

Um outro efeito interessante é também que, o primeiro dólar contribuído para um projeto importa mais do que o segundo dólar. O segundo dólar importa mais do que o terceiro dólar. O terceiro dólar importa mais do que o quarto dólar, e assim sucessivamente. Você pode ver isto no diagrama. Por exemplo, se você pegar o quadrado de cima: imagine dividi-lo por quatro. Então, cada lado é multiplicado por dois, e a área amarela é diminuída por fator de dois, ficando, assim, quatro vezes mais dinheiro e apenas o dobro de correspondência.

E, isto é, também, para incentivar as pessoas que se importam somente um pouco com algum projeto a, ainda assim, estarem dispostas a contribuir, porque, quanto menor sua doação, maior a proporção de correspondência. Então, há muita teoria matemática que basicamente demonstra como, de acordo com algumas hipóteses, esta é a maneira ideal de reunir informações para alocar dinheiro para bens públicos. Uma forma de entender o que está acontecendo aqui é que as próprias contribuições estão agindo como um tipo de alavanca (“torque”). Dessa forma, as contribuições são, tanto doações, como também ajudam a direcionar para quais projetos o montante total de subsídios vai.

Portanto, estas são as ideias. Entretanto, uma coisa que nós sabemos sobre este tipo de matemática complexa na Economia e suas ideias é que, frequentemente, elas têm uma relação muito complicada e imprevisível com a realidade. Então, um pensamento nosso é que nós temos o ecossistema Ethereum e ele necessita muito de bens públicos. Quase tudo no ecossistema Ethereum é público, por exemplo, softwares de código aberto, documentos, vídeos, podcasts, dentre outros.

⁵ Uma forma de pagar pelos produtos da Apple.

Em outras palavras, qualquer coisa que as pessoas construam ou criem no ecossistema da Ethereum, se torna disponível para todos. Não é como o Apple Square⁵. Por exemplo, imagine que você tenha dois Apples e você vai tentar vendê-los para a Alice e para o Bob. A Alice está disposta a pagar 7 dólares, enquanto o Bob está disposto a pagar apenas 2 dólares. Então, você venderá para a Alice.

Entretanto, com os bens públicos, você não pode escolher quais subsídios da comunidade são benéficos e quais não são. Você apenas cria algo, lança e espera que beneficie a todos. E é assim que o sistema funciona. O ecossistema Ethereum, eu acho, funciona muito desta forma. As coisas mais interessantes no ecossistema Ethereum são os bens públicos. Então, ele é um ótimo campo de testes para ver o que podemos tentar usar como mecanismo de financiamento de bens públicos e ver o que acontece. Além disso, foi antes da Gitcoin Grants, que foi um experimento que começou com o time do Gitcoin, há mais de dois anos.

Assim, a comunidade Ethereum tem muitos bens públicos, assim, muitos deles são insuficientes. Ademais, a Fundação Ethereum é o principal alocador de fundos, com um orçamento de aproximadamente 30 milhões de dólares por ano... eu acho que agora está em mais que isso. Há também outros alocadores de fundos, que incluem projetos ricos da ICO, lançados na Ethereum, há a “Whales” (“Baleias” - ricos detentores de ETH), além de empresas dentro do ecossistema Ethereum (por exemplo: Consensus). Em outras palavras, um número bem pequeno de atores ricos.

Neste sentido, a ideia é: o que podemos conquistar com fontes de micro financiamento, de uma forma mais diversa e democrática, para que os projetos que “Whales” e todas estas organizações da Ethereum deixam de lado, ainda tivessem um tipo de segunda chance? Caso a comunidade identificasse que esses projetos fossem importantes, eles ainda poderiam conseguir algum financiamento.

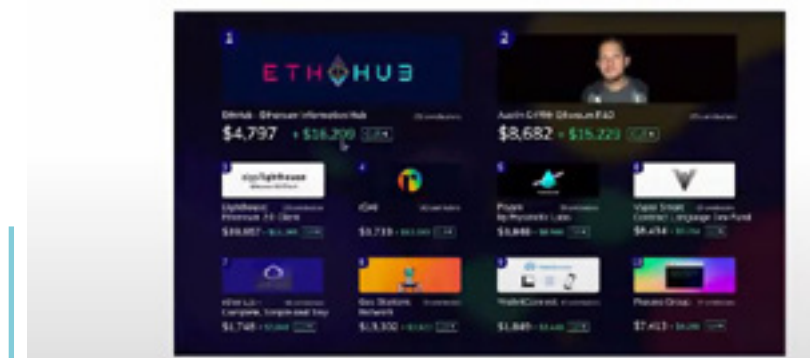
Portanto, basicamente, o que aconteceu foi que havia essa plataforma (Gitcoin Grants) para apoiar bens públicos dentro do ecossistema blockchain da Ethereum, que consistia na implantação de Financiamento Quadrático. Dessa forma, qualquer um poderia criar uma spin-off⁶ de um projeto, todos poderiam doar para qualquer projeto e, o valor correspondente, seria alocado de acordo com a fórmula do Financiamento Quadrático.

⁶ A criação de uma empresa independente através da venda ou distribuição de novas parcelas de um negócio existente ou a divisão de uma empresa-mãe.

Na realidade, realizamos 10 rodadas de Financiamento Quadrático com o montante total de subsídio financiado por muitos doadores. A Fundação Ethereum e a Consensys doaram muito no começo, mas, recentemente, têm havido muitas pessoas que gostariam de ser parceiros correspondentes (“Matching Partners”). Eu posso falar mais sobre isto depois. Neste sentido, o objetivo era tentar implementar o Financiamento Quadrático em contexto da vida real e ver o que acontecia.

Dessa forma, as rodadas 1 e 2 foram bem pequenas e, na minha opinião, não aconteceu muita coisa. Por outro lado, a rodada 3 foi provavelmente a primeira rodada com um tamanho significativo. E aqui, nós podemos ver a página da Ethereum com os 10 projetos mais votados e quanto financiamento eles receberam. Então, o número em branco é quanto eles receberam de doações e, os números em verde, é quanto foi alocado pelo montante correspondente (“Matching pool”). Assim, os dois vencedores foram: a ETH HUB, que é uma comunidade que executa recursos e onde se pode buscar todo tipo de informação sobre a Ethereum. Muitas pessoas gostam dela, por isso obtive 131 contribuições e, portanto, acabou conseguindo muita correspondência; e o outro ganhador foi o Austin Griffith, que é um desenvolvedor da Ethereum, e que faz muitas ferramentas que os desenvolvedores adoram... ele conseguiu bastante fundos para isto.

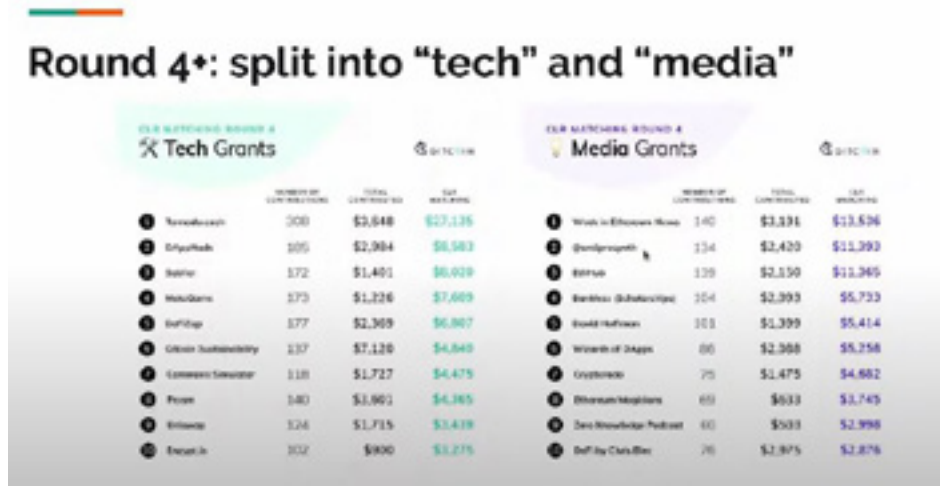
Round 3: the first round of significant size



Neste sentido, algo muito interessante que começamos a perceber foi que, dentre os projetos que conseguiram financiamento, havia projetos que muitas pessoas da nossa comunidade reconheceram como importantes. No entanto, na verdade, estes eram projetos que não existiam em organizações centralizadas, ou sequer eram vistos, ou seja, era como se eles nem existissem, em termos de receber apoio. Dessa forma, eu acho que o Financiamento Quadrático acabou funcionando muito bem, uma vez que ele apresentou alguns projetos que precisavam de apoio para começar, além de, essencialmente, não somente alocar fundos, mas também sinalizar, como uma forma da comunidade expressar quais projetos ela considerava importantes.

Diante disso, o que aprendemos? Nós aprendemos algo que, em minha opinião, é um pouco entediante, mas é algo bom. Embora os resultados não tenham sido tão empolgantes, eles foram amplamente razoáveis. Por exemplo, as pessoas financiaram projetos que nós não tínhamos nem mesmo nos dado conta de que eram importantes. E, o próprio processo fez com que as pessoas se sentissem mais engajadas na comunidade.

Ademais, na rodada 4, nós acabamos separando-a em “Tech Grants” e “Media Grants”. Nós tentamos separá-la em duas categorias e ter dois montantes correspondentes (“matching pools”), separados para cada uma delas, para que elas pudessem competir uma com a outra, e isto acabou por trazer à tona muitos projetos interessantes.



No lado da “Tech Grants”, não houve nada muito controverso. Porém, no lado da “Media Grants”, aconteceu algo interessante: o Financiamento Quadrático da Gitcoin decidiu financiar a Antipro Synthesis, que é basicamente um influenciador do Twitter da Ethereum, que faz muitos tweets que falam sobre a Ethereum e assinalam coisas que são importantes e apreciadas pela Ethereum. Entretanto, isto foi controverso, por alguns motivos... por exemplo, algumas pessoas têm essa mentalidade de que “Twittar” não é um trabalho real, então, não merece 20.000 dólares, uma vez que esta quantidade de dinheiro deveria ir para pessoas que, de fato, trabalham. E, ainda, isto também pode influenciar a comunidade a se separar. Se a comunidade quiser dar uma chance de decidir o que é importante, através de suas próprias doações com este mecanismo de correspondência, eles podem acabar recebendo muito apoio.

Outra coisa interessante, e bastante controversa, é que, uma vez que você começa a falar, não apenas sobre “Tech Grants”, ou sobre “Media Grants”, mas também sobre influenciadores do Twitter, este é o tipo de coisa na qual é fácil, ou há mais risco, de que algumas pessoas vão fazer coisas que não gerarão apenas consequências positivas, mas, também negativas. Se um influenciador do Twitter postar algo que pode, de alguma forma, gerar polarização, ou que tenha um viés cultural muito forte, ou ainda, que seja muito abominável, ou de alguma forma, desagrade às pessoas, então, isso muito facilmente pode gerar um impacto negativo na comunidade.

O que o Financiamento Quadrático faz é não possibilitar maneiras de fornecer informações que possam gerar impactos negativos, porque tudo o que você pode fazer é doar... sendo assim, se trata apenas de “uma festa fofa e feliz”. Você apenas usa seu dinheiro para sinalizar o que você acredita e o quão maravilhoso você acha que as coisas são. Por outro lado, se você achar que algo está proporcionando, na verdade, um valor negativo, não há uma forma de colocar esta preferência ou opinião neste mecanismo.

Na rodada 5, nós acabamos fazendo um experimento em que permitimos contribuições negativas. Então, basicamente, foram contribuições em que você fornecia um pouco de dinheiro e ele iria para o montante correspondente. E, assim, nós retiramos das grades correspondentes (“matching grids”) a quantidade de subsídio que fosse dado àquele projeto. Por exemplo, nós poderíamos fazer uma contribuição negativa de 5 dólares e, retiraríamos 300 dólares de algum outro projeto grande.

Entretanto, isso acabou não funcionando muito bem. O retorno (“feedback”) que recebemos da comunidade foi basicamente que “embora nosso projeto tenha ganhado, você roubou o que fizemos”. E eles também se sentiram rebaixados, o que fez com que eles se sentissem muito mal, especialmente diante da ideia central, que é: “Gitcoin deve ser sobre o espírito de positividade”, e as contribuições negativas acabaram por fazer o oposto. No entanto, para mim, isto representou um dilema, de certa forma, uma vez que existem externalidades negativas, e existem projetos que geram externalidades positivas, mas que são super valorizados pelas pessoas. Então, se quisermos ter um bom mecanismo igualitário, é necessário que haja alguma forma para que as pessoas possam incorporar retornos (“feedbacks”) negativos a ele. Mas, adicionar mecanismos para feedback negativo que de fato funcionem em um contexto social é muito difícil.

Ademais, há outros exemplos disto. Um deles é que as pessoas têm uma forte aversão quando o governo executa programas nos quais as pessoas podem dedurar umas às outras para o governo. Ou seja, elas têm uma forte aversão quando podem dar informações sobre outras pessoas, como se dissessem: “Olha, aquela pessoa está fazendo algo ruim”. E isto é verdadeiro, mesmo nos casos em que o governo esteja tentando implementar leis, mesmo que elas sejam sensatas. Nesse sentido, há algo sobre esta ideia de as pessoas informarem sobre as outras, sendo estas muito mal vistas ou percebidas como amaldiçoadas ou “dedo-duro”.

Um outro exemplo disto é que poucas pessoas estão dispostas a dar pontuações mais baixas do que cinco estrelas para coisas como Uber, Airbnb, dentre outros. E isto ainda não foi resolvido... Eu acho que é um problema, ou desafio cultural, de como permitir feedbacks negativos sem que isto vire uma forma de “semear a discórdia”. Por exemplo, eu recebi um feedback que dizia que seria melhor se as contribuições negativas fossem anônimas. Porém, ainda não fizemos este experimento, mas eu achei a ideia interessante. Esta é uma daquelas interrogações que ainda estão em aberto, isto é, eu ainda não tenho resposta para isto.

⁷ Tecnologia que fornece conhecimentos históricos, notícias e outras informações vitais sobre o comércio de ações e investimentos.

As rodadas 6 a 9 tiveram muitas coisas em comum. Muitos projetos interessantes receberam financiamento, até mesmo o “RXT Stock News⁷”, que as pessoas parecem gostar. E também projetos como “Bankless”, um Podcast sobre a Ethereum. Além disso, muitos dos recursos da comunidade, muitos projetos de tecnologia, foram considerados importantes para as pessoas. Houve até mesmo um caso, uma proposta para criar um “EIP-5050 Dime” para a Ethereum, que consiste em uma proposta para reformar o modo como as transações econômicas funcionam dentro da Ethereum.

As pessoas gostaram da proposta, no entanto, a comunidade começou a sentir que a Ethereum, ao longo do processo de desenvolvimento do projeto, estava indo a “passos muito lentos” para sua implementação. Então, alguém começou um projeto de um fundo de desenvolvimento para o EIP-5050 Dime e conseguiu uma enorme quantidade de financiamentos. Eu acho que ela conseguiu metade dos financiamentos nas rodadas 7 e 8. E isto foi fascinante, porque não foi apenas sobre o financiamento de um projeto, foi também uma forma da comunidade protestar coletivamente e dizer: “Olha pessoal, nós realmente acreditamos que este projeto é importante e achamos que vocês deveriam levar esta prioridade mais a sério”.

Por isso eu achei isto tão interessante, uma vez que não foi apenas sobre o Financiamento Quadrático, foi também uma forma de Votação Quadrática e de Protesto Quadrático.

Houve também outras formas de abuso, como algumas pessoas tentando subornar outras a fazer contribuições. Por exemplo, “eu te dou 5 dólares, se você doar 1 dólar para mim”. Então, por causa do Financiamento Quadrático, que também pode ser explicado através da correspondência (“match”), isto significa que, quanto mais contribuintes um projeto conseguir, mais fundos correspondentes conseguirá das organizações que acreditam nele. Este tipo de abuso, até então, tem sido tratado manualmente, ou seja, os projetos que fazem isto são expostos e expulsos da plataforma. Mas, eu acho que, eventualmente, alguma abordagem criptográfica, algo semelhante a como funciona o voto secreto nas eleições, será necessária. Portanto, já há algumas ideias acerca disto.

Eu acho que as conclusões gerais sobre estas experiências da Ethereum, mais especificamente sobre o Financiamento Quadrático, funcionaram muito bem. Entretanto, de fato, leva tempo para pegar o ritmo. Neste sentido, a rodada 1 não funcionou muito bem, porque, como eu disse, leva um tempo para a comunidade pegar o ritmo e para que seja possível entender as engrenagens finas do mecanismo, para, então, estar apta a participar adequadamente do processo. Além disso, à medida que as apostas aumentam, o potencial para os abusos também aumenta. Portanto, isso não é somente sobre o Financiamento Quadrático, a teoria do mecanismo também provou-se valiosa como uma forma de sinalização.

Dessa forma, a próxima pergunta é: “Para onde o Financiamento Quadrático irá, a partir daqui?”. E eu acho que a resposta é... bem, são algumas respostas. Uma delas é continuar trabalhando com estes experimentos que já existem, para tentar ver o que está errado com os resultados e se há formas de melhorar a qualidade deles. Isto envolve melhorar a interface e, também, fornecer mais formas para as pessoas falarem sobre os projetos que consideram importantes e adicionar mais sistemas inteligentes. Isto pode também significar aumentar a escala ao longo do tempo, para que possamos lidar com ataques numa escala maior. E também, aplicar Financiamento Quadrático em outros contextos, fora do espaço da Ethereum.

A Deacon, no Colorado, já começou a fazer isto, pensando sobre “estímulo de dúvida”. Eles financiaram softwares de código aberto, que focaram em projetos de código aberto em geral. Mas, há muitas outras comunidades... Eu acho que há comunidades virtuais e também comunidades locais, de uma cidade ou região em particular, o que seria muito interessante... grupos que naturalmente comecem a tentar usar este mecanismo. Assim, podemos continuar a partir daí.



JULIANA: Obrigada, Vitalik! Nós temos perguntas da audiência. Então, eu gostaria de começar com Diogo Costa, que está perguntando: “Que tipos de regulação os países em desenvolvimento devem ter para possibilitar este tipo de ambiente de financiamento?”

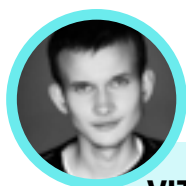


VITALIK: Eu acho que, para o Financiamento Quadrático, seria, ao menos, a curto prazo. Isto é, algo que provavelmente experimentará a nível local, ou em áreas específicas de um governo maior, ao invés de separá-lo de todo o resto. Então, seria, por exemplo, se eu escolhesse um setor em particular, se eu decidisse que aquele setor vai financiar mídia pública. Se você quiser apoiar experimentos locais, eu acho que a maior parte do trabalho seria feito a nível local. Apesar de que uma política principal, a um nível mais alto de governo, seria necessária, eu acho. E, primeiramente, você teria que garantir que não está fazendo nada para impedir que este tipo de experimento aconteça. Mas eu acho que algum programa do governo que contribua para qualquer destes montantes correspondentes (“matching pools”), que estejam sendo feitos a nível local, ou qualquer que seja a estrutura, contanto que seja sensata...

Não sei. Estou apenas tentando pensar rapidamente sobre isso. Então, para projetos com um nível mais alto, se você pegar o financiamento de mídia, por exemplo, imagino que irá requerer que haja alguém em uma posição que esteja disposto a ser mais empreendedor e fazer coisas mais interessantes. Isto é, isto requer ter pessoas em certas posições, que tenham a oportunidade de começar projetos, sem ter que passar por um monte de burocracias ou ter que fazer as coisas da mesma forma que têm sido feitas nos últimos quinze anos.



JULIANA: A próxima pergunta é de Fabrício Danny. “O que aconteceria, por exemplo, se você tivesse mil dólares e o dividisse em mil doações de um dólar? Isto não seria trapacear em larga escala?”



VITALIK: Eu entendi a pergunta. É uma pergunta muito importante. Eu fiz alusão a isto na minha apresentação. Então, basicamente, o desafio do Financiamento Quadrático é que você precisa ter algum tipo de verificação de identidade ou, ao menos, alguma forma de verificar se as contribuições estão vindo de diferentes pessoas. Assim, se uma pessoa mandasse mil diferentes contribuições, elas contariam como uma única contribuição. Porque, se não fizermos isso, as pessoas podem separar seus financiamentos e, uma pessoa pode fingir ser uma multidão.

E isto é verdadeiro não só para o Financiamento Quadrático, como eu acho que acontece também em outros mecanismos formais que tentam ser mais democráticos do que o mercado. Portanto, eu acho que a solução seria ter algo como o projeto “prova de humanidade” (“proof of humanity”) ou soluções de verificação de identidade. Em outras palavras, é necessário que seja criado algum tipo de barreira, através de projetos de identidade criptográfica, para que seja difícil para uma pessoa ultrapassá-la. E este tipo de coisa é difícil de ser feita, pois nesse tipo de solução, como o Financiamento Quadrático, há muito incentivo para trapacear. Por isso, é um problema difícil de solucionar. No entanto, alguns projetos têm tentado e estão funcionando muito bem, até então. E a Gitcoin já está utilizando algumas dessas soluções. Eu acho que o desafio é ter estas soluções funcionando continuamente e garantir que elas também funcionem em escalas maiores.



JULIANA: A próxima pergunta é do Cláudio Shikida: “No mundo real, o que você diria que é o argumento retórico mais comum que os políticos usam contra o Financiamento Quadrático? Eu estou tentando pensar em como vendê-lo para os políticos”.



VITALIK: Eu honestamente acho que o Financiamento Quadrático está ainda em uma fase muito inicial e muitas pessoas se opõem seriamente a ele. Há pessoas que têm muitas dúvidas em mente. E eu acho que os tipos de dúvidas que as pessoas têm até então são do tipo, por exemplo, “As multidões são sábias?”.

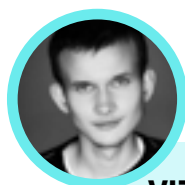
Se você estender a possibilidade de decisão para elas, como, por exemplo: “Quanto um projeto deve conseguir de financiamento em um grande grupo de pessoas?” ou ainda “As pessoas que doam de 1 a 5 dólares, na verdade, têm muito incentivo ou elas estão agindo sob algum tipo de pressão para pensarem quais projetos são de fato importantes?” ou mesmo “Será que elas estão seguindo seus instintos imediatos?”, isso poderia gerar um tipo de ruído na sinalização. Portanto, esta é uma crítica que eu tenho. Eu definitivamente ouvi de algumas pessoas que: “Como você molda o Financiamento Quadrático, para que ele tenha algum tipo de objetivo, ou posicionamento, ou especialidade, ou para que ele seja mais focado em um pensamento mais a longo prazo?”. E, para ser justo, isto ainda é um problema que está em aberto.

Eu acho que, neste momento, nós não estamos em um estágio em que podemos dizer, com certeza, que o Financiamento Quadrático vai solucionar alguma coisa. Eu não acho que os grandes governos, ou grandes empresas, ou qualquer uma dessas organizações substituiriam seus mecanismos de financiamento pelo Financiamento Quadrático de um dia para o outro. Eu acho que nós ainda estamos numa fase experimental.

Além disso, os experimentos em pequena escala que temos, até então, parecem estar dando bons resultados na prática. Portanto, como todas as novas formas de fazer as coisas, nós precisamos continuar para descobrir quais são os problemas e nos adaptar a eles. Ademais, talvez inventemos algo melhor do que o Financiamento Quadrático, ou talvez, descubramos que ele é apenas parte do processo de aprendizagem.



JULIANA: A próxima pergunta é do Bennito: “Você poderia, por favor, fazer uma comparação entre o ecossistema de financiamento da Ethereum e o sistema de votação da Polkadot? Como ambos os ecossistemas podem se beneficiar dessa evolução dos processos de votação?”



VITALIK: Eu não estou muito familiarizado com o sistema de votação da Polkadot, então, o que eu posso dizer, baseado no que eu sei, é que a comunidade Polkadot e sua filosofia de governança estão muito mais dispostas a ter uma governança ativista, na camada 1, do que a comunidade Ethereum. E a Polkadot tem uma camada base na governança da cadeia. Além disso, na Ethereum, basicamente não há “IFS” sendo aplicados para financiar bens públicos, com exceção dos “IFS” que foram codificados no protocolo de pagamento de recompensas de bloco, que financiam a segurança da rede, porque este é o único bem público que pode ser mensurado de forma puramente matemática.

Assim, quando falamos sobre as “Gitcoin Grants” e todos os outros mecanismos de financiamento, sabemos que eles obtêm financiamento de organizações individuais, ou de outras camadas de projetos que estejam acima deles, ou de projetos de camada de aplicação acima da Ethereum. Eu acho que o equilíbrio (“trade-off”) consiste no montante financiado (“pool funding”) que você tem, se apenas financiar projetos de camadas de aplicação menores. Portanto, há um grande risco do financiamento ser insuficiente.

Por outro lado, se você tiver a camada 1 na cadeia de financiamento, há um risco maior de captura (“capture”). Se você quiser saber o que captura (“capture”) significa, podemos pegar uma dessas distopias que já aconteceram conosco, por exemplo, o que aconteceu com a EOS (uma blockchain que trabalha com “contratos inteligentes”). Eles tinham sua própria cadeia de governança para financiamento, baseada em uma tomada anterior delegada, e as pessoas acabaram pagando grandes intercâmbios, acabaram pagando umas às outras, para terem lugares reservados ou assentos delegados.

Como resultado, houve um tipo de “grupo de elite rico”, composto por umas poucas pessoas que rapidamente asseguraram seu poder dentro do ecossistema. Então, eventualmente, o protocolo teve que ser mudado para evitar este tipo de abuso. Nesse sentido, o acontecimento deste tipo de coisa é, para mim, o risco de ter sua própria cadeia de governança. Assim, eu continuo pensando que as pessoas não levam este tipo de questões tão a sério como deveriam. Então, vamos ver como isso evolui.



JULIANA: Nós temos somente alguns minutos, portanto, vamos fazer a última pergunta: “Quais livros, artigos ou filmes foram fundamentais na sua jornada intelectual?” e “Quais você recomendaria para as pessoas que estão começando agora?”.



VITALIK: Eu tenho uma resposta estranha e divertida... recentemente, eu participei de um jogo chamado “Palavras tristes de Catania” (“Sad Words of Catania”) e eu acho que ele me fascinou porque é um tipo de metáfora. Sabe quando estamos falando de política e as pessoas frequentemente usam o xadrez como metáfora? Eu me dei conta de uma coisa: o xadrez não cobre a complexidade da interação pública real porque o xadrez é um jogo para dois jogadores e as interações públicas consistem em qualquer coisa que seja maior do que uma interação de três jogadores. Portanto, há uma diferença fundamental entre um jogo de dois jogadores e um de três jogadores. E isto se tornou óbvio para mim neste jogo “Palavras tristes de Catania”, no qual é muito fácil cobrar adiantado, ao invés de construir seus assentamentos e conseguir seus pontos.

Mas, se parecer que você está ganhando, todos começam a jogar contra você. Então, você perde e outra pessoa ganha. No xadrez, no entanto, isto não acontece, pois se você tiver sorte e conseguir derrubar a rainha de seu adversário, você ganha, basicamente. Portanto, a lição é que, num jogo de duas pessoas, é só você e a outra pessoa. E, se o jogo for de competição, tudo o que você tem que fazer é usar estratégias para conseguir vantagens sobre seu opositor.

Mas, ainda, é uma espécie de trajetória matemática que você tem que entender. Por outro lado, quando o número de jogadores é maior do que dois, então a estratégia mais poderosa é organizar coalizões e desencorajar as pessoas a se organizarem contra você.

E, isto é, na verdade, um estilo de jogo fundamentalmente muito diferente. Você tem que pensar em aspectos como: “se você utilizar certas estratégias, qual será a sua imagem pública?”. Assim, os tipos de desafios que você terá que lidar acabam sendo completamente diferentes dos que temos no xadrez. Eu acho que esta é a conclusão. Muito obrigado!



JULIANA: Muito obrigada, Vitalik!



ENAP

